

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

GABRIEL DE SOUZA FAGUNDES

**LAS RAÍCES DEL DOLOR, LA FUERZA Y LA LIBERTAD, AQUÍ TERMINO:
A AMÉRICA NO CANTO GENERAL DE PABLO NERUDA**

Porto Alegre

2020

GABRIEL DE SOUZA FAGUNDES

**LAS RAÍCES DEL DOLOR, LA FUERZA Y LA LIBERTAD, AQUÍ TERMINO:
A AMÉRICA NO CANTO GENERAL DE PABLO NERUDA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

Porto Alegre

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

REITOR

Rui Vicente Oppermann

VICE-REITORA

Jane Tutikian

DIRETORA DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Claudia Wasserman

VICE-DIRETORA DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Maria Izabel Saraiva Noll

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Arthur Lima de Ávila

CHEFE DA BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES

Vladimir Luciano Pinto

CIP – Catalogação na Publicação

Fagundes, Gabriel De Souza

Las raíces del dolor, la fuerza y la libertad: A América no Canto General de Pablo Neruda / Gabriel De Souza Fagundes. -- 2020.

230 f.

Orientador: Cesar Augusto Barcellos Guazzelli.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. História da América. 2. Canto General. 3. História e Literatura. 4. Pablo Neruda . 5. Literatura latino-americana. I. Guazzelli, Cesar Augusto Barcellos, orient. II. Título.

GABRIEL DE SOUZA FAGUNDES

**LAS RAÍCES DEL DOLOR, LA FUERZA Y LA LIBERTAD, AQUÍ TERMINO:
A AMÉRICA NO CANTO GENERAL DE PABLO NERUDA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Aprovado em: 04 de agosto de 2020.

BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Prof. Dr. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila

Prof.^a Dr.^a Mariluci Cardoso de Vargas

Prof.^a Dr.^a Renata Dal Sasso Freitas

Porto Alegre

2020

AGRADECIMENTOS

Em pouco mais de dois anos de mestrado, depois de muito aprendizado e experiências muito valiosas, certamente tenho muito a quem e a que agradecer! Início agradecendo às minhas famílias: Gonçalves-Souza e Aguiar-Fagundes, e mais recentemente a minha família Reis da Silva. Principalmente sou grato pelo apoio, pela paciência e pelo amor de meus pais Jociane e Claudemir, e meu irmão Thiago, meu companheiro de todas as horas!

A minha família Reis da Silva agradeço principalmente à Caroline, meu amor e parte da minha família a mais de um ano! Agradeço pela tua compreensão e pelo teu amor, te amo muito!

Passando agora à UFRGS, minha universidade, quero agradecer pela ótima formação que tive, desde a formação intelectual, passando pela construção política até a formação humana, onde muito melhorei como pessoa! Primeiro gostaria de agradecer muito ao Prof. Cesar Guazzelli, meu orientador desde 2016! Guazza, te agradeço principalmente pela amizade, pela paciência, o rigor e o compromisso. E por último mas não menos importante, aos interesses compartilhados pelas literaturas – os quadrinhos Tex e a literatura da América!

Passando ao PPGH, agradeço a todos os professores do programa, principalmente aos que me acompanharam em disciplinas do mestrado. Especialmente ao professor Arthur Ávila, que me acompanha desde o TCC e desde então muito contribui às minhas análises! À professora Mariluci Vargas pela ótima disciplina de Testemunho, História e Literatura no Brasil e pelas contribuições na banca de qualificação! Aos professores Alessandro Kerber e José Rivair Macedo pelas disciplinas de Cultura e Representações e Pensamento negro brasileiro.

Aproveito para agradecer por último ao pessoal do GT de Fronteiras e Territorialidades da ANPUH, um espaço onde aprendi muito com as intervenções dos colegas e agradeço pelas oportunidades de também apresentar trabalhos. Neste ensejo, aproveito para agradecer à professora Renata Dal Sasso Freitas, por compartilhar deste espaço e por também ter aceitado compor a minha banca de defesa da dissertação.

RESUMO

A presente dissertação desenvolve um estudo sobre a história da América no *Canto General*, do poeta chileno Pablo Neruda (1904 – 1973). As análises de vários contextos históricos desde a colonização da América até o ano de 1949 centraram-se no capítulo IV. *Los Libertadores* e o capítulo V. *La arena traicionada*, contidos no primeiro volume do *Canto*, em uma edição de 1955 do Editorial Losada. A trajetória de Pablo Neruda entre os anos 1930 e 1940 até a sua fuga e exílio em 1950 foram centrais para a construção da sua grande obra. A Guerra Civil Espanhola, a sua militância e mandato como senador no Partido Comunista do Chile (PCCh) e a perseguição sofrida são as maiores marcas (auto)biográficas de historicidade presentes no livro. História, a literatura e a memória se interpõem na reconstrução teórico-metodológica da ideia de América presente no *Canto*.

No capítulo 1, trabalhamos com a trajetória de Pablo Neruda com o foco principal nos seus aspectos biográficos durante a produção do *Canto General*, de maneira a contemplar tanto biografias de autores como Volodia Teitelboim (*Neruda*) e Margarita Aguirre (*Pablo Neruda – Las vidas del poeta*) como as suas autobiografias *Confesso que vivi* e *Para Nacer Nasci*, ambas datadas da década de 1970. Também reconstruímos o contexto histórico-intelectual desde as dinâmicas do estado, da classe trabalhadora e do Partido Comunista chileno até as relações intelectuais de Pablo Neruda com outros escritores e artistas. No capítulo 2, analisamos todos os poemas contidos no capítulo IV. *Los libertadores*. No capítulo 3, analisamos todos os poemas do capítulo V do *Canto*, em suas cinco partes. Ambos os capítulos 2 e 3 se constituem em uma análise imanente da obra e tradução dos originais em espanhol.

Palavras-chave: História da América; *Canto General*; História e Literatura; Pablo Neruda; Literatura latino-americana;

RESUMEN

La presente disertación desarrolla un estudio sobre la historia de América en el *Canto General* del poeta chileno Pablo Neruda (1904 – 1973). Los análisis de varios contextos históricos desde la colonización de América hasta el año de 1949 fueron centrados en los capítulos IV. *Los libertadores* y V. *La arena traicionada* del primer volumen del *Canto*, en la edición del año de 1955 del Editorial Losada. La trayectoria de Pablo Neruda entre las décadas de 1930 y 1940 hasta su fuga y exilio en 1950 fueron fundamentales hacia la construcción de su gran obra. La Guerra Civil Española, su militancia política, el mandato como senador por el Partido Comunista de Chile y la persecución sufrida son las mayores marcas (auto)biográficas de historicidad presentes en el libro. Historia, literatura y memoria se interponen en la reconstrucción teórico-metodológica de la idea de América presente en el *Canto*.

En el capítulo 1, trabajamos con la trayectoria de Pablo Neruda con foco principal en los aspectos biográficos durante la producción del *Canto General*, de manera a contemplar tanto biografías de autores como Volodia Teitelboim (*Neruda*) e Margarita Aguirre (*Pablo Neruda – Las vidas del poeta*) como sus autobiografías *Confieso que he vivido* e *Para Nacer He Nacido*, ambas datadas de la década de 1970. También hemos reconstruido el contexto histórico-intelectual desde las dinámicas del estado, de la clase obrera y del Partido Comunista chileno hasta las relaciones intelectuales de Pablo Neruda con otros escritores y artistas. En el capítulo 2, analizamos todos los poemas del capítulo IV. *Los libertadores*. En el capítulo 3, analizamos todos los poemas del capítulo V do *Canto*, en sus cinco partes. Ambos los capítulos 2 y 3 se constituyen en un análisis inmanente y la traducción de los originales en español.

Palabras-clave: Historia de América; *Canto General*; Historia y Literatura; Literatura latinoamericana;

ABSTRACT

This dissertation develops a study on the history of America in *Canto General*, by the Chilean poet Pablo Neruda (1904 - 1973). Analyzes of various historical contexts from the colonization of America to 1949 focused on chapter IV. *Los Libertadores* and chapter V. *La arena traicionada*, contained in the *Canto*'s first volume, in the 1955 edition of Editorial Losada. Pablo Neruda's trajectory between the 1930s and 1940s until his flight and exile in 1950 were central to the construction of his great work. The Spanish Civil War, his militancy and mandate as a senator in the Communist Party of Chile (CCP) and the persecution suffered are the biggest (auto) biographical marks of historicity present in the book. History, literature and memory interpose itself in the theoretical and methodological reconstruction of the idea of America present in *Canto*.

In Chapter 1, we work with Pablo Neruda's trajectory with the main focus on his biographical aspects during the production of *Canto General*, in order to contemplate both biographies of authors such as Volodia Teitelboim (*Neruda*) and Margarita Aguirre (*Pablo Neruda - Las vidas del poeta*) as his autobiographies *Confieso que he vivido* and *Para Nacer He Nacido*, both dating from the 1970's. We also reconstructed the historical-intellectual context from the dynamics of the state, the working class and the Chilean Communist Party to Pablo Neruda's intellectual relations with other writers and artists.

In Chapter 2, we analyzed all the poems contained in chapter IV of the work. In Chapter 3, we analyzed all the poems from chapter V. Both chapters 2 and 3 are constituted in an immanent analysis and translation of the *Canto* originals from Spanish.

Keywords: History of America; *Canto General*; History and Literature; Pablo Neruda; Latin American literature;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – Questões teórico-metodológicas e aproximações iniciais	10
CAPÍTULO 1 – A TRAJETÓRIA DE PABLO NERUDA E O SEU CONTEXTO HISTÓRICO INTELLECTUAL	23
1.1. A trajetória de Pablo Neruda entre a biografia e a autobiografia	23
1.2. O contexto histórico-intelectual de Pablo Neruda	30
1.2.1 <i>El árbol del pueblo y el infierno americano</i> : A sociedade chilena do pós-guerra entre a política interna e a conjuntura da América.....	31
1.2.2. Entre os ‘ <i>poetas celestes</i> ’ e os intelectuais revolucionários: os círculos de pensadores e a composição do <i>corpus</i> literário de Pablo Neruda.....	38
CAPÍTULO 2 - IV. <i>LOS LIBERTADORES</i> E AS POSSIBILIDADES DE EMANCIPAÇÃO PARA A AMÉRICA	45
CAPÍTULO 3 – V. LA ARENA TRAICIONADA, A TRAIÇÃO DA LIBERDADE DOS POVOS OU O POVO VITORIOSO?	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	140
REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA.....	141
ANEXOS	
ANEXO 1 – Poemas originais em espanhol do <i>Canto General</i> – Capítulo IV. Los Libertadores.....	145
ANEXO 2 – Poemas originais em espanhol do <i>Canto General</i> - Capítulo V. <i>La arena traicionada</i>	193

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACIÖES

CTCH	Confederación de Trabajadores de Chile
CRAC	Confederación Republicana de Acción Cívica de Obreros y Empleados de Chile
FECH	Federación de Escritores de Chile
FOCH	Federación Obrera de Chile
PCCH	Partido Comunista de Chile
PD	Partido Demócrata
POS	Partido Obrero Socialista
PR	Partido Radical
PSCH	Partido Socialista de Chile
PSO	Partido Socialista Obrero

INTRODUÇÃO – Questões teórico-metodológicas e aproximações iniciais

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa sobre a obra *Canto General* a partir da perspectiva do conhecimento histórico. O *Canto General*¹ do escritor² Pablo Neruda se constituiu uma das principais obras culturais³ (e não apenas poético-literárias) da América no século XX. O poeta chileno também como militante comunista e político se interessou profundamente pela história e pelas questões da formação da América, desde a sua colonização iniciada no século XV até o seu presente imediato à publicação do *Canto General*, o ano de 1950⁴, como se observa nos primeiros cinco capítulos do *Canto*, que compõem o volume I do livro.

A sua sensibilidade enquanto experiência individual (*Erlebnis*) expressada nos poemas e na sua memória que analisaremos nos leva a pensar em diversas questões-problema sobre a sua relação com a experiência coletiva (*Erfahrung*)⁵ através de seus versos e outros textos como os trabalhos de História e das ciências sociais. A experiência individual do autor em relação à obra nos interessa por conta da longa elaboração de 1938

¹Trabalhamos com duas edições do *Canto General* tanto de maneira a enriquecer o trabalho sobre o conteúdo das edições como a importância histórica de cada uma destas. Seriam estas: NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1955. E NERUDA, Pablo. *Canto General*, Manuscritos Originales – Edición Facsimilar. Santiago: Fundación Pablo Neruda. 1ª ed. 2013.

²Definimos o autor como escritor entre os séculos XIX e XX refletindo sobre as suas diversas implicações, dentre elas determinações ético-políticas ao seu trabalho. Segundo Edward Said “o papel simbólico e especial do escritor como um intelectual que atesta a experiência de um país ou região, conferindo com isso a tal experiência uma identidade pública inscrita para sempre na agenda discursiva global” [...]. Claramente, essa inscrição na agenda discursiva global é relativa aos diferentes alcances de autores e obras, como o próprio Pablo Neruda tendo o *Canto General* traduzido para dezenas de idiomas, também tomando a hipótese da obra na sua influência em toda a América Latina, inclusive superando a região e o continente. ‘O papel público dos escritores e intelectuais’. In: SAID, Edward W. *Humanismo e crítica democrática*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p.156.

³ Sobre as culturas, definimos o conceito de *cultura* de uma forma geral como a redução das “ações e propósitos humanos ao nível de significância mais básico” WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. pp.27-29. A *cultura* seria “o campo de interpretação do mundo e de si, pelo ser humano, no qual devem efetivar-se as operações de constituição do sentido da experiência do tempo”, e portanto a *cultura* (ou a cultura histórica para Rűsen) seria a produção humana de sentidos (significados e orientações possíveis). Esta dimensão indica um movimento de disputa dentro do campo cultural em torno de diferentes significados e orientações socialmente ancoradas. RűSEN, Jörn. *História Viva*. p.121.

⁴ No ano de 1950, houve a primeira publicação oficial do *Canto General* no México, assim como as suas sucessivas publicações clandestinas no Chile, e publicações em outros países, NERUDA, Pablo. *Confesso que vivi*. pp.354-355.

⁵ Os conceitos de experiência filologicamente referenciados acima na obra do filósofo alemão Walter Benjamin possuem uma trajetória específica ao longo da década de 1930, desde o texto ‘Experiência e Pobreza (*Erfahrung und Armut*)’, de 1934 até textos como ‘Sobre alguns temas em Baudelaire’, de 1939, onde Benjamin se preocupou de forma mais detida com as experiências enquanto sensibilidades (*Erlebnis*). GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin ou a história aberta. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I*. Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012. p.7-19.

a 1948 que Neruda empreendeu ao escrever⁶ o *Canto General* entre várias viagens e compromissos (profissionais, políticos e pessoais), inclusive no seu exílio forçado por decreto de sua prisão pelo presidente do Chile na época, Gabriel González Videla, em 1948⁷.

Já as experiências coletivas do passado narradas através dos versos representam o contexto de formação da América emancipada a partir de suas dinâmicas como o capítulo V – *La arena traicionada* dividida em cinco momentos importantes para o América Latina e o Caribe: I. *Los verdugos*; II. *Las oligarquías*; III. *Los muertos de la plaza – 28 de enero 1946, Santiago*; IV. *Crónica de 1948 (América)* e V. *González Videla el traidor de Chile*. (Epílogo) 1949.

Também contemplaremos de maneira mais detalhada os seus protagonistas e sujeitos no capítulo IV – *Los Libertadores*, desse modo totalizam-se 94 poemas, 41 deles em IV. *Los Libertadores* e 53 destes entre V. *La arena traicionada* e o epílogo do primeiro volume. Em suas subdivisões e apêndices a cada poema, verificamos ao total 120 títulos entre os capítulos IV e V (67 títulos no capítulo IV e 53 títulos no capítulo V)

Das divisões do capítulo V – *La arena traicionada*⁸ – que analisamos possuímos algumas hipóteses e possíveis problemas na agenda de pesquisa que são: I. *Los verdugos*: parte em que Neruda versa sobre a formação dos Estados-nação de caráter oligárquico na América Latina e no Caribe a partir de alguns casos específicos (Paraguai, Argentina, Bolívia, Cuba, Venezuela, Equador, El Salvador, Guatemala, Nicarágua, Honduras, República Dominicana).

De José Gaspar Rodrigues de Francia, *El Supremo*, primeiro ditador do Paraguai, o “jacaré devorador”, passando por Maximiliano Martínez, presidente de El Salvador entre 1931 e 1944, além de vários outros representantes de um projeto autoritário atribui um caráter negativo a estes processos também considerando as relações de dependência

⁶ O processo de escrita da arte como *práxis* (na concepção de Marx, a *práxis* é a prática orientada por intencionalidade e em unidade com a teoria aqui entendida enquanto orientação para a prática). Assim, a arte como escrita tem o seu valor definido entre outros fatores pelo resultado objetivo, prático da sua atividade criadora, para além das intenções originais do autor. ‘La concepción de *praxis en Marx*’. e ‘Praxis, razón e historia’ In: SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. *Filosofía de la praxis*. México D.F: Editorial Grijalbo, 1980. pp.155-157. e p.382. No caso de Neruda, a própria obra do *Canto General* teve como intenção original ser apenas *Canto general de Chile*, restringindo-se apenas à história do seu país de origem, processo que se alterou ao longo da trajetória individual do poeta.

⁷ O exílio de Pablo Neruda foi provocado por conta da denúncia feita pelo poeta enquanto senador contra a perseguição aos comunistas, o discurso “Eu acuso”. NERUDA, Pablo. *Confesso que vivi*. pp.354-355.

⁸NERUDA, Pablo. *Canto General I*.Op.cit.pp.137-181.

destes países e seus governos em relação à classe dominante dos Estados Unidos representados por figuras de linguagem específicas como ‘os lobos de Nova York’.

II. *Las oligarquías*: Esta parte foi dedicada aos contextos específicos de formação dos Estados americanos e as formas de dominação concomitantes às oligarquias como a exploração capitalista sistêmica, além de fatos relevantes na vida de Neruda e na história da América no século XX de maneira geral; III. *Los muertos de la plaza (28 de enero 1946, Santiago)*: Nessa parte, Pablo Neruda inicia com um acontecimento que impactou diretamente em sua vida pessoal, pois alguns companheiros de militância no Partido Comunista do Chile (PCCh) e amigos pessoais seus foram mortos pelas autoridades do Estado chileno.

IV. *Crónica de 1948 (América)*: Nesta última parte que integra *La arena traicionada*, Neruda representa as realidades de alguns países americanos no ano de 1948 (Paraguai, Brasil, Cuba, Centro-América, Porto Rico e o Chile).

Além disso aborda em tom de denúncia a questão do seu exílio e da traição de Gabriel González Videla, e também há a esperança da vitória de movimentos populares no poema *el pueblo victorioso*. E na última parte de *La arena traicionada*, V. *González Videla el traidor de Chile*, o poeta encerra com um único poema de epílogo mencionando a pessoa de González Videla, seus atos como político, as relações estabelecidas entre o presidente e outras figuras que ressaltou como negativas (*verdugos* ou carrascos, figuras retomadas do início do capítulo V), assim como a relação do Chile com os Estados Unidos.

O capítulo IV. *Los libertadores*⁹, por sua vez não apresenta subdivisões, apenas personagens como Cuauhtémoc, Tupac Amaru, José Martí, Luis Emilio Recabarren, Luiz Carlos Prestes e outros. Outras questões abordadas por Neruda têm suma importância para o contexto de análise como a questão do cobre como riqueza do Chile, as suas viagens pela América, além de outros temas possíveis como a questão do trabalho em *Oficios*, assim como outras questões variadas.

Além das experiências históricas narradas nos poemas de Neruda, também contemplamos o contexto de produção cultural, e especificamente literária da América de

⁹ NERUDA, Pablo. *Canto General I*. op. cit. pp.65-132.

maneira geral, também nos quadros da América Latina¹⁰ a partir das suas origens, nas suas dinâmicas sincrônicas e diacrônicas (ao passo em que se desenvolvem desigualmente e considerando dominação e resistência), nas suas relações entre regiões, culturas e literaturas¹¹. Deste modo, compreendemos a geografia como outra mediação possível entre história e literatura, articulando historicidade e “geograficidade”.

Este último conceito articula questões desde: 1) a experiência da diferença dos lugares, como identificam-se e diferem-se no conjunto das suas relações; 2) as formas de nos situarmos dentro destas relações espaciais tanto em termos de diferentes pontos e as suas possíveis relações de hierarquia; 3) as manifestações da presença no espaço como o “aqui” ou o “lá”; e 4) as divisões. Em resumo, a “geograficidade” se configura em linhas gerais como se alteram historicamente as noções e definições de “separação”, “inclusão”, “dimensão” e “orientação” do espaço¹².

De maneira complementar à discussão sobre a geografia (e também sobre a geograficidade), dialogamos com o trabalho de Edward W. Said sobre o entrecruzamento entre a geografia e as culturas, a obra *Cultura e Imperialismo* ressalta a mediação da postura expansionista dos países do centro do capitalismo (Europa Ocidental, América do Norte, em e certa medida o Japão) em relação aos países periféricos/dependentes e as formações culturais mais gerais e os seus contextos histórico-geográficos.

Desta maneira, a história dos povos dominantes e dominados passa a ter vínculos intrínsecos, se ‘entrelaça’ (não apenas de conquista, exploração, violência e dominação econômico-política, mas também de dominação e resistências culturais¹³). O que

¹⁰ A *independência* política do continente foi o fator primordial que sustentou a ‘originalidade das letras latino-americanas’ e americanas de maneira geral, o rompimento em relação às ex-metrópoles proporcionou de forma autóctone as suas propriedades culturais a partir de referências próprias, ao mesmo tempo que em relação a outras literaturas ocidentais desenvolveu uma espécie de internacionalismo em suas origens, e a questão da *representatividade* é uma característica porque as literaturas passaram a ser representativas da região em que foram produzidas. Literatura y Cultura – 1. independencia, originalidad, representatividad. In: RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*. Buenos Aires: Editorial El Andariego, 2008. pp.15-23.

¹¹ As relações entre regiões são um fator de diversidade da unidade latino-americana, ou da América caracterizada enquanto uma unidade histórica. O processo de construção de uma identidade para a América Latina ocorre em relação a ‘culturas externas’, (inclusive as matrizes colonizadoras) e as culturas anglo-saxãs do Norte (principalmente Estados Unidos), esse sistema de oposições é caracterizado por Ángel Rama como macrorregionalização. Idem. Ibid. pp.67-70.

¹²BESSE, Jean-Marc. ‘Observaciones Sobre La Geograficidad’. In: DELACROIX, Christian. DOSSE, François. e GARCIA, Patrick. (org.). *Historicidades*. Buenos Aires: Waldhuter, 2010. pp.323-339.

¹³SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. Capítulo 1: Territórios sobrepostos, histórias entrelaçadas. pp.34-50. Said inova na sua análise compreendendo o imperialismo não apenas como um fenômeno de ordem política e econômica, mas contemplando a produção cultural como constitutiva das práticas imperialistas.

consideramos mais relevante aqui é a postura imperialista dos Estados Unidos e da Inglaterra frente às dinâmicas dos territórios dominados de diversas formas na América.

Como uma questão-problema, propomos uma definição preliminar da ideia de América que verificaremos ao longo da pesquisa, como uma hipótese possível a América para Neruda significa um espaço não apenas resumido à América Latina (os países hispânicos de Norte a Sul da América, francófonos e o Brasil), mas também o Caribe, a América Central e o México na América do Norte.

A importância da obra de Pablo Neruda é trabalhada como representativa da literatura, da cultura chilena, e do pensamento americano de esquerda, em relação à obra nerudiana, assim como o seu potencial (potencial interdisciplinar a partir da relação com a Teoria da Literatura, as Ciências Sociais puras e aplicadas, a Filosofia e a Crítica Literária, e da literatura enquanto fonte) de contribuições possíveis para o conhecimento histórico.

Acreditamos que o *Canto General* seja o maior de todos¹⁴ os trabalhos do poeta chileno, tanto por sua relevância estética de representação da natureza em relação com a humanidade (a economia, a política, a cultura, as emoções, sensações, o trabalho e vários outros aspectos da existência), e por sua vez a experiência humana apreendida nesta relação, quanto por sua relevância histórica e ético-política a partir dos poemas que representam processos como o desenvolvimento do capitalismo no século XX e os seus impactos no continente americano.

Além da representatividade, outras motivações, tanto de cunho pessoal quanto de cunho acadêmico nortearam este trabalho. As leituras de Pablo Neruda foram iniciadas por nós ainda durante a Educação Básica a partir dos poemas líricos de obras como *Cem sonetos de amor*, *Jardim de inverno*, *Últimos Poemas* e *Residencia en la tierra* (desta

¹⁴ Nesse sentido, o poeta argentino Mario de Lellis enquanto um estudioso do *Canto General* também o considera como sua maior obra ao dedicar a esta um estudo mais extensa e densa em seu livro *Pablo Neruda*. DE LELLIS, Mario J. *Pablo Neruda*. pp.62-114.

DE COSTA, René. *The poetry of Pablo Neruda*. I. Introduction, The Major Works. Pp.1-16. No primeiro capítulo, De Costa escreveu um esboço das análises que desenvolveu ao longo do livro. O autor definiu como os principais escritos a partir da sua densidade (estética e político-poética) e relevância nos estudos sobre a obra de Neruda, as seguintes obras: *Veinte poemas de amor y una canción desesperada*; *Tentativa del hombre infinito*; a trilogia *Residencia en la tierra I, II e Tercera residencia*; o *Canto General*, *Odas elementales* e *Estravagario*. A poesia nerudiana (assim como de outros autores, mas deste em especial) em vários casos específicos de poemas se caracteriza como uma poesia filosófica, para além da poesia épica ou simplesmente a poesia lírica, esta complexidade deve-se a sua apreensão do mundo em seus diferentes aspectos, ao mesmo tempo que expressa os seus sentimentos e uma perspectiva do tempo e da história. SUASSUNA, Ariano. *Iniciação à estética*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008. p.336-338.

última destacamos o seu caráter político por conta da atuação do poeta como cônsul durante a Guerra Civil Espanhola). A partir de então, houve um interesse pela poesia política do autor, passamos a buscar Neruda como agente político, e assim trabalhamos com um estudo preliminar do *Canto General* em um artigo de disciplina durante a graduação.

A falta de trabalhos na área de História especificamente sobre o *Canto* a partir de uma análise imanente da obra foi outra questão que impulsionou o presente projeto, mesmo que tenha havido um trabalho específico na área Teoria da Literatura e da Literatura Comparada¹⁵. No entanto, discordamos da abordagem desenvolvida por autores por suas abordagens excessivamente formais e textualistas, sem uma contextualização mais precisa nem uma relação intertextual entre diferentes fontes do pensamento de Neruda sobre o continente, a política e a sociedade.

Na perspectiva da História, desenvolvemos um Trabalho de Conclusão de Curso especificamente sobre o *Canto General*. O Trabalho de Conclusão teve como foco o estudo do capítulo VI do *Canto* (VI. *América, no invoco tu nombre en vano*), aparentemente apartada do restante da obra por ter sido escrita anteriormente (no ano de 1942)¹⁶. Independentemente deste fato, possui uma coesão quanto ao sentido dos poemas nos dois volumes da obra.

Durante a análise direcionada aos 19 poemas em relação ao seu contexto histórico respaldado e reconstruído por trabalhos de Historiografia, Economia, Filosofia e Ciências Sociais, e também aos aspectos biográficos da trajetória do poeta, articulamos a relação entre História e Literatura a partir de três enfoques: A literatura enquanto fonte para a História; o entrecruzamento entre os discursos histórico e literário de forma complementar; e os aspectos biográficos (e autobiográficos) de Pablo Neruda, o seu estudo ressaltando principalmente as suas intervenções como intelectual-militante e político, trabalhamos, portanto, a partir da articulação entre história, literatura e memória, e entre *textualidade, contexto e intertextualidade*¹⁷.

¹⁵ JUSTO, Vinícius de Melo. *Do mito à política: Um estudo de Canto General de Pablo Neruda*. São Paulo: USP, 2014 (dissertação).

¹⁶ NERUDA, Pablo. *Confesso que vivi*, op. cit.p.354.

¹⁷1) “A Literatura na História” – trabalhos focados em obras literárias com problemáticas específicas; 2) “A História na Literatura” – como a literatura representa a história ou produz uma representação do passado diferente da História; 3) *A História e a Literatura: Obras que estudam a relação entre as duas formas de conhecimento e representações do passado*.

Após a pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso¹⁸, identificamos uma série de questões que poderiam ser reformuladas partindo da continuidade da pesquisa e de outras leituras teóricas efetuadas. Assim reelaboramos a problemática do trabalho anterior para tornar mais complexa e precisa a interpretação do *Canto General* nesta pesquisa a ser desenvolvida. No trabalho anterior, foi proposta uma ideia de América Latina partindo dos 19 poemas do capítulo VI, no entanto percebemos que na elaboração dos capítulos IV e V do *Canto*, Pablo Neruda não se referia exclusivamente à América Latina (inclusive o poeta refere-se aos Estados Unidos com base na figura de Abraham Lincoln, ao Haiti trazendo à tona Toussaint L'Overture), e sim a uma concepção mais ampla de América.

Além de repensarmos a própria problemática para sua reelaboração, também passamos a compreender em outro grau as relações entre o texto poético a ser estudado, o seu contexto histórico de produção e a relação entre diferentes textos. Passamos também a levar em conta as referências possíveis de Pablo Neruda, não apenas literárias, mas também de intelectuais como Martí que foi anteriormente mencionado, mas também percebemos como possibilidade profícua a relação do pensamento nerudiano com outros autores que exploraremos ao longo da pesquisa. Deste modo, temos como parte da perspectiva de pesquisa a ampliação a noção de contexto, e ainda nestes quadros, avaliamos uma aproximação entre os contextos e a intertextualidade¹⁹.

Como *objetivo geral*, compreendemos como a história enquanto processo opera nos poemas dos capítulos IV (*Los Libertadores*) e V (*La arena traicionada*) do primeiro volume do *Canto General*, como a concepção de história de Pablo Neruda se relaciona com o seu contexto histórico de produção como escritor, assim como as suas experiências enquanto sujeito histórico e ser social.

Como um dos objetivos específicos, desenvolvemos o contexto de produção da obra em seus diferentes significados e enfoques: se a forma mais complexa e mais adequada de abordar o que se chama de contexto seria o contexto histórico mais geral a partir dos processos históricos, dos fatos e conjunturas que envolvem a trajetória do autor e do livro, se trata-se de estudar o contexto linguístico e discursivo das obras. Outra possibilidade, esta nos parece mais concreta e pertinente, o procedimento de explorarmos

¹⁸ FAGUNDES, Gabriel de Souza. *Pablo Neruda e o Canto General: A América Latina na perspectiva de um poeta comunista*. Porto Alegre: UFRGS, Trabalho de Conclusão de Curso, mimeo, 2016.

¹⁹ Para uma discussão mais precisa e ampla sobre a questão do contexto, nos utilizaremos das reflexões de Dominick LaCapra sobre os 'seis "contextos" ou níveis contextuais.

a história das ideias presentes no texto em relação com o seu exterior, as suas ideias como discurso em relação às estruturas que as condicionam.

A denominação de contexto histórico-intelectual caracteriza nossa abordagem através das reflexões oriundas da História Intelectual em que as múltiplas determinações sobre a produção de um texto são levadas em conta. Como uma diretriz metodológica, o historiador estadunidense Dominick LaCapra aponta seis níveis de contextualização possível na investigação de um texto:

1)A relação entre as intenções do autor e o texto– as motivações e intenções (explícitas ou não reconstruídas ao longo da pesquisa) para a produção da fonte; 2)As relações entre a vida do autor e o texto; As continuidades, descontinuidades, rupturas, convergências e divergências da trajetória do autor com a sua produção textual. 3)A relação da sociedade com os textos: Diferentes relações com os processos sociais de continuidade e ruptura, e não apenas divisão restrita entre ‘gênese’ e impacto da obra estudada. 4)A relação da cultura com os textos; Como o texto dialoga com as dinâmicas culturais do seu espaço e tempo; 5)A relação do texto com o corpus de um escritor: Em linhas gerais, contempla os intercâmbios dos trabalhos de um escritor com outros escritores, assim como entre o texto e outros textos do mesmo autor; 6)As relações entre modos de discurso e textos: Como os textos entram em contato com os modos de discurso, as ‘estruturas de interpretação’ e as convenções que regem estas formas de escritas em tensão²⁰.

A análise do *Canto General* desenvolve-se a partir de aportes teóricos combinados da História, da Crítica Literária, das Ciências Sociais e da Filosofia em busca de uma perspectiva interdisciplinar. Além da inter-relação entre áreas do conhecimento, também contemplamos a História e a Literatura enquanto discursos ontologicamente diferentes por seus pressupostos²¹ e métodos.

Ainda sobre os direcionamentos gerais do método, nos acercamos da abordagem teórica de Jörn Rüsen²² pelo estabelecimento de regras gerais para a orientação da

²⁰ LACAPRA, Dominick. *Rethinking Intellectual History: Texts, Contexts, Language*. London – Cornell University Press, 1983. Pp.36-60.

²¹ Os pressupostos (tanto teóricos quanto funcionais) se diferem principalmente na questão da orientação, a História como campo e produção historiográfica se preocupa com a reconstrução teórico-metodologicamente orientada do passado, já a Literatura entendida enquanto campo teórico que produz reflexões e discursos de caráter estético se preocupa em diferentes perspectivas com as múltiplas representações do sensível. Estas questões serão esmiuçadas mais adiante.

²² ‘Metodologia – as regras da pesquisa histórica’. In: RÜSEN, Jörn. *Reconstrução do passado: Teoria da História II*. Brasília: Editora UnB, 2007. pp.118-167. Também tomamos o cuidado de definir ciência não

pesquisa histórica com os quais trabalham os historiadores no sentido de distinguir das artes os procedimentos ou as *operações* [*processuais e substanciais*] ao longo da pesquisa histórica. A partir destes princípios teórico-metodológicos, atentamos para um aspecto metodológico importante, a *intertextualidade* (e mais precisamente neste procedimento, contexto e intertextualidade). Ainda pensando nos termos da arte, a Teoria Crítica nos oferece mais aportes, como a caracterização do valor intrínseco da arte, a sua “essência transhistórica de verdade, acusação e promessa”, sendo essa a sua dimensão estética²³.

A dialética desta dimensão (a autonomia relativa da arte frente às relações sociais) entre determinações objetivas e subjetividade, realidade e representação, e também entre sensibilidade e razão nos permite avançar em relação as suas tensões. Ao reivindicarmos a contribuição de Herbert Marcuse, psicanálise e marxismo conjugam-se na inteligência da força dissidente da arte (a *dessublimação* que advém do processo anterior de *sublimação*²⁴).

No entanto, literatura e história possuem em comum responsabilidades e teor ético-político ao considerarmos os seus pontos de contato com as sensibilidades, além da possibilidade de reconstrução do passado pela literatura (objetivo intrínseco da História), ambas avaliadas a partir de seus aspectos narrativos em seus diferentes termos e aspectos. No entanto, a responsabilidade com o passado tanto no seu conhecimento como nas suas relações entre a memória e a identidade cabe ao processo de construção do conhecimento em História.

partindo de um modelo ‘arquetípico’ como o modelo das ciências naturais e exatas, por exemplo, mas sim a história se define como científica por ser *continuamente fundamentada*, e a partir de seus métodos regula o pensamento, as operações cognitivas formadoras da história como escrita. ‘Científica – a constituição metódica da ciência da história’. In: RÜSEN, Jörn. *Razão histórica*. Brasília: Editora UnB, 2001. pp.96-101.

²³ Resgatamos o pensamento de Herbert Marcuse (1898 – 1979) vindo da Teoria Crítica como um complemento à Teoria Literária e às reflexões sobre a arte, ampliando de tal maneira os limites da interpretação proposta neste trabalho. Em sua última obra *La dimensión estética*, de 1978, Marcuse concilia as concepções teóricas do marxismo aos problemas da psicanálise. Assim, não apenas interpela as determinações objetivas do sujeito, mas também a própria subjetividade através dos condicionamentos da razão às pulsões, ou da consciência ao *estar* do inconsciente. MARCUSE, Herbert. *La dimensión estética*. Crítica a la ortodoxia marxista. Madrid: Biblioteca Nueva Editorial, 2007 [1978]. p.55.

²⁴ O processo de sublimação vindo da arte – de deslocamento das pulsões sexuais da *libido* para atos não-sexuais – provoca uma subjetividade rebelde, e portanto, a arte como força dissidente. A dialética entre as condições objetivas e as práticas sociais do empreendimento artístico, e neste caso literário, engendram-se na análise profunda da subjetividade. Idem. Ibid. Pp.61-64.

Além das reflexões entre Literatura e História em suas diferenças e semelhanças e o caminho das representações²⁵ em suas interações, agregando diversas representações, forma-se uma ideia de América específica. De tal maneira, voltamo-nos à História das Ideias²⁶ e à História Intelectual (como história dos intelectuais). Nesse sentido, consideramos Pablo Neruda como um intelectual em diferentes acepções: primeiramente a partir do filósofo marxista italiano Antonio Gramsci que explicou a atuação e a produção dos intelectuais a partir das suas vinculações de classe, a intelectualidade foi compreendida por Gramsci no conjunto das relações sociais.

A trajetória percorrida pelo filósofo revolucionário na construção do seu conceito de intelectual inicia a partir da problemática dos grupos sociais “essenciais”, os intelectuais ligados a diferentes grupos de maneira orgânica frente a outros pretensamente independentes de qualquer grupo social ou político, os intelectuais tradicionais²⁷. Depois, da relação intrínseca entre o intelectual e o partido político é possível observar a sua dimensão coletiva²⁸. Por último, nas sociedades modernas, a questão de classe tem a sua centralidade na formação dos intelectuais, a ordem burguesa ou a hegemonia nos diferentes contextos de formação do Estado nacional concluiu a formação do atual conceito, o *intelectual orgânico*.

Identificamos de tal forma a possibilidade de desenvolver a trajetória de Neruda como um *intelectual orgânico*, e não apenas como escritor por sua militância político-poética, também por sua origem e por sua filiação ao PCCh²⁹. Sobre as reflexões de Neruda enquanto um agente de escrita, pensamos a sua ação enquanto de um intelectual também segundo Carlos Altamirano³⁰ pp.13-24 em que o historiador argentino definiu a história intelectual enquanto:

‘Lo común a todas las formas del discurso "doxológico" es que apalabrarse enuncia desde una posición de verdad, no importa cuánta ficción

²⁵ O conceito de representação como a produção de diferentes imagens, signos de maneira geral, dos processos de simbolização e interpretação (substituição do objeto e significação) tem como principal base teórico-metodológica a Psicanálise, passando de um processo mental, a sua dimensão social, compartilhada por diferentes grupos humanos e a sua dimensão difundida mais amplamente na cultura. JODELET, Denise (org.) *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. pp.27-29.

²⁶ 4. Significação e compreensão na história das ideias. In: SKINNER, Quentin. *Visões da política: sobre os métodos históricos*. Algs: Difel, 2005. pp.81-89.

²⁷ GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. pp.3-12.

²⁸ GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. op. cit. pp.14-16.

²⁹ Idem. Ibid. pp.3-23.

³⁰ ALTAMIRANO, Carlos. *Para un programa de historia intelectual y otros ensayos*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2005. pp.13-24.

alojen las líneas de los textos. Puede tratarse de una verdad política o moral, de una verdad que reclame la autoridad en una doctrina, de la ciencia o los títulos de la intuición más o menos profética³¹.”

Assim, procedemos a partir dessa concepção de uma história intelectual (e também política) “sensível à dimensão simbólica da vida social e da ação histórica”, pensaremos a partir de uma história das ideias e de um Pablo Neruda intelectual, pautando assim a esfera da sua ação enquanto ‘homem de letras’ e a representação que produziu das ações passadas e como as cotejou, não como uma interpretação filosófica (em seu sentido formal) da realidade americana, mas sim como um testemunho ‘doxológico’ de caráter fundamentalmente literário.

A compreensão dos poemas terá como base principalmente o seu conteúdo, os significados empregados por Neruda em seus poemas partindo de diferentes signos (formas). A relação da poesia com os trabalhos de diferentes perspectivas do real, principalmente com a Historiografia têm uma importância fundamental na análise imanente dos versos (deste modo, *textualidade* poético-política e intertextualidade).

A reconstrução histórica e crítica estética da trajetória de Pablo Neruda como sujeito possuem, portanto, muitas potencialidades que esperamos explorar da melhor forma possível ao longo da pesquisa a fim de contribuir para o conhecimento em História, ao passo que projetamos a possibilidade de transcender minimamente as marcadas fronteiras entre as disciplinas. Como outra parte referente às questões teórico-metodológicas do estudo, outro procedimento contempla as reflexões que inter-relacionam a história, a literatura, reflexões sobre a memória. As diferentes manifestações da memória seriam: 1) a memória de nível primário (protomemória), que reside majoritariamente no inconsciente, assim como a faculdade da memória de uma forma geral; 2) a memória de alto nível, de reconhecimento ou lembrança, voluntária ou involuntária; e 3) a metamemória, que seria uma operação de representação e autorreflexão da memória individual³².

A memória tem como seu principal aporte em nosso trabalho as biografias e autobiografias nerudianas. Os livros autobiográficos de Pablo Neruda que utilizaremos por serem os principais registros em que o escritor versa sobre a sua trajetória são

³¹ Idem. Ibid. p.20.

³²CANDAU, Jöel. *Memória e Identidade*. São Paulo: Editora Contexto, 2014. p.21-23.

Confesso que vivi e Para nascer nasci (ou o seu “fazer-se” ao longo do tempo) em seus diferentes aspectos (cônsul, escritor, senador, intelectual e outros desdobramentos como sujeito). A partir de aspectos biográficos (e por sua vez reflexões sobre o gênero biográfico na perspectiva da História e das Ciências Sociais) estudados por terceiros³³ sobre o poeta de Parral, de Temuco e do mundo que se desdobrou por toda a América ao longo de 69 anos de existência.

Entendemos a importância do debate sobre a biografia histórica como uma forma possível também de articular o indivíduo e o seu contexto, não reduzindo-o ao seu contexto mas também não tornando-o excepcionalmente racional³⁴, ou destinado a ser uma grande figura, demonstrando e não negando as suas determinações³⁵. Por isso ressaltamos as dinâmicas individuais (descontínuas, multidirecionais, e por vezes contraditórias³⁶), como uma maneira de explicitar margens ou incoerências nos sistemas normativos, assim como atentamos para “as condutas coletivas como *sistemas de relação*.”

As articulações necessárias às reflexões sobre a biografia e a memória, estão feitas, por um lado através do conceito de *espaço biográfico* (um “horizonte de inteligibilidade”, um espaço-temporalidade onde articulam-se diferentes narrativas, para além de gêneros canônicos sobre as sensibilidades, as “intimidades públicas”³⁷).

A autobiografia está inscrita em uma “mescla de práticas” desde as escritas autográficas de caráter privado (memórias pessoais como diários), até as autobiografias como escritas e conhecimento de si de modo a serem publicadas³⁸. Diferentemente da dinâmica estritamente formal dos gêneros, o movimento da autobiografia como construção possui duas articulações principais: Primeiramente, através do *pacto*

³³ Os aspectos da vida de Neruda foram sistematizados em uma biografia por Volodia Teitelboim, obra que consideraremos como a principal referência para a reconstrução do passado e da memória do poeta. TEITELBOIM, Volodia. *Neruda*. Santiago de Chile - Editorial Sudamericana, 1996. Também trabalharemos com outra biografia, essa de uma amiga pessoal de Pablo Neruda, a escritora e crítica literária chilena Margarita Aguirre. AGUIRRE, Margarita. *Las vidas de Pablo Neruda*. Santiago de Chile: Zig-Zag, 1967. Uma questão importante a ressaltarmos é a preocupação dos dois trabalhos, tanto o livro de Teitelboim quanto a obra de Aguirre consistem em biografias literárias, pois diferentemente do gênero biográfico para a História que significa como anteriormente explicitamos as tensões entre os indivíduos e os sistemas em que estão inseridos ao longo do tempo, mas sim se baseiam nas experiências dos autores com o indivíduo biografado, não necessariamente com a preocupação de compreensão dos sistemas e suas incoerências, distanciando-os assim da análise (tanto sincrônica quanto diacrônica) do social.

³⁴ SCHMIDT, Benito. História e biografia. In: CARDOSO, Ciro F. & VAINFAS, Ronaldo. (org.). *Novos Domínios da História*. p.154.

³⁵ LEVI, Giovanni. *Los Usos de la biografía*. p.24 [1335]. Tradução e grifos nossos.

³⁶ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & abusos da História Oral*. Pp.183-185.

³⁷ ARFUCH, Leonor. *Autobiografía, Memoria e História*. P.70.

³⁸ ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico*. Pp.39-43.

autobiográfico, procedimento de articulação autor-leitor no qual se estabelece o teor autobiográfico de uma narrativa, além do narrador como *outro*, o *valor biográfico* (“de transcendência ou amor aos próximos”) e o *espaço autobiográfico*³⁹. Partindo dessas orientações teórico-metodológicas mais gerais estabelecemos os parâmetros de discussões que serão abordadas nos capítulos seguintes.

³⁹ A ideia do narrador como *outro* refere-se à construção memorial de um ‘eu’ do passado, como o narrador se constrói na sua narrativa em um determinado presente. O *valor biográfico* sempre relacional e o *espaço autobiográfico* Idem. Ibid. Pp.53-56.

CAPÍTULO 1: A TRAJETÓRIA DE PABLO NERUDA E O SEU CONTEXTO HISTÓRICO-INTELECTUAL

1.1. A trajetória de Pablo Neruda entre a biografia e a autobiografia

A análise que segue-se das obras de Neruda e outros autores sobre a sua trajetória tem como principais articulações as autobiografias *Confesso que Vivi e Para Nascer Nasci*, ambas publicações póstumas. O primeiro livro foi compilado pela sua viúva Matilde Urrutia (Matilde Neruda na publicação) em 1974 de uma série de cadernos, notas, discursos e textos privados ou apresentados publicamente. Já *Para Nascer Nasci* foi um livro publicado em 1978⁴⁰ com base na reunião de outros cadernos (de diferentes escritos organizados pelo próprio Neruda) e publicados também por Matilde.

Pablo Neruda, nascido Ricardo Eliécer Neftalí Reyes Basoalto na cidade de Parral em 12 de julho de 1904, filho de D. Rosa Basoalto de Reyes e de Dom José del Carmen Reyes Morales. Entre as décadas de 1910 e 1920, Neruda teve a sua formação primária em Temuco, onde iniciou a sua escrita contribuindo para a revista literária *Selva Austral* e para o jornal *La Mañana*, mudou-se para Santiago e iniciou os seus estudos em francês no *Instituto Pedagógico da Universidad de Chile*. No ano de 1923 publicou *Crepusculario*, seu primeiro livro no qual expõe ideais estéticos e ideais políticos, mas estes últimos de forma incipiente.

Em 1924 publicou *Veinte poemas de amor y una canción desesperada*, seu segundo livro. De 1920 a 1926, a direção da revista *Claridad* foi importante por ter entrado em contato com outras personalidades que seguiram-se com a amizade com o poeta até o fim de sua vida. Em 1927, após ter terminado seus estudos complementares, iniciou sua longa carreira de Cônsul do Chile que se encerrou em 1973, seu último ano de vida. No serviço consular trabalhou no Sudeste Asiático e voltou ao Chile em 1932. Em toda sua vida foi cônsul no Sudeste Asiático, na Europa, na América pelo seu país de origem.

Em 1933 viajou a Buenos Aires onde conheceu Federico García Lorca, de quem se tornou amigo, principalmente porque deram continuidade à relação que construíram quando Pablo Neruda viajara em 1934 para Barcelona e em 1935, quando foi transferido para Madri como cônsul, continuou publicando na Espanha. A partir desse contato com García Lorca, Neruda teve uma aproximação forte com as ideias anarquistas, mais

⁴⁰ “Lanzada obra póstuma de Pablo Neruda”. Jornal El Sur (Concepción, Chile), sept.23, p.1. 1978. Fonte encontrada em: <http://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/628/w3-article-231402.html> Último acesso em 01/06/2019.

precisamente anarcossindicalistas, a partir das quais tomou conhecimento das lutas operárias⁴¹. Um fato que bruscamente encerrou esta amizade foi a morte de García Lorca ainda em 1936, no campo de batalha durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939).

A partir da morte de García Lorca, a obra de Neruda passou a ter um cunho mais político, o que é bastante visível no livro *Tercera residencia*⁴², no qual escreve o poema *España en el corazón*, uma parte longa da obra em que Neruda dedica à resistência internacionalista empreendida pela frente republicana – composta também pelos anarquistas, entre outras forças – na Catalunha. A partir da vitória da *Falange Española*, partido do general Francisco Franco, Pablo Neruda resgatou 2500 espanhóis exilados⁴⁴ no Marrocos e na França por conta da sua missão de cônsul, episódio que marcou de forma significativa tanto a sua trajetória política quanto subjetivamente porque se tratou ao mesmo tempo de uma ação de solidariedade internacionalista⁴⁵.

Isso se deve ao fato de mesmo se estivesse impedido pelo governo de Aguirre Cerda trazer os espanhóis a bordo do navio *Winnipeg*, navegaria até o porto de Valparaíso em auxílio dos republicanos e outros membros das brigadas exilados⁴⁶. Fato que posteriormente se mostrou apenas uma falha de comunicação por conta da qualidade das ligações telefônicas intercontinentais, e portanto, o teria chegado a Valparaíso no fim do ano de 1939, com o aval do presidente Pedro Aguirre Cerda.

No ano seguinte Pablo Neruda enviado como cônsul ao México onde tivera contato com outros artistas revolucionários, como os pintores muralistas mexicanos José Clemente Orozco (1883 – 1949), Diego Rivera (1886 – 1957), e David Alfaro Siqueiros (1896 – 1970), personalidades importantes da esquerda latino-americana no âmbito das artes que influenciaram tanto a militância política quanto a obra nerudiana a partir de seus conceitos artísticos⁴⁷.

⁴¹ NERUDA, Pablo. *Confesso que vivi*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. Capítulo 6. Em busca dos vencidos. p.135. Nesse sentido, o autor declarou-se comunista por convicção, antes mesmo de ter envolvimento com a militância comunista no Chile e do seu ingresso do Partido Comunista de Chile.

⁴² NERUDA, Pablo. *Terceira Residência*. Porto Alegre: L&PM, 2011.

⁴³ Idem. 1997. p.139.

⁴⁴ BUADES, Josep. M. *A Guerra Civil Espanhola*. São Paulo: Contexto, 2013. p.209.

⁴⁵ A solidariedade internacionalista e entre esquerdas exercida por Neruda anteriormente a sua adesão ao PC chileno superou as divergências internas entre os anarquistas e socialistas, discordâncias dentro dos grupos revolucionários da revolução espanhola. LÖWY, Michael. & BESANCENOT, Olivier. *Afinidades revolucionárias: nossas estrelas vermelhas e negras*. Por uma solidariedade entre marxistas e libertários. Pp. 36-45.

⁴⁶ NERUDA, Pablo. *Confesso que vivi*. op. cit. p.145.

⁴⁷ MANDEL, Claudia. *iMuralismo mexicano!* Arte publico, identidad, memoria colectiva. Revista Escena 30(61), 2007. p.43. Nesse sentido, a reinterpretação ‘dialético-subversiva’ baseada no comunismo que

Neruda teve maior contato com Rivera e Siqueiros, sendo que o segundo foi preso por participar de uma tentativa de assassinar o revolucionário russo Leon Trotsky (1879 – 1940) na cidade de Coyoacán. David Siqueiros teve grande influência da III Internacional (Internacional Comunista, *Komintern*) em sua militância política, assim como o próprio Pablo Neruda por conta da conjuntura anterior à morte de Josef Stalin (1878 – 1953) e que também antecedeu o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em 1956 (onde Neruda reconsidera seus postulados mas da mesma forma não rompe com o comunismo).

No fim do ano de 1940, Pablo Neruda possibilitou a saída de Siqueiros do México, e no início de 1941 foi ao Chile com Neruda como exilado⁴⁸. Um ataque de nazistas a Pablo Neruda no território mexicano, mais precisamente em Cuernavaca, provocou a solidariedade de diversos intelectuais da Europa e outros países da América Latina. Em 1942, o poeta viajou para Cuba, viu-se com uma crescente popularidade a ponto de seus versos serem fixados em cartazes nas ruas da Cidade do México. Nesse mesmo ano publicou em revistas literárias o sexto capítulo do seu *Canto General*, ‘*América, no invoco tu nombre en vano*’⁴⁹.

Nos anos de 1943 e 1944, Neruda foi de Cuba aos Estados Unidos, depois regressou ao México, percorrerá os países americanos da costa do Oceano Pacífico, até chegar novamente ao Chile onde fica depois de um período relativamente extenso longe de sua terra natal em 1944. O ano de 1945 teve grande importância na trajetória política de Pablo Neruda porque foi eleito senador da República em duas províncias do país no dia 4 de março, Tarapacá e Antofagasta – províncias que compõem uma região desértica de mineração do cobre e do salitre onde a população de uma forma geral era majoritariamente das classes populares⁵⁰ –.

O lugar social do poeta é um aspecto importante de figura política por sua adesão ao internacionalismo mesmo por sua origem pequeno-burguesa – para alguns, “de elite” – desta forma seguimos duas linhas de raciocínio. Por um lado, há a sua história de vida

Siqueiros construiu do modernismo, rompendo com o modernismo europeu influenciou o estilo literário e o pensamento político de Pablo Neruda, assim como os murais de Diego Rivera, que possuíam uma intensa preocupação política na sua arte carregada de sentido histórico.

⁴⁸ Idem. 1997. p.156-157.

⁴⁹ Cf. NERUDA, Pablo. *Confesso que vivi*. op. cit.p.354. E NERUDA, Pablo. *Canto General: Manuscritos Originales*. op. cit.pp.14-15

⁵⁰ NERUDA, Pablo. *Confesso que vivi*. p.170-171. O autor discorreu sobre a vida difícil dos trabalhadores da mineração sob o jugo das empresas privadas dominadas por estrangeiros e como a sua poesia quebrou barreiras entre ele, agora um representante político, e a população local que era representada, pessoas que lutavam pelo que há de comer e o que há de vestir e o reforço moral/espiritual que dera a essas pessoas.

única parafraseando Jean-Paul Sartre “Pablo Neruda era um pequeno-burguês mas nem todo pequeno-burguês é Pablo Neruda”. A sua especificidade frente a sua situação de classe⁵¹ se configura em uma situação intermediária mas há uma superação da sua origem social.

De outra forma, a situação profissional dos escritores do Chile confere a posição Neruda como um trabalhador ou ao menos um pensador muito próximo à classe trabalhadora visto que as pessoas que trabalham com as letras, desde a sua escritura até a sua impressão estavam vinculados à *Federación Obrera de Chile (FOCh)*, e portanto se colocavam como trabalhadores.

Além disso, houve a entrada do poeta chileno no *Partido Comunista de Chile (PCCh)* em julho do mesmo ano, o que tornou possível ter sido eleito devido ao seu prestígio como intelectual, artista e político a nível nacional, também pela segunda vitória consecutiva da *Frente Popular*, assim como pelas lutas lideradas por Luis Emilio Recabarren ao lado dos operários, nas quais Neruda reconheceu os efeitos em relação a sua militância política⁵².

Por um tempo considerável desde eleito, por meses o poeta percorreu as casas dos trabalhadores do deserto como hóspede a fim de compreender e se inteirar de forma mais precisa de suas necessidades, tanto por terem sido seus eleitores como também a classe que lutou para emancipar através do comunismo, principalmente pela sua militância política, leituras de sua poesia, pelos seus discursos e por informações que compartilhou com os trabalhadores sobre a política internacional, principalmente dos países socialistas (União Soviética e Iugoslávia na época)⁵³.

Entre o fim de 1945 e o início de 1946, Neruda viajou para Argentina, Uruguai, Brasil⁵⁴ e México em conferências e recitais, sendo nas terras do “México florido e

⁵¹ Marx observou em seu *O 18 Brumário* os limites da consciência e da produção de ideias e a sua representatividade da pequena-burguesia. Não necessariamente se configuram proprietários de meios de produção e circulação menores, mas profissionais “liberais” e trabalhadores com maior qualificação e sua tendência ao afastamento da sua situação de proletariado. MARX, Karl. *O 18 Brumário de Luis Bonaparte*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011. pp.63-64.

⁵² Idem. Ibid. p.172. Luis Recabarren (1876-1924) foi um trabalhador tipógrafo de Valparaíso que primeiramente se inspirou no anarquismo, depois pautar-se pelo comunismo, até foi eleito deputado em Antofagasta mas foi afastado por opositores políticos. Trabalhou também como um líder sindical e escritor de periódicos em prol dos trabalhadores como *El Trabajo*, e em 1912 fundou o *Partido Obrero Socialista* que passou a se chamar Partido Comunista de Chile em 1922, a partir da adesão do partido à Terceira Internacional Comunista/Komintern.

⁵³ Idem. Ibid. Pp.170-172.

⁵⁴ No Brasil, Neruda participou de dois eventos importantes, a nomeação de Manuel Bandeira a uma cadeira da Academia Brasileira de Letras (ABL), em um evento público no Pacaembu, em São Paulo homenageando Luis Carlos Prestes e participou do comício Pablo Neruda no Rio de Janeiro. Os poemas

espinhoso” condecorado com a *Orden del Águila Azteca*, a mais alta distinção concedida a estrangeiros por atos de relevância social e política ao México. Ainda em 1946, organizou a campanha de Gabriel González Videla, e por sentença judicial, seu nome foi alterado para Pablo Neruda, e não mais Neftáli Ricardo Reyes Basoalto, seu nome de batismo⁵⁵ e de seu primeiro registro civil.

No início do ano de 1947, o governo do então presidente González Videla empreendeu uma política de censura e repressão ao PCCh, situação complicada que Pablo Neruda denunciou como uma traição, “González Videla, o traidor do Chile”, inclusive nomeou o quinto capítulo do *Canto General* de “La arena traicionada⁵⁶” referindo-se à perseguição sofrida junto com seus camaradas militantes do Partido Comunista, também aos governos autoritários que se estabeleceram na América Latina de uma forma geral até o fim da primeira metade do século XX, assim como as intervenções e implantações de empresas multinacionais dos Estados Unidos em toda a América, tendo ambos os processos profundas e diretas relações⁵⁷.

Essa perseguição aos comunistas e às organizações de esquerda no Chile levantou a indignação do poeta o que produziu o discurso “*Eu acuso*” que proferiu no Senado em janeiro de 1948⁵⁸ se opondo ao governo e denunciando suas arbitrariedades. Em fevereiro do mesmo ano, o mandato de Neruda foi cassado pela Corte Suprema e por tribunais de justiça teve sua prisão decretada, passando assim à clandestinidade. Junto com o poeta, o jovem historiador e militante comunista Álvaro Jara (1923 – 1998) foi designado como seu guarda-costas. Apesar de mais jovem, Jara teve um papel importante na concepção nerudiana de história⁵⁹, principalmente dos indígenas, a principal pesquisa de seus trabalhos.

Quando passou à condição de fugitivo, o poeta chileno percorreu diversas cidades de seu país a fim de escapar da caçada policial empreendida contra ele, indo desde as casas mais ricas mais próximas de Santiago de Chile, até as casas localizadas nos vilarejos

são *Prestes de Brasil* (1949) que “caminha para a liberdade” e *Dicho en Pacaembu* (Brasil, 1945) onde tem “a palavra o Capitão do Povo”. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. op.cit. pp.125-130.

⁵⁵ Idem. *Confesso que vivi*. pp.cit. p.354.

⁵⁶ NERUDA, Pablo. *Canto General I. V – La arena traicionada* op.cit. pp.133-182.

⁵⁷ Os casos de protagonismo ou ao menos um papel ativo do capital privado (pela *United Fruit Co.*) estadunidense e da estrutura de Estado dos Estados Unidos foram os regimes implantados na Nicarágua, na Guatemala, em Honduras, em El Salvador, na República Dominicana e na Costa Rica.

⁵⁸ Ibidem. p.355. Neste ano, o autor finaliza seu *Canto General*, obra que iniciou em meados de 1939 com pretensões de publicar no Chile como *Canto General de Chile*, porém ao longo dos anos até 1948 complementou sua obra que pode-se considerar como a maior obra do poeta chileno.

⁵⁹ NERUDA, Pablo. *Canto General: Manuscritos Originales – Edición Facsimilar*. Santiago: Fundación Pablo Neruda. 1ª ed. 2013. Pp. 20-21.

mineiros⁶⁰ em boa parte do ano de 1945 e para onde voltara – após o seu retorno ao Chile – em 1947. Com a ajuda de Ricardo Fonseca Aguayo (1906 – 1949), o secretário geral do Partido Comunista, conseguiu percorrer o deserto até a cordilheira, não sem contratempos e dificuldades, inclusive Neruda foi hospedado alguns dias por um cacique Mapuche⁶¹ já na Araucania.

No ano seguinte, em 1949, finalmente conseguiu sair do Chile, passando por Buenos Aires e em abril chegou a Paris para participar do Primeiro Congresso Mundial de Partidários da Paz, quando tornou-se membro do Conselho Mundial da Paz. Durante esse ano percorreu a Europa Oriental em alguns países – União Soviética, Polônia e Hungria – e no fim desse mesmo ano, foi ao México para o Congresso Latino-Americano de Partidários da Paz⁶², até o fim do ano ficou no país por ter caído doente, provavelmente pela longa e desgastante viagem empreendida por conta de seu desterro.

Em 1950, Pablo Neruda publicou o *Canto General*, com ilustrações de Diego Rivera e David Alfaro Siqueiros em três edições (duas oficiais e uma clandestina), assim como no Chile foram publicadas duas edições igualmente clandestinas, além das edições publicadas em outra série de viagens feitas entre Europa e Ásia em função de outro Congresso Mundial dos Partidários da Paz, inclusive seu *Canto* foi publicado em vários países.

Na União Soviética foram impressos 250 mil exemplares, também China, Tchecoslováquia, Polônia, Suécia, Romênia, Índia, Palestina, Síria, e também nos Estados Unidos. Essa obra de Neruda teve um apelo por parte da Sociedade dos Escritores do Chile e do Sindicato dos Escritores no ano seguinte, 1951, para a sua publicação oficial. No mesmo ano traduções do *Canto* foram feitas em várias línguas⁶³.

O ano de 1952 teve grande importância para Pablo Neruda porque foi revogada a sua ordem de prisão no Chile, o que possibilitou sua volta para casa após mais de três anos afastado⁶⁴, até que em agosto voltou a Santiago aclamado por muitos de seus compatriotas. O autor disse de forma irônica que não aconteceram coisas muito importantes e curiosas em sua vida entre 1952 e 1957, com raras exceções. No entanto voltou à União Soviética como jurado do Prêmio Internacional da Paz (depois de 1956

⁶⁰ *Ibidem.* p.176.

⁶¹ *Ibidem.* p.181.

⁶² AGUIRRE, Margarita. *Las vidas de Pablo Neruda*. Pp.298-299.

⁶³ *Idem.* *Ibid.* p.355.

⁶⁴ *Idem.* *Ibid.* Pp.217-226.

Prêmio Lênin da Paz) ainda em 1952, em 1953 organizou o Congresso Continental da Cultura que contou com dezenas de intelectuais e artistas de toda América Latina, dentre eles: Miguel Ángel Asturias, Jorge Amado, Diego Rivera, Nicolás Guillén, David Alfaro Siqueiros e outros; ainda no ano de 1953, recebeu o Prêmio Stalin da Paz⁶⁵.

Entre o fim da década de 1950, após a sua campanha à presidência em 1958 e o fim da década de 1960 definitivamente estabelecido no Chile, Pablo Neruda viajou por vários países quando deu conferências, recitais, recebeu condecorações e títulos como Doutor *Honoris Causa* (1965). Também voltou em um número considerável de ocasiões à União Soviética e a outros países socialistas, até que nas eleições de 1969 renunciou a sua candidatura para presidente em favor da campanha de seu amigo Salvador Allende Gossens (1908 – 1973)⁶⁶.

Ainda sobre a relação entre a sua militância política e a sua obra poética, e nesse sentido poderíamos compreender como o conjunto de sua militância político-poética, Neruda escreveu poesia política até o último ano de sua vida. Mesmo com algumas discontinuidades breves, desde *Crepusculario* (1923), seu primeiro livro da juventude mais inspirado pelo anarquismo, passando por *España en el corazón* (1936) onde aperfeiçoa sua visão política ao próprio *Canto General*, passando por *Las Uvas y el viento* (1955) e outras obras manteve a sua crítica política.

Em 1973, então publicou *Incitación al Nixonicidio y alabanza de la revolución chilena*, exaltou o governo socialista, criticou a presença e exploração de empresas multinacionais no Chile⁶⁷, mesmo com as dificuldades do governo de Salvador Allende provocadas pelo governo dos Estados Unidos. As dificuldades provocadas foram principalmente pelo plano conjunto entre a *Central Intelligence Agency* (CIA) e a ITT (*International Telephone and Telegraph*) desde 1962 tentando impedir a eleição de Allende à presidência do Chile⁶⁸, até as medidas tomadas para desestabilizar economicamente o país, os 18 pontos que envolviam inclusive suspender a importação do cobre chileno para os Estados Unidos⁶⁹.

⁶⁵ Idem. Ibid. p.356.

⁶⁶ Idem. Ibid. p.357.

⁶⁷ Para ressaltarmos a crítica política, reproduzimos um breve trecho do poema VI – O cobre: “ Ao cobre chamávamos de chileno, porque nascia de chilenas mãos e nosso território estava pleno do subterrâneo sol cordilheira no, do cobre que não estava destinado aos piratas norte-americanos”. NERUDA, Pablo. *Incitação ao Nixonicídio e Louvor da Revolução Chilena*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1980[1973]. p.18

⁶⁸ MATTOS, Renata S. *Make the economy scream: O plano ITT-CIA e os impactos no governo Allende*. Trabalho de Conclusão de Curso. Porto Alegre: UFRGS, 2015. p. 38.

⁶⁹ Ibidem. p.48.

O panorama geral e linear da vida de Pablo Neruda (como uma biografia tradicional) é aqui por nós apresentado para introduzir a avaliação crítica da trajetória do poeta, principalmente nos seus primeiros anos e na produção do *Canto General*. No caso de Neruda, *Para Nascer Nasci* foi construído com textos de época, muitos deles escritos nos próprios momentos dos quais versou sobre. A lógica de sua organização fragmentada, sem uma ordem cronológica específica (textos da década de 1940 antes de textos da década de 1950, textos que possuem intervalo de mais de 10 anos e outras questões). Ao contrário, *Confesso que vivi* organizado em cadernos ordenados cronologicamente (tanto com uma Cronologia de Pablo Neruda, quanto pelos seus cadernos desde “O jovem provinciano” até a “Pátria dura e doce”) de seus últimos anos.

As contradições entre os dois livros de memória são importantes também pelas posições do autor ao escrever ambos, em *Confesso que vivi* já idoso e com a carreira totalmente consolidada. Já tendo sido influência para muitos autores e relativamente distanciado da militância política mais orgânica e imediata, tomou a liberdade de tecer críticas que não fizera e não teria feito na conjuntura de escrita do *Canto General*. As críticas a personalidades como Nicolás Guillén, a quem Pablo Neruda conhecera na Europa na década de 1930 e mantivera uma amizade, inclusive revendo o poeta cubano em algumas ocasiões.

1.2. O contexto histórico-intelectual de Pablo Neruda

Reconstruir contextos de diferentes objetos de pesquisa em História implica em múltiplas determinações, um estudo minucioso com enfoques específicos sem perdermos de vista a totalidade do objeto. Sobre o nosso objeto, o contexto da trajetória de Pablo Neruda em relação ao *Canto General*, alguns cuidados metodológicos são necessários. A ideia de contexto não como um ‘pano de fundo’, mas como uma explicação sempre em função das fontes e objetos e estudos são praticamente um lugar comum. Dentre os 6 níveis contextuais estabelecidos no capítulo 1 de acordo com LaCapra nos utilizamos de quatro destas conexões: entre sociedade, cultura, modos de discurso, o *corpus* e o texto do autor neste capítulo.

1.2.1 *El árbol del pueblo y el infierno americano: A sociedade chilena do pós-guerra entre a política interna e a conjuntura da América*

O processo de declínio do poder das oligarquias no Chile levado a cabo por diversas contradições acumuladas entre os diversos grupos sociais mais ou menos distantes do poder oligárquico legatário dos conservadores e da ‘República Parlamentar’. O acirramento da luta de classes e conflitos políticos configurados no âmbito do Estado, as tensões entre o aparato estatal de dominação de classe e os movimentos políticos e populares (das organizações comunistas e mancomunais, das organizações camponesas e indígenas) resultaram no fim da ditadura do Carlos Ibañez Del Campo, governo de 1927 a 1931 e na breve experiência da ‘República Socialista’ (1931-1932) por Marmaduke Grove⁷⁰.

Para além de uma exposição sobre o militarismo e os conflitos políticos entre agentes individualizados, a questão aqui colocada refere-se à dinâmica das lutas sociais, como um projeto de organização geral dos trabalhadores do Chile⁷¹. Além do movimento operário, a esquerda chilena ganhou muito espaço nesse período das décadas de 1930 e

⁷⁰SADER, Eder. *Um rumor de botas: A militarização do Estado na América Latina*. São Paulo: Editora Polis, 1982. pp.31-32.

⁷¹ Devemos frisar que a presença de militares na política não necessariamente significa processos de militarização do Estado, apesar das convergências entre ambos os fenômenos. SADER, Eder. *Um rumor de botas: A militarização do Estado...* Op.Cit. pp.32-33.

1940 através do *Partido Socialista de Chile* (PSCh) e o *Partido Comunista de Chile* (PCCh)⁷².

Essas organizações anarcossindicalistas em 1919 se organizaram em torno da *Industrial Workers of the World* (IWW) do Chile por inspiração no modelo dos Estados Unidos⁷³. Entre a década de 1920 (principalmente entre 1925 e 1927 com o governo ditatorial de Ibañez) e a década de 1930, as organizações de trabalhadores passaram da ilegalidade à institucionalização, movimento que se concluiu com a criação da *Confederación Republicana de Acción Cívica de Obreros y Empleados de Chile* (CRAC) em 1929 e com o *Código del Trabajo de 1931*⁷⁴. Processo paralelo às regulamentações do trabalho no Brasil com a CLT no governo Vargas em 1943 e as ações do governo de Lázaro Cárdenas no México também da década de 1940.

O ano de 1936 foi muito importante para o movimento operário porque foi criada a *Confederación de Trabajadores de Chile* (CTCh), central sindical que tomou o lugar de protagonismo da FOCh (já desgastada em sua posição de central pela ditadura de Ibañez del Campo e pela repressão do segundo governo de Arturo Alessandri [1932-1938]). A CTCh foi criada com o apoio da Frente Popular, principalmente com o apoio do PCCh e do PSCh, mas também contou com o apoio do PR, a central tinha intenção de agrupar todos os trabalhadores sindicalizados do país⁷⁵, tarefa que teve um grande sucesso sendo que entre 1936 e 1942 aumentou o número de filiados de 85 mil para 200 mil⁷⁶.

⁷² O Partido Comunista em sua fundação por Luis Emilio Recabarren em 1912 possuía o nome de *Partido Socialista Obrero*. Mesmo com diretrizes rígidas da Internacional Comunista, foi o partido com maior alcance entre as camadas populares e o movimento operário, apesar da popularidade do Partido Socialista. Mesmo com as divergências programáticas, os partidos foram progressivamente se aproximando e formando uma aliança, especialmente com o avanço dos conflitos políticos internos do Chile. Assim como na sua inserção no contexto geral da Guerra Fria. ALTAMIRANO, Carlos. *Dialéctica de una derrota*. México D.F: Ediciones Siglo XXI, 1977. pp.14-15.

⁷³ BARRÍA SERÓN, Jorge I. *El movimiento obrero en Chile*. Santiago de Chile: Universidad de Chile, 1971.p.52.

⁷⁴ Idem. *Ibidem*. p.62.

⁷⁵ A CTCh também foi importante porque além de agrupar os trabalhadores da FOCh, também agremiou várias categorias profissionais – algumas inclusive não contempladas anteriormente como: trabalhadores de construção civil, mineiros, gráficos, têxteis, ferroviários, moleiros, madeireiros, panificadores e os professores (com a adesão da *Unión de Profesores de Chile* à CTCh). Os trabalhadores rurais (até indígenas araucanos) também foram agregados à CTCh, o que não aconteceu antes a nível nacional, por isso a sua organização anterior foi em cooperativas e pequenos sindicatos rurais desvinculados de uma central. No entanto, o campesinato e os indígenas mapuches não puderam filiar-se oficialmente, pois a sindicalização rural foi proibida durante a repressão do levante de Lonquimay, este que resultou no *Massacre de Ranquil*, em 1934.

⁷⁶ Angell levantou o dado de que no auge da central, que durou até 1946, a CTCh contou com a participação de 90% dos trabalhadores sindicalizados do Chile, essas cifras foram obtidas apesar da ausência dos anarcossindicalistas que se recusaram a aderirem com a sua *Confederación General de Trabajadores* (CGT).

A partir dessa conjuntura de inícios do século XX, em um Chile extremamente tumultuado pelas diversas ações do movimento operário, nesse período surgiu o Partido Comunista, tema do qual nos ocupamos e preenchemos o contexto histórico de conteúdo por último. O PCCh foi fundado no Norte do país por Luis Emilio Recabarren no ano de 1912, originalmente possuía o nome de *Partido Obrero Socialista* (POS).

Uma questão curiosa sobre os partidos de esquerda – principalmente mais à esquerda do *Partido Radical* e do *Partido Demócrata* – foram os nomes dos partidos, o Partido *Partido Socialista Obrero* que logo depois reorganizou. Por conta da crise de 1929, o PCCh passou a assumir uma posição denominada ultraesquerdista, o que limitou a sua ação política e o seu alcance⁷⁷ em termos de agregação de militantes.

Essa alteração do nome do partido em 1922 (seguindo o padrão de diversos partidos socialistas na América Latina, tornaram-se comunistas) se deu à adesão do partido à III Internacional ou Internacional Comunista (*Komintern*), foi a principal organização política da classe trabalhadora iniciada na recém formada União Soviética (URSS) em 1919. Esse movimento criado por Vladimir Lenin (1870 – 1924) se contrapôs às correntes políticas socialdemocratas⁷⁸ (que nasceram no âmbito do marxismo revolucionário mas padeceram como projeto sob um processo de transição ao reformismo na hegemonia do movimento operário alemão).

O PCCh aderiu como simpatizante em 1921, a partir do ano de 1924, com o III Congresso da Internacional, formou-se no interior do partido uma tendência anti-

ANGELL, Alan. *Partidos políticos y movimiento obrero*. México D.F: Ediciones Era, 1974. pp.117-118. e GARCÉS, Mario. *FOCH, CTCH y CUT*. p.51.

⁷⁷ ALTAMIRANO, Carlos. *Dialéctica de una derrota*. p.14.

⁷⁸ Cf. ONIKOV, L. & SHISHLIN, N. *Breve Diccionario Político*. p.243-244. e SCHÜTRUMPF, Jörn. (Org.) *Rosa Luxemburgo ou o preço da liberdade*. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo. 2015. Pp.50-65. A Internacional de uma forma geral foi uma organização de rearticulação do movimento operário e de difusão das ideias da Revolução Russa de 1917, mais precisamente dos bolcheviques, os vencedores da revolução após a guerra civil russa contra os mencheviques. O *Partido Operário Social Democrata Russo*, de orientação reformista adotada após o fracasso da Revolução Alemã do pós-I Guerra Mundial e a repressão à Liga Espartaquista pelas forças armadas controladas por Eduard Bernstein (1850 – 1938) e Karl Kautsky (1854 – 1938), dirigentes do *Partido Social Democrata Alemão* (SPD) que assassinaram Karl Liebknecht (1871 – 1919) e Rosa Luxemburgo (1871 – 1919) no início da guerra civil que durou até 1923. O fim do horizonte revolucionário por estes partidos da esquerda marxista com as posições de Bernstein, Kautsky e Georg Plekhanov (1856 – 1918) foi inaugurado com a chamada corrente reformista ou revisionista.

Komintern que se apoiou nas ideias de Leon Trotsky (1879-1940), tendência que viria a aderir ao PSCh em 1937⁷⁹.

A ação política do PCCh entre o fim da década de 1910 e a década de 1920 foi limitada e bastante reprimida pelo Estado, principalmente no governo Ibañez quando fora colocado na ilegalidade em 1927, principalmente por sua relação muito próxima da FOCh⁸⁰. O PCCh em 1928 passou a assumir uma posição mais fechada e doutrinária pela adesão formal e institucional à Terceira Internacional, o que limitou a sua militância e o seu alcance devido a uma posição de fechamento, em número de filiados não passou dos 5 mil nessa época⁸¹. O chamado “terceiro período” do PCCh (1931 – 1934) passou por um fechamento em termos partidários mas cresceu no seio dos sindicatos e no apelo à unidade sindical em torno da *FOCH* e da Internacional Vermelha de Sindicatos⁸².

O Partido Comunista deixou a ilegalidade com o exílio de Ibañez Del Campo, no ano de 1931, e no ano de 1933 começou a reestruturar-se, porém contou com a competição do PSCh fundado no mesmo ano, que desde as dissidências trotskistas dos anos 1920 disputava por influência política junto à classe trabalhadora e suas agremiações, além disso o governo de Arturo Alessandri de 1932 a 1938 também reprimiu o PCCh para evitar as mobilizações dos trabalhadores e o avanço de sua sindicalização de trabalhadores operários e camponeses.

A sua consolidação e declínio além da agitação social e da organização dos trabalhadores estavam ligados à ascensão da *Frente Popular*⁸³ que venceu duas eleições de ser dissolvida em 1941. Em 1936, quando foi formada a Frente Popular (principalmente por PR, PCCh e PSCh), o PCCh aderiu à Frente com a condição de combater o fascismo, e mesmo sendo um partido comunista de orientação soviética, se

⁷⁹ YOPO H, Boris. Las relaciones internacionales del Partido Comunista. In: VARAS, Augusto (comp.). *El Partido Comunista en Chile: estudio multidisciplinario*. Santiago: CESOC, 1988. p.374.

⁸⁰ ANGELL, Alan. *Partidos políticos y movimiento obrero*. p.42.

⁸¹ ALTAMIRANO, Carlos. *Dialéctica de una derrota*. p.14. E WASSERMAN, C. *História Contemporânea da América Latina...* p.37.

⁸² BARSHAW, Andrew. El Partido Comunista de Chile y las políticas del tercer periodo (1931 – 1934). In: ULIANOVA, O; LOYOLA, M. & ÁLVAREZ, R. *El siglo de los comunistas (1912-2012)*. Santiago - Instituto de Estudios Avanzados - Universidade de Santiago de Chile, 2012. Pp.119-169.

⁸³ A *Frente Popular* foi uma coalizão política heterogênea que não deixou de levantar debates na época e gerou oposição e críticas ao Partido Comunista dentro do campo político da esquerda radical no Chile. A *Frente* foi composta pelo Partido Comunista, o Partido Democrático e o Partido Radical, este último partido elegeu Gabriel González Videla presidente nas eleições de 1946. SADER, Eder. *Um rumor de botas: A militarização do Estado na América Latina*. Pp.77-78.

aliou aos liberais radicais e aos socialistas reformistas, essa estratégia política garantiu a eleição dos comunistas nos três níveis de governo nas eleições de 1938, 1942 e 1946.

Apesar dessa reestruturação entre o fim dos anos 1930 e o início dos anos 1940 – principalmente no governo nacionalista de Pedro Aguirre Cerda que reconheceu a legitimidade do apoio comunista – as dificuldades por conta da repressão tanto às ações militantes do partido quanto às lutas sindicais que estão entre elas greves ilegais nos governos até 1946 cercaram progressivamente o PCCh. O partido estava entre períodos de repressão e uma ascensão, movimento que expressa-se nos resultados da eleição de 1946 em que uma quantidade expressiva de comunistas foram eleitos. Até que em 1947 no governo González Videla, o PCCh foi posto na ilegalidade⁸⁴ por sua postura revolucionária e os sucessivos conflitos com outros grupos políticos da composição e de apoio à Alianza Democrática.

Apesar da formação da associação política dos partidos chilenos mais progressistas e à esquerda da época, houve no governo de Gabriel González Videla uma ruptura dentro desse espectro. O governo de González Videla (1945 – 1951) passou a perseguir os grupos políticos que o apoiaram mas supostamente ameaçariam o seu governo, assim estabeleceu uma política de repressão aberta em um período formalmente democrático onde a repressão e políticas de exceção foram instaurados. Em 1947, com a *Ley de Defensa Permanente de la Democracia* ou *Ley Maldita*, o PCCh e o PSCh foram colocados na ilegalidade⁸⁵, tendo seus membros cassados, acossados e presos⁸⁶.

Neste contexto, Pablo Neruda já estabelecido como cônsul, senador⁸⁷ e dirigente do Partido Comunista chileno relatou em suas duas obras autobiográficas, *Confesso que vivi* e *Para Nascer Nasci*. Em ambos os textos, um símbolo da estrutura repressiva do período da década de 1940 e do período posterior é o Campo de Prisioneiros de Pisagua. Construído durante o governo de Gabriel González Videla, foi um campo de concentração na região de Tarapacá, onde milhares de prisioneiros foram alocados em péssimas

⁸⁴ A lei que colocou na ilegalidade o PCCh foi a lei 8.987/1948 – ‘Ley de Defensa Permanente de la Democracia’, essa lei ficou conhecida como Ley Maldita pela oposição dos comunistas, em seu primeiro artigo já dispôs da proibição de funcionamento do partido. CHILE. Ministerio del Interior. *Ley de Defensa Permanente de la Democracia*. p.4-5.

⁸⁵ ANGELL, Alan. *Partidos políticos y movimiento obrero*. Ciudad de México: Ediciones Era, 1974. Pp.41-42.

⁸⁶ CUEVA, Agustín. *O desenvolvimento do capitalismo na América Latina*. Pp.188-189.

⁸⁷ Em 1945, o poeta foi eleito senador pelas províncias (atuais regiões) de Tarapacá e Antofagasta, ambas pertencentes ao Norte do Chile. NERUDA, Pablo. *Confesso que vivi*. Pp.170-171.

condições segundo uma série de organizações de trabalhadores e intelectuais, desde a própria militância política e intelectual de Luis Emilio Recabarren até este período de repressão aos comunistas.

A ofensiva imperialista e o avanço da dependência da economia do Chile em relação aos Estados Unidos acentuou-se progressivamente mesmo com o crescimento da produção industrial apresentado na década de 1940 (de até 90% nos marcos de 1948). Este crescimento não significou um superávit na balança de pagamentos, mas um déficit por uma política econômica que provocou o fim das exportações de trigo. Ocorreu uma redução acentuada de exportação de nitrato e um aumento exponencial deste intercâmbio através do cobre – produto de extração controlada pelo capital estrangeiro, britânico no século XIX e estadunidense no século XX.

Ao analisar este processo aparentemente contraditório, o economista André Gunder Frank identificou as inversões de capital industrial partindo de “corporações metropolitanas”. Estes conglomerados viriam a ser chamadas empresas multinacionais e com as importações de produtos primários, o Chile possuía a produtividade suficiente (como o trigo, as carnes e os laticínios)⁸⁸.

A situação de crise após a Segunda Guerra foi outro fator de acirramento do subdesenvolvimento e da dependência da economia chilena nos quadros das economias da América Latina, uma tendência geral observada desde a década de 1940 tendo o seu auge entre as décadas de 1960 e 1970⁸⁹. Este processo não pode, no entanto, ser observado de maneira teleológica ao passo que a produção industrial ainda se desenvolveu entre o fim da década de 1930 e a década de 1960 no Chile.

Dois outros elementos que não podem ser descartados de uma análise histórica concreta são as *estruturas e dinâmicas econômicas internas* dos países⁹⁰ (integrante do

⁸⁸ GUNDER FRANK, André. *Capitalismo y subdesarrollo en América Latina*. Buenos Aires: Editorial Signos, 1970. Pp.74-78.

⁸⁹ ‘Acumulação de contradições e crise generalizada do sistema’. In: CUEVA, Agustín. *O desenvolvimento do capitalismo na América Latina*. Pp.183-193.

⁹⁰ In: CARDOSO, Ciro Flamarion. & BRIGNOLI, Hector Pérez. *História Econômica da América Latina*. Pp.225-228. E Pp.286-306. Seguimos André Gunder Frank e a sua construção teórico-metodológica até certo ponto, através de seus dados precisos e da análise sobre a dependência da economia chilena em relação aos centros do capitalismo hegemônico. Apreendemos estes quesitos de sua perspectiva, mas não compartilhamos de suas consequências. Primeiramente, em relação às possibilidades de uma autonomia relativa do desenvolvimento econômico dos países latino-americanos, e especialmente do Chile, onde mesmo com a dependência tecnológica do processo de industrialização da América Latina (atualmente muito mais acirrado), rupturas eram e ainda são possíveis. ‘Cap.3: F) Conclusão: Um processo de acumulação primitiva de capital?’ e ‘Cap.4: B) Descrição Estrutural do Desenvolvimento’

conceito de marxiano de *formação econômico-social* como o mercado interno e graus de diversificação industrial) e a *composição das classes sociais e suas lutas*⁹¹ em cada país (o seu desenvolvimento destacado através das lutas de classes, dos movimentos de trabalhadores e os órgãos de representação – sindicatos e partidos).

⁹¹ A crítica ao caráter secundário (ou talvez até ausente) dos conflitos sociais e das contradições expressadas através da luta de classes na interpretação de Gunder Frank na obra anteriormente citada e em '*Chile: el desarrollo del subdesarrollo*' foi apontada precisamente por Cardoso e Brignoli. De forma conceitualmente mais ampla e mais específica sobre o Chile, estes apontamentos críticos foram feitos pelo sociólogo e economista equatoriano Agustín Cueva. Cueva no ensaio *Problemas y perspectivas de la teoría de la dependencia*, de 1974 apontou imprecisões conceituais sobre a questão da substituição de importações frente aos processos políticos e das possibilidades de ruptura com a ordem capitalista através da luta de classes. A ironia do autor equatoriano sobre Gunder Frank é precisa dentro do debate marxista – “para superar o “marxismo tradicional” não vacila em deslocar da luta de classes para a substituição de importações como motor da história” – uma ponderação necessária feita no âmbito do método de Marx sobre eventuais imprecisões e confusões entre uma investigação econômica precisa e as consequências políticas desta, entre a economia política e a crítica da economia política. CUEVA, Agustín. *Perspectivas y problemas de la teoría de la dependencia* (1974) In: CUEVA, Agustín. *Entre la ira y la esperanza: y otros ensayos de crítica latinoamericana*. México D.F.: Siglo XXI. Buenos Aires: CLACSO, 2015. Pp.99-104.

1.2.2. Entre os ‘*poetas celestes*’ e os intelectuais revolucionários: os círculos de pensadores e a composição do *corpus* literário de Pablo Neruda

A composição do *corpus* literário de Pablo Neruda possui diversas dimensões, dentre elas as referências tanto a revolucionários e pensadores radicais desde a América independente, o *pensamento político da emancipação* entre o século XIX e o século XX em suas múltiplas expressões desde Bernardo O’Higgins, José de San Martín, Francisco de Miranda, Simón Bolívar, Andrés Bello, José Martí e outros, mas Martí merece um destaque em especial por sua importância teórica, revolucionária e poética. Partimos desta hipótese na sua relação com a obra de personagens importantes do pensamento latino-americano e caribenho em José Martí (1853-1895) o revolucionário e intelectual cubano da luta pela independência da ilha e a quem Neruda dedicou um poema aqui analisado, seu pensamento anti-imperialista é uma inspiração à ideia de liberdade para o continente americano representada pelo poeta chileno⁹².

Martí em *Nuestra América* traça uma linha de continuidade em relação à emancipação dos países americanos (em sua maioria com as suas independências políticas formais já consolidadas) tanto no sentido da luta nacional e de independência formal como pela emancipação da América em relação a dominação dos Estados Unidos e da Europa, liberdade então não é um ideal distante, mas significa emancipar-se concretamente e pensar os problemas americanos a partir de nós mesmos. A virada para o século XX nas ideias americanas frente aos desafios emancipacionistas e anticoloniais está contemplada na obra martiana⁹³.

O pensamento latino-americano no século XX em suas múltiplas manifestações e disciplinas – no campo da Literatura, da Filosofia, das Ciências Sociais e Ciências Sociais Aplicadas, História e outras – tanto à esquerda quanto à direita esteve condicionado a duas tendências principais: entre a *identidade* e a *modernização* os grupos de pensadores

⁹² Destacamos aqui o seu curto manifesto de “união dos povos oprimidos da América” (palavras do próprio Martí) contra os opressores e o que denominou como máscaras da América do Norte e de países da Europa (principalmente os Estados Unidos). MARTÍ, José. *Nuestra América*. Guadalajara: Universidad de Guadalajara: Centro de Estudios Martianos, 2002. pp.19-20.

⁹³ “[...] pretexto de que la civilización, que es el nombre vulgar con que corre el estado actual del hombre europeo, tiene derecho natural de apoderarse de la tierra ajena perteneciente a la barbarie [...]” MARTÍ apud FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. *El pensamiento anticolonial de Nuestra América*. P.167.

alternam-se em movimentos intelectuais de reforço de um americanismo e o pensamento de transformações modernizantes (vindas de forças internas ou não)⁹⁴.

Desde o início da trajetória de Pablo Neruda, o autor circulou em diversos meios intelectuais, desde as publicações em *La Mañana* em 1918 (também *Corre-vuela* e *Selva Austral* nos anos 1910), o *Liceo de Temuco* e a revista de teor anarquista e anarcossindicalista *Claridad- Periódico semanal de sociología, arte e actualidades* na década de 1920 (de 1920 a 1926, foi a principal revista dirigida pelo poeta na segunda década de sua carreira) que também era a publicação oficial da *Federación de Estudiantes de la Universidad de Chile*, a *FECh*⁹⁵.

Antes dos intelectuais integrantes de sua primeira rede conhecidos do *Liceo de Temuco* e do *Instituto Pedagógico da Universidad de Chile*, a primeira grande referência de Neruda foi na transição dos estudos básicos para os estudos superiores onde conheceu em seu último ano de *Liceo* a diplomata e poetisa Gabriela Mistral (1889 – 1957). A poetisa de Vicuña e o poeta de Temuco se encontraram pela primeira vez em 1920, ainda no *Liceo*, desde então Neruda e Gabriela Mistral passaram a ser amigos e trocaram correspondências até a morte de Mistral nos Estados Unidos, em 1957.

Os anos 1920 tiveram uma importância fundamental para construir as redes do poeta devido aos companheiros de revista como Romeo Murga (1904 – 1923), Joaquín Cifuentes Sepúlveda (1899 – 1929), Armando Ulloa (1899 – 1928), Raúl Silva Castro (1903 – 1974) e outros, tanto pela questão do seu desenvolvimento quanto pelo seu engajamento. Infelizmente, uma parte significativa destes autores morreu prematuramente, sem acompanhar Neruda posteriormente⁹⁶. Esta seria, grosso modo, a primeira geração literária com quem o poeta de Temuco tivera contato, tanto amigos como também companheiros de militância ou ao menos próximos em projetos políticos e também críticos de sua obra desde a juventude até a sua maturidade, sendo o caso mais célebre de Crítica Literária Raúl Silva. Silva Castro escreveu sobre a obra de seu

⁹⁴ O historiador chileno Eduardo Déves-Valdés ao estudar o pensamento americano na perspectiva latino-americana reconstrói os grupos de intelectuais em suas implicações epistemológicas, culturais e políticas. DÉVES-VALDÉS, Eduardo. *El pensamiento latinoamericano en el siglo XX*. Tomo I: De Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950). Buenos Aires: Biblos, 2000. Pp.15-17.

⁹⁵ <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-97513.html> AGUIRRE, Margarita. *Las vidas de Pablo Neruda*. pp.217-218.

⁹⁶ Foram os casos de Romeo Murga, Echavarría y Larrazábal, Cifuentes Sepúlveda, Armando Ulloa e Alberto Rojas Jiménez, todos estes apareceram em suas memórias e justamente com este tom de lamento expressado no próprio texto. Morreram devido a tuberculose

companheiro em pelo menos dois trabalhos, *Pablo Neruda*, de 1964 e *La literatura crítica de Chile*, de 1969.

A sociabilidade de Pablo Neruda, assim como o seu *corpus* estão perpassados constantemente pela questão da amizade, ou pelo amor fraterno⁹⁷, para Abdias do Nascimento “ O amor é mais do que mera simpatia, decorrência da subjetividade, ele é a solidariedade num compromisso ativo”. Entre a biografia e o seu contexto, o poeta chileno inflama a narrativa de si com um *Fogo de Amizade* (caderno 3 de *Para Nascer Nasci*⁹⁸) onde estão contribuições para a sua *poiésis*, o ato de forjar os seus versos, a sua poética frente à prosa do mundo. O critério de seleção dos textos e personalidades constitutivos da composição político-literária de Neruda em relação a este caderno de memórias está nas datas dos textos (entre 1931 e 1949) respeitando assim a temporalidade de sua memória pessoal e a representação literária de si inscritas na produção do *Canto General*.

Neruda iniciou então pela figura do escritor chileno Ángel Cruchaga Santa María (1893 – 1964) direcionando-se mais a sua poética, no entanto as suas trocas ocorreram desde 1919, até uma edição de coletâneas de poemas de Cruchaga em 1947 por Neruda. A “ mitologia geográfica” frequentemente evocada em suas crônicas e versos angélicos (o *ángelus*, mensageiro) foi uma referência para o *Canto* e a obra nerudiana geral⁹⁹.

Dos anos 1930 em diante, por conta de suas viagens e as transformações dos aportes de sua produção, Neruda passou a colaborar menos com revistas e a publicar mais obras completas, além de apresentar textos com discursos e conferências em diferentes espaços (desde festivais de literatura, passando por universidades e eventos sociais de intelectuais). O contato com intelectuais de diversas vertentes políticas (à esquerda e à direita) enriqueceu muito o alcance do poeta, tanto que em 1933 na casa do escritor

⁹⁷ “ Entendo por isto o sentimento de **responsabilidade**, de **cuidado**, de **respeito** por qualquer outro ser humano, o seu conhecimento, o desejo de aprimorar lhe a vida[...] O amor fraterno é **amor entre iguais**; mas, na verdade, mesmo como iguais não somos sempre "iguais"; e por sermos humanos, temos todos necessidade de ajuda. Hoje eu, amanhã tu. Essa necessidade de ajuda, todavia, não significa que um seja desamparado e o outro poderoso. O desamparo é uma condição transitória; a permanente e comum é a capacidade de erguer-se e caminhar pelos próprios pés. Contudo, o **amor ao desamparado**, o **amor ao pobre** e **ao estranho é o começo do amor fraterno.**’ FROMM, Erich. *A arte de amar*. Pp.72-74. Grifos nossos.

⁹⁸ “ Fogo de Amizade – Caderno 3” In: NERUDA, Pablo. *Para Nascer Nasci*. Pp.55-116.

⁹⁹ O primeiro texto do caderno 3 ‘Introdução à poética de Ángel Cruchaga’ foi produzido ainda na década de 1930, em Batávia, Java e em fevereiro de 1931. Idem. Ibid. Pp.55-56. Ángel Cruchaga, *Memoria Chilena*: <http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-3293.html#presentacion> Último acesso: 14/06/2019.

argentino Pablo Rojas Paz conheceu Federico García Lorca (1898 – 1936), outro poeta, um anarquista espanhol. García Lorca além de ter sido o ‘defensor sonoro do coração da Espanha’, ‘trovador mourisco’, também representou uma virada ao popular desde Granada até as Astúrias, da Andaluzia até Castela, não esteve à sombra de Mario Góngora, o “antiesteta” pensou a revolução e a liberdade¹⁰⁰.

Ao se aproximar de Federico García, Neruda também teve abertura a conhecer Vicente Aleixandre (1898 – 1984), Manuel e Arturo Serrano Plaja (1909 – 1979), Miguel Hernández, Emilio Prados (1899 – 1962), Antonio Aparicio Herrero (1916 – 2000), alguns destes os principais intelectuais chamados de *geração* (espanhola) *de 27*¹⁰¹ e outros da *geração de 36*¹⁰². A Guerra Civil Espanhola (1936 – 1939) foi um grande marco para a literatura e para as esquerdas de vários países da América Latina e alguns outros países europeus, inaugurando outros caminhos para uma solidariedade revolucionária (as chamadas brigadas internacionais) um horizonte revolucionário comum entre marxistas e libertários, socialistas e anarquistas, vermelhos e negros.

Entre ‘*Amizades e Inimizades Literárias*’, Pablo Neruda construiu-se como uma personalidade entre dois continentes, às inimizades provavelmente o autor referiu-se às polêmicas com Vicente Huidobro (1893 – 1948) e Pablo De Rokha (1894 – 1968), com Huidobro durou um pouco mais de um ano, entre 1935 e 1937 solucionaram-se nos quadros do *II Congresso Internacional de Escritores para a Defesa da Cultura*, desde então Huidobro entrou no PCCh antes mesmo de Neruda¹⁰³. Já a polêmica com Pablo de Rokha durou até os últimos anos da vida de Rokha, havendo atritos inclusive entre este e Vicente Huidobro, nos quais foi denunciado o vanguardismo de Huidobro (no sentido de

¹⁰⁰ NERUDA, Pablo. *Para Nascer Nasci*. Pp.57-61. O texto Federico García Lorca foi uma conferência proferida em Paris no ano de 1937, um ano após o fuzilamento de Lorca e ainda durante a Guerra Civil Espanhola.

¹⁰¹ Este texto foi publicado no ano de 1940 pela revista chilena *Qué hubo*. ‘Amizades e Inimizades’. In: Idem. Ibidem. Pp.62-65.

¹⁰² Idem. Ibid. 59-60.

¹⁰³ AGUIRRE, Margarita. *Las vidas de Pablo Neruda*. Pp. 204-206. O congresso contou com 110 delegados de 28 países.

se colocar como uma liderança porque o movimento criado por este foi o *criacionismo*¹⁰⁴) assim como acusações de plágio a Pablo Neruda por Rokha¹⁰⁵.

Quanto às amizades, Pablo Neruda já expôs no texto anterior sobre García Lorca, mas aprofundou os vínculos com Miguel Hernández (1910 – 1942) e Rafael Alberti (1902 – 1999), ambos os poetas também foram intelectuais formados entre os anos 20’ e 30’, as gerações (espanholas) de *1927 e 1936*. Miguel Hernández foi um republicano “jovem poeta camponês”, próximo a Neruda até o ano de sua morte, 1942, hospedou-se na casa deste algumas vezes em Madri, já em 1940 (ano do texto *Amizades e inimizades...*) desapareceu, ele que era a voz de seu povo¹⁰⁶. Já Rafael Alberti – também comunista – foi para o poeta chileno não apenas um amigo, mas também editor e propagandista de sua obra, o “revolucionário irrepreensível” apresentou os versos nerudianos a tantos outros amigos, todos os intelectuais quanto possível¹⁰⁷. Alberti e María Teresa León (1903 – 1988) foram tanto importantes na Espanha como no Chile para Neruda, sendo que em 1946 vêm à América em visita a seu amigo do Novo Mundo.

Além dos vínculos destes eventos, foi importante para Pablo Neruda a sua integração à *Aliança de Intelectuais Antifascistas* (que fora criada em 1936 em função da Guerra Civil Espanhola mas também ligada ao I Congresso Internacional de Escritores para a Defesa da Cultura, de 1935 em Paris). Assim, formou-se outro eixo de militância e frente de combate comum da esquerda revolucionária, o antifascismo resultado dos intercâmbios entre as esquerdas da América e da Europa Ocidental, principalmente da Espanha e da França. Além destes artistas e escritores que foram partes constitutivas das

¹⁰⁴ MUÑOZ GONZÁLEZ, Luiz. *Diccionario de movimientos y grupos literarios chilenos*. Concepción: Ediciones Universidad de Concepción, 1993. Pp. 178-186. Vicente Huidobro foi não um vanguardista em sua acepção mais próxima da denominação lusófona de *modernismo* contrária a um regionalismo e expressão de literaturas nacionais do século XX, mas antes o precursor do *criacionismo*, movimento dividido em nove momentos da trajetória literária de Huidobro, dos quais nos interessam do terceiro (quando o poeta vai à França e toma contato com as vanguardas europeias entre o fim da década de 1910 e a década de 1920) até o nono momento (entre as décadas de 1930 e ’40, quando participou dos Congressos em defesa da cultura até a sua morte em 1948). O ciclo do “mundo objetivo que oferece vários elementos aos artistas para o mundo subjetivo que os transforma e os devolve ao mundo objetivo sob a forma de novos fatos” foi uma influência muito importante, tanto estética como epistemológica ao romper com ‘a língua como sistema, ao buscar acrescentar os poderes da palavra’ e “forjar uma palavra incontaminada a contrapelo da língua”.

¹⁰⁵ TEITELBOIM, Volodia. *Neruda*. Pp.204-207.

¹⁰⁶ NERUDA, Pablo. *Para Nascer Nasci*. Pp.63-64.

¹⁰⁷ O projeto de Pablo Neruda tratava-se de trazer o maior número possível de intelectuais (principalmente revolucionários) de outros países da América e outros países onde o pensamento de esquerda e revolucionário se desenvolveu em maior ou menor medida. “Convosco, quantos! todos, aclarastes tanto o meu pensamento, destes-me tão singular e tão transparente amizade. A muitos de vós ajudei em problemas recônditos, antes, durante e depois da guerra. Vós me ajudastes mais.” Idem. *Ibid*. Pp.65.

redes de sociabilidade de Neruda como intelectual, dois outros nomes foram célebres para a sua trajetória: o escritor peruano César Vallejo (1892 – 1938) e o poeta colombiano Eduardo Carranza (1913 – 1985).

César Vallejo teve a sua relação mais direta com Pablo Neruda após ter-se estabelecido como bacharel em Letras e escritor em Paris em 1923, tendo sido o seu primeiro encontro no bairro de Montparnasse, no ano de 1927. Nesta ocasião, o poeta chileno estava a caminho do serviço consular na antiga Birmânia. Vallejo já estava na maturidade de sua carreira literária e também política na sua transição do *vanguardismo* para a poesia revolucionária, sempre engajada e voltada à realidade americana desde ao menos *Los Heraldos Negros*, de 1918¹⁰⁸. A poesia do escritor peruano deste primeiro encontro ainda estava nos marcos da obra *Trilce* – considerada um grande marco da poesia de vanguarda – teve como maior preocupação trazer uma nova linguagem à superação dos padrões estéticos europeus (e *européistas*)¹⁰⁹, passando assim do indigenismo aos primórdios *socialismo indo-americano* ou indo-socialismo.

A influência socialista indo-americana de César Vallejo por José Carlos Mariátegui¹¹⁰ tem como o seu primeiro momento, portanto, o primeiro encontro entre os poetas da pampa salitreira e do altiplano. O segundo encontro entre os poetas andinos ocorrido também em Paris, nos quadros do *I Congresso de Escritores para a Defesa da Cultura* três anos antes da morte de Vallejo consolidou a referência vallejana em sua maturidade política e revolucionária¹¹¹.

¹⁰⁸ As aproximações de César Vallejo do marxismo aconteceram em um primeiro momento na esfera do revolucionário, jornalista e escritor também peruano José Carlos Mariátegui (1894 – 1930). Este primeiro momento foi marcado tanto pela amizade entre Mariátegui e Vallejo como pela fundação do Partido Socialista Peruano pelo primeiro, e uma célula deste em Paris. VALLEJO, César. *Obra poética completa*. Lima: Francisco Moncloa Editores, 1968. Pp.489-491.

¹⁰⁹ O indigenismo, a nostalgia e a originalidade do Vallejo de *Trilce* em sua análise clássica e mais célebre está contida no livro *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*, de José Carlos Mariátegui do ano de 1927. Na parte XIV do ensaio ‘El proceso de la literatura’, Mariátegui resalta também uma poética sempre voltada aos problemas da América e na construção da sua linguagem comum. ‘XIV. César Vallejo’ In: MARIÁTEGUI, José Carlos. *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 3ªed. 2007. Pp.159-166.

¹¹⁰ Cf. NERUDA, Pablo. *Para nascer nasci*. Pp.149-151. E TEITELBOIM, Volodia. *Neruda*. p.475. Pablo Neruda em algumas passagens expressou direta e indiretamente as influências de José Mariátegui no seu trato da questão indígena, teve oportunidades de contato com a obra de Mariátegui nos encontros com César Vallejo e em viagens que fez ao Peru como em 1943.

¹¹¹ ‘[...]Porque eras o espectro americano – indo-americano como vós outros preferis dizer –, um espectro de nossa martirizada América, um espectro maduro na liberdade e na paixão. Tinhas algo de mina, de socavão lunar, algo terrenalmente profundo. [...]’. O trecho citado foi retirado do texto ‘Morreu César Vallejo’ publicado na revista *Aurora* em 1938 em função da morte de Vallejo. NERUDA, Pablo. *Para Nascer Nasci*. P.66.

Uma década depois, após Montparnasse reencontraram-se Neruda e Vallejo no ano de 1936 e entre este ano e 1937 organizaram-se entre a França e a Espanha, até que finalmente voltaram a Madri após o início da Guerra Civil Espanhola, o *II Congresso de Escritores para a Defesa da Cultura*, de grandezas semelhantes ao *I Congresso* com o foco neste caso no protesto cultural contra o nazifascismo e contra a Guerra Civil¹¹².

Eduardo Carranza (1913 – 1985) foi, ao contrário de César Vallejo, influenciado pela poesia de Pablo Neruda mas tivera sua importância fundamental por integrar junto ao poeta um movimento internacional de crítica à estética dominante, não necessariamente revolucionário mas como um escritor e agente social de transformação através das letras, de difusão da cultura em um espaço de lutas comuns. Carranza publicou com outros escritores e poetas da Colômbia os cadernos de *Piedra y Cielo* de 1939 a 1942, não sem problemas e críticas, mas proporcionou uma outra perspectiva de literatura para o país¹¹³.

Depois deste empreendimento literário, o poeta colombiano ficou no Chile como agregado cultural de seu país por dois anos, de 1945 a 1947, onde recebeu a homenagem de Neruda. Afora as suas discordâncias políticas, ambos se reconhecem em seu valor artístico-literário e político¹¹⁴. Eduardo Carranza, então, como esta ‘frente poética da Colômbia’ proporcionou a Neruda amizades com Arturo Camacho Ramírez (1910 – 1982), Carlos Martín (1914 – 2008), Ciro Mendía (1892 – 1979) e com Jorge Rojas (1911 – 1995).

¹¹² ‘Caderno 5: Espanha no coração’. In: NERUDA, Pablo. *Confesso que vivi*. Pp.127-129.

¹¹³ Os outros escritores integrantes de *Piedra y Cielo* eram Arturo Camacho Ramírez (1910 – 1982), Jorge Rojas (1911 – 1995). Muitas foram as críticas dos contemporâneos de *Piedra y Cielo*, mas a importância deste movimento é o pensamento coletivo sobre as letras de nosso continente, para além de um individualismo fechado em si mesmo. Inclusive um mérito, ou ao menos outro elemento marcante da importância do movimento para a posteridade foi a sua apreensão pelo romancista e jornalista Gabriel García Márquez. Segundo as palavras do próprio Gabo, este não teria se tornado escritor se não fosse pelas leituras poéticas feitas de Carranza e seus companheiros. Reconhecemos os limites desta interpretação, no entanto é interessante em termos de compreensão concreta dos projetos coletivos, desde projetos literários até organizações políticas comuns.

¹¹⁴ ‘A Eduardo Carranza’ In: NERUDA, Pablo. *Para Nascer Nasci*. Pp.67-69.

CAPÍTULO 2: AMÉRICA – DE LA LIBERACIÓN A LA ARENA TRAICIONADA

A história poética da América – desde a América colonial ao ano de 1948 – empreendida por Pablo Neruda em seus 120 poemas entre *Los libertadores* e *La arena traicionada* foi construída sobre a base de diversas imagens e personagens, desde a natureza até a cultura e os grupos humanos deste continente perpassados constantemente pela ação e o seu papel ativo de sujeitos. Estes poemas são letras de revolta e de um desterro.

As palavras perseguidas de Neruda foram produzidas entre o ano de 1948 e 1949, entre os meses de junho e novembro, primeiramente escrito IV. *Los libertadores* (de junho a julho) e depois V. *La arena traicionada* em três momentos 1) Em agosto e 2) Entre setembro e novembro¹¹⁵. O terceiro momento refere-se à escrita do epílogo do capítulo V, a parte V – *González Videla el traidor de Chile (Epílogo)* 1949.

De uma forma geral, os poemas trazem tanto os elementos naturais quanto aspectos subjetivos antes implícitos ou exaltados de forma a impressionar nos poemas, principalmente da dominação política de classe mas também a dominação cultural e étnica, entre as mais ou menos sutis formas de dominação. Nesse sentido é importante ressaltar o internacionalismo comunista presente na obra nerudiana, tanto oriundo de sua militância política quanto das leituras marxianas e marxistas desde a sua juventude, inclusive anteriormente a sua filiação no PCCh, o que colocou a perspectiva de classe como a questão central em sua obra, mas em todo o *Canto* a questão de classe não é a única nem oculta outras questões importantes.

Uma questão a não ser negligenciada diz respeito à diversidade¹¹⁶ da escrita de Neruda, obra que caracteriza-se em parte pelo *realismo socialista* – que possui como características a centralidade da questão de classe – movimentos populares e lutas dos trabalhadores – consequentemente a intrínseca conjunção entre *ética* (valores revolucionários e populares), *estética* (a sensibilidade popular americana) e *política* (a

¹¹⁵ NERUDA, Pablo. *Canto General: Manuscritos Originales – Edición Facsimilar*. Santiago: Fundación Pablo Neruda. 1ª ed. 2013. Pp.13-14.

¹¹⁶ Nesse sentido o trabalho de Vera Gonzaga é interessante para pensarmos na riqueza da obra de Pablo Neruda. GONZAGA, Vera M. M. *A poesia plural de Pablo Neruda*. Tese. (Doutorado em Estudos Literários– Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras), 2009.

intervenção transformadora da sociedade). Também é importante o tom combativo e de denúncia à exploração capitalista dos países estrangeiros (principalmente os Estados Unidos) e à dominação burguesa do Estado – mas não se encerra apenas no realismo, sendo que o próprio *Canto General* apresenta uma diversificação interna, a obra tanto se caracteriza por ser como um todo poesia épica, quanto a forma de poesia lírica¹¹⁷, e especificamente nos capítulos que analisaremos integralmente a seguir.

A questão dos elementos naturais, que de uma forma geral são bastante recorrentes nos poemas se deve ao esforço de compreensão da história do continente americano na sua totalidade¹¹⁸, ressaltando o caráter criador da natureza, politizando inclusive essa questão ao colocar a natureza como arma de emancipação dos sujeitos em relação à exploração a qual foram submetidos, sendo assim a natureza não apenas a natureza, mas também a prosopopeia da América.

A seguir estarão as análises do conteúdo e da forma dos poemas que em nossa perspectiva ambos os aspectos são importantes de maneira complementar¹¹⁹ e compõem uma totalidade articulada. Outra questão importante à análise e concerne ao seu conteúdo é a questão da historicidade dos poemas, como os versos estão colocados no seu tempo (tanto se tratando de uma análise histórica do passado para o presente no caso do *Canto* como uma representação do presente e orientada pelo presente¹²⁰).

¹¹⁷ SUASSUNA, Ariano. *Iniciação à estética*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008. p.336-338. Ariano Suassuna coloca que além da poesia lírica e da poesia épica, também existe a poesia filosófica, que seria mais abrangente que ambas, e que de certa forma seria uma síntese equilibrada entre ambas porque reflete sobre o tempo, ao mesmo tempo que sobre a subjetividade do autor, e por último sobre o mundo. Ao mesmo tempo, o autor adverte que uma obra pode superar essas categorias teóricas, o que acreditamos acontecer no *Canto* porque as categorias se entrecruzam e se mesclam, não apenas assumindo uma ou outra categoria especificamente.

¹¹⁸BERTUSSI, Lisana T. *A poesia de Pablo Neruda: vanguarda, modernismo e regionalidade*. Antares nº3 – Jan/jul. 2010. p.119-120. A árvore como uma substituição a América ou como um símile é importante para compreendermos que o significado da palavra árvore remete à solidez da América, a sua firmeza, o seu potencial, a sua fecundidade.

¹¹⁹ MERQUIOR, José G. *Astúcia da Mimese*. p.17. No entanto, mesmo sendo uma imitação, a poesia traz reflexões sobre diferentes questões da realidade. É importante também ressaltarmos que a semelhança não necessariamente é negativa, pois é a partir da semelhança que é possível a construção de identidades e a produção de cultura, a produção de sentido de uma forma mais ampla. Essa construção identitária leva em conta as diferenças justamente por considerar a semelhança não como natural, mas como construída na relação entre diferentes agentes. ‘Doutrina das Semelhanças’ In: BENJAMIN, W. *Obras escolhidas I*. p.117-122.

¹²⁰ BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. 14. ‘[...]A história é o objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas o preenchido de “tempo de agora” (Jetztzeit)[...]’ In: *Ibidem*. p.249

A geografia também é um elemento evocado pelo autor em muitos poemas, o elemento de distinção a partir das experiências do espaço é importante porque como o espaço é chamado, vivido, interpretado, produzido e praticado, essa dinâmica também produz identidades¹²¹. As referências ao longo dos dois capítulos analisados são múltiplas, desde escrituras sacras como a *Bíblia Sagrada*¹²² e o *Popol Vuh* (livro sagrado dos maias da América Central¹²³, obra que Neruda conheceu a partir do contato e da amizade com o escritor guatemalteco Miguel Ángel Asturias¹²⁴), passando outras influências artístico-literárias, quiçá a principal, o autor se inspirou no poeta estadunidense Walt Whitman, considerado o criador do verso livre¹²⁵.

Mas para além de inspirações nerudianas mais gerais, dois escritos a serem considerados como centrais para a construção de uma narrativa poética da América em sua forma¹²⁶, como uma totalidade de Sul a Norte, como uma grande pátria em suas regiões, uma unidade da diversidade foram “*Alocución a la poesia, fragmento de un poema titulado América*”, de 1823 e “*La agricultura de la zona tórrida*”, de 1826, do intelectual venezuelano-chileno Andrés Bello (1781-1865)¹²⁷. Nos versos de Bello, é possível perceber um vasto conhecimento das culturas do continente, e mais precisamente da América do Sul e seus mitos (um novo mundo, a *jovem América* casada com o *antigo Oceano*, Nemqueteba, o *filho do Sol* muísca)¹²⁸, o seu espaço geográfico complexo (de Santo Domingo a Gardot, do México aos Andes). Emir Rodríguez Monegal também considerou a relação entre Bello e a poética nerudiana¹²⁹, levando-se em conta a propriedade dos seus estudos da obra do intelectual venezuelano-chileno da emancipação.

Ao contrário do que apontam alguns críticos como Rodríguez Monegal em seu *El viajero inmóvil*, o *Canto* de Pablo Neruda compreende as dinâmicas dos processos como

¹²¹ “Nosso enfoque é fundamentalmente baseado no fato de ser o espaço humano reconhecido, tal qual é, em qualquer que seja o período histórico, como resultado da produção. O ato de produzir é igualmente o ato de produzir espaço”. SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova*. São Paulo: Edusp, 2004. p.202

¹²² A edição aqui utilizada dentre várias publicações da Bíblia Sagrada é: BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

¹²³ DE LA GARZA, Mercedes (org.). *Literatura Maya*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1980.

¹²⁴ A visão que Pablo Neruda adquiriu do Popol Vuh vem de Miguel Ángel Asturias, este além de embaixador da Guatemala e escritor, também foi um estudioso da mitologia maia e das culturas indígenas. ASTURIAS, Miguel Ángel. *Leyendas de Guatemala*. Buenos Aires: Losada, 1979.

¹²⁵ RODRÍGUEZ, Francisco Torres (orgs.). “...el hombre, ¿dónde estuvo?” – Cincuenta años de Canto General. Revista Cuadernos, Santiago (Chile), FUNDACIÓN PABLO NERUDA, número 41, 2000. Disponível em: <<http://www.neruda.uchile.cl>> Acesso: 06/06/2019.

¹²⁶ NERUDA, Pablo. *Canto General: Manuscritos Originales – Edición Facsimilar*. P.12.

¹²⁷ BELLO, Andrés. *Poesías I*. Caracas: Fundación La Casa de Bello, 1981.

¹²⁸ Idem. Ibid. Pp.43-64.

¹²⁹ Cf. RODRÍGUEZ MONEGAL, Emir. *El viajero inmóvil: Introducción a Pablo Neruda*. Pp.237-238.

uma totalidade, considerando também o imperialismo europeu¹³⁰, os movimentos populares e coletivos, não sem evocar lideranças, mas procurando explicitar uma outra América. Não trata-se também de um heroísmo anônimo ou cotidiano, mas de uma terra antes habitada e sobre a qual havia e há uma organização própria. Não há um sentimento anti-espanhol, a crítica de Neruda foi dirigida à colonização e a sua violência, a desagregação gerada pelos europeus, e não aos espanhóis.

Uma questão amplamente negligenciada ou ao menos muito pouco discutida pelos diversos analistas e críticos da obra de Pablo Neruda (dentre eles o próprio Rodriguez Monegal, o jornalista e crítico literário Roberto Salama (1922 -?)) e mais precisamente do *Canto General* é a problemática da memória em suas diferentes dimensões, principalmente histórica e política. Ao reconstruir a história do continente americano nos seus poemas, Neruda também trabalha a memória em um sentido poético (estético através da sensibilidade e da *poiésis* ao forjar uma memória) trazendo à tona uma série de contextos, lutas e personagens, trazendo-os de maneira imaginada e ao mesmo tempo metódica ao campo da memória social¹³¹.

Então o que consideramos histórico memorialmente ou a memória histórica:

“[...]<<Memória histórica>> existe: é a memória de um passado que parece encerrado em definitivo e que já entrou para a história. Em outras palavras, ela resulta do choque entre memória e história que molda nossa existência, uma bifurcação entre diferentes temporalidades, o espelho de um passado que, enquanto continua a viver em nossa mente, já está arquivado. A história escrita do século XX se equilibra entre as duas temporalidades. Por um lado, seus atores lograram – na condição de testemunhas – um status de fonte para os historiadores – um status de fonte para os historiadores¹³²; [...]

¹³⁰ Nos poemas ‘Balmaceda de Chile (1891)’ e ‘Hacia Recabarren’ as alusões aos ingleses e sua parcela na dominação imperialista da América são visíveis. As denúncias de simplismos, parcialidades e de uma lógica estrita de Guerra Fria não se verificam. Ainda mais ao analisarmos o processo de sua escrita em diferentes períodos e engendradas em diversos acontecimentos desde 1939 até 1950, data de publicação do *Canto* no México.

¹³¹ O trabalho com a memória, entre uma ‘memória natural e memória artificial’ em um esforço de memória poética para nós é uma forma pela qual se engendra a memória histórica no *Canto* de Pablo Neruda e assim chega-se a uma resolução entre os usos e os abusos da memória. RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Pp.79-80.

¹³² TRAVERSO, Enzo. *Melancolia de esquerda: Marxismo, história e memória*. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018. P.46.

De tal maneira, a contribuição de Pablo Neruda também é intervir político-poeticamente na construção de uma série de representações sobre o passado da América, diferentes passados transformados tanto em história quanto em memória são politicamente articulados nas disputas do presente, sem dúvida trata-se de um possível uso político do passado (um debate central na historiografia ao menos na última década até o presente momento) mas também ao narrar, rememorar (não sem interesse e compromisso político) e trazer outras imagens.

A construção narrativa e da memória pelo marxismo no Ocidente moderno e capitalista foi ao longo do século XX voltada ao futuro de maneira geral, ao seu fim que seria o comunismo, no entanto passamos a uma ruptura decisiva na América Latina ao mantermos relações diversas do contexto ocidental geral e principalmente europeu. Por um lado através da reconciliação com uma parte de nosso passado (um passado marcado pelo conflito entre a transformação e as formas coletivas populares de organização contra os projetos globalizantes de colonização externa)¹³³. Não seriam “as tradições de todas as gerações passadas (...) como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos¹³⁴” nos contextos americanos, mas seriam estas uma parte integrante de um projeto transformador e revolucionário da sociedade.

O *Canto* para nossa América é em muitos sentidos uma crítica política que situa poético-politicamente as dinâmicas do continente, uma crítica estético-literária frente a produção dominante e pela construção de uma nova arte da palavra, mas não apenas pode ser colocada de tal maneira. Assim como outros esforços de *práxis* artística possuiu o propósito de inaugurar não apenas uma estética da emancipação e da revolução, mas também uma estesia revolucionária e contra a hegemonia vigente.

Ao contrastarmos estética e estesia situamos a profundidade desta e muitas obras poéticas de ruptura, ao ressaltarmos a segunda como um aspecto denso e operacional da sensibilidade, sendo o diálogo com a sonoridade e a visão, a relação dialógica com os

¹³³ Nesse sentido, apontamos uma crítica pontual aos trabalhos de Enzo Traverso e Michael Löwy, os quais adotamos como referências por compreenderem esta direção unívoca ao futuro tal qual o marxismo europeu os movimentos de emancipação da América Latina. A base desta construção da política e da memória para Löwy possui como exemplo privilegiado o objeto da religião, o que provavelmente não observa-se em outros aportes como a literatura. A crítica se coloca a partir do aspecto da sensibilidade e da autonomia relativa da narrativa poética frente a projetos políticos mais fechados. ‘2. Marxismo e memória. 2.2. Memória do futuro’ In: TRAVERSO, Enzo. *Melancolia de esquerda: marxismo, história e memória*. Pp.158-162.

¹³⁴ MARX, Karl. *O 18 Brumário de Luis Bonaparte*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011. P.25.

sentidos. A educação dos “sentidos” e dos órgãos que os coordenam, dos quais partem, o olho e o ouvido, de onde partem as “sensações” e, por fim, a construção de “sensibilidades” alternativas.

Em uma mesma lógica, a luta classes pela memória e pela história que ocorre no âmbito do sensível se expressa nos próximos poemas com influência da insígnia revolucionária da Terceira Internacional “Proletários, nações e povos oprimidos de todo mundo, uni-vos”. Desta forma, temporalidade, luta de classes e memória se imbricam na construção da memória com o triunfo de uma revolução (A Revolução Russa de 1917) e na articulação de povos na égide da *Komintern*, desde o Congresso de Baku em 1920 no Azerbaijão, conhecido como o “Congresso dos Povos do Oriente¹³⁵”. A revolução mundial passou a ser compreendida como um movimento oriundo das realidades nacionais e de cada território colonizado como uma luta mundial dos trabalhadores contra as suas opressões.

A Internacional Comunista e a União Soviética se comprometeram com a libertação nacional dos povos sob regimes coloniais em África e Ásia e contra a ordem neocolonial nas Américas. Estas lutas aliadas a todos os povos foi um horizonte fundamental da luta de classes em contato com a obra e o pensamento nerudiano e em suas várias relações intelectuais com diversos líderes comunistas. Em tal direção, a construção desta disputa pelo balanço histórico da modernidade capitalista busca as contradições de classes em diferentes temporalidades e a crítica ao balanço vencedor das classes dominantes mundiais após 1989¹³⁶.

*Los libertadores*¹³⁷ inicia o capítulo IV do *Canto General* com a árvore que vem, “a árvore do povo”, a natureza como um elemento central na construção do que

¹³⁵ CONGRESS OF THE PEOPLES OF THE EAST. Stenographic report. London: New Park Ltd. 1977.

¹³⁶ LOSURDO, Domenico. *Fuga da história? A revolução russa e a revolução chinesa vistas de hoje*. Rio de Janeiro: Revan, 2004. Pp.41-53.

¹³⁷ **Os libertadores:** Aqui vem a árvore, a árvore da tormenta, a árvore do povo. Da terra sobem seus heróis como as folhas pela seiva, e o vento estrela as folhagens de multidão rumorosa, até que cai a semente do pão outra vez à terra. Aqui vem a árvore, a árvore nutrida por mortos nus, mortos açoitados e feridos, mortos de rostos impossíveis, empalados sobre uma lança, queimados na fogueira, decapitados pelo machado, esquartejados a cavalo, crucificados na igreja. Aqui vem a árvore, a árvore cujas raízes estão vivas, tirou salitre do martírio, suas raízes comeram sangue, e extraiu lágrimas do solo: as elevou por suas ramas, as repartiu em sua arquitetura. Foram flores invisíveis, às vezes, flores enterradas, outras vezes iluminaram suas pétalas, como planetas. E o homem coletou nas ramas as corolas endurecidas, as entregou de mão em mão como magnólias ou granadas, e de pronto, abriram a terra, cresceram até as estrelas. Está é a árvore dos livres. A árvore terra, a árvore nuvem. A árvore pão, a árvore flecha, a árvore punho, a árvore fogo. O afoga a água tormentosa, de nossa época noturna, mas seu mastro balanceia o círculo de seu poderio. Outras vezes, de novo caem as ramas quebradas pela cólera, e uma cinza ameaçadora cobre sua antiga majestade: assim passou desde outros tempos, assim saio da agonia, até que uma mão secreta, uns braços inumeráveis,

denominou a América e a sua libertação, a fonte de todo trabalho, de toda riqueza material, de tudo que há na terra¹³⁸. O que seriam fundamentos míticos em uma interpretação do *Canto* haveria a representação de ambos os gêneros na construção do continente (*El árbol del pueblo y la tierra madre*) aparece pela primeira vez na narrativa poética, mas em nossa interpretação não condiz com a os elementos posteriores a estas imagens expostas pelo autor¹³⁹.

A América que “é a árvore dos livres, a árvore terra, a árvore nuvem, pão, flecha, punho e fogo”. Foi construída a partir das suas lutas “ nutrida por mortos nus, mortos açoitados e feridos, mortos de rostos impossíveis” desde a violência da dominação colonial até a agressiva submissão da força de trabalho empreendida pelas oligarquias e burguesias “crucificados”, mesmo assim seu “ mastro balanceia o círculo de seu poderio”, “uma mão secreta, uns braços inumeráveis, o povo(...) esta árvore de todos os povos da liberdade”. A mão ao passo que transforma a terra na riqueza para todos também levanta o que construiu, a sua criação como continente e “monta guarda na fronteira, no limite de suas folhas”.

Após a introdução geral dos libertadores do continente, a primeira figura personificada foi *Cuauhtémoc*¹⁴⁰, o último Tlatoani de Tenochtitlán, que ainda governou

o povo, guardou os fragmentos, escondeu troncos invariáveis, e seus lábios eram as folhas da imensa árvore repartida, disseminada em todas partes, caminhando com suas raízes. Esta é a árvore, a árvore do povo, de todos os povos da liberdade, da luta. Espreita a sua cabeleira: toca seus raios renovados: funde a mão nas usinas onde seu fruto palpitante propaga sua luz cada dia. Levante esta terra em tuas mãos, participa deste esplendor, toma teu pão e tua maçã, teu coração e teu cavalo e monta guarda na fronteira, no limite de suas folhas. Defende o fim de suas corolas, comparte as noites hostis, vigia o ciclo da aurora, respira a altura estrelada, sustentando a árvore, a árvore que cresce em meio da terra.”. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.67-68. Tradução nossa.

¹³⁸ Os entes fundacionais ou “ míticos” do espaço continental americano teriam ambas as manifestações de gênero binárias “ *el árbol del pueblo*” e “ *la tierra madre*”, o masculino e o feminino. Ao transculturarmos o texto partindo de traduções, é possível pensarmos apenas a partir do feminino, a árvore e a terra. NERUDA, Pablo. *Canto General*. Manuscritos Originales. P.20.

¹³⁹ Nesse sentido, a crítica à “ mitologização” é um aspecto da análise que se segue, justamente por não haver a justificativa para identificarmos a poesia nerudiana com uma posição eurocêntrica de uma epopeia ou “ homérica” ao *Canto*. Idem. Ibid. P.19-20.

¹⁴⁰**Cuauhtémoc (1520):** Jovem irmão faz já tempo e tempo nunca dormido, nunca consolado, jovem estremeado nas trevas metálicas do México, em tua mão recebo o dom de tua pátria desnuda. Nela nasce e cresce teu sorriso como uma linha entre a luz e o ouro. São teus lábios unidos pela morte o mais puro silêncio sepultado. O manancial afundado sob todas as bocas da terra. Ouviste, ouviste, acaso, por Anáhuac distante, um curso de água, um vento de primavera destruída? Era talvez a palavra do cedro. Era uma onda branca de Acapulco. Mas na noite fugia teu coração como um veado pelos limites, confuso, entre os monumentos sanguíneos sob a lua soçobrança. Toda a sombra preparava sombra. Era a terra uma escura cozinha, pedra e caldeira, vapor negro, muro sem nome, pesar que te chamava desde os noturnos metais de tua pátria. Chegou a hora assinalada, e o meio de teu povo é pão e raiz, lança e estrela. O invasor deteve o passo. Não é Moctezuma extinto como um copo morto, é o relâmpago e sua armadura, a pluma de Quetzal, a flor do povo, a quimera acesa entre os navios. Mas uma mão dura como séculos de pedra apertou tua garganta. Não fecharam teu sorriso, não fizeram cair os grãos do secreto milho, e te arrastaram, vencedor

a capital asteca de maneira independente, antes da conquista espanhola. A morte de Cuauhtémoc não foi o fim de um sentimento de revolta e resistência. A pátria que ‘nela nasce e cresce’ o sorriso do líder mexica é a terra, essa terra potente por seu povo ‘pão e raiz, lança e estrela’ guiado pela sua ‘pena de Quetzal’¹⁴¹, o poder do povo e da terra não se apagou mesmo com os séculos de conquista.

Mesmo com a ‘mão dura dos séculos de pedra que apertou tua garganta’, a pedra sobre a qual se construiu uma dominação na qual ‘o pesar dos noturnos metais’ se pronunciou. O corpo de Cuauhtémoc é o símbolo de sua gente, ‘um testemunho doloroso’ que terminou ‘suspenso sobre a terra desgraçada’. Cuauhtémoc, o último Tlatoani morreu mas seu espírito de luta se mantivera na terra e no povo.

Logo após Cuauhtémoc, Frei Bartolomé de Las Casas¹⁴² é a secundarpersonalidade enaltecida no capítulo IV do *Canto*. A contribuição de Las Casas como um

cativo, pelas distâncias de teu reino, entre cascatas e cadeias, sobre areais e ferrões como uma coluna incessante, como um testemunho doloroso até que uma corda enredou a coluna da pureza e pendurou o corpo suspenso sobre a terra desgraçada”. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.69-70.

¹⁴¹ A referência do poeta a Quetzal possui tanto um significado literal – referente à *preciosa ave Quetzal* encontrada na América Central e no México – quanto a Quetzalcoátl, uma das divindades astecas, a *serpente emplumada* em nahuátl.

¹⁴²**Frei Bartolomé de Las Casas:** Pensa um, ao chegar a sua casa, de noite, fatigado, entre a névoa, fria de maio, à saída do sindicato (na desmembrada luta de cada dia, a estação chuvosa que goteja do telhado, o surdo latido do constante sofrimento) esta ressurreição mascarada, astuta, invejada, da corrente, da cadeia, e quando sobe a angústia até a fechadura a entrar contigo, surge uma luz antiga, suave e dura como um metal, como um astro enterrado. Padre Bartolomé, obrigado por este presente da crua meia-noite, obrigado porque teu fio foi invencível: pôde morrer esmagado, comido pelo cachorro de fauces iracundas, pôde ficar na cinza da casa incendiada, pode cortá-lo o fio frio do assassino inumerável ou o ódio administrado com sorrisos (a traição do próximo cruzado), a mentira jogada na janela. Pode morrer o fio cristalino, a irreduzível transparência convertida em ação, em combatente e despencado aço de cascata. Poucas vidas dá o homem como a tua, poucas sombras há na árvore como tua sombra, nela todas as brasas vivas do continente acodem, as arrasadas condições, a ferida do mutilado, as aldeias exterminadas, tudo sob tua sombra renasce, desde o limite da agonia fundas a esperança. Padre, foi afortunado para o homem e sua espécie que tu chegará à plantação, que morderas os negros cereais do crime, que beberas cada dia do copo de cólera. Quem te pusera, mortal nu, entre os dentes da fúria? Como somaram outros olhos, de outro metal, quando nascias? Como se cruzam os fermentos na escondida farinha humana para que teu grão imutável se amassasse no pão do mundo? Eras realidade entre fantasmas encarnados, eras a eternidade da ternura sobre a rajada do castigo. De combate em combate tua esperança se converteu em precisas ferramentas: a solitária luta se fez rama, o pranto inútil se agrupou em partido. Não serviu a piedade. Quando mostravas tuas colunas, tua nave amparadora, tua mão para bendizer, teu manto, o inimigo pisoteou as lágrimas e quebrantou a cor da açucena. Não serviu a piedade alta e vazia como uma catedral abandonada. Foi tua invencível decisão, a ativa resistência, o coração armado. Foi a razão teu material titânico. Foi flor organizada tua estrutura. Desde cima quiseram contemplar-te (desde sua altura) os conquistadores, apoiando-se como sombras da pedra sobre suas espadas, oprimindo com suas sarcásticas cuspidas as terras de tua iniciativa, dizendo “Aí vai o agitador”, mentindo “O pagaram os estrangeiros”, “Não tem pátria”, “Trai” mas tua prédica não era frágil minuto, peregrina pauta, relógio do passageiro. Tua madeira era bosque combatido, ferro em sua cepa natural, oculto a toda luz pela terra florida, e mais ainda, era mais fundo: na unidade do tempo, no transcurso da vida, era tua mão adiantada estrela zodiacal, signo do povo. Hoje a esta casa, Padre, entra comigo. Te mostrarei as antigas dores. E para não cair, para afirmar-me sobre a terra, continuar lutando, deixa em meu coração o vinho errante e implacável pão de tua doçura. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.70-72. Tradução nossa.

símbolo de liberdade, primeiramente foi um defensor dos indígenas como seres humanos livres e autônomos mesmo dentro do sistema espanhol das *encomiendas*, o frei dominicano pregava contra os abusos dos conquistadores desde trabalhos excessivos até torturas e execuções dos índios. A conversa em primeira pessoa com o padre convida o leitor a uma analogia do mesmo com uma liderança trabalhadora (camponês, operário) ‘ao chegar a sua casa, de noite, fatigado, entre a névoa, fria de maio, à saída do sindicato na desmembrada luta de cada dia’.

O Frei Las Casas logo após o último Huey Tlatoani foi um presente, ‘desde a agonia’ fundou a esperança frente a dominação colonial, mesmo com o ódio, a violência, a destruição e a morte, ‘tudo renasce sob a sua sombra’. Os versos do autor interrogam o clérigo, a possibilidade de ter nascido em meio aos opressores, ‘como se somaram outros olhos, de outro metal quando nascias?’, como se tornou diferente, que fermentos se cruzaram ‘na farinha humana para que teu grão imutável se amassasse no pão do mundo?’

Da justa presença de Las Casas em diante os espanhóis *Avançando nas terras de Chile*¹⁴³ passaram a ser um problema, e então inicia-se um embate dos seres humanos contra a natureza. Ao entrarem no “Sul do mundo” seguem por um espaço que desconhecem qual é, a geografia se apresenta como uma primeira fronteira, o rio Bío-Bío, o tremor de chuva e o grande astro dessa fronteira, o titã cipreste oferecem uma ameaça a este avanço “a punho e punhal” do invasor. Do oceano navegando pelo rio Imperial, chegaram como o furacão na manhã, a sombra do cristal sombrio. A primavera comovida através do ar pelos polens, toda a natureza verde e colorida enredada de fragrâncias é imponente frente a quem avançava pelas terras, se expressando de tal maneira também como a resistência em formação pelos povos nativos, a reprodução da vida foi portada por estes polens.

¹⁴³ **Avançando nas terras do Chile:** Espanha entrou até o Sul do Mundo. Prostrados, exploraram a neve os altos espanhóis. O Bío-Bío, grave rio, lhe disse à Espanha << Pare>>; o bosque de maitenes* cujos fios verdes penduram como tremor de chuva disse à Espanha <<Não siga>>. O cipreste, titã das fronteiras silenciosas disse em um trono a sua palavra. Mas até o fundo da pátria minha, punho e punhal o invasor chegava. Pelo rio Imperial, em cuja orla meu coração amanheceu no trevo, entrava o furacão na manhã. O largo leito das garças ia desde as ilhas pelo mar furioso, cheio como uma taça interminável, entre as margens de cristal sombrio. Em suas orlas eriçava o pólen um tapete de estames turbulentos e desde o mar o ar comovia todas as sílabas da primavera. O avelã da Araucania, levantava fogueiras e cachos por onde a chuva resvalava sobre a agrupação da pureza. Tudo estava enredado de fragrâncias, empapado de luz verde e chuvosa e cada matagal de odor amargo era um ramo profundo do inverno ou uma extraviada formação marinha ainda cheia de oceânico orvalho. Dos barrancos se elevavam torres de pássaros e plumas e um vendaval de solidão sonora, enquanto na molhada intimidade, entre as cabeleiras encrespadas da samambaia, era a topa-topa florescida um rosário de beijos amarelos”. NERUDA, Pablo. Op. Cit. Pp.72-73. Tradução nossa.

Nestes versos não se mostram, mas assim como a terra tudo gera, reproduzem-se da terra e assim *Surgem os homens*¹⁴⁴. Os toquis liderando os seus povos “germinavam” a partir da chuva, do calor e das cinzas vindas da “copa dos vulcões” com seu sublime espírito de luta em suas armas. Ao mesmo tempo, na firmeza de uma “pedra selvagem”, cravaram “pés de estaca” e se apresentaram como uma “unidade glacial da água” tão característica do espaço do sul do Chile.

O “útero frio do Arauco” gestou a extração (ou a expropriação) do homem da terra, e nesta pampa fria se edificou uma “fortaleza”, nascida do “sangue agredido” dos caciques e seus povos. Esta força amontoadada dos invasores como “um pequeno puma vermelho” e os olhos frios e gananciosos brilhavam “como fulgores implacáveis” que procuravam explorar as riquezas da terra como um caça.

*Toqui Caupolicán*¹⁴⁵, se impôs como uma faia do sul (*raulí*) o primeiro grande líder mapuche, frente aos espanhóis mobilizou o núcleo duro (a árvore) contra os “invasores”, estes viram as folhas, ramos e raízes saírem de dentro do território se mostrarem a eles e “fazer-se povo”. As árvores, além da natureza em si, de uma imagem do próprio continente, também são esses líderes, os caciques-toquis indígenas e os seus grupos, “toda a raça de ramas vermelhas”. O “rosto do bosque” de Caupolicán não é um titã mitológico, personaliza a visão dos originários da terra.

¹⁴⁴ **Surgem os homens:** Ali germinavam os *toquis**. Daquelas negras umidades, daquela chuva fermentada na copa dos vulcões saíram os peitos augustos, as claras flechas vegetais, os dentes de pedra selvagem, os pés de estaca inapelável, a glacial unidade da água. Arauco foi um útero frio, feito de feridas, esmagado pelo ultraje, concebido entre as ásperas espinhas, arranhado nas nevascas, protegido pelas serpentes. Assim a terra extraiu o homem. Cresceu como uma fortaleza. Nasceu do sangue agredido. Amontoou sua cabeleira como um pequeno puma vermelho e os olhos de pedra dura brilhavam desde a matéria como fulgores implacáveis saídos da caça. Idem. Ibid. Pp.73-74. Tradução nossa. *Toqui: É uma palavra do idioma Mapuche que designa os chefes militares escolhidos pelos diferentes clãs em tempos de guerra.

¹⁴⁵ **Toqui Caupolicán:** Na cepa secreta da faia* cresceu Caupolicán, torso e tormenta, e quando para as armas invasoras seu povo se dirigiu, andou a árvore, andou a árvore dura da pátria. Os invasores viram a folhagem mover-se em meio a bruma verde, as grossas ramas e o vestido de inumeráveis folhas e ameaças, o tronco terrenal fazer-se povo, as raízes sair do território. Souberam que a hora havia acudido ao relógio da vida e da morte. Outras árvores com ele vieram. Toda a raça de ramas vermelhas, todas as tranças da dor silvestre, todo o nu do ódio na madeira. Caupolicán, sua máscara de lianas levanta frente ao invasor perdido: não é a pintada pluma imperadora, não é o trono de plantas olorosas, não é resplandecente colar do sacerdote, não é a luva nem o príncipe dourado: é um rosto do bosque, uma máscara de acácias arrasadas, uma figura quebrada pela chuva, uma cabeça com trepadeiras. De Caupolicán o Toqui é a vista fundida, de universo montanhoso, os olhos implacáveis da terra, e as bochechas do titã são muros escalados por raios e raízes. Idem. Ibid. Pp.74-75. **A expressão faia traduzida de *raulí*, do espanhol, remete a uma árvore de mais de 50 metros de altura, árvores muito altas características da América do Sul.

A *guerra pátria*¹⁴⁶ pela Araucania rompeu o espírito dos nativos e dos “fios no tear da noiva de prata”, uma “pureza” anterior ao contato colonial. Ao passo que o confronto avança, a dimensão espiritual dos indígenas é orientada não apenas pelo Toqui, mas em grande parte pela Machi na organização do levante. Esta figura xamânica antes da deflagração da guerra reuniu as famílias produtores e seus filhos para longe da guerra. Antes da batalha, o “inumerável Arauco” era tomado pelo silêncio no qual a água podia ser ouvida. Depois de todas as gotas do “Arauco” agregadas, a figura de Caupolicán aparece como uma onda movendo tudo em uma presença brilhante, e assim inicia-se o combate.

Apesar da fosfórica aparição, Caupolicán, *O empalado*¹⁴⁷, conheceu a torturante lança do suplício, “chegou ao tormento” e “dormiu na morte”, não foi o fim da resistência contra os estrangeiros que se ouviam gargalhadas, o “Arauco redobrou seu ataque verde”, a morte e o sangue caindo “de silêncio em silêncio” não era o fim, mas a esperança de um novo começo, de uma nova primavera.

Esta expectativa de um novo começo e de uma superação da opressão colonial nunca foram abandonadas pelos povos originários americanos, e especialmente neste caso dos indígenas mapuches, aimarás, atacamenhos e outros grupos do Extremo-Sul da América do Sul. *Lautaro (1550)*¹⁴⁸ nasceu deste sangue, da pedra de quartzo, matéria muito abundante em cada solo, em toda a terra.

¹⁴⁶ **A guerra pátria:** A Araucania estrangulou o cantar da rosa no cântaro, cortou os fios no tear da noiva de prata. Baixou a ilustre Machi* de sua escala, e nos dispersos rios, na argila, sob a copa hirsuta das araucárias guerreiras, foi nascendo o clamor das campanas enterradas. A mãe da guerra saltou às pedras doces do arroio, coletou a família pescadora, e o noivo lavrador beijou as pedras antes de que voaram à ferida. Atrás do rosto florestal do Toqui Arauco amontoava sua defesa: eram olhos e lanças, multidões espessas de silêncio e ameaça, cinturas inapagáveis, altaneiras mãos escuras, punhos congregados. Atrás do alto Toqui, a montanha, e na montanha, inumerável Arauco. Arauco era o rumor da água errante. Araucoera o silêncio tenebroso. O mensageiro em sua mão cortada ia juntando as gotas de Arauco. Arauco foi a onda da guerra, Arauco os incêndios da noite. Tudo fervia atrás do Toqui agosto, e quando ele avançou, foram trevas, areias, bosques, terras, unânimes fogueiras, furacões, aparição fosfórica de pumas. Idem. Ibid.

P.75. Tradução nossa. **Machi é uma expressão que caracteriza uma liderança espiritual por vezes chamadas de xamã ou pajé muitas vezes eram mulheres, assim percebemos uma relação de gênero específica e diferente da relação colonial judaico-cristã.

¹⁴⁷ **O empalado:** Mas Caupolicán chegou ao tormento. Ensartado na lança do suplício, entrou na morte lenta das árvores. Arauco redobrou seu ataque verde, sentiu nas sombras o calafrio, cravou na terra a cabeça, se agachou com suas dores. O Toqui dormia na morte. Um ruído de ferro chegava do acampamento, uma coroa de gargalhadas estrangeiras, e para os bosques enlutados só a noite palpitava. Não era a dor, a mordedura do vulcão aberto nas vísceras, era só um sonho do bosque, a árvore que se sangrava. Nas entranhas de minha pátria entrava a ponta assassina ferindo as terras sagradas. O sangue queimante caía de silêncio em silêncio, abaixo, para onde está a semente esperando a primavera. Mais fundo caía este sangue. Pelas raízes caía. Pelos mortos caía. Para os que iam nascer. Idem. Ibid. Pp.75-76. Tradução nossa.

¹⁴⁸ **Lautaro (1550):** O sangue toca um corredor de quartzo. A pedra cresce onde cai a gota. Assim nasce Lautaro da terra. Idem. Ibid. P.76. Tradução nossa.

A *Educação do cacique*¹⁴⁹ Lautaro foi um exemplo individual de um processo histórico geral das Américas, um indígena sequestrado quando criança pelos espanhóis, passou pela educação do colonizador, “foi sua primeira idade só silêncio”. Mesmo passando por esta tentativa de colonização do imaginário, o toqui não esqueceu de suas origens e acabou fugindo da servidão. Ao regressar a seu território, o cacique sereadequou aos seus costumes com o conhecimento dos europeus e suas estratégias de dominação. Após este árduo retorno e o sofrimento anterior, Lautaro “combateu até apagar o sangue” e por fim tornou-se uma liderança importante na guerra contra os espanhóis por mais de uma década, este “cristal de transparência dura” finalmente “foi digno de seu povo”.

*Lautaro entre os invasores*¹⁵⁰ aprendeu com o seu tempo de trabalho como *yanacona* nos estábulos de Pedro Valdívía, a partir da sua experiência ampliou a sua visão como liderança militar. A linguagem da adivinhação e dos sonhos é um relato da percepção do toqui. A apropriação do uso do cavalo e das armas de fogo promovida por Lautaro e tomada também por outros toquis e grupos indígenas foi determinante para a organização militar da resistência anticolonial.

A luta de *Lautaro contra o centauro (1554)*¹⁵¹, primeiramente desvantajosa para os mapuches aos quais “entrou a faca castelhana em pleno peito de massa vermelha”,

¹⁴⁹ **Educação do cacique:** Lautaro era uma flecha delgada. Elástico e azul foi nosso pai. Foi sua primeira idade só silêncio. Sua adolescência foi domínio. Sua juventude foi um vento dirigido. Se preparou com uma longa lança. Acostumou os pés nas cascatas. Educou a cabeça nas espinhas. Executou as provas do guanaco. Viveu nas tocas da neve. Espreitou a comida das águias. Arranhou os segredos do penhasco. Entreteve as pétalas do fogo. Se amamentou de primavera fria. Se queimou nas gargantas infernais. Foi caçador entre as aves cruéis. Se tingiram suas mãos de vitórias. Leu as agressões da noite. Sustentou os deslizamentos do enxofre. Se fez velocidade, luz repentina. Tomo as lentidões do Outono. Trabalhou nas guaridas invisíveis. Dormiu nos lençóis da nevasca. Igualou a conduta das flechas. Bebeu o sangue agreste nos caminhos. Arrebatou o tesouro das ondas. Se fez ameaça como um deus sombrio. Comeu em cada cozinha de seu povo. Aprendeu o alfabeto do relâmpago. Cheirou as cinzas esparsas. Envolveu o coração com peles negras. Decifrou o espiral fio da fumaça. Se construiu de fibras taciturnas. Se aceitou como a alma da oliva. Se fez cristal de transparência dura. Estudou para vento furacão*. Se combateu até apagar o sangue. Só então foi digno de seu povo. Idem. Ibid. Pp. 76-77.

¹⁵⁰ **Lautaro entre os invasores:** Entrou na casa de Valdívía. O acompanhou como a luz. Dormiu coberto de punhais. Viu seu próprio sangue vertido, seus próprios olhos esmagados, e dormido nas barracas acumulou seu poderio. Não se moviam seus cabelos examinando os tormentos: via mais além do ar para sua raça descascada. Velou aos pés de Valdívía. Olhou seu sonho carniceiro crescer na noite sombria como uma coluna implacável. Adivinhou aqueles sonhos. Pode levantar a dourada barba do capitão dormido, cortar o sonho na garganta, mas aprendeu – velando sombras – a lei noturna do horário. Marchou de dia acariciando os cavalos de pele molhada que iam fundindo-se em sua pátria. Adivinhou aqueles cavalos. Marchou com os deuses cerrados. Adivinhou as armaduras. Foi testemunho das batalhas, enquanto entrava passo a passo ao fogo da Araucania. Idem. Ibid. Pp.77-78.

¹⁵¹ **Lautaro contra o centauro(1554):** Atacou então Lautaro de onda em onda. Disciplinou as sombras araucanas: antes entrou a faca castelhana em pleno peito da massa vermelha. Hoje estava semeada a guerrilha sob todas as asas florestais, de pedra em pedra e valo em valo, vindo desde os copihues

depois a guerra tomou rumos favoráveis ao cacique e seus liderados através do combate irregular, a tática militar da guerrilha, característica de confrontos entre forças bélicas desiguais. As batalhas travadas por Lautaro foram várias até o cerco de Concepción, a destruição desta principal base espanhola no Sul do Chile. O governador “Valdívía viu vir a luz, a aurora”, esta aurora foi a presença do toqui vencedor.

Em *O coração de Pedro Valdívía*¹⁵², a derrota do governador espanhol é narrada em torno do enterro seu corpo de maneira ritual, em respeito ao inimigo subjogado no campo de batalha. Os tambores, a cerâmica e os tecidos característicos das culturas indígenas do Sul chileno “encheram a Araucania” de luz. Este processo de purificação do grupo em que “bailamos golpeando os torrões de nossa estirpe escura”. Depois, a violência é observada na reação ao colonizador “que bonito foi o sangue do carrasco”.

Quando Valdívía passou a fazer parte da árvore, seu “coração alado como uma ave” foi entregue à “árvore araucana”, a vitória importante dos mapuches da “terra feita de nossos corpos, nasceu o canto da guerra, do sol, das colheitas” foi um motor para novos avanços e para a expansão da resistência por todo o território. O sol compartilhado pelo povo Mapuche e Inca, mesmo que por cosmovisões diferentes mas em contato iluminou as trilhas de guerra. Seguindo-se a este momento, o coração partilhado como uma imagem

espreitando sob as rochas. Valdívía quis regressar. Foi tarde. Chegou Lautaro em traje de relâmpago. Seguiu Conquistador angustiado. Se abriu passo nos úmidos emaranhados do crepúsculo austral. Chegou Lautaro, em um galope negro de cavalos. A fadiga e a morte conduziam a tropa de Valdívía na folhagem. Se aproximavam as lanças de Lautaro. Entre os mortos e as folhas ia como em um túnel Pedro de Valdívía. Nas trevas chegava Lautaro. Pensou em Estremadura pedregosa, no dourado azeite, na cozinha, no jasmim deixado em ultramar. Reconheceu o uivo de Lautaro. As ovelhas, as duras alcarias, os muros brancos, a tarde estremenha. Sobreveio a noite de Lautaro. Seus capitães cambaleavam ébrios de sangue, noite e chuva até o regresso. Palpitavam as flechas de Lautaro. De tombo em tombo a capitania ia retrocedendo sangrada. Já se tocava o peito de Lautaro. Valdívía viu vir a luz, a aurora, talvez a vida, o mar. Era Lautaro. Idem. Ibid. Pp.78-79. Tradução nossa.

¹⁵² **O coração de Pedro Valdívía:** Levamos Valdívía sob a árvore. Era um azul de chuva, a manhã com frios filamentos de sol desfiado. Toda a glória, o trono, turbulentos jaziam em um montão de aço ferido. O capelo elevou sua língua e um fulgor de vaga-lume molhado em toda sua pomposa monarquia. Trouxemos tela e cântaro, tecidos grossos como as tranças conjugais, joias como amêndoas da lua, e os tambores que encheram a Araucania com sua luz de couro. Enchemos as vasilhas de doçura e bailamos golpeando os torrões feitos de nossa própria estirpe escura. Logo golpeamos o rosto inimigo. Logo cortamos o valente pescoço. Que bonito foi o sangue do carrasco que repartimos como uma granada, enquanto ardia vivo ainda. Logo, no peito entramos uma lança e o coração alado como uma ave entregamos a árvore araucana. Subiu um rumor de sangue até sua copa. Então, da terra feita de nossos corpos, nasceu o canto da guerra, do sol, das colheitas, para a magnitude dos vulcões. Então repartimos o coração sangrento. Eu afundei os dentes naquela corola cumprindo o rito da terra: “Dá-me teu frio, estrangeiro malvado. Dá-me teu valor de grande tigre. Dá-me em teu sangue tua cólera. Dá-me tua morte para que me siga e leve o espanto aos teus. Dá-me a guerra que trouxera. Dá-me teu cavalo e teus olhos. Dá-me a treva torcida. Dá-me a mãe do milho. Dá-me a língua do cavalo. Dá-me a pátria sem espinhas. Dá-me a paz vencedora. Dá-me o ar onde respira a canela, senhor florido.” Idem. Ibid. Pp.79-80. Tradução nossa.

representativa da antropofagia ritual e da apropriação de valores e práticas do oponente, em última instância é a decomposição e a superação de Valdívia sob a própria terra.

A *dilatada guerra*¹⁵³ começada no século XVI, o século da colonização, e estendida durante os séculos XVII, XVIII e XIX marcou a resistência dos povos originários chilenos. “A raça guerreira do carvalho” manteve acesa por “trezentos anos a centelha do Arauco” e “povoou de cinzas as cavidades imperiais”. Os diversos grupos indígenas, chamados araucanos ou lembrados como a resistência pan-araucana impuseram grandes reveses aos invasores como “uma tormenta”.

Tal qual “cresceram olhos espanhóis”, a força do Arauco destruiu as fortificações coloniais, assim como os anseios de colonização deste domínio, “trajes e vontades”. Ao mesmo tempo, os indígenas afirmaram as suas culturas alimentares contra as europeias, as videiras igualmente ao trigo os quais fizeram parte da miséria das populações nativas baseadas no cultivo da batata, do milho, também das práticas da caça, coleta e pesca. A retirada dos conquistadores “para o fundo branco das Américas glaciais” e “na noite do tempo agosto caiu Imperial, caiu Santiago, caiu Villarica na neve”, marcaram o grande sucesso dos povos da Araucania e se “estabeleceu a liberdade nas areias sangradas”.

Em *A colônia cobre nossas terras (1)*¹⁵⁴, o poeta expõe como a Coroa espanhola se recuperou das derrotas impostas pelos povos nativos, após enterrar os seus mortos “os

¹⁵³ **A dilatada guerra:** Logo terra e oceanos, cidades, naves e livros, conheceis a história que desde o território taciturno como uma pedra sacudida encheu de pétalas azuis as profundidades do tempo. Três séculos esteve lutando a raça guerreira do carvalho, trezentos anos a centelha de Arauco povoou de cinzas as cavidades imperiais. Três séculos caíram feridas as camisas do capitão, trezentos anos despovoaram os arados e as colmeias, trezentos anos açoitarão cada nome do invasor, três séculos romperam a pele das águias agressoras, trezentos anos enterraram como a boca do oceano tetos e ossos, armaduras, torres e títulos dourados. Às esporas iracundas, das guitarras adornadas chegou um galope de cavalos e uma tormenta de cinza. As naves voltaram ao duro território, nasceram espigas, cresceram olhos espanhóis no reinado da chuva, mas Arauco baixou as telhas, moeu as pedras, abateu os paredões e as videiras, as vontades e os trajes. Vê como caem na terra os filhos ásperos do ódio, Villagras, Mendozas, Reinosos, Reyes, Morales, Alderetes, rodaram para o fundo branco das Américas glaciais. E na noite do tempo agosto caiu Imperial, caiu Santiago, caiu Villarrica na neve, rodou Valdívia sobre o rio, até que o reinadofluvial do Bío-Bío se deteve sobre os séculos do sangue e estabeleceu a liberdade nas areias sangradas. Idem. Ibid. pp.80-81. Tradução nossa.

¹⁵⁴ **A colônia cobre nossas terras (1):** Quando a espada descansou e os filhos de Espanha dura, como espectros, desde reinos e selvas, para o trono, montanhas de papel com uivos enviaram ao monarca ensimesmado: depois que no beco de Toledo ou do Guadalquivir na curva, toda a história passou de mão em mão, e pela boca dos portos andou o ramal esfarrapado dos conquistadores espectrais, e os últimos mortos foram postos dentro do ataúde, com procissões, nas igrejas construídas a sangue, chegou a lei ao mundo dos rios e veio o mercador com seu saquinho. Se escureceu a extensão matutina, trajes e teias de aranha propagaram a escuridão, a tentação, o fogo do diabo nas habitações. Uma vela acendeu a vasta América cheia de nevascas e favos, e por séculos ao homem falou na voz baixa, tossiu trotando pelas ruelas, se persignou perseguindo centavos. Chegou o *criollo* às ruas do mundo, mirrado, lavando as acéguas, suspirando de amor entre as cruces, buscando a escondida trilha da vida sob a mesa da sacristia. A cidade

conquistadores espectrais” com “procissões nas igrejas” e assim estabelecer permanentemente o seu poder.

Quando “chegou a lei ao mundo dos rios” e o mercador, tudo se escureceu, surgiram as “tentações” e recaiu o “fogo do diabo nas habitações”. Os valores católicos europeus desestabilizaram as culturas indígenas, ao passo que houve uma mestiçagem cultural como diferentes formas de adaptação a conquista, dando assim origem às sociedades coloniais “Uma vela acendeu a vasta América cheia de nevascas e favos, e por séculos falou ao homem na voz baixa”, o que poderia ser dito.

Entretanto, deste processo de resistência que se resignou em parte não pode-se excluir a violência intrínseca assim como a exploração colonial dos recursos naturais e a mudança compulsória dos regimes de trabalho, modos de vida e produção que geraram escassez, muitas mortes e fome generalizada – “a fome dançava nas minas do México e o coração andino do Peru chorava docemente de frio sob os farrapos” –.

O processo de acumulação pela expropriação da terra, a tentativa de assimilação cultural e a dominação social e política, “nas sombras do dia tenebroso o mercado fez seu reino apenas acendido pela fogueira em que o herege, retorcido feito brasas, recebia sua colheradilha de Cristo”.

As *haciendas* (2) ^{como} vastas extensões de terra e em paralelo às *plantations* escravistas andavam “entre os morgadios de dobrão em dobrão” até que “toda a azul geografia se dividiu em *haciendas* e *encomiendas*”. As *encomiendas* eram relações de trabalho tanto de serviços quanto de tributos em que os primeiros colonizadores *criollos* se utilizavam da mão de obra dos indígenas e se apropriavam de parte da sua produção¹⁵⁵. Nas primeiras décadas coloniais, o impacto dos contatos entre europeus e indo-

no esperma da cera fermentou, sob os panos negros, e das raspaduras da cera elaborou maçãs infernais. América, a copa de caoba*, então foi um crepúsculo de chagas, um lazareto inundado de sombras e na antiga extensão da fresca cresceu a reverência do verme. O ouro levantou sobre as pústulas maciças flores, heras silenciosas, edifícios de sombra submergida. Uma mulher coletava pus, e o vaso de substância bebeu em honra do céu cada dia, enquanto a fome dançava nas minas do México dourado, e coração andino do Peru chorava docemente de frio sob os farrapos. Nas sombras do dia tenebroso o mercado fez seu reino apenas acendido pela fogueira em que o herege, retorcido, feito brasas, recebia sua colheradilha de Cristo. Ao dia seguinte as senhoras, corrigindo as crinolinas, recordavam o corpo enlouquecido, golpeado e devorado pelo fogo, enquanto o xerife examinava a minúscula mancha do queimado, graxa, cinza, sangue, que lambiam os cachorros. Idem. Ibid. pp.82-83. Tradução nossa.

¹⁵⁵ OSÓRIO Helen. Estruturas económicas coloniais. In: WASSERMAN, Claudia (coord.). *História da América Latina: cinco séculos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. Pp.43-48.

americanos provocou uma grande crise civilizacional com fome, peste, mortes e a colonização inclusive do imaginário dos nativos.

Do “espaço morto ia a chaga do mestiço e o chicote do *chapelón* e do negreiro”, o *criollo* como um “espectro sangrado que colhia migalhas” passou a ter poder por um processo de acumulação da produção, e então se enobreceu como o *encomendero*. Em relação ao negreiro, observa-se também a escravidão africana e não apenas as formas de servidão e jornadas adotadas pela Coroa Espanhola¹⁵⁶.

Os novos proprietários “se adjudicaram fazendas, chicotes, escravos, catecismos, delegacias, cortiços, bordéis, e a tudo isso denominaram santa cultura ocidental”. Este processo de formação de um estado oligárquico dos *criollos* ao expulsarem “os últimos soldados de Castela” espanhóis. Estes consolidaram o seu poder econômico e o seu projeto durante a dominação colonial e se utilizando do comércio e relações de propriedade anteriores. Se tornaram classe dominante e “então adquiriram orgulho comprado no mercado negro”.

Os *Comuneros do Socorro (1781)*¹⁵⁷ foram símbolo de uma luta anticolonial anterior ao processo político de independências nas Américas, antes mesmo da libertação do Haiti em relação ao império francês napoleônico. Manuela Beltrán, “a que os novos cereais esparramou por nossa terra”, a principal líder do movimento chamado “*revolução comunera*”.

Esta revolta de emancipação expressou uma soberania regional, não propriamente um nacionalismo aos moldes europeus, mas um projeto de poder popular e um projeto pátrio diferente dos projetos coloniais ou da elite *criolla*. Os *comuneros* não necessariamente anteciparam os movimentos mas “o eclipse precursor” possuía outras

¹⁵⁶ Idem. Ibid. Pp.48-50.

¹⁵⁷ **Comuneros do Socorro (1781):** Foi Manuela Beltrán (quando rompeu os bandos do opressor, e gritou “Morram os déspotas”) a que os novos cereais esparramou por nossa terra. Foi em Nova Granada, na vila do Socorro. Os comuneros sacudiram o vice-reino em um eclipse precursor. Se uniram contra os estancos, contra o manchado privilégio, e levantaram a cartilha das petições forais. Se uniram com armas e pedras, milícia e mulheres, o povo, ordem e fúria, encaminhados para Bogotá e sua linhagem. Então desceu o Arcebispo. “Tereis todos vossos direitos em nome de Deus o prometo.” O povo se juntou na praça. E o Arcebispo celebrou uma missa e um juramento. Ele era a paz justiceira. “Guardai as armas. Cada um a vossa casa”, sentenciou. Os comuneros entregaram as armas. Em Bogotá festejaram ao Arcebispo, celebraram sua traição, seu perjúrio, na missa pérfida, e negaram pão e direito. Fuzilaram os caudilhos, repartiram entre os povoados suas cabeças recém cortadas, com bênçãos do Prelado e bailes no Vice-Reino. Primeiras, pesadas sementes jogadas às regiões, permaneceis, cegas estátuas, incubando na noite hostil a insurreição da espigas. Idem. Ibid. Pp.84-85. Tradução nossa.

bases como os movimentos *comuneros* do Paraguai (1721 – 1735)¹⁵⁸ e da Venezuela (1749 – 1752)¹⁵⁹.

A interpretação poética do movimento se aproxima muito das dinâmicas do movimento muito além de “aspirações indígenas reprimidas por três séculos e reivindicações regionais das oligarquias *criollas*¹⁶⁰”. Vários sujeitos se apresentam com diferentes demandas e a mobilização converge para a questão do trabalho, condições dignas de vida frente as reformas administrativa e tributária no território novo-granadino¹⁶¹. O fim da revolta aconteceu por intervenção do arcebispo Antonio Caballo y Góngora, a personificação da autoridade da Igreja Católica tinha o poder de mediação entre as elites *criollas* e as classes populares.

A “paz justiceira” foi a intervenção da Coroa espanhola contra a “sublevação” dos *comuneros* e “estes entregaram as armas”, “na missa negaram pão e direito”. Na repressão violenta do movimento “repartiram entre os povoados as suas cabeças recém-cortadas com bênçãos do Prelado”. Caballo y Góngora mais que uma autoridade religiosa foi uma autoridade temporal.

Sem coincidências compôs a junta de governo formada após a derrota do exército real entre junho de 1781 e junho de 1782, concluindo a “pacificação” e, por último, se tornou o Vice-Rei de Nova Granada¹⁶². Contudo, a revolução de 1781 inspirou outras mobilizações e abalou as estruturas do poder colonial, as “primeiras sementes pesadas jogadas às regiões” foi um acúmulo das lutas dos subalternos “incubando na noite a insurreição de espigas”.

¹⁵⁸ CREYDT, Oscar. “Introducción a la presente edición” y “Formación histórica de la Nación paraguaya”. (Formación histórica de la Nación paraguaya, 1963). In: CREYDT, Oscar. (Et.al.) *Antología del pensamiento crítico paraguayo contemporáneo*. Buenos Aires: CLACSO, 2015. Pp.45-46. A revolução *comunera* paraguaia foi um movimento precursor de outros movimentos *comuneros*, outro aspecto importante é a formação de uma consciência nacional-popular a partir do conceito de “*El Común*” frente à centralização da autoridade metropolitana da Coroa Espanhola.

¹⁵⁹ LYNCH, John. Los orígenes de la independencia hispanoamericana. In: BETHELL, Leslie (orgs.) *Historia de América Latina*. Vol. 5. La independencia. Barcelona: Editorial Crítica, 1991.

¹⁶⁰ RAMOS, Jorge Abelardo. *Historia de la nación latinoamericana*. República Argentina: Edición digital Biblioteca Federal. Secretaria de Cultura de la Nación. 2010 p.106.

¹⁶¹ MARTÍNEZ COVALEDA, Héctor J. *La revolución de 1781: campesinos, tejedores, y la rent seeking* en Nueva Granada (Colombia). Barcelona - Tesis doctoral, Universidad Pompeu Fabra, 2014. Pp. vi-xxi

¹⁶² Idem. Ibid. Pp.409-417.

*Tupac Amaru*¹⁶³, o segundo de sua família Amaru, José Gabriel Condorcanqui (*Kunturkanki*¹⁶⁴) e *curaca* de Tungasaca, Pampamarca e Surimana viu a “primavera desolada nos degraus andinos, e com ela sal e miséria, iniquidades e tormentos”. O “Senhor Inca” guardou em seus olhos “como um cofre calcinado pelo amor e tristeza”.

A opressão colonial foi exposta pelo senhor do Sol (*Inti*) “mostrou a espalda em que as novas mordeduras brilhavam nas cicatrizes de outros castigos apagados”. Quando armou os indígenas quéchuas, a “jornada dos povos cor da terra”, houve a revolta por liberdade nos Andes.

A libertação de escravos e servos *mitayos* por Tupac Amaru foi uma grande ameaça para outros curacas e autoridades fiscais, o *Bando de Libertad de los Esclavos* foi editado em favor do trabalho livre e das classes subalternas. A reação à revolta aconteceu a partir da divisão de Amaru frente a outros curacas, estes favorecidos pelos *criollos* brancos e pelos corregedores isolaram o movimento popular indígena e negro de Condorcanqui¹⁶⁵.

A execução exemplar de Tupac Amaru II pelas autoridades em conjunto com os peninsulares – mesmo quando “ataram” seus “cansados membros a quatro cavalos raivosos e esquartejaram a luz do amanhecer implacável” - não suprimiram completamente o elemento comunitário. “Tupac é uma semente, se guarda no sulco e Tupac germina na terra”.

¹⁶³ **Tupac Amaru (1781):** Condorcanqui Tupac Amaru, sábio senhor, padre justo, visto subir a Tungasaca a primavera desolada dos degraus andinos, e com ela sal e miséria, iniquidades e tormentos. Senhor Inca, pai cacique, tudo em teus olhos se guardava como um cofre calcinado pelo amor e a tristeza. O índio te mostrou a espalda em que as novas mordeduras brilhavam nas cicatrizes de outros castigos apagados, e era uma espalda e outra espalda, toda a altura sacudida pelas cascatas do soluçar. Era um soluçar e outro soluçar. Até que armaste a jornada dos povos cor de terra, recolheste o pranto em teu copo e endureceste as trilhas. Chegou o pai das montanhas, a pólvora levantou caminhos, e para os povos humilhados chegou o pai da batalha. Tiraram a manta no pó, se uniram as velhas facas, e a concha marinha chamou os vínculos dispersos. Contra a pedra sanguinária, contra a inércia miserável, contra o metal das cadeias. Mas dividiram teu povo e ao irmão contra o irmão enviaram, até que caíram as pedras de tua fortaleza. Ataram teus membros cansados a quatro cavalos raivosos e esquartejaram a luz do amanhecer implacável. Tupac Amaru, sol vencido, desde tua glória desgarrada sobe como o sol no mar uma luz desaparecida. Os profundos povoados da argila, os teares sacrificados, as úmidas casas de areia dizem o silêncio: “Tupac”, e Tupac é uma semente, dizem em silêncio: “Tupac”, e Tupac se guarda no sulco, dizem em silêncio: “Tupac”, e Tupac germina na terra. Idem. Ibid. Pp.86-87. Tradução nossa.

¹⁶⁴ ACADEMIA MAYOR DE LA LENGUA QUECHUA. *Diccionario quechua-español español-quechua*. Cusco – Gobierno Regional Cusco, 2005. p.212.

¹⁶⁵ GUAZZELLI, Cesar A. B. A crise do sistema colonial e o processo de independência. In: WASSERMAN, Claudia (coord.). *História da América Latina: cinco séculos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. Pp.129-133.

A *América Insurreta*¹⁶⁶, “nossa larga terra” depois de anos de “solidões”, reuniu forças mesmo depois de derrotas significativas em uma “rosa clandestina”, “a dura verdade como um arado. Rompeu a terra” e “nasceu na secreta primavera”. Este florescimento iniciado com a guerra de independência dos Estados Unidos em 1776, e pela revolta de *Saint Domingue* em 1791 foram a ante-sala das insurreições vitoriosas nas Américas¹⁶⁷.

O caráter popular das revoltas de libertação foi importante porque mesmo na contradição entre *criollos* e espanhóis peninsulares, as classes populares (também chamadas de “classes perigosas” entre o fim do século XVIII e o século XIX) foram afastadas da direção dos processos, mas tiveram uma presença importante. O “povo” como a “copa” da árvore da emancipação em sua abundância de folhas “recebeu a substância rechaçada”, “saiu com as páginas golpeadas e com a primavera no caminho”.

No horizonte das insurreições, a pátria nascida principalmente dos “lenhadores” e dos “filhos sem batizar”, tanto uma referência aos trabalhadores mais simples, aos povos originários que não foram catequizados, nasce duramente outra vez, tentando suprimir essa fundação e outros modos de vida com as elites *criollas*. O elemento comunal e pré-colombiano ora chamado de “milenarismo” não significa apenas o resgate de uma tradição cultural incaica e “pré-colombiana”, mas também projetos alternativos de sociedade.

A sua permanência como “pedaços de alma sobrevivente” foram as possibilidades concretas de resistência à assimilação da modernidade capitalista desde as independências até o presente, desde as revoltas indígenas coloniais ao *Sumak kawsay* (a vida em

¹⁶⁶ **América insurreta (1800):** Nossa terra, larga terra, solidões, se povoou de rumores, braços, bocas. Uma calada sílaba ia ardendo, congregando a rosa clandestina, até que as pradarias trepidaram cobertas de metais e galopes. Foi dura a verdade como um arado. Rompeu a terra, estabeleceu o desejo, afundou suas propagandas germinais e nasceu na secreta primavera. Foi calada sua flor, foi rechaçada sua reunião de luz, foi combatida a levedura coletiva, o beijo das bandeiras escondidas, mas surgiu rompendo as paredes, apartando os cárceres do solo. O povo escuro foi sua copa, recebeu a substância rechaçada, a propagou nos limites marítimos, a macerou em morteiro indomáveis. E saiu com as páginas golpeadas e com a primavera no caminho. Hora de ontem, hora de meio-dia, hora de hoje outra vez, hora esperada entre o minuto morto e o que nasce, na eriçada idade da mentira. Pátria, nasceste dos lenhadores, de filhos sem batizar, de carpinteiros, dos que deram como uma ave estranha uma gota de sangue voadora, e hoje nascerás de novo duramente, desde onde o traidor e o carcereiro te creem para sempre submergida. Hoje nascerás do povo como então. Hoje sairás do carvão e do orvalho. Hoje chegarás a sacudir as portas com mãos maltratadas, com pedaços de alma sobrevivente, com cachos de olhares que não extinguiu a morte, com ferramentas fugazes armadas sob os farrapos. Idem. Ibid. Pp.87-88. Tradução nossa.

¹⁶⁷ GUAZZELLI, Cesar A. B. A crise do sistema colonial e o processo de independência. In: WASSERMAN, Claudia (coord). América Latina... Pp.139-142.

plenitude, do quéchua). A superação de interpretações reducionistas sobre o caráter estritamente comunista (de moldes soviéticos) da obra de Neruda desconsidera a abertura dos horizontes poéticos, políticos e das características específicas da formação das Américas, e da América como uma unidade de diversidade, totalidade.

*Bernardo O'Higgins Riquelme*¹⁶⁸, o maior líder da independência do Chile tem a sua trajetória de revolucionário e militar celebrada desde os seus primórdios, “há que iluminar a sala”. O'Higgins antes de se formar um “pai da nação chilena” foi um “poncho e juvenzinho triste da província”, um homem do campo (*huaso*, do espanhol chileno). Ao chegar a Santiago tomou consciência da sua condição pátria, “a bandeira da pátria que nos fizeste”, esta “estátua campestre”.

Em Londres, Bernardo Riquelme teve contato com Francisco de Miranda (1750-1816), revolucionário venezuelano – veterano das guerras de independência das Treze Colônias e da Revolução Francesa – foi um mentor, o “elegante pobre” que “deu conselhos de águia prudente” o “embarcou na História”. As influências do iluminismo

¹⁶⁸**Bernardo O'Higgins Riquelme (1810):** O'Higgins, para celebrar-te a meia luz há que acender a sala. A meia luz do sul em outono com tremor infinito de álamos. És Chile, entre patriarca e *huaso**, és um poncho de província, um menino que não sabe seu nome ainda, um menino férreo e tímido na escola, um juvenzinho triste de província. Em Santiago te sentes mal, te olham o terno preto que te fica longo, e ao cruzar-te a banda, a bandeira da pátria que nos fizeste, tinha odor de *yuyo** matutino, para teu peito de estátua campestre. Jovem, teu professor Inverno te acostumou à chuva e na Universidade das ruas de Londres a névoa e a pobreza te outorgaram seus títulos e um elegante pobre, errante incêndio de nossa liberdade, te deu conselhos de águia prudente e te embarcou na História. ‘‘ Como se chama Ud’’ riam os “cavalheiros” de Santiago: filho de amor, de uma noite de inverno, tua condição de abandonado te construiu com argamassa agreste, com seriedade de casas ou de madeira trabalhada no Sul, definitiva. Tudo muda-teo tempo, tudo menos teu rosto. És, O'Higgins, relógio invariável como uma só hora em tua cândida esfera: a hora do Chile, o único minuto que permanece no horário vermelho da dignidade combatente. Assim estarás igual entre os móveis de pau santo e as filhas de Santiago, que rodeado em Rancagua pela morte e a pólvora. És o mesmo sólido retrato de quem não tem pai senão pátria, de quem não tem noiva senão aquela terra com *azahares** que te conquistará a artilharia. Te vejo no Peru escrevendo cartas. Não há desterrado igual, maior exílio. É toda a província desterrada. Chile se iluminou como um salão quando não estavas. Em desperdício, um *rigaudon* de ricos substitui tua disciplina tua disciplina de soldado ascético, ea pátria ganhada por teu sangue sem ti foi governada como um baile que olha o povo faminto desde fora. Já não podias entrar na festa com suor, sangue e poeira de Rancagua. Haveria sido de mau tom para os cavalheiros capitais. Haveria entrado contigo o caminho, um odor de suor e de cavalos, o odor da pátria em Primavera. Não podias estar neste baile. Tua festa foi um castelo de explosões. Teu baile desganhado é a contenda. Teu fim de festa foi a sacudida da derrota, o porvir destinado até Mendoza, com a pátria em braços. Agora vê no mapa para baixo, para o delgado cinturão do Chile e coloca na neve soldadinhos, jovens pensativos na areia, sapadores que brilham e se apagam. Fecha os olhos, dorme, sonha um pouco, teu único sonho, o único que volta para teu coração: uma bandeira de três cores no Sul, caindo a chuva, o sol rural sobre tua terra, os disparos do povo em rebeldia e dois ou três palavras tuas quando foram estritamente necessárias. Se sonhas, hoje teu sonho está cumprido. Sonha-o, pelo menos, na tumba. Não sabes nada mais porque, como antes, depois das batalhas vitoriosas, dançavam os senhoritos em Palacio e o mesmo rosto faminto olha desde a sombra das ruas. Mas herdamos tua firmeza, teu inalterável coração calado, tua indestrutível posição paterna, e tu, entre a avalanche cegante de hussardos do passado, entre os ágeis uniformes azuis e dourados, estás hoje conosco, és nosso, pai do povo, imutável soldado. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.88-89. Tradução nossa.

européu e de Miranda foram determinantes para o pensamento da emancipação em Riquelme, além dos horizontes revolucionários dos Estados Unidos e do próprio Haiti insurgido contra a I República francesa¹⁶⁹.

Enquanto concluía seus estudos desde 1795 em Londres, morreu seu pai Ambrosio O'Higgins em 1801, e este voltou ao Chile assumindo a *Hacienda de Las Canteras* e tomando o sobrenome O'Higgins, antes não usado pela sua condição de filho “bastardo”. A sua condição de filho ilegítimo e a sua criação fora dos quadros da oligarquia *criolla* do Chile gerou um certo rechaço dos “cavalheiros” de Santiago. Criado no Sul, “filho do amor” na sua “condição de abandonado”, o “relógio invariável com uma hora só: a hora do Chile”, foi eleito como deputado para a Junta de Governo (1810) e um coronel das forças independentistas (1811).

O balanço de forças entre 1811 e 1813 estava equilibrado entre os exércitos realistas “antinapoleônicos” e as tropas emancipacionistas até a restauração do governo Bourbon na Espanha e a volta de Fernando VII com a derrota de Napoleão e a tomada de Concepción, a base do poder dos criollos radicais como O'Higgins e outros. Com as suas tropas recuando até a sua derrota em Rancagua “rodeado de morte e pólvora em Rancagua”, “igual entre móveis de pau santo e as filhas de Santiago”¹⁷⁰.

As mulheres tiveram uma participação importante no movimento, principalmente nas fileiras dos líderes radicais como Paula Jaraquemada, Cornelia Olivares, Luisa Recabarren, Javiera Carrera, estas arregimentaram tropas femininas de combatentes. Além de serem lideranças políticas e militares, também protagonizaram um movimento pela educação das mulheres proibida pela Coroa Espanhola¹⁷¹.

Depois da derrota em Rancagua, Bernardo O'Higgins se reagrupou com outras forças independentistas chilenas em Mendoza, na Argentina “onde foi sacudido o fim da festa”, e como um general sob o mando do comandante geral da emancipação, de José de San Martín, derrotou em 1817 os exércitos conservadores e realistas. Depois de “um odor de suor e cavalos”, o “odor da pátria em Primavera”, uma oligarquia de senhoritos “dançavam em Palácio” a qual O'Higgins nunca se identificou pertencente a qualquer

¹⁶⁹ GUAZZELLI, Cesar A. B. A crise do sistema colonial e o processo de independência. In: WASSERMAN, Claudia (coord). *História da América Latina...* Pp.152-153.

¹⁷⁰ Idem. Ibid. Pp.153.

¹⁷¹ VITALE, Luis. IV. La participación de la mujer en la revolución anticolonial. https://www.archivochile.com/Ideas_Autores/vitale/5lvc/05lvcmujer0011.pdf

“elite”. Mesmo após esta capitulação do processo político, a importância da “firmeza herdada”, da “indestrutível posição paterna”, és o pai do povo, “indestrutível soldado”, assim passou à história Bernardo O’Higgins Riquelme.

Dialogando com José de *San Martín*¹⁷², Neruda imagina uma longa viagem pela terra, “de sítio em sítio”, percorrendo caminhos “feitos para voltar, nos finais da cordilheira” e a “pureza da intempérie que [de ti] herdamos”, San Martín se converte na passagem dos dias.

A importância do revolucionário argentino para o continente e especialmente para o Chile “custa diferenciar entre raízes, entre trilhas, pássaros” e “encontrar no ar sua existência”. Os exércitos de libertação desde Mendoza – passando pelo Peru até o Chile juntamente com O’Higgins e Carrera – fez do pai da nação argentina a “terra que nos deste”. “Extenso entre todos os heróis”, San Martín semeou de tranquilidade os cerros e deu “mais extensão à primavera”, e mesmo que “outros capitães fulguram mais que” ele.

A verdade do “pai poeirento” desde o Congresso de Tucumán, passando a libertação ao Chile, ao Peru e Bolívia até Guayaquil, “guerreando, caminhando entre povoados e planícies” e pelos Andes “estabelecendo a verdade e espalhando teu germe

¹⁷²**San Martín (1810):** Andei, San Martín, tanto e de sítio em sítio, que descartei teu terno, tuas esporas, sabia que alguma vez, andando nos caminhos feitos para voltar, nos finais de cordilheira, na pureza da intempérie que de ti herdamos, nos íamos ver de um dia a outro. Custa diferenciar entre os nós de corticeira, entre raízes, entre trilhas assinalar teu rosto, entre os pássaros distinguir tua visão, encontrar no ar tua existência. És a terra que nos deste, um ramo de cedro que golpeia com seu aroma, que não sabemos onde está, de onde chega seu odor de pátria às pradarias. Te galopamos, San Martín, saímos amanhecendo a recorrer teu corpo, respiramos hectares de tua sombra. És extenso entre todos os heróis. Outros foram de mesa em mesa, de encruzilhada em turbilhão, tu foste construído de confins, e começamos a ver tua geografia, tua planície final, teu território. Enquanto maior o tempo dissemina como água eterna os torrões do rancor, os afiados traços da fogueira, mais terreno compreendes, mais sementes de tua tranquilidade povoam os cerros, mais extensão dá à primavera. O homem que constrói é logo a fumaça do que o construiu, ninguém renasce de seu próprio braseiro consumido: de sua diminuição fez existência caiu quando não teve mais que poeira. Tu abarcaste na morte mais espaço. Tua morte foi um silêncio de celeiro. Passou a vida tua e outras vidas. Se abriram portas, se elevaram muros e a espiga saiu a ser derramada. San Martín, outros capitães fulguram mais que tu, levam bordados seus ramos de sal fosforescente, outros falam ainda como cascatas, mas não há um como tu, vestido de terra e solidão, de neve e trevo. Te encontramos ao retornar do rio, te saudamos na forma agrária da Tucumania florida, e nos caminhos, a cavalo te cruzamos correndo e levantando tua vestidura, pai poeirento. Hoje o sol e a lua, o vento grande maturam tua linhagem, tua singela composição: tua verdade era verdade de terra, arenosa massa, estável como o pão, lâmina fresca de greda e cereais, pampa pura. E assim és até hoje, lua e galope, estação de soldados, intempérie, por onde vamos outra vez guerreando, caminhando entre povos e planícies, estabelecendo tua verdade terrestre, espalhando teu germe espaçoso, aventando as páginas do trigo. Assim seja, e que não nos acompanhe a paz até que entremos depois dos combates, a teu corpo e durma a medida que tivemos em tua extensão de paz germinadora. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.90-92. Tradução nossa.

espaçoso”. A guerra revolucionária e o avanço da libertação não pode cessar e que San Martin apenas durma depois que se alcance “tua extensão de paz germinadora”.

O comando de José San Martin do processo de libertação da maior parte dos territórios da América do Sul desde 1816 deu fim às primeiras guerras iniciadas no continente, entre as oligarquias realistas e independentistas. A guerra contra dois impérios no Rio da Prata, o império espanhol e britânico (com as invasões de 1806 e 1807) teve a participação de San Martin, além das províncias de Buenos Aires¹⁷³. As pacificações não foram duradouras dado um segundo ciclo de guerras civis entre os grupos políticos das oligarquias pós-independências e as classes populares (camponeses, peões, indígenas e afroamericanos ex-escravizados) como agentes importantes e não necessariamente envolvidos com algum grupo específico.

Francisco Xavier *Mina* (1789 – 1817), o insurgente entre dois continentes nasceu da Espanha em Navarra. O berço de Mina, os reinos de Castela e Leão, Aragão e Navarra unificados por Castela, foi marcado por conflitos sociais e políticos por autonomia, entre o poder central real e eclesiástico e as autonomias regionais.

Os movimentos dos *comuneros* de Castela e as revoltas *comuneras* em Aragão de 1520 a 1522 contra o Império Habsburgo marcaram oposições à centralização monárquica absolutista e as lutas populares plebeias e de uma pequena nobreza por soberanias¹⁷⁴, “não em vão o estandarte de Castela tem em sua cor o vento comunero”, a Espanha é então um território que produziu tanto a dominação da América, quanto os movimentos revolucionários. Da resistência anti-napoleônica em Navarra, nasceu Xavier Mina como guerrilheiro e revolucionário independentista, exilado na Inglaterra após a recusa do rei Fernando VII (1784 – 1833) em aceitar a Constituição de Cádiz em 1814 e as suas intenções de participação no processo da Nova Espanha¹⁷⁵.

O rechaço ao constitucionalismo gaditano de orientação liberal pelo monarca Bourbon e a sua repressão provocou a evasão de Mina e vários outros oficiais que antes apoiavam a monarquia. De Londres, onde se associaram aos grupos maçons da Logia

¹⁷³ HALPERÍN DONGHI, Tulio. *Reforma y disolución de los imperios ibéricos (1750-1850)*. Madrid: Alianza Editorial, 1985. Pp.117-118.

¹⁷⁴ Cf. ANDERSON, Perry. *Linhagens do Estado absolutista*. São Paulo: Brasiliense, 2004. Pp.66-67. E RAMOS, Jorge Abelardo. *Historia de la nación latinoamericana*. P.37.

¹⁷⁵ PÉREZ RODRÍGUEZ, Gustavo. *Xavier Mina, el insurgente español. Guerrillero por la libertad de España y México*. México D.F: UNAM, 2018.

Americana, passaram à organização nos Estados Unidos, e por fim ao México onde ingleses, espanhóis e americanos na Europa participaram do processo de independência do México¹⁷⁶. Xavier Mina lutou na independência mexicana obtendo vitórias significativas para os independentistas até 1817 quando foi preso em Guanajuato e morto pelas forças realistas¹⁷⁷. “No México ataram a água das vertentes espanholas, e ficou imóvel e calada sua transparência caudalosa”, mas tanto espanhóis como americanos tiveram em Mina e tantos outros a união pela revolução política e social.

Em *Miranda morre na névoa*¹⁷⁸(1816), Francisco de Miranda (1750 – 1816), um dos principais pensadores políticos da emancipação da América e precursor da unidade continental e integração “américo-colombiana” (depois integração latino-americana), antes de tudo foi um revolucionário. Veterano da guerra de independência dos Estados Unidos, herói da Revolução Francesa onde foi “condecorado por mais de um Outono junto ao mármore”, Miranda articulou os seus projetos de libertação em diversos espaços entre o velho e o novo mundo – Espanha França, Estados Unidos, Rússia onde prestou

¹⁷⁶ PÉREZ RODRÍGUEZ, Gustavo. *Xavier Mina, el insurgente español*. Pp.71-75. Os revolucionários espanhóis e americanos envolvidos nos processos de independência se articularam através de grupos maçons e estudos entre o velho continente e a América: Xavier Mina, Bolívar, Andrés Bello, Miranda, San Martín e outros. Mina conheceu um articulador importante vindo do México, o frei dominicano Servando Teresa de Mier, também revolucionário e um liberal várias vezes preso pelo vice-rei novo-hispano, teve grande importância nas Cortes de Cádiz e na adesão de Xavier Mina à luta de independência mexicana.

¹⁷⁷ GONZÁLEZ, Luis. III. El período formativo. In: COSÍO VILLEGAS, Daniel. Et.al. *Historia mínima de México*. México D.F. - Colégio de México, 1974. Pp.89-90.

¹⁷⁸**Miranda morre na névoa (1816):** Se entrais a Europa tarde com chapéu de copa no jardim condecorado por mais de um Outono junto ao mármore, da fonte enquanto caem folhas de ouro esfarrapado no Império, se a porta recorta uma figura sobre a noite de São Petersburgo tremem os sinos do trenó, e alguém na solidão branca alguém o mesmo passo a mesma pergunta, se tu sai pela florida porta da Europa um cavaleiro sombra terno inteligência signo cordão de ouro, Liberdade Igualdade olha sua frente entre a artilharia que tropeja se nas Ilhas a alfombra o conhece a que recebe oceanos Passe Você Já creio. Quantas embarcações E a névoa seguindo passo a passo sua jornada se nas cavidades de lojas, livrarias há alguém luva espada com um mapa com a pasta pululante cheia de populações de navios de ar, se em Trinidad para a costa a fumaça de um combate e de outro o mar de novo e outra vez a escada de Bay Street a atmosfera que o recebe impenetrável como um compacto interior de maçã e outra vez esta mão patrícia esta azulada luva guerreira na antessala longos caminhos guerras e jardins a derrota em seus lábios outro sal outro sal outro vinagre ardente se em Cádiz amarrado ao muro pela grossa cadeia seu pensamento, o frio horror da espada o tempo o cativo se baixais subterrâneos entre ratos e alvenaria leprosa outro ferrolho guardado em um caixão de enforcado o velho rosto onde morreu afogada uma palavra uma palavra nosso nome a terra para onde queriam ir seus passos a liberdade para seu fogo errante o baixam com cordéis à molhada terra inimiga ninguém saúda faz frio faz frio de tumba na Europa. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. P.94. Tradução nossa.

serviços a Catarina II da Rússia¹⁷⁹ e principalmente na Inglaterra onde foi interlocutor e mentor de outros revolucionários através das logias maçônicas¹⁸⁰.

América continental, Europa Ocidental e Antilhas (a sua base em Trinidad onde recebeu certo apoio da Inglaterra) foram os itinerários de Miranda até chegar no porto de La Guaira e se juntar ao movimento independentista em 1810. As derrotas de Francisco de Miranda em 1812 o forçaram a capitular frente aos espanhóis, ato encarado por Simón Bolívar como uma traição e este o prendeu deixando a sua própria sorte com os “godos”. De Porto Rico, Miranda foi levado até Cádiz e entre as névoas dos navios a vapor e dois continentes, morreu na prisão em 1816 com 66 anos, e com ele se foi a primeira organização da emancipação, uma organização intercontinental e internacional¹⁸¹.

*José Miguel Carrera*¹⁸² disse liberdade “antes que ninguém, quando o sussurro em pedra em pedra, escondidos nos pátios”, libertou “o filho do escravo”. Com a junta

¹⁷⁹ BOHÓRQUEZ, Carmen. (comp.). *Miranda y la emancipación*. Textos de José María Antepara. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho. 2009. Pp. XXVIII

¹⁸⁰ PÉREZ RODRIGUEZ, Gustavo. *Xavier Mina, el insurgente español*. Pp.74-75. Depois da fundação da Logia Gran Reunión Americana ou *Caballeros Racionales* em Londres, a Logia Lautaro em Cádiz fundada pelo rio-platense Carlos Alvear passou a ser outro eixo de organização do movimento independentista.

¹⁸¹ GUAZZELLI, Cesar A. B. O processo de independência. In: WASSERMAN, Claudia. História da América Latina. P.149.

¹⁸² **José Miguel Carrera (1810): Episódio** – Disseste Liberdade antes que ninguém, quando o sussurro ia de pedra em pedra, escondidos nos pátios, humilhado. Disseste Liberdade antes que ninguém. Liberaste o filho do escravo. Iam como as sombras mercadoras vendendo sangue de mares estranhos. Liberaste o filho do escravo. Estabeleceste a primeira imprensa. Chegou a letra ao povo escurecido, a notícia secreta abriu os lábios. Estabeleceste a primeira imprensa. Implantaste a escola no convento. Retrocedeu a gorda teia de aranha e o rincão dos dízimos sufocantes. Implantaste a escola no convento. **Coro:** Conheça-se tua condição altiva, senhor cintilante e aguerrido. Conheça-se tuas chaves desbocadas abrindo os ferrolhos da noite. Cavaleiro verde, raio tempestuoso. Conheça-se teu amor a mãos cheias, tua lâmpada de luz vertiginosa. Cacho de uma cepa desbordante. Conheça-se teu esplendor instantâneo, teu errante coração, teu fogo diurno. Ferro iracundo, pétala patricia. Conheça-se teu raio de ameaça destruindo as cúpulas covardes. Torre de tempestade, ramo de acácia. Conheça-se tua espada vigilante, tua fundação de força e meteoro. Conheça-se tua rápida grandeza. Conheça-se tua indomável postura. **Episódio** Vá pelos mares, entre idiomas, vestidos, aves estrangeiras, traz naves libertadoras, escreve fogo, ordena nuvens, desentranha sol e soldados, cruza a névoa em Baltimore gastando-se de porta em porta, créditos e homens o desbordaram, o acompanham todas as ondas. Junto ao mar de Montevideu, em sua casa desterrada, abre uma imprensa, imprime balas. Para o Chile vive a flecha de sua direção insurgente, arde a fúria cristalina que o conduz, e endereça a cavalgada do resgate montado nas crinas ciclônicas de sua despenteada agonia. Seus irmãos aniquilados lhe gritam desde o paredão da vingança. Sangue seu tinge como uma labareda nos adobes de Mendoza seu trágico trono vazio. Sacode a paz planetária da pampa como um circuito de vagalumes infernais. Açoita as cidadelas com o uivo das tribos. Ensarta cabeças cativas no furacão das lanças. Seu poncho desencadeado relampagueia na fumaceira e na morte dos cavalos. Jovem Pueyrredón, não relates o desolado calafrio de seu final, não me atormentes com a noite do abandono, quando o levam a Mendoza mostrando o marfim de sua máscara a solidão de sua agonia. **Coro** Pátria, preserva-lo em teu manto, recolhe este amor peregrino: não o deixe rodar ao fundo de sua tenebrosa desgraça: sobre a tua frente este fulgor, esta lâmpada inesquecível, replica esta renda frenética, chama a esta pálpebra estrelada, guarda o novilho deste sangue para tuas telas orgulhosas. Pátria, recolhe esta carreira, a luz, a gota mal ferida, este cristal agonizante, este vulcânico anel. Pátria, galopa e defende-lo, galopa, corre, corre, corre. **Êxodo:** O levam aos muros de Mendoza, a árvore cruel, à vertente de sangue inaugurada, ao solitário tormento, ao final frio da estrela. Vai pelas estradas inconclusas, amoras e taipas desdentados, álamos que jogam ouro morto,

provisória de governo, como uma das lideranças *criollas* mais radicais, além de ter promovido uma abertura dos portos, também foi o primeiro a permitir uma imprensa liberal e a iniciar um processo de manumissão dos escravizados chilenos com a Proclama Constitucional de 1812. Por sua posição radical e sua atuação política, foi um líder popular aclamado, mais um líder ou um *caudillo* que um chefe militar¹⁸³.

José Miguel foi “pelos mares, entre idiomas, vestidos, aves estrangeiras, traz naves libertadoras”, assim como buscou apoio à luta de emancipação do Chile, possuía um projeto de “união da América” na administração da Junta Provisória de Governo entre

rodeado por seu orgulho inútil como por uma túnica esfarrapada a que a poeira da morte chega. Pensa em sua sangrada dinastia, na lua inicial sobre os carvalhos desgarradores da infância, a escola castelhana e o escudo vermelho e viril da milícia hispânica, sua tribo assassinada, a doçura do matrimônio, entre os *azahares o desterro, as lutas pelo mundo, O’Higgins o enigma abandeirado, Javiera sem saber nos remotos jardins de Santiago. Mendoza insulta sua linhagem negra, golpeia sua vencida investidura, e entre as pedras jogadas sobe para a morte. Nunca um homem teve um final mais exato. Das ásperas investidas, entre vento e bestas, até este beco onde sangraram todos os de seu sangue. Cada grau do cadafalso o ajusta a seu destino. Já ninguém pode continuar a cólera. A vingança, o amor fecham suas portas. Os caminhos ataram ao errante. E quando lhe disparam, e através de seu pano de príncipe do povo parece sangue, é sangue que conhece a terra infame, sangue que chegou onde tinha que chegar, ao solo de lagares sedentos que esperavam as uvas derrotadas de sua morte. Indagou para a neve da pátria. Tudo era névoa na eriçada altura. Viu os fuzis cujo ferro fez nascer seu amor desmoronado, se sentiu sem raízes, passageiro da fumaça, na batalha solitária, e caiu envolto em poeira e sangue como em dois braços de bandeira. **Coro:** Hussardo infortunado, joia ardente, sarça ardente na pátria nevada. Chorai por ele, chorai até que molhem, mulheres, vossas lágrimas a terra, a terra que ele amou, sua idolatria. Chorai, guerreiros ásperos do Chile, acostumados a montanha e onda, este vazio é como uma nevasca, esta morte é o mar que nos golpeia. Não pergunteis por que, ninguém diria a verdade destroçada pela pólvora. Não pergunteis quem foi, ninguém arrebatou o crescimento da primavera, ninguém matou a rosa do irmão. Guardemos cólera, dor e lágrimas, enchamos o vazio desolado e que a fogueira na noite recorde a luz das estrelas falecidas. Irmã, guarda teu rancor sagrado. A vitória do povo necessita a voz de tua ternura triturada. Estendei mantos em tua ausência para que possa – frio e enterrado – com sua silêncio sustentar a pátria. Mais de uma vida foi a sua vida. Buscou sua integridade como uma chama. A morte foi com ele até deixá-lo para sempre completo e consumido. **Antístrofe:** Guarde o laurel doloroso sua extrema substância de inverno. A sua coroa de espinho levemos areia radiante, fios de estirpe araucana resguardem a lua mortuária, folhas de boldo fragrante resolvem a paz de sua tumba, neve nutrida nas águas imensas e escuras do Chile, plantas que amou, melissas em xícaras de greda silvestre, ásperas plantas amadas pelo amarelo centauro, olhos sombrios que arderam sob seus beijos terrestres. Levante a pátria suas aves, suas asas injustas, suas pálpebras vermelhas, voa rumo ao hussardo ferido a voz do quero-quero na água, sangue a loica* sua mancha de aroma escarlata rendendo tributo a aquele cujo voo estendera a noite nupcial da pátria e o condor pendurado na altura imutável coroe com plumas sangrentas o peito adormecido, a fogueira que faz nas camadas da cordilheira, rompa o soldado a rosa iracunda esmagada no muro abrumado, salte o paisano ao cavalo de negra sela e focinho de espuma, volta ao escravo do campo sua paz de raízes, seu escudo enlutado, levante o mecânico sua pálida torre tecida de estanho noturno: o povo que nasce no berço torcido por vimes e mãos do herói, o povo que sobe de negros adobes de minas e bocas sulfúricas, o povo levante o mártirio e a urna e envolva a lembrança desnuda com sua ferroviária grandeza e sua eterna balança de pedras e feridas até que a terra fragrante decrete copihues molhadas e livros abertos, ao menino invencível, a rebentada insigne, ao terno temível e amargo soldado. E guarde seu nome no duro domínio do povo em sua luta, como o nome na nave resiste o combate marinho: a pátria em sua proa o inscreva e o beije o relâmpago porque assim foi sua livre e delgada e ardente matéria. NERUDA, Pablo. *Canto General* I. Pp.95-100. Tradução nossa. *Loica é um nome do idioma mapuche para um pássaro também conhecido como Prado ou Prado dos Pampas.

¹⁸³ HALPERÍN DONGHI, Tulio. *Reforma y disolución de los imperios ibéricos*. Pp.133-134.

1810¹⁸⁴, foi um precursor importante depois de Miranda das projeções de unidade continental e integração americana. Depois da luta contra a O’Higgins e a derrota de ambos em Rancagua, Carrera foi exilado em Mendoza com seus irmãos nas Províncias Unidas. O clamor de apoio ao “hussardo ferido” pela pátria que o produziu é uma contradição notável frente à nação posteriormente construída do século XIX em diante.

A visão do plano de José Miguel Carrera em Mendoza e em associação com Carlos Alvear (1789 – 1850), na tentativa de expressar como o caudilho de Santiago percebeu a sua posição. O poeta coloca Carrera em suas disputas políticas e no seu plano emancipatório, buscou apoio e alianças contra San Martín e O’Higgins na tentativa de capitanear a revolução de independência. A sua liderança popular, do “povo que nasce no berço torcido por vimes e mãos do herói, o povo que sobe de negros adobes de minase bocas sulfúricas” tem a importância de ter proporcionado os primeiros caminhos para o desenvolvimento econômico-social da pátria chilena. A “pátria em sua proa” o inscreve, e entre flores “copihues molhadas e livros abertos” se reconheça a contribuição de José Carrera para a construção do Chile.

*Manuel Rodríguez*¹⁸⁵ Erdoíza (1785 – 1818), o terceiro dos considerados “pais do Chile” junto com José Miguel Carrera e Bernardo O’Higgins ao contrário destes não teve experiências como militar antes de ser secretário de Carrera. De advogado e deputado em Santiago a guerrilheiro conquistou vitórias militares significativas contra os espanhóis e os realistas passando por diversas regiões, províncias e comunas. A imagem construída no poema “por toda parte vem Manuel Rodríguez” devido a sua estratégia militar de guerra de posições e combate irregular também se verifica na sua relações com movimentos populares¹⁸⁶.

¹⁸⁴ VITALE, Luis. *Recuperando la memoria histórica: La larga marcha por la unidad y la identidad latinoamericana*. De Bolívar al Che Guevara. Buenos Aires: Ediciones Nuestra América, 2002. P.12.

¹⁸⁵ **Manuel Rodríguez:** Senhora, dizem que onde, minha mãe dizem, disseram, a água e o vento dizem que viram o guerrilheiro. **Vida:** Pode ser um bispo, pode e não pode, pode ser só o vento sobre a neve: sobre a neve, sim, mãe, não vejas, que vem galopando Manuel Rodríguez. Já vem o guerrilheiro pelo estuário. **Paixão** Saindo de Melipilla, correndo por Talagante, cruzando por San Fernando, amanhecendo em Pomaire. Passando por Rancagua, por San Rosendo, por Cauquenes, por Chena, por Nacimiento: por Nacimiento, sim, desde Chiñigüe, por toda parte vem Manuel Rodríguez. Passa-lhe este cravo. Vamos com ele. Que se apague a guitarra, que a pátria está de duelo. Nossa terra se obscurece. Mataram o guerrilheiro. **E morte** Em Til-til, o mataram, os assassinos, sua espalda está sangrando sobre o caminho: sobre o caminho, sim. Quem o diria, o que era nosso sangue, nossa alegria. A terra está chorando. Vamos calando. Idem. Ibid. Pp.100-101. Tradução nossa.

¹⁸⁶ VITALE, Luis. *Recuperando la memoria histórica*. p.12.

Outra vez se coloca as diversas emancipações em disputa ao longo do processo da libertação. Rodriguez assim como seu amigo Carrera e seus irmãos foi um líder popular muito reconhecido e contou com o apoio de movimentos de camponeses e artesãos. Por este apoio popular e pela discordância com os rumos da revolução tomaram nas contendas com O'Higgins, Rodriguez foi preso e morto com um tiro nas costas na comuna de Tilt.

Guayaquil em (1822) ^{foi} o contexto de encontro entre o rio-platense José de San Martín, do Sul, e o caraquense Simón Bolívar (1783 – 1830) do Norte, as duas lideranças revolucionárias com seus projetos de unidade continental traçam as estratégias de libertação dos Andes, do norte da América do Sul nos territórios de Venezuela, Colômbia, Equador e Panamá (a Grande Colômbia), além de uma confederação de repúblicas latino-americanas que resultou na formação do Congresso do Panamá (1822 – 1826)¹⁸⁷.

Mesmo com convergências entre os movimentos, é notável a diferença entre o caráter já conservador por parte de José de San Martín frente à posição mais radical de Simón Bolívar, assim como a ascensão e o auge de Bolívar neste período da década de 1820 e o início do declínio San Martín, o “seu conteúdo ser tremia, no quarto detido na escuridão da história”. O protagonismo do revolucionário caraquense por suas forças mais extensas e o seu não excluiu a força do líder rio-platense, a sua posição favorável a uma monarquia constitucional foi vencida pela posição republicana e de unificação continental bolivariana.

Houve um conflito entre a soberania local centrada na figura do guayaquilenho José Joaquín de Olmedo (1780 – 1847) e as concepções integracionista de Bolívar e San Martín. A vitória de Simón Bolívar junto a San Martín e Antonio Sucre contra os realistas na província de Guayaquil culminou na sua anexação à Grande Colômbia¹⁸⁸, da “ordem cereal foi sua vitória” a origem do projeto da Pátria Grande, “um sonho, uma ignorada dimensão” que o limitou frente à hegemonia conservadora e apenas local de cada um dos processos políticos de independência. De qualquer maneira “se abriu outra vez a porta, outra vez toda a noite americana, o largo rio de muitos lábios palpitou um segundo”,

¹⁸⁷ VITALE, Luis. *Recuperando la memoria histórica*. Pp.20-21.

¹⁸⁸ RODRIGUEZ ORDÓÑEZ, Jaime E. *La revolución política durante la época de la independencia: El Reino de Quito (1820 – 1822)*. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar/Corporación Editora Nacional, 2006. Pp.179-181.

“Bolívar seguiu só” porém a perspectiva de uma América unida passou a ser mais uma alternativa à ordem política estabelecida.

Antonio José de *Sucre* (1795 – 1830), general do exército de Bolívar e depois Grande Marechal de Ayacucho teve importância central na independência de Nova Granada junto a Miranda e Bolívar, sendo também o primeiro presidente da Bolívia. A posição de Sucre frente a outros líderes da emancipação como Miguel Hidalgo (1753 – 1811) e José María Morelos (1765 – 1815) foi vencedora nas “terras altas”. José Antonio Páez (1790 – 1876) foi o principal separatista da Grande Colômbia “repartindo ar conquistado” com a secessão da Venezuela.

Cundinamarca também foi separada da união colombiana com um breve período de autonomia e depois convertida em um departamento da República da Colômbia e assim lhe “cai o orvalho sobre a fraternidade das feridas”. Das lutas pela hegemonia e por poder no processo de construção dos estados na América do Sul –após a independência e o fim de qualquer risco de “reconquista” colonial – “emerge um mundo de despedidas e galopes, nasce a cada minuto uma bandeira como uma flor antecipada”.

De tal maneira, a avaliação desses processos pelo poeta se centrou nos constrangimentos à unidade continental idealizada e praticada por pouco tempo durante o governo revolucionário das forças bolivarianas. O fracasso da unificação das soberanias locais e dos países em um grande estado plurinacional, as “bandeiras feitas de panos sangrentos e de livros livres” – produzidas pelos poderes locais de cada nação através da sua literatura e a escrita histórica de suas origens – nos oculta os caminhos de uma emancipação soberana do continente frente a qualquer dominação exterior como as forças imperialistas neocoloniais.

*As bandeiras*¹⁸⁹ criadas no seio de cada estado-nação criado no século XIX nesta perspectiva poética, “daquele tempo fragrante, bordadas apenas, nascidas apenas, secretas

¹⁸⁹**As bandeiras:** Nossas bandeiras daquele tempo fragrante, bordadas apenas, nascidas apenas, secretas como um profundo amor, de pronto encarniçadas no vento azul da pólvora amada. América, extenso berço, espaço de estrela, granada madura, de pronto se encheu de abelhas tua geografia, de sussurros conduzidos pelos adobes e as pedras, de mão em mão, se encheu de trajes a rua como uma colmeia atordoada. Na noite dos disparos o baile brilhava nos olhos, subia como uma laranja a flor* às camisas, beijos de adeus, beijos de farinha, o amor amarrava beijos, e a guerra cantava com sua guitarra pelos caminhos. P.103. Tradução nossa. A palavra em espanhol *azahar* significa flor de laranjeira, mantivemos apenas a palavra flor em função da fluidez do texto e proximidade ao espanhol;

como um profundo amor” foram projetos incompletos e iniciados pela “pólvora amada” das revoluções de independência.

A América como um “extenso berço”, “um espaço de estrela” lugar de produção de energia e um brilho próprio em suas dinâmicas “se encheu de abelhas”. Estas abelhas potentes em pólen e capacidade criadora foram limitadas pela sua socialização “de trajes a rua como uma colmeia atordoada”. As batalhas por liberdade prestes a amanhecer da “noite dos disparos”, marcando despedidas e uma nova ordem nascente, “a guerra cantava com sua guitarra pelos caminhos”.

*Toussaint*¹⁹⁰*L’Ouverture* (1743 – 1803), o maior líder da Revolução de São Domingos, o “Haiti, de sua doçura emaranhada, extrai pétalas patéticas” da situação de escravidão colonial de seu povo. Paralelamente ao horizonte francês, a insurreição haitiana edificou uma grandeza, recupera a sua liberdade e “abraça o mar como um avô escuro sua antiga dignidade de pele e espaço”. A guerra anticolonial resgatou para o mundo diaspórico a autonomia de um povo negro vindo da África.

L’Ouverture desde 1791 foi uma liderança militar e política importante para a independência do Haiti, conquistando diversos territórios passou o mais importante líder do processo tendo conquistado também posições diplomáticas com as potências europeias envolvidas (França, Espanha e Inglaterra) por conta da sua educação formal¹⁹¹. Da sua ascensão, passando por avanços e recuos estratégicos, teve diversas vitórias até ser preso em 1802 pelo general Charles Leclerc (1772 – 1802). Toussaint foi levado preso até a França “o levam pelos mares arrastado e atropelado como o regresso de sua raça”, a paralela ao transporte compulsório de africanos para a América “foi atirado à morte secreta” na tentativa de frustrar a rebelião¹⁹².

Apesar da morte de *Toussaint L’Ouverture*, a guerra de independência continuou e em 1804 sob o comando de Jean Jacques Dessalines (1758 – 1806) o Haiti se tornou a

¹⁹⁰ **Toussaint L’Overture:** Haiti, de sua doçura emaranhada, extrai pétalas patéticas, retidão de jardins edifícios da grandeza, abraça o mar como um avô escuro sua antiga dignidade de pele e espaço. Toussaint L’Overture amarra a vegetal soberania, a majestade encadeada, a surda voz dos tambores e ataca, cerra o passo, sobe, ordena, expulsa, desafia como um monarca natural, até que na rede tenebrosa cai e o levam pelos mares arrastado e atropelado como o regresso de sua raça, atirado à morte secreta das sentinas e os sótãos. Mas na Ilha ardem as penhas, falam as ramas escondidas, se transmitem as esperanças, surgem os muros do baluarte. A liberdade é bosque teu, escuro irmão, preserva tua memória de sofrimentos e que os heróis passados custodiem tua mágica espuma. Idem. Ibid. p.104. Tradução nossa.

¹⁹¹ The rise of Toussaint. In: JAMES, C. L. R. *The Black Jacobins: Toussaint L’Ouverture and the San Domingo Revolution*. New York: Vintage Books Edition, 1989. [1938]. Pp.145-162.

¹⁹² Toussaint seizes the power. In: JAMES, C. L. R. *The Black Jacobins*.332-335.

única república da América a nascer de uma revolução antiescravista, a triunfar contra o escravismo colonial francês. Toussaint, o “escuro irmão” passou à história como um símbolo de liberdade, o maior herói da história haitiana e seus companheiros destruíram a nefasta instituição da escravidão.

Francisco *Morazán* (1792 – 1842) é a principal figura política da América Central evocada por Neruda, como uma referência importante de movimento político. Da geografia estreita iniciada no Istmo do Panamá ao limite norte da Guatemala se formou a *República Federal de Centroamérica* (1830 – 1839) unindo também Honduras, Costa Rica, El Salvador e Nicarágua¹⁹³. O projeto federalista de “território, unidade” centro-americana não foi possível por muito tempo devido à reação dos centralistas conservadores ao projeto revolucionário de Morazán¹⁹⁴.

Rafael Carrera (1814 – 1865) e seus aliados conservadores da Igreja Católica “vêm a dividir a estrela”, “a cravar-te a cruz” a “tombar o metal da bandeira”, a reação desta liderança mestiça baseada no poder oligárquico e eclesiástico, a “estirpe sanguinária”. Neste mesmo período, a exploração econômica do império britânico do território da recém dissolvida república (assim como a colonização de Belize), os “outros que te saquearam nos portos” marcou um período de soberanias cada vez mais fracas onde haverá posteriormente as intervenções imperialistas dos Estados Unidos¹⁹⁵.

*Viagem pela noite de Juárez*¹⁹⁶ é um poema que versa sobre Benito Juárez (1806 – 1872) advogado e político de origem indígena zapoteca foi o presidente com o segundo

¹⁹³ HALPERÍN DONGHI, Tulio. *Reforma y disolución de los imperios ibéricos*. Pp.308-309.

¹⁹⁴ O debate historiográfico entre centralismo e federalismo é importante para compreendermos os conflitos políticos após a independência entre liberais e conservadores, no entanto estas posições invisibilizam ou ao mesmo ofuscam posições intermediárias e de diferentes contextos ao do México ou dos países da América do Sul. As abordagens gerais também perdem de vista processos como as iniciativas de unidade e integração continental propostas por Miranda, San Martín, Bolívar e outros. WASSERMAN, Claudia. A formação do Estado nacional na América Latina. In: WASSERMAN, Claudia (coord). *História da América Latina: Cinco séculos*. 196-199.

¹⁹⁵ HALPERÍN DONGHI, Tulio. *Historia contemporánea de América Latina*. Madrid: Alianza Editorial, 1985. Pp.256-257. e HALPERÍN DONGHI, Tulio. *Reforma y disolución de los imperios ibéricos*. Pp.308-309.

¹⁹⁶ **Viagem pela noite de Juárez:** Juárez, se recolhermos o íntimo estrato, a matéria da profundidade, se cavando tocarmos o profundo metal das repúblicas, esta unidade seria tua estrutura, tua impassível bondade, tua teimosa mão. Quem vê tua levita, tua parca cerimônia, teu silêncio, teu rosto feito de terra americana, se não é daqui, se não nasceu nestas planícies, na greda montanhosa de nossas solidões, não compreende. Te falarão avistando a pedreira. Te passarão como se passa um rio. Darão a mão a uma árvore, a um ramo, a um sombrio caminho da terra. Para nós é pão e pedra, forno e produto da estirpe escura. Teu rosto foi nascido em nosso barro. Tua majestade é minha região nevada, teus olhos a enterrada cerâmica. Outros terão o átomo e a gota de elétrico fulgor, de brasa inquieta: tu és o muro feito de nosso sangue, tua retidão impenetrável sai de nossa dura geologia. Não tens nada que dizer ao ar, ao vento de ouro que vem de longe, que o diga a terra em si mesma, a cal, o mineral, a levedura. Eu visitei os muros de Querétaro, toquei cada

mandato mais longo (1858 – 1872) com exceção do Porfiriato. A figura do político mexicano e a sua atuação de maneira geral, e também na resistência liberal frente a invasão do império francês e a monarquia de Fernando Maximiliano (1832 – 1867) chamada de Segundo Império do México (1862 – 1867).

As disputas entre as potências imperialistas França, Inglaterra e Estados Unidos¹⁹⁷ na América produziram a intervenção francesa contra os interesses de outras potências, mas principalmente estadunidenses¹⁹⁸. A ofensiva do imperialismo francês aconteceu tanto politicamente com o apelo dos conservadores mexicanos (clericalistas e oligárquicos) como economicamente na manutenção dos interesses europeus na América contra as possibilidades de desenvolvimento capitalista capitaneadas pelos liberais.

Benito Juárez se apresenta poeticamente como o “íntimo estrato”, “a matéria da profundidade”, a unidade cavada do “profundo metal das repúblicas” uma exemplo de justiça e intransigência. A sua origem indígena no seu “rosto feito de terra americana” seria incompreensível para quem não nasceu neste espaço que é a América “nestas planícies, na greda montanhosa de nossas solidões”.

A presença de Juárez como um caminho construído a ser trilhado é importante para a reconstrução do México após guerras civis desde a independência no início do século XIX. O desenvolvimento juarista da nação mexicana em seu líder que “é pão e pedra, forno e produto da estirpe escura” na sua origem dos zapotecas do povoado San Pablo Guelatao possui uma autonomia política frente aos projetos liberais de anexação e expropriação das terras dos povos originários¹⁹⁹, as terras comunais *ejidos*.

penhasco na colina, a lonjura, a cicatriz, e cratera, os cactos de ramos espinhosos: ninguém persiste ali, se foi o fantasma, ninguém ficou adormecido na dureza: só existem a luz, os ferrões dos matagais, e uma presença pura: Juárez, tua paz de noite justiceira, definitiva, férrea e estrelada. Idem. Ibid. Pp.105-106. Tradução nossa

¹⁹⁷ Sobre os Estados Unidos, precisamos fazer ressalvas sobre a sua expansão e consolidação como potência imperialista: 1) Ainda no fim do século XVIII, havia pretensões de expansão da recém independente república para o Caribe principalmente do Sul dos Estados; 2) após a Guerra Civil Americana (1860 – 1865), o que não impediu os Estados Unidos de invadir e expropriar mais de 50% do território do México na guerra de 1846-1848 e interferirem na política dos países da América Central, do Caribe antes da expansão imperialista para África e Ásia. BENDER, Thomas. *Historia de los Estados Unidos: una nación entre naciones*. Pp.125-127.

¹⁹⁸ LÊNIN, Vladimir Ilitch. *Imperialismo: etapa superior do capitalismo*. Campinas: FE/UNICAMP, 2011. Pp.188-206.

¹⁹⁹ BAILÓN CORRES, Moisés Jaime. *El gobernador y los derechos de los pueblos indios: Benito Juárez en Oaxaca*. México D.F. - CNDH, 2015. Pp.28-29.

As influências externas de ingerência nos processos de reformas e da revolta anti-imperialista são rechaçadas por Juárez e seus grupos de apoio, desta forma a remissão a batalha de Querétaro como última batalha contra os conservadores e as tropas europeias, culminando no processo e na execução de Maximiliano em 1867. Com a derrota do império “se foi o fantasma, ninguém ficou adormecido na dureza”, o restabelecimento da justiça e um breve período de pacificação aconteceu “paz de noite justiceira” até a morte de Benito Juárez em 1872.

*O vento sobre Lincoln*²⁰⁰ vindo do Sul dos Estados Unidos, região de formação agrária e escravista até o último ano da Guerra Civil, em 1865, passa pela sepultura de Abraham Lincoln (1809 – 1865). A leitura de Pablo Neruda sobre a figura libertadora de Lincoln é de uma liberdade incompleta dos Estados Unidos desde a sua reunificação, “o velho cavalheiro já não vive, não existe o buraco de sua antiga camisa se mesclaram as fibras do tempo e poeira humana”.

O projeto republicano de igualdade que ficou junto ao mármore da sepultura de Abraham Lincoln desde a Reconstrução²⁰¹ por vários fatores: o regime de segregação

²⁰⁰ **O vento sobre Lincoln:** Às vezes o vento do Sul resvala sobre a sepultura de Lincoln trazendo vozes e lâminas de cidades e árvores nada passa em sua tumba as letras não se movem o mármore se suaviza com lentidão de séculos o velho cavalheiro já não vive não existe o buraco de sua antiga camisa se mesclaram as fibras de tempo e poeira humana que vida tão cumprida diz uma trêmula senhora de Virgínia uma escola que canta mais de uma escola canta pensando em outras coisas mas o vento do Sul a emanação de terras de caminhos às vezes se detém na tumba sua transparência é um jornal moderno vêm surdos rancores lamentos como aqueles o sonho imóvel vencedor jazia sob os pés cheios de lodo que passaram cantando e arrastando tanta fadiga e sangue pois bem esta manhã volta ao mármore o ódio o ódio do Sul branco para o velho adormecido nas igrejas os negros estão sós com Deus com Deus segundo o creem nas praças nos trens o mundo tem certos letreiros que dividem o céu a água o ar que vida tão perfeita diz a delicada senhorita e na Geórgia matam a pauladas cada semana um jovem negro enquanto Paul Robeson canta como a terra como o começo do mar e da vida canta sobre a crueldade e os avisos de coca-cola canta para irmãos de mundo a mundo entre os castigos canta para os novos filhos para que o homem ouça e detenha seu chicote a mão cruel a mão que Lincoln abatera a mão que ressurge como uma branca víbora o vento passa o vento sobre a tumba traz conversações restos de juramentos algo que chora sobre o mármore como uma chuva fina de antigos de esquecidas dores insepultas a Klan matou um bárbaro perseguindo-o pegando o pobre negro que uivava queimando-o vivo e esburacado pelos tiros sob os capuzes os prósperos rotarianos não sabem assim creem que só são carrascos covardes carniceiros detritos do dinheiro com a cruz de Caim regressam para lavar as mãos e rezar o domingo telefonam ao Senado contando suas façanhas deste não sabe nada o morto de Illinois porque o vento de hoje fala uma língua de escravidão de fúria de cadeia e através das lajes o homem já não existe é um desintegrado polvilho de vitória arrasada depois de triunfo morto não só a camisa do homem se gastou não só o buraco da morte nos mata senão a primavera repetida o transcurso que rói o vencedor com seu canto covarde morre o valor de ontem se derramam de novo as furiosas bandeiras do malvado alguém canta junto ao monumento é um coro de meninas escolares vozes ácidas que sobem sem tocar o pó externo que passam sem baixar ao lenhador dormido à vitória morta sob as reverências enquanto o burlão e viajante vento do Sul sorri. Idem. Ibid. Pp.106-107. Tradução nossa.

²⁰¹ FONER, Eric. *Give me liberty!* Volume 2: From 1865. Fifth Edition. New York: W.W. Norton & Company, 2016. Pp.583-584. O período da reconstrução após a guerra civil não conseguiu operar quaisquer transformações em termos de democracia e direitos civis. Tanto que antes mesmo da instauração do regime Jim Crow em 1896 já havia leis de exclusão das pessoas negras dos processos eleitorais, empregos públicos,

racial *Jim Crow* em todo o Sul instaurado em 1896 até o ano de 1965 com o infame lema “*separate but equal*”²⁰² onde “o ódio do Sul branco pelo velho dormido, nas igrejas os negros estão sós com Deus” e o mundo tem leiteiros que dividem o céu, a água, o ar”.

“Que vida tão perfeita disse a delicada senhorita e na Geórgia matam a pauladas cada semana um jovem negro enquanto Paul Robeson canta como a terra, como o começo do mar e da vida”, através da figura do artista e ativista Paul Robeson (1898 – 1976)²⁰³ o poeta expõe a denúncia da violência racial e os linchamentos acontecidos desde o fim da escravidão até o ano de 1946. O linchamento de Moore’s Ford em Walton County, Geórgia em julho de 1946 foi um caso muito noticiado, além de ter sido considerado o “último grande linchamento”. Neste mesmo fato houve uma participação da Ku Klux Klan desde a sua desagregação e reestruturação após a Segunda Guerra Mundial²⁰⁴ como a 3ª Klan.

No momento da escrita do poema aumentaram as contestações ao racismo, a segregação racial e a violência o “vento de hoje fala uma linguagem de escravidão” nos Estados Unidos. A experiência de viagem ao país por Neruda em 1943 foi uma importante acima de quaisquer notícias que chegavam ao Chile e entre as suas viagens consulares, além do seu encontro com Robeson na Europa em 1949 no início do seu desterro²⁰⁵.

José²⁰⁶Martí (1853 – 1895) poeta, jornalista, professor e revolucionário de “Cuba, flor espumosa” do Caribe “custa encontrar sob a rede florida teu sombrio carvão

participações em efetivos policiais e várias outras restrições como formas de opressão racial e de classe reprimindo-os também como força de trabalho.

²⁰² FONER, Eric. *Give me liberty!* Volume 2: From 1865. Pp.664-666.

²⁰³ Cf. ROBINSON, Cedric. *Black Marxism: The Making of the Black Radical Tradition*. Chapel Hill, North Carolina: University of North Carolina, 2000. Pp.218-240. e RHODES, Mark A. Placing Paul Robeson in History: Understanding his Philosophical Framework. *Journal of Black Studies*. Vol. 47(3) 2016. 235–257. Paul Robeson foi um militante comunista importante para o *American Communist Party* por ser um articulador e um representante nas artes, além do seu trabalho como pensador em seus discursos sobre a questão negra em seu sentido racial e nacional dentro da nacionalidade americana. Formado politicamente no seu engajamento na Guerra Civil Espanhola assim como Pablo Neruda e toda uma geração de revolucionários, e viajando à União Soviética se construiu como parte de uma longa tradição radical negra como um revolucionário e militante marxista anticolonial. Provavelmente Robeson e Neruda se conheceram durante a guerra civil. Além das teses anticoloniais da Terceira Internacional, também o antirracismo e o compromisso com a igualdade racial foram firmados pela primeira vez na história da humanidade com a Constituição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas de 1936.

²⁰⁴ Cf. WEXLER, Laura. *Fire in a canebrake: the last mass lynching in America*. New York: Scribner, 2003. Pp.36-37. E sobre a intervenção direta de Paul Robeson no caso de Monroe, Geórgia. DUBERMAN, Martin. *Paul Robeson*. New York: Alfred A. Knopf Inc. 1989. Pp.306-307.

²⁰⁵ TEITELBOIM, Volodia. *Neruda*. Santiago de Chile: Editorial Sudamericana, 1996.

²⁰⁶**Martí (1890):** Cuba, flor espumosa, efervescente açucena escarlate, jasmineiro, custa encontrar sob a rede florida teu sombrio carvão martirizado, a antiga ruga que deixou a morte, a cicatriz coberta pela espuma. Mas dentro de ti como uma clara geometria de neve germinada, onde se abrem tuas últimas cascas

martirizado”, “a antiga ruga que deixou a morte”, a colonização do império espanhol é “a cicatriz coberta pela espuma”. Martí nasceu da “clara geometria da neve germinada” como uma “amêndoa pura”. José Martí viajou para vários países e viveu um período em cada um destes (Venezuela, Estados Unidos, México, Guatemala) entre os seus dois exílios e prisões de Cuba para a Espanha estando “no fundo circular do ar”.

Ao mesmo tempo, articulou a emancipação de Cuba após a primeira guerra de independência nos Estados Unidos onde vários exilados estavam, criaram o *Comité Revolucionário Cubano* e em 1892 o Partido Revolucionário Cubano²⁰⁷. Este ideal de emancipação gestado por um partido, por líderes e através da importância da classe trabalhadora como povo que “baixa suas raízes através da noite até tocar a água quieta em seu manto escondido”. A violência como uma possível decorrência de processos políticos é uma consequência a ser seriamente enfrentada em rupturas quando “às vezes cruza o rancor iracundo pisoteando semeadas superfícies e um morto cai na copa do povo”.

A segunda guerra de independência iniciada em 1895 contra a Espanha teve a interferência imperialista dos Estados Unidos e neste primeiro ano morreu José Martí “volta o chicote enterrado a sibilar no ar da cúpula e uma gota de sangue como uma pétala cai à terra e descende ao silêncio”. A intervenção imperialista após a derrota espanhola garantiu um governo militar estadunidense de 1898 a 1902 e a Emenda Platt que garantia intervenções militares sempre que “as liberdades e a democracia” estivessem ameaçadas em Cuba²⁰⁸. Assim como se levantaram os revolucionários da emancipação, “golpeiam

jaz Martí como uma amêndoa pura. Está no fundo circular do ar, está no centro azul do território, e reluz como uma gota de água sua adormecida pureza de semente. É de cristal a noite que o cobre. Pranto e dor, de pronto, cruéis gotas atravessam a terra até o recinto da infinita claridade adormecida. O povo às vezes baixa suas raízes através da noite até tocar a água quieta em seu escondido manto. Às vezes cruza o rancor iracundo pisoteando semeadas superfícies e um morto cai na copa do povo. Às vezes volta o chicote enterrado a sibilar no ar da cúpula e uma gota de sangue como uma pétala cai à terra e descende ao silêncio. Tudo chega ao fulgor imaculado. Os tremores minúsculos golpeiam as portas de cristal do escondido. Toda lágrima toca sua corrente. Todo fogo estremece sua estrutura. E assim da jacente fortaleza, do escondido germe caudaloso saem os combatentes da ilha. Vêm de um manancial determinado. Nascem de uma vertente cristalina. P.108.

²⁰⁷ FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. *Pensamiento anticolonial de Nuestra América*. Buenos Aires: CLACSO, 2016. Pp.29-39. O programa anti-imperialista e antirracista do Partido Revolucionário Cubano é uma das iniciativas mais radicais de todos os partidos do mundo à época até a sua dissolução pela ofensiva imperialista em 1898.

²⁰⁸ WASSERMAN, Claudia. A formação do Estado nacional na América Latina. In: WASSERMAN, Claudia (coord). *História da América Latina: Cinco séculos*. Pp.212-213.

as portas de cristal do escondido” e da “jacente fortaleza”, do “escondido germe caudaloso saem os combatentes da ilha”.

José Manuel Balmaceda (1840 – 1891), o último presidente nacionalista chileno do século XIX tem a sua personalidade histórica e seu programa político analisados em *Balmaceda de Chile* (1891), o ano da guerra civil. O poema inicia com a personagem “*Mr North*”, o Sr. Norte “chegou de Londres” com libras e trouxe presentes para o presidente Balmaceda. De tal maneira, percebemos dois processos: a inversão de capitais britânicos (e também austro-prussianos) no Chile com as ferrovias e a exploração estrangeiras na formação dos enclaves da mineração²⁰⁹.

A presença do escritor e diplomata nicaraguense Rubén Darío (1867 – 1916) no Chile em missão²¹⁰, “entra por esta casa, por esta Presidência como quer” e uma série de fatores impulsionou a economia chilena a um período de prosperidade e o programa do presidente Balmaceda para a mineração do “Norte salitroso, ali disse: Esta terra, esta riqueza será do Chile, esta matéria branca converterei em escolas, em caminhos, em pão para meu povo”.

As políticas nacionalistas de desenvolvimento de José Balmaceda e a não-concessão da mineração do salitre e do nitrato ao controle do capital estrangeiro provocaram a interferência inglesa na política chilena. “O Sr. North se instala no Club, whiskies vão para a sua mesa, cem comidas para os advogados, para o Parlamento”, a burguesia inglesa e o Parlamento juntam forças em função dos seus interesses. “Sítia a sombra a Balmaceda. Quando chega o dia o insultam, o escarnecem os aristocratas, lhe ladram o Parlamento, os fustigam e o caluniam. Dão a batalha, e ganharam”.

A guerra civil de 1891 de certa maneira foi uma reação conservadora, da oligarquia vencedora da guerra que ascendeu ao poder, mas também houve a ausência do apoio da classe trabalhadora por conta da repressão do governo Balmaceda, uma questão

²⁰⁹Cf. CARDOSO, Ciro F. & PÉREZ BRIGNOLI, Héctor. *História Econômica da América Latina*. Pp.232-233. WASSERMAN, Claudia. *História da América Latina: Cinco Séculos*. Pp.192-193.

²¹⁰DARÍO, Rubén. *Obras desconocidas de Rubén Darío*. Santiago de Chile: edición por Raúl Silva Castro, Prensas de la Universidad de Chile, 1934. Pp. IX – XXXV. Rubén Darío residiu no Chile entre 1886 e 1889 em missão diplomática, fez parte de várias viagens entre a América e a Europa. Nestes anos, Darío se relacionou positivamente com o governo de Balmaceda na sua ampliação das relações Chile-Nicarágua. De tal maneira, Rubén Darío também escreveu diversos artigos e desenvolveu uma obra de referência para a construção do modernismo, *Azul* (1888), teve uma amizade e apoio financeiro importante de Pedro Balmaceda Toro, filho do presidente Balmaceda que o acolheu em suas estadas entre Santiago e Valparaíso.

central pouco considerada no poema mas que vem à tona em estudos históricos²¹¹. O “sonho preciso” e nacionalista de José Balmaceda de “mudar a desgarrada paisagem” terminou com o seu suicídio na Argentina onde fora acolhido na embaixada. Com a sua morte, se ouviram “os uivos da aristocracia” triunfante o caráter do estado chileno mudou para um estado oligárquico e com o surgimento da República Parlamentar.

*A Emiliano Zapata com música de Tata Nacho*²¹²Ignácio Fernández Esperón (1894-1968) músico e compositor mexicano conhecido como Tata Nacho aqui surge junto à figura do revolucionário camponês e seu compatriota Emiliano Zapata (1879 – 1919). Os versos concebem a rebelião em relação a duas canções de Tata Nacho: *La Borrachita* e *Adiós mi chaparrita*.

Zapata como uma liderança camponesa “foi terra e aurora” e o seu horizonte revolucionário popular na multidão “de sua semente armada” levou a construção de participação protagonista da classe trabalhadora no processo político após a morte do empresário e político Francisco Madero (1873 – 1913). Do “férreo manancial de Coahuila, as estelares pedras de Sonora: tudo veio a seu passo adiantado, a sua agrária tormenta de ferraduras” avançaram as tropas de Zapata do Sul para o Norte e as tropas de Francisco “Pancho” Villa (1878 – 1919) do Norte para o Sul marcando um encontro entre duas forças

²¹¹ Cf. VITALE, Luis. *Interpretación marxista de la historia de Chile*. Tomo IV. Santiago de Chile: Centro de Estudios Miguel Enriquez. CEME Archivo Chile. Pp.58-61. https://www.archivochile.com/Ideas_Autores/html/vitale_1.html Último acesso em: 02/05/2020. E BARRIA SERÓN, Jorge. *El movimiento obrero en Chile: síntesis histórico-social*. Pp.15-24.

²¹² **A Emiliano Zapata com música de Tata Nacho:** Quando acentuaram as dores na terra, e os espinhos desolados foram a herança dos camponeses, e como passado, as raptoras barbas cerimoniais, e os chicotes, então, flor e fogo galopado... *Borrachita meu vou para a capital*, se encabritou na alba transitória, a terra sacudida de facas, o peão de suas amargas tocas, caiu como um milho descascado sobre a solidão vertiginosa. *A pedir-lhe ao patrão, que me mandou chamar* Zapata então foi terra e aurora. Em todo o horizonte aparecia a multidão de sua semente armada. Em um ataque de águas e fronteiras, o férreo manancial de Coahuila, as estelares pedras de Sonora: tudo veio a seu passo adiantado, a sua agrária tormenta de ferraduras. *Que se vá do rancho logo voltará* Reparte o pão, a terra: te acompanho. Eu renuncio a minhas pálpebras celestes. Eu, Zapata, me vou com o orvalho das cavalarias matutinas, em um disparo desde os cactos, até as casas de parede rosada. *fitinhas para teu cabelo não chores por teu Pancho* A lua dorme sobre as montarias. A morte amontoada e repartida jaz com os soldados de Zapata. O sonho esconde sob os baluartes da pesada noite seu destino, sua incubadora lençol sombrio. A fogueira agrupa o ar desvelado: graxa, suor e pólvora noturna. *Borrachita me vou para esquecer-te* Pedimos pátria para o humilhado. Tua faca divide o patrimônio e tiros e corcéis amedrontam os castigos, a barba do carrasco. A terra se reparte com um rifle. Não esperes, camponês poeirento, depois de teu suor a luz completa e o céu parcelado em teus joelhos. Levanta-te e galopa com Zapata. *Já a quis trazer, disse que não* México, soturna agricultura, amada terra entre os escuros repartida: das espadas do milho saíram ao sol teus centuriões suados. Da neve do Sul venho a cantar-te. Deixa-me galopar no teu destino e encher de pólvora e arados. ...*Que se haverá de chorar pra que voltar ...* NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.111-113. Tradução nossa.

complementares “*Borrachita, me vou para a capital*” e Emiliano e *Pancho* tomaram a capital Cidade do México²¹³.

O *Plan de Ayala* assinado por Zapata e pelo professor Otilio Montaño (1879 – 1917) de reforma agrária radical com a restituição das propriedades das aldeias e *ejidos*, a desapropriação de grandes propriedades improdutivas e taxaço de grandes propriedades “a terra se reparte com um rifle”. O México de “soturna agricultura, amada terra entre os escuros” indígenas e mestiços “repartida: das espadas do milho saíram ao sol teus centuriões suados”. O louvor da Revolução Mexicana e o legado de democracia social e popular zapatista e villista nunca deixaram as perspectivas políticas da terra mexicana²¹⁴.

Augusto César Sandino (1895 – 1934) percebeu “quando em terra nossa se enterraram as cruces” e “chegou o dólar de dentes agressivos a morder território, na garganta pastoril da América”. “Agarrou Panamá com fauces duras” referindo-se ao processo de construção do Canal do Panamá e da separação do Panamá do território da Colômbia²¹⁵ e “logo chegou o aço, e o canal dividiu as residências, aqui os amos, ali a servidão.”.

²¹³ RUIZ AGUILAR, Armando. *Nosotros somos los hombres ignorantes que hacemos la guerra: correspondencia entre Francisco Villa y Emiliano Zapata*. México D.F. – CONACULTA, 2010. Pp.101-102. A entrada de Francisco Villa e Emiliano Zapata na capital Cidade do México já aconteceu com o distanciamento de Villa em relação a Venustiano Carranza, político, militar e empresário sucessor de Madero. A direção das classes populares na revolução foi decisiva até assassinato de Villa (1923) que se seguiu à emboscada que resultou na morte de Zapata (1919).

²¹⁴ Desde o fim da revolução, os horizontes de democracia radical e popular foram interrompidos tal qual foram defendidos exatamente por Zapata e Villa mas alguns projetos foram levados a cabo após a sua contribuição para o fim do estado oligárquico instaurado com o Porfiriato (1876 – 1910). Lázaro Cárdenas (1895 – 1970) promoveu uma reforma agrária reduzida em relação ao *Plan de Ayala* e garantiu as terras comunais indígenas *ejidos*. Passadas décadas após a revolução, em 1994 o *Ejército Zapatista de Liberación Nacional* é formado e até o momento existe defendendo em seu programa entre outras questões uma igualdade substantiva e uma mudança no caráter do estado mexicano.

²¹⁵ Cf. SELSER, Gregorio. *Sandino, general de hombres libres*. Buenos Aires: Abril Editorial, 1984. Pp.10-34. E SELSER, Gregorio. *Cronología de las intervenciones extranjeras en América Latina*. Tomo III (1899 – 1945). Pp.70-101. Estas obras demonstram desde a década de 1850 as pretensões das burguesias dos Estados Unidos, Alemanha e França na construção de ferroviárias e canais no Panamá e na Nicarágua. Em sucessivos tratados, os Estados Unidos garantiram a soberania do Istmo do Panamá à Colômbia até a década de 1890. Após a unificação com a Guerra Civil Americana e a Guerra Hispano-americana de 1898, os projetos de expansão estadunidense para a América Central, Caribe e para o Sul se concretizaram com o apoio aos conservadores na Guerra dos Mil Dias (1899-1902) e à separação do Panamá como república. Durante o governo de Theodore Roosevelt, a Companhia do Canal do Panamá foi vendida para o estado norte-americano após a consolidação da hegemonia através da inversão de capitais da burguesia do país. Em 1903, o Panamá se tornou uma república e desde então sofreu por décadas intervenções militares dos *marines* a fim de manter a estabilidade “as vidas e os bens estadunidenses”.

Depois “correram à Nicarágua. Baixaram vestidos de branco atirando dólares e tiros.”. Mas Augusto Sandino se impôs como um liderança revolucionária e “disse: Não, aqui não põe tuas concessões, tua garrafa.”. Sandino voltou à Nicarágua em 1926 e em meados deste ano²¹⁶ “tirou as botas, se afundou nos trêmulos pântanos”, iniciou suas ações de guerrilha de Managua para o norte nicaraguense e “dobrou a faixa molhada da liberdade na selva, e, tiro a tiro respondeu aos “civilizadores”.”

“A fúria norte-americana foi indizível: documentados embaixadores convenceram o mundo que seu amor era Nicarágua” foi alegoria utilizadas frente às intervenções político-militares dos Estados Unidos no país desde meados do século XIX, e de forma constante durante os anos da guerrilha de Sandino “muitos facões os seguiam”. As crescentes vitórias do exército sandinista “Sandino estava no silêncio, na Praça do Povo, em todas partes estava Sandino, matando norte-americanos, justificando invasores”. Com a vitória de El Bramadero em 1928, em 1929 já estavam nos arredores de Managua “veio a aviação, a ofensiva dos exércitos encouraçados, a incisão de esmagadores poderios” e efetuaram bombardeios ao território²¹⁷.

As tropas estadunidenses saíram da Nicarágua em 1933 quando Augusto Sandino anunciou um governo autônomo no país e “quando fogo, sangue e dólar não destruíram a torre altiva de Sandino, os guerreiros de Wall Street fizeram a paz, convidaram a celebra-la o guerrilheiro, e um traidor recém alugado lhe disparou sua carabina. Se chama Somoza.”.

Anastasio Somoza García (1895 – 1956) antes de ter se tornado presidente da Nicarágua entre 1937 e 1956, herdeiro da burguesia e oligarca nicaraguense formou-se nos Estados Unidos e através do vínculo com a burguesia estadunidense defendeu estes

²¹⁶ SELSER, Gregorio. *Sandino, general de hombres libres*. Pp.82-99. A trajetória de Augusto César Sandino fora da Nicarágua teve diferentes destinos desde uma briga pessoal com Dagoberto Rivas que forçou a sua saída em 1921. Passando pelo México, Honduras, Guatemala e El Salvador, Sandino trabalhou em empresas petrolíferas e agroindustriais (*Huasteca Petroleum Co.* e *United Fruit Co.*) e teve contato com organizações dos movimentos operários e camponeses destes países de orientações socialistas, comunistas e anarcossindicalistas. Devido a uma crise política e a repressão sistemática de greves e manifestações pela polícia nicaraguense e pelas tropas estadunidenses, Augusto Sandino e outros líderes revolucionários como Agustín Farabundo Martí (1893 – 1932) trabalhador camponês e fundador do *Partido Comunista Salvadoreño*. Agustín Martí e Augusto Sandino com outras lideranças fundaram juntos o *Ejército De Defensa de la Soberanía Nacional de Nicaragua* em 1927.

²¹⁷ Idem. Ibid. Pp.199-200. E Idem. *Cronología de las intervenciones extranjeras em América Latina*. P.492. Os bombardeios aéreos e as grandes hostilidades na América Central, não apenas na Nicarágua por parte dos Estados Unidos chegaram ao ano de 1929 a 70 povoados e aldeias destruídos pelas forças armadas estadunidenses, inclusive o povoado hondurenho de *Las Limas* foi bombardeado por engano.

interesses ao executar Augusto César Sandino em 1934²¹⁸. Também há a comparação do movimento de Sandino com as guerrilhas do *Partido Comunista Grego* na Guerra Civil Grega de 1946-1949 frente à monarquia grega apoiada pelo Reino Unido e pelos Estados Unidos²¹⁹. De maneira paralela, as repressões ao movimento grego e nicaraguense nos ajudam a entender parte da história do continente e da Nicarágua para Pablo Neruda “Esta é a história de Sandino, capitão da Nicarágua, encarnação desgarradora de nossa arena traída, dividida e acometida, martirizada e saqueada”.

*Para Recabarren*²²⁰ se trata de uma écloga ambientada no espaço natural chileno e também a evocação do revolucionário e trabalhador tipógrafo Luis Emilio Recabarren (1976 – 1924). Entre a natureza e o trabalho, as organizações mancomunais e a central sindical *Federación Obrera de Chile(FOCH)* foram organizadas em torno de Recabarren e outras lideranças de trabalhadores mineiros de metais, sais e outros minerais.

A mineração onde “pus meu rosto até emanar abismo, resistência e aumento” a luta e a resistência dos trabalhadores “o ferro, o cobre, os sais o sabiam” de tudo. Esta organização dos trabalhadores à “cada pétala de ouro foi arrancada com sangue” e “cada metal tem um soldado” em seus mineiros na organização classe trabalhadora no horizonte revolucionário de Recabarren.

*O cobre*²²¹ explorado na grande mina de Chuquicamata em Antofagasta, o trabalho do mineiro trazido pelos versos e a vida entre os navios onde se carregavam o cobre têm

²¹⁸ SELSER, Gregorio. *Sandino, general de hombres libres*. Pp.237-239. Somoza García após ter retornado dos seus estudos no *Pierce Commercial College* da Filadélfia empregado pela *Rockefeller Foundation*, assumiu cargos no estado nicaraguense e capitulou a sua cidade de origem, onde assentou as suas bases de poder para a presidência com total apoio dos Estados Unidos.

²¹⁹ Cf. JUDT, Tony. *Postwar: A History of Europe since 1945*. New York: The Penguin Press, 2005. P.35. COGGIOLA, Osvaldo. Por quem os sinos gregos dobram? https://blogdaboitempo.com.br/2015/08/11/por-quem-os-sinos-gregos-dobram/#_ftn21 Último acesso em: 11/05/2020.

²²⁰ **Para Recabarren:** A terra, o metal da terra, a compacta formosura, a paz ferruginosa que será lança, lâmpada ou anel, matéria pura, ação do tempo, saúde da terra nua. O mineral foi como estrela afundada e enterrada. A golpes de planeta, grama a grama, foi escondida a luz. Áspera capa, argila, areia cobriram teu hemisfério. Mas eu amei teu sal, tua superfície. Teu gotejar, tua pálpebra, tua estátua. No quilate de pureza dura cantou minha mão: na écloga nupcial da esmeralda fui citado, e no oco do ferro pus meu rosto um dia até emanar abismo, resistência e aumento. Mas eu não sabia nada. O ferro, o cobre, os sais o sabiam. Cada pétala de ouro foi arrancada com sangue. Cada metal tem um soldado. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.115-116. Tradução nossa.

²²¹ **O cobre:** Eu cheguei ao cobre, a Chuquicamata. Era tarde nas cordilheiras. O ar era como um copo frio, de seca transparência. Antes vivi nos muitos navios, mas na noite do deserto a imensa mina resplandecia como um navio cegante com o orvalho deslumbrante daquelas alturas noturnas. Fechei os olhos: sonho e sombra estendiam suas grossas plumas sobre mim como aves gigantes. Apenas e de tumba em tumba, enquanto dançava o automóvel, a oblíqua estrela, o penetrante planeta, como uma lança, me jogavam um raio gelado de fogo frio, de ameaça. NERUDA, Pablo. *Canto General I* P.116. Tradução nossa.

o frio da cordilheira como uma grande barreira. A grandeza natural de Chuquicamata “resplandecia como um navio cegante com o orvalho deslumbrante daquelas alturas noturnas”.

Entre a natureza e a sua transformação pelo ser humano há uma imponência física do meio e “sonho e sombra estendiam suas grossas plumas sobre mim como aves gigantes”. Essa construção de profícua e perigosa intervenção tem em seu tempo climático e espaço “um raio gelado de fogo frio, de ameaça”.

*A noite de Chuquicamata*²²² era vazia do alto da cordilheira envolvida em seus “muros implacáveis” e o “cobre derrubado na pirâmide” era um espetáculo. “Era verde o sangue destas terras” pela cor da antlerita, esta “aurora de pedra foi construída pelo homem e ardia na imensidão”. Em direção ao sindicato partiu o narrador, “era o mês de julho no Chile, na estação fria”.

Dias, séculos ou meses de mineração do cobre “de inferno no tempo” por “uma mão sulfurosa” e a este se seguiram mineiros, “outros passos e pés que só o cobre conhecia”. A pobreza e a penúria entre os mineradores era uma realidade de “uma multidão graxenta, fome e farrapo”.

O “teatro vazio” construído pelos chilenos nas galerias de rocha das minas como “ossos minerais” de uma “estátua enterrada por séculos” deixou como obra uma cratera após a fuga do cobre, “aquela estátua, estrela verde, fora arrancada ao peito de um deus ferruginoso”, não como uma entidade teológica mas como a terra que é a fonte de toda a riqueza. Esta noite de Chuquicamata se aproxima das experiências sensíveis de Pablo

²²² **A noite de Chuquicamata:** Era alta noite já, noite profunda, como interior vazio de campana. E ante meus olhos vi os muros implacáveis, o cobre derrubado na pirâmide. Era verde o sangue dessas terras. Alta até os planetas empapados era a magnitude noturna e verde. Gota a gota um leite de turquesa, uma aurora de pedra, foi construída pelo homem e ardia na imensidão, na estrelada terra aberta de toda a noite arenosa. Passo a passo, então, a sombra me levou da mão para o Sindicato. Era o mês de julho no Chile, na estação fria. Junto a meus passos, muitos dias (ou séculos) (ou simplesmente meses de cobre, pedra e pedra e pedra, é dizer, de inferno no tempo: do infinito sustentado por uma mão sulfurosa), iam outros passos e pés que só o cobre conhecia. Era uma multidão graxenta, fome e farrapo, solidões a que cavava o socavão. Aquela noite não vi desfilar sua ferida sem número na costa cruel da mina. Mas eu fui desses tormentos. As vértebras do cobre estavam úmidas, descobertas a golpes de suor na infinita luz do ar andino. Para escavar os ossos minerais da estátua enterrada pelos séculos, o homem construiu as galerias de um teatro vazio. Mas a essência dura, a pedra em sua estatura, a vitória do cobre fugiu deixando uma cratera de ordenado vulcão, como se aquela estátua, estrela verde, fora arrancada ao peito de um deus ferruginoso deixando um oco pálido socavado na altura. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Tradução nossa. Pp.116-117. *A cor verde e o turquesa se tratam do cobre ao ser minerado, a antlerita como o sulfato de cobre hidroxilado “Cu₃(SO₄)(OH)” tem essa propriedade na natureza. Assim como o manganês Mg pode ter diferentes cores de acordo com o seu nível de ionização na natureza.

Neruda nos acampamentos mineiros e a sua presença junto aos trabalhadores quando se tornou deputado pelo Partido Comunista em 1945. Desta forma, poesia, memória e história se entrecruzam em Chuquicamata.

*Os chilenos*²²³ em seu trabalho com a sua mão construíram “tudo isso”, o “pisoteado material humano, do homenzinho com farrapos”. A geografia escavada e fundante de “um planeta de pedra oceânica” foi moldado por pás quebradas e pela pólvora das dinamites utilizadas pelos mineradores “como ovos de galinha ensurdecidora”.

A profundidade de “uma cratera remota” foi “feita mão a mão” pela presença de trabalhadores e militantes revolucionários como José Celestino Díaz Iturrieta (1906 – 1987) Humberto Abarca Cabrera (1909 – 1976) fizeram parte da chamada “era de Recabarren” ou “era de ouro” do PC chileno. Esta geração dos primeiros comunistas – alguns com militância anterior e até contemporâneos de Pablo Neruda como Luis Corvalán (1916 – 2010) e Elias Lafferte (1886 – 1961) – formaram uma rede nacional de comunicação política entre os trabalhadores do Chile, a imensidão recolhida da argamassa e estabelecida entre as regiões do país uniu a classe trabalhadora sob as bandeiras vermelhas do comunismo chileno.

*O herói*²²⁴ não apenas em sua firmeza tumultuosa, não só a partir da força de trabalho manual, “o peso de todo o homem e sua energia” em seus sofrimentos e frustrações. A extração mineral nasceu em “seu abismo de sais sangrentos”, a “uterina originalidade da entranha em terra e vida” transformou este herói em homem em suas

²²³ **Os chilenos:** Tudo isso foi tua mão. Tua mão, foi, a unha do compatriota mineral, do “quebrado” combatido, do pisoteado material humano, do homenzinho com farrapos. Tua mão foi como a geografia: cavou esta cratera de treva verde, fundou um planeta de pedra oceânica. Andei pelas mestranças manejando as pás quebradas e pondo pólvora em todas partes, como ovos de galinha ensurdecidora. Se trata de uma cratera remota: mesmo desde a lua cheia se veria sua profundidade feita mão a mão por um tal Rodriguez, um tal Carrasco, um tal Diaz Iturrieta, um tal Abarca, um tal Gumersindo, um tal chileno chamado Mil. Esta imensidão, uma a uma, o desgarrado chileno, um dia e outro dia, outro inverno, a pulso, a velocidade, e na lenta atmosfera das alturas, a recolheu da argamassa, a estabeleceu entre as regiões. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.117-118. Tradução nossa.

²²⁴ **O herói:** Não foi só firmeza tumultuosa de muitos dedos, não só foi a pá, não só o braço, a cadeira, o peso de todo o homem e sua energia: foram dor, incerteza e fúria os que cavaram o centímetro de altura calcária, buscando as veias verdes da estrela, os finais fosforescentes dos cometas enterrados. Do homem gastado em seu abismo nasceram os sais sangrentos. Porque é o Reinaldo agressivo, busca pedras, o infinito Sepúlveda, teu filho, sobrinho de tua tia Eduviges Rojas, o herói ardendo, o que desvencilha a cordilheira mineral. Assim foi conhecendo, entrando como a uterina originalidade da entranha, em terra e vida, foi vencendo-me: até sumir-me em homem, em água de lágrimas como estalactites, de pobre sangue despejado, de suor caído no pó. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. P.118. Tradução nossa.

“lágrimas de estalactite”. Na resignação, na fadiga do corpo no “suor caído no pó”, o herói se transformou nos seres humanos que trabalham, no homem como herói coletivo.

Em *Ofícios*²²⁵, o autor expressou a sua relação pessoal com Elias Lafertte Gaviño (1886 – 1961), companheiro do *PCCh* e fundador deste como *POS* junto com Luis Recabarren. Entraram em Tarapacá, desde Iquique, para onde Elías Lafertte se mudou e trabalhou como minerador do salitre e ferroviário. A memória de Iquique também é importante pelo testemunho de Elías e das suas lutas organizadas em torno dos movimentos operário e mutualista que culminaram no Massacre da Escola de Santa María de Iquique, em 1907.

Mostrando “as pás dos mineiros” a Neruda, Lafertte o introduziu ao trabalho manual desempenhado por Lafertte do esforço do qual “se abriram os corredores de terra e pedra, metal e ácido”. A analogia da capacidade criativa do labor humano com a Criação e com a história celeste – “o primeiro dia da terra” –. Elías Lafertte no dia da origem se levantou “sobre as cascas do inferno” e com a sua intervenção “abriu as folhas da terra” ele, “o conquistador do salitre”.

*O deserto*²²⁶ do Atacama é o mundo “nu, largo e estéril e limpo até as últimas fronteiras” que ocupa uma parte significativa do território do Chile. O sol rompendo os cristais salinos durante o dia e “na extensão vazia agoniza a terra”. A exaltação do deserto na zona de Tamarugal (também em Tarapacá) “colhe todo o silêncio perdido no tempo”, o silêncio e o vazio também são um espaço de riqueza material e espiritual. Esta “pura

²²⁵**Ofícios:** Outras vezes com Lafertte, mais longe, entramos em Tarapacá, desde Iquique azul e ascético, pelos limites da areia. Me mostrou Elias as pás dos mineiros, afundado nas madeiras cada dedo do homem: estavam gastadas pelo roçar de cada gema. As pressões daquelas mãos derreteram as pederneiras de pá, e se abriram os corredores de terra e pedra, metal e ácido, estas unhas amargas, estes enegrecidos cinturões de mãos que rompem planetas, e elevam os sais ao céu, dizem como no conto, na história celeste: ‘Este é o primeiro dia da terra.’ Assim aquele que ninguém viu antes (antes daquele dia de origem), ao protótipo da pá, se levantou sobre as cascas do inferno: as dominou com suas rudes mãos ardentes, abriu as folhas da terra, e apareceu em camisa azul o capitão de dentes brancos, o conquistador do salitre. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.118-119. Tradução nossa.

²²⁶**O deserto:** O duro meio-dia das grandes areias chegou: o mundo está nu, largo, estéril, e limpo até as últimas fronteiras areais: escutai o som quebradiço do sal vivo, só nas salinas: o sol rompe seus vidros na extensão vazia agoniza a terra com um seco e afogado ruído do sal que geme. **Noturno:** Vem ao circuito do deserto, à altura aérea noite da pampa, ao círculo noturno, espaço e astro, onde a zona do Tamarugal colhe todo o silêncio perdido no tempo. Mil anos de silêncio em uma copa de azul calcário, de distância e lua, lavram a geografia nua da noite. Eu te amo, pura terra, como tantas coisas amei contrárias: a flor, a rua, a abundância, o rito. Eu te amo, irmã pura do oceano. Para mim foi difícil esta escola vazia em que não estava o homem, nem o muro, nem a planta para apoiar-me em algo. Estava só. Era planície e solidão da vida. Era este o peito varonil do mundo. E amei o sistema de tua forma reta, a extensa precisão de teu vazio. Idem. Ibid. Pp.119-120. Tradução nossa.

terra, irmã pura do oceano” é uma “escola vazia”, na ausência de outros seres humanos o desamparo é uma forma de aprendizado.

*O páramo*²²⁷ ou puna como ambiente de altiplano deserto foi o espaço do Norte do Chile conhecido pelo poeta ao visitar acampamentos mineiros como militante comunista e deputado chileno. Esta realidade sensível foi a base constitutiva da representação das classes populares à época de Recabarren. Ao dormir “sobre tábuas duras”, nas duras tarefas laborais do campo e da casa com a presença das mulheres trabalhadoras “portas adentro entre galinhas, entre farrapos, no odor da pobreza abrasadora”. Deste espaço puro de tantas dores reunidas, das “pampas inabaláveis” surge um líder, “um homem feito de sua mesma areia”, surgiu um homem com olhos de “lâmpadas indomáveis”, este era Luis Recabarren.

Luis Emilio Recabarren²²⁸ (1876 – 1924) era seu nome, o tipógrafo e fundador do *Partido Obrero Socialista*(POS), depois Partido Comunista, é o momento do movimento

²²⁷**El páramo:** En el páramo el hombre vivía mordiendo tierra, aniquilado. Me fui derecho a la madriguera, metí la mano entre los piojos, anduve por los rieles hasta el amanecer desolado, dormí sobre las tablas duras, bajé de la faena en la tarde, me quemaron el vapor y el yodo, estreché la mano del hombre, conversé con la mujercita, puertas adentro entre gallinas, entre harapos, en el olor de la pobreza abrasadora. Y cuando tantos dolores reuní, cuando tanta sangre recogí en el cuenco del alma, vi venir del espacio puro de las pampas inabarcables un hombre hecho de su misma arena, un rostro inmóvil y extendido, un traje con un ancho cuerpo, unos ojos entrecerrados como lámparas indomables. Recabarren era su nombre. **O páramo*:** No páramo, o homem vivia mordendo terra, aniquilado. Fui direto à toca, meti a mão entre os piolhos, andei pelos trilhos até o amanhecer desolado, dormi sobre as tábuas duras, baixei da tarefa na tarde, me queimaram o vapor e o iodo, estreitei a mão do homem, conversei com a mulherzinha, portas adentro entregalinas, entre farrapos, no odor da pobreza abrasadora. E quando tantas dores reuni, quando tanto sangue colhi na taça da alma, vi vindo do espaço puro das pampas inabaláveis um homem feito de sua mesma areia, um rosto imóvel e estendido, um traje com largo corpo, uns olhos semicerrados como lâmpadas indomáveis. Recabarren era seu nome. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.120-121. *As denominações de páramo ou puna variam de acordo com as classificações geográficas onde ora se exclui ou se inclui o Chile como um país. Páramo atualmente não é uma denominação utilizada ao Sul dos Andes, mas o ecossistema de puna, sua variante subtropical, forma uma paisagem bastante semelhante.

²²⁸ **Recabarren (1921):** Seu nome era Recabarren. Bonachão, corpulento, espaçoso, clara visão, frente firme, sua larga compostura cobria, como a arena numerosa, as jazidas da força. Olhai na pampa da América (rios ramais, clara neve, cortes ferruginosos) ao Chile com sua destroçada biologia, como um ramo arrancado, como um braço cujas falanges dispersou o tráfico das tormentas. Sobre as áreas musculares dos metais e o nitrato, sobre a atlética grandeza do cobre recém escavado, o pequeno habitante vive, acumulado na desordem, com um contrato apressurado, cheio de meninos maltrapilhos, estendidos por todos os desertos da superfície salgada. É o chileno interrompido pela demissão ou a morte. É o duríssimo chileno sobrevivente das obras envolvidas pelo sal. Ali chegou com seus panfletos este capitão do povo. Tomou o solitário ofendido que, envolvendo seus cobertores rasgados sobre seus filhos famintos, aceitava as injustiças encarniçadas, e lhe digo: “ Junta tua voz a outra voz,” Junta tua mão a outra mão.” Foi pelos rincões infaustos do salitre, encheu a pampa com sua investidura paterna e no esconderijo invisível o viu toda a mineração. Chegou cada ‘ galo’ golpeado, veio cada um dos lamentos: entraram como fantasmas de pálida voz triturada e saíram de suas mãos com uma nova dignidade. Em toda a pampa se soube. E foi pela pátria inteira fundando povo, levantando corações quebrantados. Seus jornais recém impressos entraram nas galerias do carvão, subiram ao cobre, o povo beijou as colunas que pela primeira vez levavam a voz dos atropelados. Organizou as solidões. Levou os livros e os cantos até os muros do terror, junto uma queixa e outra queixa, e o escravo sem voz nem boca, o estendido sofrimento, se fez nome, se chamou

dos trabalhadores chilenos ao qual se formam as “jazidas da força”. “Na pampa da América ao Chile com sua destroçada biologia”, as vidas dos pequenos habitantes que vivem “sobre as áreas musculares dos metais” – entre adultos e “meninos maltrapilhos” – são marcadas por condições de vida e trabalho de penúria. Apesar de tantas adversidades, os chilenos sobrevivem “das obras envolvidas pelo sal”.

Na construção de um movimento radical, Luis Recabarren aparece como um líder e “capitão do povo”, apesar dos conflitos inerentes à criação de um projeto alternativo de sociedade, o tipógrafo chileno trouxe uma politização à classe trabalhadora chilena além de contribuir para o fortalecimento da sua dignidade. Ao organizar as “solidões” e as “colunas que levavam a voz dos atropelados”, Recabarren unificou dimensões e neste poema personificou “Povo, Proletariado, Sindicato” através do “Partido”, *Partido Comunista*.

No combate ao partido, a burguesia chilena utilizou-se de calúnias e do discurso nacional do Estado liberal contra uma nova força nacional como “pago pelo Peru e pela Bolívia” resguardadas as relações de solidariedade internacional com os partidos da esquerda radical dos países vizinhos. Recabarren foi perseguido desde o seu período

Povo, Proletariado, Sindicato, teve pessoa e postura. E este habitante transformado que se construiu no combate, este organismo, valoroso, esta implacável tentativa, este metal inalterável, esta unidade das dores, esta fortaleza do homem, este caminho pela manhã, esta cordilheira infinita, esta germinal primavera, este armamento dos pobres, saiu daqueles sofrimentos, do mais fundo da pátria, do mais duro e mais golpeado, do mais algo e mais eterno e se chamou Partido. *Partido Comunista*. Esse foi seu nome. Foi grande a luta. Caíram como abutres os donos do ouro. Combateram com a calúnia. “Este Partido Comunista está pago pelo Peru, pela Bolívia, por estrangeiros” Caíram sobre as impensas, adquiridas gota por gota com suor dos combatentes, e as atacaram quebrando-as, esparramando a tipografia do povo. Perseguiram Recabarren. Lhe negaram entrada e passo. Mas o congregou sua semente nos socavões desertos e foi defendido o baluarte. Então, os empresários norte-americanos e ingleses, seus advogados, senadores, seus deputados, presidentes, verteram o sangue na areia, encurralaram, amarraram, assassinaram nossa estirpe, a força profunda do Chile, deixaram junto às trilhas da imensa pampa amarela cruces de operários fuzilados, cadáveres amontoados nas dobras da areia. Uma vez em Iquique, na costa, fizeram vir os homens que pediam escola e pão. Ali confundidos, cercados em um pátio, os dispuseram para a morte. Dispararam com sibilante metralhadora, com fuzis taticamente dispostos, sobre o montão de adormecidos operários. O sangue encheu como um rio a areia pálida de Iquique, e ali está o sangue caído, ardendo ainda sobre os anos como uma corola implacável. Mas sobreviveu a resistência. A luz organizada pelas mãos de Recabarren, as bandeiras vermelhas foram desde as minas aos povoados, foram as cidades e os sulcos, rodaram com as rodas ferroviárias, assumiram as bases do cimento, ganharam ruas, praças, quintas, fábricas abrumadas pelo pó, chagas cobertas pela primavera: tudo cantou e lutou para vencer na unidade do tempo que amanhece. Quanto passou desde então. Quanto sangue sobre o sangue, quantas lutas sobre a terra. Horas de esplêndida conquista, triunfos ganhados gota a gota, ruas amargas, derrotadas, zonas escuras comotúneis, traições que pareciam cortar a vida com seu fio, repressões armadas de ódio, coroadas militarmente. Parecia afundar-se a terra. Mas a luta permanece. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.121-124. Tradução nossa.

democrata radical dos anos 1890 até o acirramento da repressão entre o fim dos anos 1910 e 1924 quando se suicidou.

A participação decisiva de Luis Emilio Recabarren na articulação das greves da primeira década do século XX. O seu testemunho de quando “empresários norte-americanos e ingleses verteram o sangue na areia” e promoveram o massacre da Escola de Santa María de Iquique em 1907²²⁹ e a formação dos núcleos do *POS* em diversas províncias e regiões foi determinante para a censura de suas correspondências pela polícia e o progressivo aumento da perseguição policial desde 1909 quando foi preso²³⁰.

A sobrevivência da resistência “como uma corola implacável” permitiu a organização do movimento operário através do *PCCh* e da central sindical *Federación Obrera de Chile (FOCH)* “rodaram as bandeiras vermelhas” entre as minas, povoados, cidades, ferrovias, ruas, quintas e “fábricas abrumadas pelo pó”. De tal maneira, o *Partido Comunista* tornou-se um partido de massas. Desde a formação do partido em sua “era de ouro” à época de Luis Emilio Recabarren, de 1912 a 1924, “tudo cantou e lutou para vencer” nessa “unidade do tempo que amanhece”.

Desde então, as ações políticas de transformação e a sua repressão violenta apesar disso promoveu conquistas para a classe trabalhadora de maneira geral, das organizações de base à representação tiveram êxitos mesmo com o fechamento e rearticulação do fim dos anos 1920. Com as decretações de ilegalidade de 1927 (até 1931) e 1947 as “repressões armadas de ódio”, “coroadas militarmente” e as “traições” ao apoio dos comunistas aos governos de Arturo Alessandri e Gabriel González Videla provocaram a sensação de “afundar-se a terra”, mas a luta persistiu.

²²⁹ O Massacre da Escola de Santa María de Iquique de 1907 foi um marco muito negativo para as organizações da classe trabalhadora chilena pela morte de centenas de pessoas e milhares de feridos além da desagregação das *sociedades de resistência* de orientação socialista e anarquista e do fim na prática das mancomunais e do cooperativismo inaugurados ainda em fins do século XIX. As formas de cooperativismo voltam a ser exploradas em torno do *Partido Democrata Cristão do Chile* e do socialismo do *Partido Socialista de Chile* (PSCh). BARRÍA SERON, Jorge. *El movimiento obrero en Chile: síntesis histórico-social*. Pp.26-30.

²³⁰ GREZ TOSO, Sergio. *Historia del Comunismo en Chile*. Santiago de Chile: LOM Ediciones, 2011. Pp.40-52. A participação decisiva de Luis Emilio Recabarren na articulação das greves da primeira década do século XX. O seu testemunho do massacre da Escola de Santa María de Iquique e a formação dos núcleos do *POS* em diversas províncias e regiões foi determinante para a censura de suas correspondências pela polícia e o progressivo aumento da perseguição policial desde 1909 quando foi preso.

O *Envio* de Pablo Neruda de 1949²³¹ Recabarren nos “dias de perseguição”, na angústia dos “irmãos relegados” comunistas combatidos por González Videla, “um traidor”, rompendo com a base material da pátria de maior importância, a organização da classe trabalhadora, “a pátria envolta em ódio, ferida pela tirania”.

A luta e o seu debelar com prisões arbitrárias, apesar disso, a solitária desagregação da união do “torrão irredutível” não encerrou a luta. A reunião de “um homem e outro” após o período da repressão congregaram uma “massa de pão humildade” e a reunificação das redentoras classes populares em sua posição de “povo agosto”.

O *Pai do Chile*²³², Luis Emilio Recabarren, “filho do Chile” e fundador do Chile do século XX e do comunismo chileno em sua linha “em terras e tormentos nasce a força dos vindouros e vencedores”. Luis Recabarren contribuiu para a formação da estrutura e da dinâmica da sociedade chilena (“pátria, pampa, povo, areia, argila, escola, casa, ressurreição, punho, ofensiva, ordem, desfile, ataque, trigo, luta, grandeza, resistência”).

A abrangência de massa do *PCCh* e a sua construção permitiram avanços e uma contribuição significativa para o desenvolvimento do Chile e a totalidade na classe trabalhadora. A promessa de hegemonia dos trabalhadores através do comunismo no Chile se mostrou como um juramento de revolução, continuar o caminho de Recabarren até a vitória revolucionária do povo chileno.

*Prestes do Brasil (1949)*²³³ inicia-se com a descrição da natureza do espaço brasileiro, o “desenvolvimento vegetal” perseguido (percorrido) pelo poeta “desde os rios

²³¹ **Envio (1949):** Recabarren, nestes dias de perseguição, na angústia de meus irmãos relegados, combatidos por um traidor, e com a pátria envolta em ódio, ferida pela tirania, recordo a luta terrível de tuas prisões, de teus passos primeiros, tua solidão de torrão irredutível, e quando, saindo do páramo, um homem e outro a ti vieram a congregar a massa de pão humilde defendido pela unidade do povo agosto. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.124-125. Tradução nossa.

²³² **Pai do Chile:** Recabarren, filho do Chile, pai do Chile, pai nosso, em tua construção, em tua linha forjada em terras e tormentos nasce a força dos dias vindouros e vencedores. Tu és a pátria, pampa e povo, areia, argila, escola, casa, ressurreição, punho, ofensiva, ordem, desfile, ataque, trigo, luta, grandeza, resistência. Recabarren, sob tua visão juramos limpar as feridas mutilações da pátria. Juramos que a liberdade levantará sua flor nua sobre a arena desonrada. Juramos continuar teu caminho até a vitória do povo. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. P.125. Tradução nossa.

²³³ **Prestes do Brasil (1949):** Brasil agosto, quanto amor quisera para estender-me em teu colo, para envolver-me em tuas folhas gigantes, em desenvolvimento vegetal, em vivo detrito de esmeraldas: perseguir-te, Brasil, desde os rios sacerdotais que te nutrem, dançar nos telhados à luz da lua fluvial, e repartir-me por teus inabitados territórios vendo sair do barro o nascimento de grossas bestas rodeadas por metálicas aves brancas. Quanta dobra me darias. Entrar de novo na alfândega, sair aos bairros, cheirar teu estranho rito, descender a teus centros circulatórios, a teu coração generoso. Mas não posso. Uma vez, na Bahia, as mulheres do bairro dolorido do antigo mercado de escravos (onde hoje a nova escravidão, a fome, o farrapo, a condição doente, vivem como antes na mesma terra), me deram umas flores e uma carta, umas palavras ternas e umas flores. Não posso apartar minha voz de quanto sofre. Sei quanto me dariam de

sacerdotais” que nutrem a terra e se repartir entre os “inabitados territórios” o desejo de voltar ao Brasil em 1949, “entrar de novo na alfândega”, mas não podia por conta da fuga do Chile ao exílio.

A hospitalidade dada ao poeta na Bahia²³⁴ – “das mulheres do bairro do antigo mercado de escravos” à novas formas de exploração herdadas da escravidão – em contraste a sua situação de exilado, e ao Brasil deixa o seu amor nestes versos. Luiz Carlos Prestes (1898 – 1990) é visto “caminhando rumo à liberdade” quando foi solto após o fim do Estado Novo em 1945.

A seguir, o poema conta a história de Luiz Prestes desde a Coluna Prestes (1924 – 1927) quando o capitão se levantou contra o governo oligárquico e percorreu vários estados do país com várias tropas, terminando em seu primeiro exílio na Bolívia e suas viagens entre Argentina, Uruguai e União Soviética onde viveu por três anos. Quando voltou ao Brasil, “seu povo e toca seu campanário combatente” com o Levante Comunista de 1935 foi preso pelo governo de Getúlio Vargas (1882 – 1954).

Quando “o encerram e entregam a sua companheira” Olga Benário (1908 – 1942) ao governo nazista de Adolf Hitler (1889 – 1945) em 1936 (“o carrasco pardo da

invisível verdade tuas espaçosas ribeiras naturais. Sei que a flor secreta, a agitada multidão de borboletas, todos os férteis fermentos das vidas e das florestas me esperam com sua teoria de inesgotáveis umidades, mas não posso, não posso senão arrancar de teu silêncio uma vez mais a voz do povo, eleva-la como a pluma mais fulgurante da selva, deixa-la a meu lado amá-la até que cante por meus lábios. Por isso vejo Prestes caminhando rumo à liberdade, rumo às portas que parecem em ti, Brasil, fechadas, cravado à dor, impenetráveis. Vejo Prestes, a sua coluna vencedora da fome, cruzando a selva, rumo à Bolívia, perseguida pelo tirano de olhos pálidos. Quando volta ao seu povo e toca seu campanário combatente o encerram, e sua companheira entregam ao pardo carrasco da Alemanha. (Poeta, buscas em teu livro as antigas dores gregas, os orbes encadeados pelas antigas maldições, correm tuas pálpebras torcidas pelos tormentos inventados, e não vê em tua própria porta os oceanos que golpeiam o escuro peito do povo.) No martírio nasce sua filha. Mas ela desaparece sob o machado, no gás, tragada pelos pântanos assassinos da Gestapo. Ó, tormento do prisioneiro! Ó, indizíveis padecimentos separados do nosso ferido capitão! (Poeta, apaga de teu livro Prometeu e sua cadeia. A velha fábula não tem tanta grandeza calcinada tanta tragédia aterradora.) Onze anos guardam Prestes atrás das barras de ferro, no silêncio da morte, sem atrever-se a assassiná-lo. Não há notícias para seu povo. A tirania apaga o nome de Prestes em seu mundo negro. E onze anos seu nome foi mudo. Viveu seu nome como uma árvore em meio de todo seu povo, reverenciado e esperado. Até que a Liberdade chegou a busca-lo em seu presídio, e saiu de novo à luz, amado, vencedor bondoso, despojado de todo o ódio que jogaram sobre sua cabeça. Lembro que em 1945 estive com ele em São Paulo. (Frágil e firme sua estrutura, pálido como o marfim desenterrado na cisterna, fino como a pureza do ar nas solidões, puro como a grandeza custodiada pela dor.) Pela primeira vez a seu povo falava, no Pacaembu. O grande estádio pululava com cem mil corações vermelhos que esperavam vê-lo e toca-lo. Chegou em uma indizível onda de canto e de ternura, cem mil lenços saudavam como um bosque suas boas-vindas. Ele viu com olhos profundos a meu lado, enquanto falei. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.125-128. Tradução nossa.

²³⁴ A presença de Pablo Neruda na Bahia devia-se a um polo forte de articulação do Partido Comunista do Brasil em torno das figuras de Jorge Amado (1912 – 2001) e Carlos Marighella (1911 – 1969) quando foram deputados e membros da Assembleia Constituinte entre 1945 e 1947 quando o PC foi colocado na ilegalidade no governo Eurico Gaspar Dutra.

Alemanha”). Com o nascimento de sua filha Anita Leocádia Prestes (1936 –) “no martírio”, o “tormento do prisioneiro” Prestes foi imenso. A prisão por quase uma década (talvez não onze anos), o “silêncio da morte” sem “notícias para seu povo”, até o ano de 1945 com o fim do Estado Novo e “viveu seu nome como uma árvore em meio de todo seu povo”.

A recordação do encontro de Neruda com Luís Carlos Prestes em 1945 pela sua própria poesia quando esteve no Brasil traz ao poema uma dimensão autobiográfica, em seu testemunho de um evento político ao lado de Prestes no estádio de futebol Pacaembu “o grande estádio pululava com cem mil corações vermelhos”. Um processo de radicalização e a reorganização da esquerda após a repressão varguista marcam este momento, mesmo com a criminalização do PCB e das suas principais figuras, Prestes inclusive.

*Dito em Pacaembu*²³⁵ (Brasil, 1945) tratou-se de um poema e um discurso de Neruda no contexto do Comício do Pacaembu, quando Pablo Neruda recitou os versos a

²³⁵ **Dito em Pacaembu (Brasil, 1945):** Quantas coisas quisera dizer hoje, brasileiros, quantas histórias, lutas, desenganos, vitórias que levei por anos no coração para dizer-los, pensamentos e saudações. Saudações das neves andinas, saudações do Oceano Pacífico, palavras que me disseram ao passar os operários, os mineiros, os pedreiros, todos os povoadores de minha pátria longínqua. Que me disse a neve, a nuvem, a bandeira? Que segredo me disse o marinheiro? Que me disse a menina pequenina dando-me umas espigas? Uma mensagem tinham: Era: Saúda Prestes. Busca-lo, me diziam, na selva ou no rio. Aparta suas prisões, busca sua cela, chama. E se não te permitem falar-lhe, olha-o até cansar-te e conte-nos amanhã o que viste. Hoje estou orgulhoso de vê-lo rodeado de um mar de corações vitoriosos. Vou dizer ao Chile: O saudei no ar das bandeiras livres de seu povo. Eu lembro em Paris, faz anos, uma noite falei à multidão, vim pedir ajuda para Espanha Republicana, para o povo em sua luta. Espanha estava cheia de ruínas e de glória. Os franceses ouviam meu chamado em silêncio. Lhes pedi ajuda em nome de tudo o que existe e lhes disse: Os novos heróis, os que na Espanha lutam, morrem. Modesto, Líster, Pasionaria, Lorca, são filhos dos heróis da América, são irmãos de Bolívar, O’Higgins, de San Martín, de Prestes. E quando disse o nome de Prestes foi como um rumor imenso no ar da França: Paris o saudava. Velhos operários com os olhos úmidos olhavam para o fundo do Brasil e para Espanha. Os vou contar ainda outra pequena história. Junto às grandes minas do carvão, que avançam sob o mar no Chile, no frio porto de Talcahuano, chegou uma vez, faz tempo, um cargueiro soviético. (Chile não estabelecia ainda relações com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Por isso a polícia estúpida proibiu de descer os marinheiros russos, subir os chilenos.) Quando chegou a noite vieram milhares de mineiros, desde as grandes minas, homens, mulheres, meninos, e desde as colinas com suas pequenas lâmpadas mineiras, toda a noite fizeram sinais acendendo e apagando para o barco que vinha dos portos soviéticos. Aquela noite escura teve estrelas: as estrelas humanas, as lâmpadas do povo. Hoje também desde todos os rincões de nossa América, desde México livre, desde o Peru sedento, desde Cuba, desde Argentina populosa, desde Uruguai, refúgio de irmãos isolados, o povo te saúda, Prestes, com suas pequenas lâmpadas em que brilham as altas esperanças do homem. Por isso mandaram pelo ar da América, para que te veja e lhes conte logo como eras, que dizia seu capitão calado por tantos anos duros de solidão e sombra. Vou dizer-lhes que não guardas ódio. Que só queres que tua pátria viva. E que a liberdade cresça no fundo do Brasil como uma árvore eterna. Eu quis contar-te, Brasil, muitas coisas caladas, levadas estes anos entre a pele e a alma, sangue, dores, triunfos, o que devem dizer os poetas e o povo: será outra vez, um dia. Hoje peço um grande silêncio de vulcões e rios. Um grande silêncio peço de terras e varões. Peço silêncio a América da neve à pampa. Silêncio: A palavra ao Capitão do Povo. Silêncio: Que o Brasil falará por sua boca. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.128-130. Tradução nossa. Existe um registro audiovisual do comício em São Paulo onde Neruda e Prestes entre

um público de mais de cem mil pessoas no estádio. De início, há um desejo de contar a sua vida, desde a sua juventude passando pelo seu serviço consular no Oceano Pacífico ou as suas experiências junto à classe trabalhadora do Chile, e uma mensagem vem à tona de todos em que tiveram contato: “Saúda Prestes”.

O apoio à luta revolucionária e à liberdade do comunista brasileiro é uma inspiração ao Chile, assim como em Paris em missão diplomática, o poeta chileno organizou uma frente de intelectuais antifascistas e mobilizou dentro de suas possibilidades ajuda às brigadas internacionais e à “Espanha Republicana” contra os falangistas fascistas de Francisco Franco durante a Guerra Civil Espanhola.

Ao relacionar as experiências da luta política na Espanha e na América e os seus líderes mais notáveis como Juan Modesto (nascido Juan Guilloto León, 1906 – 1969) Enrique Lister (1907 – 1994) e Federico García Lorca (1898 – 1936) como herdeiros das lutas americanas de emancipação “são filhos da América, irmãos de Bolívar, O’Higgins, San Martin, de Prestes”.

*De novo os tiranos*²³⁶ ainda no contexto do Brasil expõe uma lógica da política externa Estados Unidos nas Américas, da perseguição política representada por Wall Street, “a cobiça dos mercadores de escravos, mercadores e carrascos”. No Chile, a mobilização coletiva pela fuga de Pablo Neruda da repressão do governo González Videla. A imposição à ilegalidade e clandestinidade dos partidos comunistas do Brasil e do Chile aconteceram no mesmo ano de 1947.

Mesmo com tal repressão, o poeta percebeu no Brasil um grande potencial de luta política pela emancipação na figura de Prestes, “capitão doloroso” e na organização combativa do movimento operário brasileiro desde o fim do Estado Novo. “A liberdade que ainda pode conquistar-te”.

Jorge Amado, Manuel Bandeira e várias outras personalidades políticas e intelectuais. Afora o seu caráter de propaganda da produção do próprio PCB https://www.youtube.com/watch?v=t_7zindxLbk

²³⁶ **De novo os tiranos:** Hoje de novo a caça se estende pelo Brasil, o busca a fria cobiça dos mercadores de escravos: em Wall Street decretaram seus satélites suínos que enterraram suas presas nas feridas do povo, e começou a caça no Chile, no Brasil, em todas nossas Américas arrasadas por mercadores e carrascos. Meu povo escondeu meu caminho, cobriu meus versos com suas mãos, me preservou da morte, e no Brasil a porta infinita do povo fecha os caminhos onde Prestes outra vez rechaça de novo o malvado. Brasil, que te seja salvo teu capitão doloroso, Brasil, que não tenhas amanhã que recolher da sua lembrança lâmina por lâmina sua efígie para eleva-la em pedra austera, sem havê-lo deixado em meio de teu coração. Disfrutar a liberdade que ainda, ainda pode conquistar-te, Brasil. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.130-131. Tradução nossa.

*Chegará o dia*²³⁷ é um chamado aos libertadores, à libertação “neste crepúsculo da América” é confiada a “folha infinita” dos povos pelas forças revolucionárias. Os “hussardos amarelos caídos na profundidade do tempo” são conclamados à revolução, os trabalhadores de orientação política comunista são estes cavaleiros “herdeiros dos torrentes metalúrgicos”, mineiros, operários e camponeses amarelos pelo deserto.

A unidade continental é observada nas lutas que envolvem, “somos a mesma terra, o mesmo povo perseguido, a mesma luta cinge a cintura de nossa América” pela solidariedade entre os povos e a superação de ultrapassar “sua tenebrosa vida”. O abandono das classes populares com a perseguição às organizações em que se mobilizam, “o povo abandonado e submergido!” é convocado à união.

O roubo dos “frutos da colheita ensanguentada” e a divisão da “geografia estabelecendo margens hostis” compreende a exploração e a desapropriação dos camponeses e outros trabalhadores, a produção capitalista do espaço em suas dinâmicas de expropriação de pequenas propriedades e terras comunais e exclusão da classe trabalhadora dos processos de decisão²³⁸.

Das terras onde colheu-se “latido da dor, as solidões” e “o trigo dos solos desgranados: algo germina sob as bandeiras” dos Estados-nações, “são as forças da luta do homem na terra” de suas “raízes minerais” e “do martírio das mãos” assoladas pela exploração do trabalho alienado e “destinadas à luz”. A dimensão coletiva e organizada do povo é chamada a não perecer pelo medo, como espigas de onde nascem grãos que

²³⁷ **Chegará o dia:** Libertadores, neste crepúsculo da América, na despovoada escuridão da manhã, os entrego a folha infinita de meus povos, o regozijo de cada hora da luta. Hussardos amarelos, caídos na profundidade do tempo, soldados em cujas bandeiras recém bordadas amanhece, soldados de hoje, comunistas, combatentes herdeiros dos torrentes metalúrgicos, escutai minha voz nascida nos glaciares, elevada à fogueira de cada dia por simples dever amoroso: somos a mesma terra, o mesmo povo perseguido, a mesma luta cinge a cintura de nossa América: Haveis visto pelas tardes a caverna sombria do irmão? Haveis ultrapassado sua tenebrosa vida? O coração disperso do povo abandonado e submergido! Alguém que recebeu a paz do herói a guardou em sua adega, alguém roubou os frutos da colheita ensanguentada e dividiu a geografia estabelecendo margens hostis, zonas de desolada sombra cega. Colhei das terras o confuso latido da dor, as solidões, o trigo dos solos desgranados: algo germina sob as bandeiras: a voz antiga os chama de novo. Baixai às raízes minerais e às alturas do metal deserto, tocai a luta do homem na terra, através do martírio que maltrata as mãos destinadas à luz. Não renunciéis ao dia que os entregam os mortos que lutaram. Cada espiga nasce de um grão entregue à terra, e como o trigo, o povo inumerável junta raízes, acumula espigas, e na tormenta desencadeada sobe à claridade do universo. Idem. Ibid.Pp.131-132. Tradução nossa.

²³⁸ HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. Pp.49-50. Uma dinâmica importante da produção capitalista do espaço nas características do modo de produção capitalista em suas diferentes formações econômico-sociais é a eliminação das barreiras espaciais à acumulação e expansão do capital, assim as dinâmicas de transferência de valor e as forças produtivas se desenvolvem assimilando formas econômicas anteriores.

continuam entregados à terra. Desta luta à qual se juntam raízes e se acumulam espigas, a vitória é vista além das nuvens da “tormenta desencadeada” como a claridade do universo, como a superação da grande noite e o amanhecer da emancipação dos povos explorados.

CAPÍTULO 3: V. LA ARENA TRAICIONADA, A TRAIÇÃO DA LIBERDADE DOS POVOS OU O POVO VITORIOSO?

Nas estrofes que compõem o prólogo do capítulo V²³⁹ há um retorno à memória em torno de uma amnésia fumacenta, primeiramente trazendo o seu potencial de crescimento, de desenvolvimento, o esquecimento ‘como uma capa sobre a terra’ ou como a subsidência de uma camada da terra sob outra poderia preencher a vida social. No entanto, o confronto do passado, “destas dores que quisera apartar”, possui uma dimensão tanto de crítica ao movimento da memória e da história oficial, uma ideologização da memória²⁴⁰.

A memória manipulada e os abusos do esquecimento foram impostos, o que se deve lembrar e o que se deve esquecer. Não intentou-se uma determinação negativa da elaboração – isto é o trabalho de reconstrução – do passado através da narrativa, não ‘para enchermos o coração com água salgada’.

Houve a preocupação com o conhecer o que não havia sido conhecido em uma temporalidade extensa e profunda, tanto pelos diversos espaços de esquecimento no interior do devir, como pela próprio movimento da ideologia²⁴¹. O rigor desta memória subterrânea, uma outra memória está no seu caráter ético-político, ‘caminhar conhecendo’ é necessário ‘para que a severidade seja uma condição de alegria’, desta forma há uma intervenção prática na realidade com outros valores, e portanto uma ética da memória.

²³⁹ Talvez, talvez o esquecimento sobre a terra como uma capa pode desenvolver o crescimento e alimentar a vida (pode ser), como a fumaça sombria no bosque. Talvez, talvez o homem como um ferreiro acode à brasa, aos golpes de ferro sobre ferro, sem entrar nas cegas cidades de carvão, sem fechar a vista, precipitar-se abaixo em afundamentos, águas, minerais, catástrofes. Talvez, mas meu prato é outro, meu alimento é distinto: meus olhos não vieram para morder esquecimento: meus lábios se abrem sobre todo o tempo, e todo o tempo, não só uma parte do tempo gastou minhas mãos. Por isso te falarei destas dores que quisera apartar, te obrigarei a viver uma vez mais entre suas queimaduras, não para determos como uma estação, ao partir, nem tampouco para golpear com a frente a terra nem para enchermos o coração com água salgada, senão para caminhar conhecendo, para tocar a retidão com decisões infinitamente carregadas de sentido, para que a severidade seja uma condição da alegria, para que assim sejamos invencíveis. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. op.cit. p.135. Tradução nossa. *Hundimientos aqui pode estar se referindo a um abaixamento da terra, também pode se referir ao fenômeno geológico chamado de subsidência.

²⁴⁰ RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. P.455.

²⁴¹ A ideologia no sentido marxista seria uma consciência prática inescapável inscrita nas dinâmicas das relações sociais de produção e da luta de classes com os seguintes efeitos: 1) distorção da realidade; 2) legitimação do sistema de poder, e 3) integração do mundo comum por meio de sistemas simbólicos imanentes à ação. Da construção política dos significados, aos símbolos à cultura. Idem. Ibid. Pp.94-95.

A parte I introduzida por *Os verdugos*²⁴² nos apresenta um quadro bastante negativo dos processos de construção do Estado-nação após os processos revolucionários de ‘independência jactanciosa’ política formal na ‘Sáuria, escamosa’ América. O ‘mastro erigido no pântano’ foi sem dúvida um mal para o continente de onde ‘fugiu a luz de rama em rama’ e não o acordou. A traição iniciou-se portanto nas feições de uma escamosa arena onde os traidores eram a astúcia felina cruzada com a peçonha aracnídea, estes foram encarnados em diversas figuras analisadas a seguir.

*O doutor Francia*²⁴³ José Gaspar Rodriguez de Francia (1766 – 1840) advogado, teólogo e Ditador Supremo do Paraguai foi a maior liderança da independência paraguaia. O governo de Francia (de 1813 até 1840 com a sua morte) foi marcado por isolamento em relação a outros países do Rio da Prata e da América de maneira geral.

Tal política foi levada a cabo por Francia pela hostilidade de Buenos Aires em relação à independência paraguaia, a desaprovação do império britânico frente ao controle da navegação dos rios, à expropriação da Igreja e um projeto popular francista baseado nos camponeses *chacreros* e indígenas, a única revolução de independência que derrotou a oligarquia e a Igreja²⁴⁴.

²⁴² **Os verdugos:** Sáuria, escamosa América ferida ao crescimento vegetal, ao mastro erigido no pântano: amamentam-se filhos terríveis com venenoso leite de serpente, tórridos berços incubaram e cobriram com barro amarelo uma progênie encarniçada. O gato e a escorpiana fornicaram na pátria selvática. Fugiu a luz de rama em rama, mas não despertou o dormido. Cheirava a cana a coberta, haviam rodado os facões ao mais tímido local da sesta, e no penacho enrarecido das cantinas cuspiu sua independência jactanciosa o jornalista sem sapatos. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. P.137. Tradução nossa.

²⁴³ **O doutor Francia:** O Paraná nas zonas emaranhadas, úmidas de outros rios onde a rede de água, Yabebiri, Acaray, Igurey, joias gêmeas coloridas de quebracho¹, rodeadas pelas espessas copas do copal, transcorre pelos lençóis atlânticos arrastando o delírio do nazaré roxo, as raízes do curupay² em seu sonho arenoso. Do lodo quente, dos troncos do jacaré devorador, em meio da pestilência silvestre cruzou o doutor Rodríguez de Francia para a poltrona do Paraguai. E viveu entre as rosetas de rosada alvenaria como uma estátua sórdida e cesárea coberta pelos véus da aranha sombria. Solitária grandeza no salão cheio de espelhos, espantalho negro sobre felpa vermelha e ratos assustados na noite. Falsa coluna, perversa academia, agnosticismo do rei leproso, rodeado pela extensão dos ervais na força do justicado, contando triângulos de estrelas, medindo chaves estelares, perseguindo o alaranjado entardecer do Paraguai com um relógio na agonia do fuzilado em sua janela, com uma mão no ferrolho do crepúsculo mão atado*. Os estudos sobre a mesa, os olhos na espora do firmamento, os cristais virados da geometria, enquanto o sangue intestinal do homem morto a coronhadas, baixava pelos escadões chupada por verdes enxames de moscas que centelhavam. Cerrou o Paraguai como um ninho de sua majestade, amarrou tortura e barro nas fronteiras. Quando nas ruas sua silhueta passa, os índios se colocam com a visão para os muros: sua sombra resvala deixando duas paredes de calafrios. Quando a morte chega a ver o Dr. Francia, está mudo, imóvel, atado em si mesmo, só em sua caverna, detido pelas cordas da paralisia, e morre só, sem que ninguém entre na câmara: ninguém se atreve a tocar a porta do amo. E amarrado por suas serpentes, deslinguado, fervido em sua medula, agoniza e morre perdido na solidão do palácio, enquanto a noite estabelecida como uma cátedra, devora as capitais miseráveis salpicadas pelo martírio. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. pp.137-138. Tradução nossa.

²⁴⁴ VILABOY, Sergio Guerra. *Paraguay: De la Independencia a la dominación imperialista (1811 – 1870)*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1984. Pp.61-71. A oligarquia paraguaia enfraquecida pela pressão de Buenos Aires contra a independência não conseguiu conter as forças populares de José Gaspar de Francia que se afastaram da Junta de Governo de 1811. Após a consolidação de Francia no poder em

As imagens do “ jacaré devorador”, da “ solitária grandeza”, do “ rei leproso” e outras representam um caráter autocrático e repressor ao governo vitalício do Dr. Francia. Isolamento total, ao contrário do que diz o poema e muitas obras da historiografia. Os versos, tal qual o governo de José Gaspar Rodríguez de Francia se encerra com a sua morte, no entanto, este ambiente inóspito aos habitantes do Paraguai continua devorando “ as capitais miseráveis salpicadas pelo martírio”.

As visões negativas sobre esse governo do Paraguai não são unânimes, inclusive existem teses que sustentam um “ bem-estar popular²⁴⁵” no período de Francia, assim como a participação popular na composição e uma melhora nas condições de vida dos trabalhadores artesãos e camponeses. A violência evocada – “ o homem morto a coronhadas”, o “ fuzilado em sua janela”, “ amarrou barro e tortura nas fronteiras” – também denota uma ordem de controle de saída dos paraguaios para o exterior e um controle da entrada de estrangeiros.

A crítica feita ao regime de Francia levou em conta apenas o fechamento das fronteiras, o isolamento que se distendeu entre as décadas de 1820 e 1830, e não o desenvolvimento endógeno do Paraguai em suas tensões com o imperialismo britânico e a Confederação de Buenos Aires. A produção paraguaia cresceu extensivamente²⁴⁶ em vários gêneros primários de alimentação e até em matérias primas têxteis, o que garantiu uma certa autonomia e distensão do isolamento até a morte de Francia.

Juan Manuel de *Rosas* (1793 – 1877), o governador da Confederação de Buenos Aires de 1829 até 1852 quando renunciou e assim se marcou a formação da República Argentina. O período marcado pelo poema (1829 – 1849) do início do governo rosista até o seu declínio de finais da década de 1840 não necessariamente levou em conta a Batalha de Caseros e a vitória dos unitários centralistas contra os federalistas.

A dificuldade de perceber a profundidade dos acontecimentos da terra, a violência das guerras civis em seus “mortos e metais” formou a solidão. A empatia do poeta com argentinos exilados por Rosas como os unitários Domingo Faustino Sarmiento (1811 – 1888) e Juan Bautista Alberdi (1810 – 1884), Don José de Oro (clérigo e professor de Sarmiento) e outro político unitário Salvador Del Carril (1798 – 1883) são exemplos desse movimento contra a confederação rosista.

1813 com o apoio de frações militares com quem teve contato no período da Junta o sagraram como Ditador. O apoio de camponeses, indígenas e artesãos foi crucial para a sua consolidação como Ditador Supremo.

²⁴⁵ HALPERÍN DONGHI, Tulio. *Historia contemporánea de América Latina*. Madrid: Alianza Editorial, 2005. Pp.193-194.

²⁴⁶ VILABOY, Sergio Guerra. *Paraguay: De la independencia a la dominación imperialista (1811 – 1870)*. Pp.77-81.

O seu exílio no Chile lhes deu a substância, “o sal marinho, para a derrubada do governo considerado tirano, a imagem de Calígula nos textos de Sarmiento. Ao passo dos desterros, a repressão e o uso do grupo armado *la Mazorca*²⁴⁷ contra os opositores unitários foram as “gargalhadas de mazorca sobre o martírio”. A violência do estado buenairense, a futura “Argentina roubada a coronhadas”, não apenas foi produzida entre grupos políticos, mas também à fronteira indígena ao Sul do território com a Campanha de Rosas ao Deserto.

A “implacável solidão” da figura de Rosas em sua “cúpula” produziu a fuga dos “trigos espumosos” argentinos, a latitude da pampa de Norte ao Sul patagônio estava ferido em seu “pranto estépico”. A repressão e a exclusão popular iniciada no fim do período de Juan Manuel de Rosas se aprofundou, principalmente na derrota do último grande caudilho Justo José de Urquiza e no fim das guerras civis do século XIX.

Quando o “povo e o trigo se amassaram” com Rosas, a continuidade de uma militarização da sociedade rio-platense²⁴⁸ na formação argentina desde a sua independência, as “dignidades submersas” e “os rostos ao pó” ascendem ao céu em meio a tamanha violência nas “puras pradarias”.

A visão negativa do período rosista pelo poeta possui uma base centrada nos seus críticos e opositores políticos, desde Alberdi e Sarmiento em seus desterros, no entanto a violência política, a exclusão das classes populares e a formação de uma oligarquia dominante e uma burguesia subordinada não marcam qualquer pacificação após 1853. Este processo se conclui ao fim da Guerra do Paraguai com a repressão dos caudilhos e suas *montoneras*.

²⁴⁷ PAGANI, R; SOUTO, N; & WASSERMAN, F. VIII. El ascenso de Rosas al poder y el surgimiento de la Confederación (1827 – 1835). In: GOLDMAN, Noemí (Dir.) *Nueva historia argentina, tomo III. Revolución, República, Confederación*. Buenos Aires: Editorial Sudamérica, 1998. Pp.312-313. O grupo de choque chamado de *La Mazorca* foi uma força paramilitar de caráter popular em apoio ao projeto federalista vinculado à *Sociedad Popular Restauradora*, grupo formado pela burguesia federalista com a intenção de excluir politicamente o projeto unitário.

²⁴⁸Cf. HALPERÍN DONGHI, Tulio. *Revolución y guerra*, formación de una élite dirigente en la argentina criolla. Buenos Aires: Ed. Siglo XXI, 1972. Pp.200-247. e DE LA FUENTE, Ariel. Gauchos, montoneros y montoneras. In: GOLDMAN, Noemí; & SALVATORE, Ricardo D. *Caudillos rio-platenses: nuevas miradas a un viejo problema*. Buenos Aires: Eudeba, 2005. Pp.267-291. A produção historiográfica atual percebeu questões para além das condições sociais e econômicas do fenômeno do caudilhismo – o surgimento de lideranças militares populares de diferentes correntes políticas seguidas pelas classes populares principalmente no campo – a adesão das pessoas aos projetos atendiam a seus diferentes interesses próprios de participação política e interesses materiais, homens casados ou solteiros que se engajavam nas contendas armadas.

O *Equador*²⁴⁹ é evocado em versos através da formação geológica dos Andes equatorianos do azeite rubro do magma de Tunguragua, Sangay, Imbabura, Antisana, Pumachaca e Pambamarca, montanhas nevadas em vulcões inativos. Esta “edificação crepitante” se configura como um “vaporoso e ciclônico patrimônio”. Tal ambiente de povoados irisados em uma multidão estão em uma condição de pobreza e “morte com o seu funil”.

Nesta febre, “a fome é um arado” em relações de trabalho dependentes ou servis (*huasipungaje* e *concertaje*), “as cimeiras igrejas” trazem a misericórdia que “fere o peito com buréis e conventos” com a integração da Igreja na hegemonia oligárquica equatoriana²⁵⁰.

Gabriel *García Moreno*²⁵¹ (1821 – 1875) presidente do Equador entre 1859 e 1875 quando foi morto é o nome do “chacal enluvado” em alusão ao seu retrato presidencial com honras militares e luvas brancas. O caráter fundamentalista religioso de García

²⁴⁹ **Equador:** Dispara Tunguragua azeite rubro, Sangay sobre a neve derrama mel ardendo, Imbabura de tuas cimeiras igrejas nevadas arroja peixes e plantas, ramos duros do infinito inacessível, e nos páramos, acobreada lua, edificação crepitante, deixa cair as tuas cicatrizes como veias sobre Antisana, na enrugada solidão de Pumachaca, na sulfúrica solenidade de Pambamarca, vulcão e lua, frio e quartzo, chamas glaciais, movimento de catástrofes, vaporoso e ciclônico patrimônio. Equador, Equador, cauda violeta de um astro ausente, na irisada multidão de povoados que te cobrem com infinita pele de frutaria, ronda a morte com o seu funil, arde a febre nos povoados pobres, a fome é um arado de ásperas puas na terra, e a misericórdia te fere o peito com buréis e conventos, qual uma enfermidade umedecida nas fermentações das lágrimas. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.140-141. Tradução nossa.

²⁵⁰ CARDOSO, Ciro F. & PÉREZ BRIGNOLI, Héctor. *História econômica da América Latina*. Pp.183-185. Os *huasipungeros*, artesãos dos buréis ou *sayales* (oficinas de trabalho com a lã) e jornaleiros agrícolas passam a ser uma base econômica importante para o Equador, em contraste com as comunidades indígenas produtoras de subsistência ou excedente muito baixo, estas deixaram de serem tributadas no governo de Gabriel García Moreno (1859 – 1875), estas comunidades diminuíram de tamanho e população a partir da década de 1940 e retomaram crescimento desde a década de 1980, passando a haver um florescimento cultural com o Estado Plurinacional do Equador atual.

²⁵¹ **García Moreno:** Dali saiu o tirano. García Moreno é seu nome. Chacal enluvado, paciente morcego de sacristia, recolhe cinza e tormento em seu chapéu de seda e enfia as unhas no sangue dos rios equatoriais. Com os pequenos pés metidos em sapatos envernizados, benzendo-se e encerando-se nos tapetes do altar, com as fraldas mergulhadas nas águas processionais, dança no crime arrastando cadáveres recém-fuzilados, dilacera o peito dos mortos, passeia seus ossos voando sobre os féretros, vestido com plumas de pano agourento. Nas aldeias índias, o sangue cai sem direção, há medo em todas as ruas e sombras (debaixo dos sinos há medo que ressoa e sai para a noite), e pesam sobre Quito as grossas paredes dos mosteiros, retas, imóveis, seladas. Tudo dorme com os florões de ouro oxidado nas cornijas, os anjos dormem pendurados em seus cabides sacramentais, tudo dorme qual uma teia de sacerdócio, tudo sofre sob a noite membranosa. Mas não dorme a crueldade. A crueldade de bigodes brancos passeia com luvas e garras e crava escuros corações sobre as grades do domínio. Até que um dia entra a luz como um punhal no palácio e abre a jaqueta mergulhando um raio no peitilho imaculado. Assim saiu García Moreno do palácio, mais uma vez, voando para inspecionar as sepulturas, empenhadamente mortuário, mas dessa vez rodou até o fundo dos massacres, retido, entre as vítimas sem nome, na umidade da podridão. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.141-142. Tradução nossa.

Moreno, o “morcego de sacristia” e o seu projeto de uma república católica se consolidou com as suas bases de poder em uma antiga aristocracia e a formação de uma oligarquia.

A violência empreendida pelo estado na “era garciana” é notável pela repressão à classe trabalhadora organizada no campo e na cidade com uma grande presença indígena. A “dança no crime arrastando os cadáveres recém-fuzilados”, foram métodos repressivos extensivamente utilizados pelo governo os fuzilamentos, os açoitamentos e as humilhações públicas²⁵².

As comunidades indígenas e os trabalhadores dependentes submetidos por uma aliança repressiva entre a igreja e as frações oligárquicas e burguesas da classe dominante equatoriana, “o sangue cai sem direção” nas aldeias, “ruas e sombras” e o peso dos monastérios sobre Quito onde “tudo dorme”, “mas não dorme a crueldade”. A “crueldade de bigodes brancos” se encerrou com a morte de Gabriel García Moreno com golpes de facão e tiros de revolver à queima roupa, como “um raio no peitilho imaculado.

*Os bruxos da América*²⁵³ são os governos da Centroamérica e a configuração dos Estados-nação após os esforços de integração do subcontinente e das tentativas autonomistas frente a dominação política e econômica estrangeira. Estes bruxos assim “matam os metais da ressurreição, fecham as portas e entrevam a morada das aves deslumbradoras”.

Jorge *Ubico*²⁵⁴ Castañeda (1878 – 1946) é o primeiro dos presidentes autoritários denominado entre os bruxos, “pelas picadas, atravessando os presídios” e instaurou uma “hierarquia do medo”. Ubico foi o chefe militar mais duradouro na presidência da Guatemala de 1931 a 1944 e um dos vários líderes políticos sustentados pela força militar,

²⁵² AYALA MORA, Enrique. Gabriel García Moreno y la gestación del estado nacional en Ecuador. **Crítica & Utopía**. Nº5. Pp.1-4. <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/critica/nro5/AYALA.pdf>. Os levantes indígenas e populares de Cañar (1862), Imbabura, Azuay (1871) e o levante da Província de Chimborazo são os mais importantes, sendo este último com 10 mil indígenas. Centenas destes foram presos, o líder Fernando Daquilema (1848 – 1872) e outros rebelados foram fuzilados entre 1871 e 1872.

²⁵³ **Os bruxos da América:** América Central pisoteada pelos mochos, engraxada por ácidos suores, antes de entrar em teu jasmim queimado considera-me fibra da tua nave, asa de tua madeira combatida pela espuma gêmea, e enche-me do arrebatador aroma pólen e pluma de tua taça, margens germinais de tuas águas, linhas frisadas do teu ninho. Porém os bruxos matam os metais da ressurreição, fecham as portas e entrevam a morada das aves deslumbradoras. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. P.143. Tradução nossa.

²⁵⁴ **Ubico:** Ou é Ubico pelas picadas, atravessando os presídios de motocicleta, frio como pedra, mascarado da hierarquia do medo. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. P.143. Tradução nossa.

financiamento e apoio logístico do Departamento de Estado dos Estados Unidos e da burguesia estadunidense²⁵⁵ no espaço centro-americano.

Juan Vicente *Gómez*²⁵⁶ (1857 – 1935), o “tremedal da Venezuela” marcou o início da hegemonia andina na política venezuelana, entre 1908 e 1935 com a sua morte, consolidou a integração do país ao mercado mundial capitalista através do petróleo. A morte despedaçada e os “golpes cruéis” marcam a perspectiva e um acúmulo de literaturas e relatos dos agentes opositores do regime gomecista²⁵⁷.

Gerardo *Machado*²⁵⁸ (1869 – 1939), o sexto presidente de Cuba passou de um protagonista importante da guerra de independência de Cuba a um representante do Partido Liberal transformado em um ditador²⁵⁹. Entre 1925 e 1933, Machado “arrou sua Ilha em máquinas, importou tormentos feitos nos Estados Unidos” em alusão à implantação da empresa estadunidense *General Electric Company* (atual G&E), estas primeiras indústrias introduzidas via capital estrangeiro tem uma ruptura importante²⁶⁰.

²⁵⁵BUCHELI, Marcelo. Multinational corporations, totalitarian regimes and economic nationalism: United Fruit Company in Central America, 1899–1975. **Business History**, 50:4, 2008. Pp.441-442.

²⁵⁶ **Gómez:** Gómez, tremedal da Venezuela, afoga lentamente rostos, inteligências, em sua cratera. O homem cai à noite nela mexendo os braços, cobrindo o rosto dos golpes cruéis, e é tragado pelos atoleiros, mergulha em adegas subterrâneas, aparece nas estradas cavando carregado de ferro, até morrer despedaçado, desaparecido, perdido. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. P.143. Tradução nossa.

²⁵⁷ LÓPEZ, Gilberto J. La hegemonía andina: Estado y sistema político en Venezuela. **FONTUS**. Cumaná, Venezuela. Nº 14 y 15, Diciembre, 2010. Pp.83-114. A ascensão ao poder do militar e empresário industrial Juan Vicente Gómez marca um processo de mudança nas relações de poder na Venezuela que desde a independência teve o exercício pelas classes dominantes de Caracas. A passagem do centro do poder caraquenho para os Andes consolidou o Estado oligárquico e um processo de centralização política com o seu auge no governo de Juan Gómez onde acumulou as funções de Chefe de Estado, Chefe de Governo e Comandante em Chefe do Exército. Esta denominada hegemonia andina ou tachirense marcou também o fim do *caudilhismo* venezuelano frente aos governos “liberal-oligárquicos” (para retomarmos uma expressão de Agustín Cueva) e centralistas. Pp.94-100.

²⁵⁸ **Machado:** Machado, em Cuba, arrou sua Ilha com máquinas, importou tormentos feitos nos Estados Unidos, silvaram as metralhadoras derrubando a florescência, o néctar marinho de Cuba, e o estudante apenas ferido era lançado à água onde os tubarões terminavam a obra do benemérito. Chegou até o México a mão do assassino, e rolou Mella como um discóbolo sangrento pela rua criminosa enquanto a ilha ardia, azul, embrulhada em loteria, hipotecada com açúcar. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. P.143.

²⁵⁹ HALPERÍN DONGHI, Tulio. *Historia contemporánea de América Latina*. P.343. E SELSER, Gregorio. *Cronología de las intervenciones extranjeras en América Latina tomo III*. P.575. Desde a independência e a Emenda Platt de 1901, os políticos liberais se utilizaram da emenda para afastarem os conservadores e os dissidentes do núcleo principal do Partido Liberal. As intervenções militares dos Estados Unidos em Cuba foram constantes até o ano de 1933 com a Sétima Conferência Pan-americana (Montevideu) e a “política de boa vizinhança”. A vitória dos Estados Unidos, no entanto, ocorreu com a manutenção das dívidas internacionais aos Estados americanos.

²⁶⁰ Cf. HALPERÍN DONGHI, Tulio. *Historia contemporánea de América Latina*. Pp.343-344. BAMBIRRA, Vania. *El capitalismo dependiente latinoamericano*. México D.F: Siglo XXI Editores, 1985. Pp.23-30. Esta introdução de capitais estadunidenses em Cuba na primeira metade do século XX promoveu uma série de pequenas indústrias e segue uma tendência nos países da América Central. A presença de indústria não necessariamente implica em um processo de industrialização, ao qual um país passa a dominar cadeias produtivas e ter expressão em competição internacional, regional ou mundial. Os processos de

Os movimentos de contestação reformistas e revolucionários como a organização de um movimento operário e estudantil aprofundaram a repressão da ditadura de Machado em seus grupos paramilitares e da polícia, principalmente no seu segundo mandato (1929 – 1933) considerado ditadura aberta, as “metralhadoras derrubaram a florescência”. O “estudante apenas ferido era lançado à água onde os tubarões terminavam” a execução, a morte do estudante Rafael Trejo González (1910 – 1930) foi simbólica assim como a repressão aos trabalhadores do açúcar²⁶¹.

A repressão “chegou ao México” e tirou a vida de Julio Antonio Mella (1903 – 1929), um fundador do Partido Comunista de Cuba, revolucionário e liderança do movimento estudantil cubano. Julio Mella foi um dos responsáveis pela unificação dos movimentos e por conta do seu alcance internacional – com os movimentos da esquerda revolucionária como México, Nicarágua e El Salvador – foi perseguido e morto na Cidade do México em 1929. A ilha “ardida, azul” estava submetida a uma lógica neocolonial “embrulhada em loteria” e “hipotecada em açúcar”, com as inversões de milhões de dólares estadunidenses na indústria açucareira e o incentivo à monocultura²⁶².

Manuel Mariano *Melgarejo*²⁶³ (1820 – 1871) é por quem a “Bolívia morre em suas paredes como uma flor enrarecida”, a “besta bêbada, espumada de minerais traídos”

industrialização vinculados ao capital estadunidense ocorreram após a Segunda Guerra Mundial na maior parte dos países, com exceção de Brasil, Argentina, Chile, México, Uruguai e Colômbia (países de tipo A, industrialização antiga para Bambirra). Apesar da precisão ao apontar os processos de industrialização, a crítica que fizemos ao trabalho de Vânia Bambirra está justamente na ausência de dados sobre o período anterior à Revolução Cubana de 1959 e à fase de *integração monopólica* do capitalismo do pós II-Guerra. ²⁶¹DE LA FUENTE, Alejandro. Two Dangers, One Solution: Immigration, Race, and Labor in Cuba, 1900–1930. **International Labor and Working-Class History**. Cambridge University Press. 51:30, 1997. Pp.43-45. A *Confederación Nacional de Obreros de Cuba* criada por trabalhadores da indústria açucareira e do campo tiveram um papel importante na resistência ao governo de Gerardo Machado, principalmente com a articulação do Partido Comunista Cubano, havendo uma convergência entre as contestações do movimento operário com o movimento estudantil. Além deste potencial de resistência, também houve a solidariedade e a integração dos trabalhadores imigrantes e de diferentes origens étnico-raciais (chineses, poloneses, jamaicanos, haitianos, judeus e outros grupos do Leste Europeu) nas fileiras das organizações operárias e revolucionárias.

²⁶² MORALES, Josefina. & NÁPOLES, Carmen S. **Cuba**: el proceso de industrialización y su dimensión regional. *PROBLEMAS DEL DESARROLLO*: Revista Latinoamericana De Economía. Vol. 22 Núm. 85. México D.F; UNAM, abril-junio 1991(Pp.199-226). Pp.199-203. As inversões de capitais promovidos pela grande burguesia dos Estados Unidos se concentraram na produção de açúcar, excluindo inclusive as frutas tropicais e desfavorecendo a produção de café. Um incipiente processo industrial é considerado pelas autoras e desconsiderado por Vania Bambirra. O artigo de 1991 aponta este processo frente à balança comercial no período 1948-1951, entre 1924 e 1933 as importações de maquinários e equipamentos estavam muito abaixo dos 20% das importações cubanas até 1951, frente 80% de importações de bens de consumo como alimentos e bens de consumo duráveis industrializados como automóveis e bens de luxo. A ilha hipotecada em açúcar tinha a sua razão econômica, o abastecimento 77% do consumo de açúcar dos Estados Unidos em seus milhões de toneladas de açúcar.

²⁶³ **Melgarejo**: A Bolívia morre em suas paredes como uma flor enrarecida: encarapitam-se em suas montanhas os generais derrotados e rompem o céu a pistoladas. Máscara de Melgarejo, besta bêbada,

compreende o seu caráter grosseiro e o processo de reformas liberais no qual a Bolívia se integra como um país majoritariamente mineiro na economia capitalista mundial²⁶⁴. Este bruxo boliviano da América, “barba errante amancebada aos salões” submeteu os indígenas a uma expropriação em suas medidas de modernização conservadora no país e sua “carga cruzam a última savana de oxigênio trotando pelos corredores dessangrados da pobreza”.

As leis de desvinculação das terras indígenas expropriadoras dos *ayllus* nogoverno melgarejista são um marco para vários levantes indígenas com uma violenta desapropriação de terras de 356 comunidades entre 1866 e 1869²⁶⁵. Para além das representações históricas e historiográficas negativas sobre a personalidade de Melgarejo como um pária ou piores²⁶⁶, este foi um presidente que rompeu com o pacto caudilhista de lideranças anteriores e iniciou um processo de hegemonia unitária, depois sucedido pelas reformas liberais no fim do século XIX.

Bolívia (22 de março de 1865) ^é um poema descritivo sobre a disputa pelo poder e pelo estado boliviano entre os líderes militares Manuel Isidoro Belzu (1808 – 1865) e Mariano Melgarejo no ano de 1865. O triunfo inicial de Belzu é apontado pela sua chegada ao palácio presidencial após os seus anos de exílio e missão diplomática por conta do seu forte apoio popular entre os indígenas e mestiços artesãos e camponeses²⁶⁷.

espumarada de minerais traídos, barba da infâmia, barba horrenda sobre os montes rancorosos, barba arrastada no delírio, barba carregada de coágulos, barba achada nos pesadelos da gangrena, barba errante galopada pelos poteiros, amancebada aos salões, enquanto o índio e sua carga cruzam a última savana de oxigênio trotando pelos corredores dessangrados da pobreza. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.143-144. Tradução nossa.

²⁶⁴ LORA, Guillermo. *Historia del movimiento obrero boliviano*. Tomo I. (1848 – 1900) La Paz: Los Amigos Del Libro, 1967. Pp.82-87.

²⁶⁵ CUNHA FILHO, Clayton M. *A construção do horizonte plurinacional: liberalismo, indianismo e nacional-popular na formação do Estado boliviano*. Rio de Janeiro: UERJ, 2015 (tese de doutorado). Pp.43-45.

²⁶⁶ BARRAGÁN ROMANO, R.; LEMA GARRETT, A.; MENDIETA PARADA, P.; PERES-CAJIAS, J. *El siglo XX mira al siglo XIX*. La experiencia boliviana. Anuario del Instituto de Historia Argentina, (15), 2015. Pp.4-6. Disponível em: <http://www.anuarioiha.fahce.unlp.edu.ar/article/view/IHAn15a05> Último acesso: 01/06/2020. A representação pejorativa de Melgarejo na historiografia e no pensamento latino-americano de maneira geral se colocou como hegemônica, para além de discussões sobre os fatores de estabilidade ou instabilidade política neste contexto do *caudilhismo* na Bolívia e na América do Sul de maneira geral. Evitamos o formalismo de contrapor as realidades de inclusão das classes populares incluídas no processo político de diversas maneiras com a estabilidade dos países da Europa Ocidental e dos Estados Unidos na exportação de parte de seus conflitos em guerras e invasões neocoloniais.

²⁶⁷ Cf. RICHARD, Frédéric. Inestabilidad y crisis del Estado-Nación: Belzu, más allá de la caricatura. *Tinkazos*, n.5, enero 2000. Pp.10-12. e LORA, Guillermo. *Historia del movimiento obrero en Bolivia*. Pp.177-188. Os grêmios de trabalhadores artesanais foram uma preocupação e uma das principais bases da construção política centrada em Manuel Belzu, o que se denominou “proteccionismo” ou um atraso

O percurso dos versos também contempla a vida de Mariano Melgarejo e o seu declínio com a sua morte também violenta no Peru em 1871. Entre um líder aclamado e um militar apoiado pelas oligarquias bolivianas triunfou na contenda o “novo vencedor”, o “minotauro boliviano”. Belzu morreu pelas mãos de Melgarejo e suas tropas dentro da sede presidencial, assim encerrou-se uma organização popular e iniciou-se um projeto oligárquico-conservador que inclusive excluiu a burguesia liberal²⁶⁸, um dos grupos de mais potente oposição ao melgarejismo em figuras como Félix Avelino Aramayo (1846 – 1929)²⁶⁹.

Maximiliano Hernández *Martínez*²⁷⁰, o presidente de El Salvador entre 1931 e 1944 governou através de uma ditadura o país chegando ao poder com um golpe de Estado. As lutas sociais organizadas entre os anos 1920 e 1930 construíram os movimentos populares em suas organizações, desde as federações de trabalhadores camponeses, artesanais e outros grupos produziram o levante de 1932.

O levante indígena e camponês de 1932 foi duramente reprimido pelo governo que “em poucos dias vinte mil camponeses assassinados apodrecem nas aldeias que Martínez manda incendiar”²⁷¹. No apoio dos Estados Unidos em tropas no mesmo ano e

à integração da Bolívia ao mercado mundial significa um projeto nacional-popular que não negou a presença e a contribuição indígena.

²⁶⁸ ALCAZAR, Moises. *Paginas de sangre*: episodio trágico de la historia de Bolivia. La Paz: Rolando Diez de la Medina, 2017. Pp.45-47.

²⁶⁹LORA, Guillermo. *Historia del movimiento obrero boliviano*. Pp.88-98.

²⁷⁰ **Martínez (1932)**: Martínez, o curandeiro de El Salvador, reparte frascos de remédios multicores, que os ministros agradecem com prostração e salamaleques. O bruxinho vegetariano vive a receitar em palácio enquanto a fome tormentosa uiva entre os canaviais. Martínez então decreta: e em poucos dias vinte mil camponeses assassinados apodrecem nas aldeias que Martínez manda incendiar com ordenações de higiene. De novo em palácio retorna a seus xaropes, e recebe as rápidas felicitações do embaixador norte-americano. “Está assegurada”, lhe diz, “a cultura ocidental, o cristianismo do Ocidente e ademais os bons negócios, as concessões de bananas e os controles alfandegários.” E bebem juntos uma longa taça de champanhe, enquanto cai a chuva tépida nos pútridos agrupamentos do ossuário. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.145-146. Tradução nossa.

²⁷¹Cf. TORRES RIVAS, Edelberto. *La piel de Centroamérica*. San José: FLACSO, 2007. Pp.46-47. e ARRIOLA CERRITOS, Karen A. Et.al. *Reconocimiento y Restablecimiento Del Derecho De Propiedad De Los Pueblos Originarios En El Salvador*. Santa Ana (El Salvador): Universidad de El Salvador, 2016. Os antecedentes mais importantes à rebelião de 1932 foram as leis de extinção das terras comunais *ejidos* e das comunidades indígenas de 1882-1883. O sociólogo e historiador guatemalteco Edelberto Torres estimou o número de 30 mil mortes na repressão ao levante indígena e camponês, esta tragédia provocou a construção de uma identidade salvadorenha mestiça e a assimilação dos povos indígenas. Os autores centrais do debate sobre a rebelião popular de 1932 não atribuem a responsabilidade da revolta unicamente ao *Partido Comunista Salvadoreño* organizado entre outros por Agustín Farabundo Martí, mas compreendem como um processo histórico de contestação popular como uma organização no partido e em outras agremiações, levando em conta o protagonismo político de outros agentes que não apenas os comunistas em seu trabalho de mediação e politização.

em reconhecimento de seu governo em 1933, o presidente “recebe as rápidas felicitações do embaixador norte-americano”.

As formas de dominação instauradas em El Salvador em particular e no contexto centro-americano e latino-americano de maneira geral se constroem a partir da instabilidade promovida por intervenções estadunidenses. Por um lado, a expansão do capitalismo monopolista burguês dos Estados Unidos através da *United Fruit Co*; suas inversões para a acumulação à renda da terra e a transferência de valor da periferia para o centro pelas concessões de exploração se colocam no plano da economia política.

Por outro lado, a soberania militar e o apoio às ditaduras como ao regime de Hernández Martínez através dos *marines* marcam a construção da hegemonia político-militar, e então “está assegurada, a cultura ocidental, o cristianismo do Ocidente e ademais os bons negócios, as concessões de bananas e os controles alfandegários”²⁷².

As *satrapias*²⁷³ dos protetores do poder na América de 1948 é demonstrada por ditadores como o dominicano Rafael Leónidas Trujillo (1891 – 1961), o nicaraguense Anastasio Somoza García, o hondurenho Tiburcio Carías Andino (1876 – 1969) e o paraguaio Higinio Nicolás Morinigo (1897 – 1983). Estes e outros considerados “hienas vorazes de nossa história” são os “sátrapas mil vezes vendidos e vendedores”, a associação destes governantes e as suas bases oligárquico-burguesas de apoio aos capitais estadunidenses. Estes governos eleitos e logo após impostos ocorridos entre as décadas de 1930 e 1950, fora os casos de Morinigo e Carías até 1948.

Estes “prostituídos mercadores do pão e do ar americanos” não foram os únicos responsáveis pela dependência e pela exploração, “pela tortura e a fome açoitada do

²⁷² BUCHELI, Marcello. *Good Dictator, Bad Dictator: United Fruit and Economic Nationalism in Central America in the Twentieth Century*. Champaign: University of Illinois, 2006. Pp.9-11. O projeto de submissão da América Central em sua integração primário-exportadora aos interesses norte-americanos centralizado no capitalismo monopolista.

²⁷³ **As satrapias:** Trujillo, Somoza, Carías, até hoje, até este amargo mês de setembro do ano de 1948, com Morínigo (ou Natalício) no Paraguai, hienas vorazes de nossa história, roedores das bandeiras conquistadas com tanto sangue e tanto fogo, encharcados em suas fazendas, depredadores infernais, sátrapas mil vezes vendidos e vendedores; açulados pelos lobos de Nova York. Máquinas famintas de dólares, manchadas no sacrifício de seus povos martirizados, prostituídos mercadores do pão e do ar americanos, lodosos verdugos, manada de prostibulários caciques, sem outra lei que a tortura e a fome açoitada do povo. Doutores honoris causada Columbia University, com a toga sobre as fauces e sobre o punhal, ferozes transumantes do Waldorf Astoria e das câmaras malditas onde apodrecem as idades eternas do encarcerado. Pequenos urubus recebidos por Mr. Truman, recobertos de relógios, condecorados por “Loyalty”, sangradores de pátrias, só há um pior do que vocês, só há um e este o deus a minha pátria um dia para desgraça de meu povo. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.146-147. Tradução nossa.

povo” foram formados como quadros pelos centros dominantes “da Columbia University” (o caso de Somoza) ou tiveram apoio direto estadunidense²⁷⁴. A submissão das classes trabalhadoras destes países com extrema violência, inclusive com apoio logístico e invasões militares aos seus governos “condecorados por “Loyalty” (lealdade). Ao se direcionar diretamente aos “sátrapas”, há um destes ausente em nome assim como outros “sangradores da pátria” mas indiretamente contemplado – “só um pior que vocês” – Gabriel González Videla para a desgraça do povo chileno.

O encerramento desta primeira parte com os principais carrascos (verdugos) elencados por Neruda desde as independências expõe os processos violentos de desapropriação e subsunção dos povos oprimidos da América com expressões em figuras e governos diversos. As políticas de extermínio, as leis de formação de um mercado de terras e a invasão direta das terras indígenas e comunais camponesas perpassam os processos em todos os países e em vários poemas mencionados de alguma forma.

A violência das formações econômico-sociais calcadas no liberalismo mesmo com tradições políticas dissidentes: nacional-populares, democrata-radicais e etno- nacionais no século XIX foram vencidas nas formações liberal-oligárquicas. No século XX, os movimentos democrático-burgueses e socialistas (e em menor medida etno- nacionais) foram as forças de tensão para a derrocada da ordem oligárquico-dependente.

Os processos de exclusão e extermínio dos 1900 se expressaram em outro processo de acumulação primitiva de intensa brutalidade, desde as intervenções militares estadunidenses em todos os países da América Central e Caribe até as próprias chacinas perpetradas pelos regimes como em 1932 em El Salvador e o massacre dos haitianos na República Dominicana em 1937 com um saldo de 25 mil mortos como política e a subsequente “dominicanização” do território²⁷⁵.

²⁷⁴ CARDOSO, Ciro F. & PÉREZ BRIGNOLI, Héctor. *História econômica da América Latina*. Pp.209-211. Os casos da América Central e do Caribe como Guatemala, Honduras, El Salvador, Nicarágua, República Dominicana e Costa Rica se constituem pelas intervenções estrangeiras e através das integrações via economias de enclave. É importante a diferenciação entre a presença de enclaves e uma autonomia relativa possível de processos de industrialização como o casos do Chile onde houve paralelamente enclaves de mineração controlados pelo capital estrangeiro e uma industrialização endógena. Diferentes são os casos centro-americanos e caribenhos, caracterizados por serem *economias de enclave*, onde as intervenções estrangeiras e a exploração da renda da terra ocorreram diretamente pelo capital estadunidense, especialmente pela *United Fruit Co.*

²⁷⁵ Cf. CARDOSO, Ciro F. & PÉREZ BRIGNOLI, Héctor. *História Econômica da América Latina*. P.210; MIR, Pedro. et.al. *Antología del pensamiento crítico dominicano contemporáneo*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires - CLACSO, 2016. Pp.11-25.

Em II. *Las oligarquias*²⁷⁶, o poeta identificou a transição das revoluções de independência, “ainda não secaram as bandeiras” e os rumos das emancipações simplesmente transformaram-se em propriedade e nação como *seu* Estado, “ das terras recém semeadas saiu uma casta, uma quadrilha de novos ricos com escudo, com polícia e com prisões.”, assim ergueu-se a muralha da casta.

A divisão social ocorreu pelos legítimos representantes de classe das nações entre “ nós, porfiristas do México, cavalheiros do Chile, *pitucos*, flibusteiros, pisaverdes, clericais senhoritos de todas as partes” e os “ quebrados, *cholos*, pelados, gaúchos, desamparados, esfarrapados, miseráveis, preguiçosos, povo”, especialmente por estas classes dominantes e seus representantes. “ Tudo se edificou sobre a linha”, a censura e a exclusão das oposições políticas e das divergências à hegemonia estavam presentes antes mesmo da organização do movimento operário e do debelar dos movimentos revolucionários populares, assim como este período foi anterior aos novos movimentos populares revolucionários de matriz marxista e anarquista.

A perseguição “ o Arcebispo batizou este muro e estabeleceu anátemas incendiários sobre o rebelde que desconhecera a parede da casta”, o rebelde seria Francisco Bilbao (Chile, 1823 – Argentina, 1865) um político e escritor liberal do Chile,

²⁷⁶ **As oligarquias:** Não, ainda não secavam as bandeiras, ainda não dormiam os soldados quando a liberdade mudou de traje, se transformou em *hacienda**: das terras recém semeadas saiu uma casta, uma quadrilha de novos ricos com escudo, com polícia e com prisões. Fizeram uma linha negra: “Aqui nós, porfiristas do México, ‘cavalheiros do Chile’, *pitucos**do Jockey Club de Buenos Aires, engomados *flibusteiros* do Uruguai, *pisaverdes** equatorianos, clericais senhoritos de todas as partes”. “Lá vós, quebrados, *cholos**, pelados do México, *gaúchos*, amontoados em pocilgas, desamparados, esfarrapados, piolhentos, maltrapilhos, ralé, desbaratados, miseráveis, sujos, preguiçosos, povo”. Tudo se edificou sobre a linha. O Arcebispo batizou este muro e estabeleceu anátemas incendiários sobre o rebelde que desconhecera a parede da casta. Queimaram pela mão do carrasco os livros de Bilbao. A polícia custodiou a muralha, e ao faminto que se aproximou dos mármores sagrados lhe deram uma paulada na cabeça ou o enlaçaram em um cepo agrícola ou a pontapés o nomearam soldado. Se sentiram tranquilos e seguros. O povo foi pelas ruas e campos a viver amontoado, sem janelas, sem solo, sem camisa, sem escola, sem pão. Anda por nossa América um fantasma, nutrido de detritos, iletrado, errante, igual em nossas latitudes, saindo dos cárceres lamacentos, *arrabalero* e desertor, marcado pelo temível compatriota cheio de trajes, ordens e gravatas. No México produziram *pulque* para ele, no Chile vinho engarrafado de cor violeta, o envenenaram, lhe raspam a alma pedacinho por pedacinho, lhe negaram o livro e a luz, até que foi caindo em pó, afundado no desvão tuberculoso, e então não teve enterro litúrgico: sua cerimônia foi meter-lhe nu entre outras carniças que não têm nome. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. pp.147-148. Tradução nossa. Breve glossário do poema: **Hacienda*– Era uma unidade produtiva originada no período colonial e persistiu até todo o século XIX. Autossuficiente em diversos produtos e produtoras de excedentes para exportação, as *haciendas* se caracterizara por ser específica do projeto colonial da Coroa espanhola. Apenas no séculoXX passou a ser sinônimo de fazenda. WASSERMAN, Claudia(coord.). *História da América Latina*: cinco séculos. Pp.65-66. **pisaverdes*: Pode significar homens arrogantes ou afeminados, algo como “ almofadinhas”, em português. **cholos*: A palavra possui significados diferentes, como caboclo (mestiçagem de brancos e índios), no espanhol chileno pode significar índio do Sul do país e também pode significar um indígena que se adaptou aos costumes ocidentais. **pitucos*: Significa pessoa que se veste de forma elegante no espanhol argentino.

inspirado pelas revoluções liberais da Europa (especialmente as revoluções de 1848) onde estivera com seu pai Rafael Bilbao Beyner. Francisco Bilbao além de ter sido um revolucionário, também defendeu a integração dos povos originários mapuches e paralelamente ao diplomata e escritor José Maria Torres Caicedo utilizaram pela primeira vez de forma defensiva e apologética dos países dominados da América o conceito de América Latina²⁷⁷, ambos coincidentemente no ano de 1856, antes mesmo dos partidários de Napoleão III e de seu expansionismo imperialista no México (1862 – 1867) com Maximiliano.

As denúncias e lutas de Bilbao e outros agentes políticos não foram suficientes, as oposições e as parcelas mais pobres da população foram presas ou recrutadas compulsoriamente para o serviço militar no governo da coalizão conservadora governada por Manuel Montt, ‘o povo foi pelas ruas e campos a viver amontoado, (...) sem camisa, sem escola, sem pão’, e ‘anda por *nossa* América um fantasma’, ‘igual em nossas latitudes’. O ‘desertor, marcado pelo temível compatriota, cheio de trajes, ordens e gravatas’ esteve personificado tanto em Bilbao como nos trabalhadores do Chile que fugiam de um governo opressivo.

Após as oligarquias houve a *Promulgação da Lei do Funil*²⁷⁸ quando se instauraram as disputas pela hegemonia nacional, a identidade da nação e a escrita da

²⁷⁷ A denúncia da expansão imperialista dos países europeus por parte de Bilbao e da ofensiva dos Estados Unidos por parte de Torres Caicedo foram importantes como acúmulos de reflexões e experiências de luta anti-imperialista na América Latina. https://www.clarin.com/ediciones-antiores/america-latina-sudamerica_0_BkHMQbYJCYI.html Último acesso em: 27/06/2019.

²⁷⁸ **Promulgação da Lei do Funil:** Eles se declararam patriotas. Nos clubes se condecoraram e foram escrevendo a história. Os Parlamentos ficaram cheios de pompa, depois repartiram entre si a terra, a lei, as melhores ruas, o ar, a universidade, os sapatos. Sua extraordinária iniciativa foi o Estado erigido dessa forma, a rígida impostura. Foi debatido, como sempre, com solenidade e banquetes, primeiro em círculos agrícolas, com militares e advogados. Por fim levaram ao Congresso a Lei suprema, a famosa, a respeitada, a intocável Lei do Funil. Foi aprovada. Para o rico a boa mesa. O lixo para os pobres. O dinheiro para os ricos. Para os pobres o trabalho. Para os ricos a casa grande. O tugúrio para os pobres. O foro para o grão ladrão. O cárcere para quem furta um pão. Paris, Paris para os senhoritos. O pobre na mina, no deserto. O Sr. Rodríguez de la Crota falou no Senado com voz melíflua e elegante. “Esta lei, afinal, estabelece a hierarquia obrigatória e, antes de tudo, os princípios da cristandade. Era tão necessária quanto a água. Só os comunistas, chegados do inferno, como se sabe, podem combater este código do Funil, sábio e severo. Mas essa oposição asiática, vinda do sub-homem, é simples refreá-la: todos na cadeia, no campo de concentração, assim ficaremos somente os cavalheiros distintos e os amáveis yanacunas do Partido Radical.” Vibraram os aplausos dos brancos aristocráticos: que eloquência, que espiritual filósofo, que luminar! E foi cada um encher correndo os bolsos com seus negócios, um açambarcando o leite, outro dando o golpe no arame, outro roubando no açúcar, e todos se chamando em coro patriotas, com o monopólio do patriotismo, consultado também na Lei do Funil. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.148-149. Tradução nossa. A tradução da palavra *embudo* do espanhol pode ser traduzida como funil ou trapaça, algum filtro excludente utilizado pelo autor como um jogo de palavras ao representar os processos históricos de formação das classes sociais na América.

história. A representação parlamentar foi responsável pela produção burguesa do espaço, através da “rígida impostura” da construção do Estado-nação. As instâncias de legitimação entre a coerção e o consenso “com militares e advogados” por fim “levaram ao Congresso a intocável Lei do Funil”. A intocável propriedade privada e a dominação de classes, “a boa mesa para os ricos, o lixo para os pobres”, o “dinheiro para os ricos, para os pobres o trabalho”.

Esta lei “tão necessária quanto a água” apenas os “comunistas, chegados do inferno” contestaram este código “sábio e severo”. Esta “oposição asiática vinda do sub-homem” nestes termos fizeram parte importante de toda a oposição aos povos sublevados contra a tradição colonial e ao imperialismo, a maior parte dos grupos humanos do mundo exteriores à origem racial anglo-saxônica foram considerados o “sub-homem”²⁷⁹.

A solução para refrear a oposição asiática seria para ordem dominante “na cadeia, no campo de concentração” – no caso chileno o Campo de Pisagua – e assim apenas restariam os representantes incontestes da ordem, “os yanacónas do Partido Radical”. Depois de tal processo “vibraram os aplausos dos brancos aristocráticos” em seus negócios contra qualquer manifestação das classes populares ou contestação estabeleceram “o monopólio do patriotismo, consultado também na Lei do Funil”.

A *Eleição em Chimbarongo (1947)*²⁸⁰ como um processo eleitoral municipal onde foram eleitos *alcaldes* e *regidores* (vereadores “senatoriais”), os “pedestais da pátria”. A inclusão dos trabalhadores camponeses “inquilinos” “com uma cédula na mão” é significativa. Em uma manhã de inverno foram conduzidos a votarem, “vigíados e

²⁷⁹ LOSURDO, Domenico. *O marxismo ocidental: como nasceu, como morreu, como pode renascer*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018. P.131-134. A construção do sub-homem a ser combatido e encarcerado por um lado foi uma elaboração do racismo científico dos países capitalistas centrais, principalmente nos Estados Unidos e na Alemanha primeiro como uma ideologia colonialista, e em segundo lugar com um profundo anticomunismo, dado que o *Under Man* de Lothrop Stoddard já apontou o principal inimigo do *Untersmensch* de Adolf Hitler, o judaico-bolchevismo.

²⁸⁰ **Eleição em Chimbarongo (1947):** Em Chimbarongo, no Chile, faz tempo, fui a uma eleição senatorial. Vi como eram eleitos os pedestais da pátria. As onze da manhã chegaram do campo as carretas atulhadas de inquilinos. Foi no inverno, molhados, sujos, famintos, descalços, os servos de Chimbarongo descem das carretas. Torvos, tostados, esfarrapados, são apinhados, conduzidos, com uma cédula na mão, vigíados e apertados voltam a cobrar o pagamento, e outra vez para as carretas, em fila como cavalos, são conduzidos. Mais tarde lhes atiram carne e vinho até ficarem bestialmente envilecidos e esquecidos. Escutei mais tarde o discurso do senador assim eleito: “Nós, os patriotas cristãos, nós, os defensores da ordem, nós, os filhos do espírito”. E sua barriga era balançada por sua voz de vaca aguardentada, que parecia tropeçar como tromba de mamute nas abóbadas tenebrosas da uivante pré-história. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. P.150. Tradução nossa.

apertados voltar a cobrar o pagamento” passam por constrangimentos e coerções econômicas e extra-econômicas.

O representante eleito após os constrangimentos impostos e de dinâmicas de coação e consenso “mais tarde lhes atiram carne e vinho” declara uma envergadura moral dos “patriotas cristãos, defensores da ordem, filhos do espírito” através do poema. A construção satírica da imagem deste político da ordem como uma “vaca aguardentada” atribuindo um aspecto de animais do campo e da megafauna paleolítica.

A *nata*²⁸¹ dos “falsos aristocratas de nossa América”, “proprietários malignos”, “assaltantes de banco e bolsa”, “tigres de embaixada”, “cipós estranguladores” e “anéis de jiboias feudais” formou-se nas elites *criollas* proprietárias de terra. Primeiro temerosos aos movimentos de Simón Bolívar ou Bernardo O’Higgins de “soldados pobres, povo chicoteado, heróis descalços” apoiaram a Coroa espanhola formando “as fileiras do rei, do poço clerical, da traição às bandeiras”.

Após as revoluções de independência e as guerras civis, a divisão do espaço pelas classes dominantes – “aramando as terras”, “amontoando áreas e seres, repartindo polícia e lagos” – a segunda submissão do trabalho ao capital a classe trabalhadora “afundou-se nas minas”, “na escura profundidade dos currais” e “fábricas engorduradas”. A situação destes trabalhadores submetidos pela nata da América é precária a ponto de não haver as condições mínimas necessárias generalizadas a todos, “sem pão, sem música” onde dificilmente a sua reprodução espiritual também foi possível. Esta nata, então, suspende a solidão de Orfeu e “canta por cima dos povos como a ave da pobreza”.

²⁸¹ **A nata:** Grotescos, falsos aristocratas de nossa América, mamíferos recém-estucados, jovens estéreis, asnos sensatos, proprietários malignos. Heróis da bebedeira no clube, assaltantes de banco e bolsa, falsos elegantes, grã-finos, bestalhões, ataviados tigres de embaixada, pálidas meninas principais, flores carnívoras, culturas das cavernas perfumadas, trepadeiras chupadoras de sangue, esterco e suor, cipós estranguladores, anéis de jiboias feudais. Enquanto tremiam os prados com o galope de Bolívar, ou de O’Higgins (soldados pobres, povo chicoteado, heróis descalços), vós formastes as fileiras do rei, do poço clerical, da traição às bandeiras, mas quando o vento arrogante do povo, agitando suas lanças, nos deixou a pátria nos braços, surgistes aramando as terras, medindo cercas, amontoando áreas e seres, repartindo a polícia e os lagos. O povo voltou das guerras, afundou-se nas minas, na escura profundidade dos currais, caiu nos sulcos pedregosos, moveu as fábricas engorduradas, procriando nos prostíbulo, nos cômodos repletos de outros seres desgraçados. Naufragou em vinho até se perder, abandonado, invadido por um exército de piolhos e de vampiros, rodeado de muros e delegacias, sem pão, sem música caindo na solidão desesperada onde Orfeu mal lhe deixa uma guitarra para sua alma, uma guitarra que se cobre de fitas e rasgões e canta por cima dos povos como a ave da pobreza. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.150-151. Tradução nossa.

*Os poetas celestes*²⁸² contemporâneos de Pablo Neruda são objeto de crítica por sua postura teórica e política. O europeísmo dos “gidistas, intelectualistas, rilkistas” não é apenas esteticamente alinhados aos conceitos europeus, mas também as “lombrigas do queijo capitalistas” são expoentes da modernidade burguesa²⁸³. A dimensão existencial em abstrato destas obras e o questionamento ao que fizeram “ante o reino da angústia”, o mal-estar dos modernos não seria “nada além de uma fuga”. Estas “obras de pobres assustados para evadir os olhos” demonstram nesta visão uma submissão aos “senhores, sem ver a pedra em agonia” e ao passo de ausência de posição “mais cegos que as coroas do cemitério”.

*Os exploradores*²⁸⁴ que devoraram, negaram, sujeitaram e roubaram a jovem América durante a colonização. Depois, “o caudilho pisoteou cinzas e sorrisos recém tombados” em uma negatividade da militarização da sociedade e da política “até as máscaras patriarcais” dos dirigentes das nações unificadas. Assim, através da exploração e formaram os verdadeiros rostos do “povo afundado nas trevas, desamparado nos rincões e nos porões da terra” americana.

*Os siúuticos*²⁸⁵, militares elitizados que integraram processos de colonizações de terras e militarização dos estados latino-americanos, no caso do Chile, a colonização das

²⁸² **Os poetas celestes:** Que fizestes vós, gidistas, intelectualistas, rilkistas, misteriosos, falsos bruxos existenciais, papoulas surrealistas acesas numa tumba, europeizados cadáveres da moda, pálidas lombrigas do queijo capitalista, que fizestes ante o reinado da angústia, frente a este escuro ser humano, o esta chutada compostura, a esta cabeça submersa no esterco, a esta essência de ásperas vidas pisoteadas? Não fizestes nada além da fuga: vendestes amontoados detritos, buscastes cabelos celestes, pés covardes, unhas quebradas, “beleza pura”, “sortilégio”, obras de pobres assustados para evadir os olhos, para emaranhar as delicadas pupilas, para subsistir com o prato de restos sujos que vos lançaram os senhores, sem ver a pedra em agonia, sem defender, sem conquistar, mais cegos que as coroas do cemitério, quando cai a chuva sobre as imóveis flores podres das tumbas. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. p.152. Tradução nossa.

²⁸³ BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas III*. Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. Pp. 9-19. São Paulo: Brasiliense, 2000. Compreendemos os limites impostos pela sociabilidade capitalista aos escritores em suas produções, não necessariamente como apologias da ordem burguesa, mas como determinações concretas de suas obras. Estes poetas simbolistas referidos, o francês André Gide (1869 – 1951) e o tcheco Rainer Maria Rilke (1875 – 1926) foram expoentes da literatura europeia anteriores às vanguardas e muito influenciados pelo próprio Charles Baudelaire (1821 – 1867). O próprio Pablo Neruda escreveu sobre estes autores e os estudou em sua formação em literatura e língua francesa nos anos 1910 e 1920, estabelecendo assim uma ruptura com este pensamento.

²⁸⁴ **Os exploradores:** Assim foi devorada, negada, sujeitada, arranhada, roubada, jovem América, tua vida. Dos despenhadeiros da cólera onde o caudilho pisoteou cinzas e sorrisos recém-tombados, até as máscaras patriarcais dos bigodudos senhores que presidiram a mesa dando a bênção aos presentes e ocultando os verdadeiros rostos de escura saciedade, de concupiscência sombria e cavidades cobiçosas: fauna de frios mordedores da cidade, tigres terríveis, comedores de carne humana, peritos na caçada do povo afundado nas trevas, desamparado nos rincões e nos porões da terra. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. P.153. Tradução nossa.

²⁸⁵ **Os siúuticos*:** Entre o miasma pecuarista ou papeleiro, ou coqueteleiro, viveu o produto azul, a pétala da podridão altaneira. Foi o “siúutico” do Chile, o Raúl Aldunatillo (conquistador de revistas com mãos alheias, com mãos que mataram índios), O Tenente Afetado, o Coronel Negócio, o que compra letras e se

terras do Sul persistiu após a anexação territorial e política da Araucania ao estado chileno²⁸⁶. Entre “o miasma pecuarista”, o representante individual desta tendência é o militar e deputado Raúl Aldunate “Aldunatillo” Philips (1906 – 1979). Aldunate Philips, o “Coronel Negócio, o que compra letras” foi vice-presidente e diretor da editora e da revista *Zig-Zag*, consolidando uma carreira também de escritor²⁸⁷. Além destas atribuições integrou a ocupação capitalista das terras araucanas com a *Sociedad Ganadera Gente Grande* e o desenvolvimento de uma burguesia agrária interna no Chile associada aos capitais argentinos.

A América “revendida nos mercados de sangue” por estes agentes cães de guarda, “caninos cavalheirinhos” constroem a hegemonia burguesa não apenas representada por civis, mas também em seus militares como atores nesta disputa entre as burguesias e as classes trabalhadoras, na maioria do casos aderindo às classes dominantes com raras exceções em processos revolucionários ou de contra-insurgência. Estes “falsificadores de rostos” e apologistas armados da ordem contribuiram para a consolidação do poder e à pestilência que varreu “o herói do carvão”, os trabalhadores foram derrotados e seus “sete filhos” se espalharam pelos caminhos.

*Os favoritos*²⁸⁸ são os propagandistas radicados como “orador ou jornalista” arrendados pelo soberano. O jornalista Darío Poblete Nuñez ou o cineasta e jornalista

estima letrado, compra sabre e se crê soldado, mas não pode comprar pureza e então escarra como víbora. Pobre América revendida nos mercados do sangue pelos mergulhões enterrados que ressurgem no salão de Santiago, de Minas Gerais, fazendo “elegância”, caninos cavalheirinhos de boudoir, peitinhos inúteis, tacos do golfe da sepultura. Pobre América, emascarada por elegantes transitórios, falsificadores de rostos, enquanto, abaixo, o vento negro fere o coração destrocado e roda o herói do carvão até o ossuário dos pobres, varrido pela pestilência, coberto pela escuridão, deixando sete filhos famintos que serão lançados nos caminhos. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. P.153. Tradução nossa. *Siútico é uma expressão única do espanhol chileno com uma discussão de diferentes origens, seria alguém que se enobrece, tem origens na palavra *suit* (lido como *siut*) é a versão mais difundida.

²⁸⁶ SADER, Eder. *Um rumor de botas: ensaios sobre a militarização do estado na América Latina*. Pp.33-61. O processo de militarização dos estados latino-americanos em suas dinâmicas de coerção e consenso apresenta-se com uma “dominante coercitiva” em seus diferentes contextos. Nas primeiras décadas do século XX esta militarização dependente operou-se nos países da América Central e do Caribe, após a Segunda Guerra Mundial iniciou-se a formação das Forças Armadas como “defensoras do regime capitalista na sua totalidade”, principalmente com o início da Guerra Fria.

²⁸⁷ Reseña Biográfica de Raúl Aldunate Philips: https://www.bcn.cl/historiapolitica/resenas_parlamentarias/wiki/Ra%C3%BAI_Aldunate_Phillips Último acesso: 29/06/2020.

²⁸⁸ **Os favoritos:** No espesso queijo cardo da tirania amanhece outro verme: o favorito. É o covardão arrendado para louvar as mãos sujas. É orador ou jornalista. Acorda rápido em palácio e mastiga com entusiasmo as dejeções do soberano, elucubrando longamente sobre seus gestos, enturvando a água e pescando seus peixes na laguna purulenta. Vamos chamá-lo Darío Poblete, ou Jorge Delano “Coke”. (Dá na mesma, poderia ter outro nome, existiu quando Machado caluniava Mella, depois de tê-lo assassinado.) Ali Poblete teria escrito sobre os “Vis inimigos” do “Péricles de Havana”. Mais tarde Poblete beijava as ferraduras de Trujillo, a cavalgadura de Moríñigo, o ânus de Gabriel González. Foi o mesmo ontem, recém-

chileno Jorge Delano Frederick (1895 – 1980), conhecido como “Coke” poderiam “ter outro nome” porque cometiam os mesmos atos de difamação a Mella e outros líderes revolucionários ou simplesmente de oposição. A exaltação de líderes autoritários (Machado, Trujillo, Morinigo e Gabriel González) pela imprensa, a ausência da crítica e a dimensão de propaganda política aos governos marcaram o periódico na década de 1940, a revista *Topaze*, principalmente na participação do próprio Coke no momento também um cineasta.

O silêncio expressado no discurso na ocultação de “execuções e saques”, o grande caricaturista Coke e Poblete, o então Secretário Geral de governo de González Videla ontem estava ao lado dos comunistas, hoje está “erguendo sua pena covarde sobre os tormentos de Pisagua” ignorando as milhares de prisões políticas entre 1947 e 1952, “a dor de milhares de homens e mulheres”. Quando são derrotados os projetos ditatoriais, somem também os seus apologistas, esperando para escrever “um novo discurso para o déspota que desponta”. Ao fim, o clamor pela justiça popular contra as calúnias, desta forma a “sua escura matéria viscosa seja a última escritura”, a “despedida de uma tinta que limparemos da terra”.

*Os advogados do dólar*²⁸⁹ instauraram o “inferno americano, pão nosso empapado em veneno”, as inversões de capitais externos via negócios com “o advogado nativo da

saído da *montonera*, alugado para mentir, para ocultar execuções e saques, e hoje, erguendo sua pena covarde sobre os tormentos de Pisagua, sobre a dor de milhares de homens e mulheres. Sempre o tirano em nossa negra geografia martirizada achou um bacharel lamacento que repartisse a mentira e dissesse: El Sereníssimo, el Constructor, el Gran Repúblico que nos governa, e deslizasse pela tinta emputecida suas garras negras de ladrão. Quando o queijo é consumido e o tirano cai no inferno, o Poblete desaparece, o Delano “Coke” se esfuma, o verme torna ao esterco, esperando a roda infame que afasta e traz as tiranias, para aparecer sorridente com um novo discurso escrito para o déspota que desponta. Por isso, povo, antes de ninguém, pega o verme, rompe sua alma e que seu líquido esmagado, sua escura matéria viscosa seja a última escritura, a despedida de uma tinta que apagaremos da terra. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.153-155. Tradução nossa.

²⁸⁹ **Os advogados do dólar:** Inferno americano, pão nosso empapado em veneno, há outra língua em tua pérfida fogueira: é o advogado nativo da companhia estrangeira. É ele que arrebita os grilhões da escravidão em sua pátria, e passeia desdenhoso com a casta dos gerentes a mirar com ar supremo nossas bandeiras andrajosas. Quando chegam de Nova York as vanguardas imperiais, engenheiros, calculistas, agrimensores, peritos, e medem terra conquistada, estanho, petróleo, bananas, nitrato, cobre, manganês, açúcar, ferro, borracha, terra, adianta-se um anão obscuro, com um sorriso amarelo, e aconselha com suavidade aos invasores recentes: *Não é preciso pagar tanto a estes nativos, seria um crime, meus senhores, elevar estes salários. Nem convém. Estes pobres-diabos, estes mestiços, iriam só embriagar-se com tanto dinheiro. Pelo amor de Deus! São uns primitivos, pouco mais que bestas, conheço esta cambada. Não paguem tanto dinheiro.* É adotado. Lhe põem libré. Veste como gringo, cospe como gringo. Dança como gringo, e vai subindo. Tem automóvel, uísque, imprensa, é eleito juiz e deputado, é condecorado, é ministro, e é ouvido no governo. Sabe ele quem é subornável. Sabe ele quem é subornado. Ele lambe, unta, condecora, afaga, sorri, ameaça. E assim se esvaziam pelos portos as repúblicas dessangradas. Onde mora, perguntareis, este vírus, este advogado, este fermento do detrito, este duro piolho sanguíneo, engordado de nosso sangue? Mora nas baixas regiões equatoriais, o Brasil, mas sua morada é também o cinturão central da América.

companhia estrangeira arrebata os grilhões da escravidão em sua pátria”. A operação das dinâmicas imperialistas através das burguesias nacionais como “vanguardas imperiais” em diferentes profissões “medem terra conquistada”. Os diferentes recursos primários (“estanho, petróleo, bananas, nitrato, cobre, manganês, açúcar, ferro, borracha, terra”) são subvalorizados “não é preciso pagar tanto a estes nativos, seria um crime elevar, meus senhores, esses salários” superexplorados²⁹⁰.

Este rebaixamento se encontra na posição das próprias classes dominantes dominadas que vestem “como gringo”, dançam “como gringo” e assumem postos nos governos por tal subordinação. Para “onde cheira riqueza sobe os montes, cruza abismos”, e “assim se esvaziam pelos portos as repúblicas dessangradas” das “terras baixas equatoriais, o Brasil, o cinturão central da América” até “a escarpada altura de Chuquicamata”.

A repressão e o disciplinamento da força de trabalho ao dirigir “a polícia, o pau, o rifle contra sua família esquecida” são uma marca importante destes advogados, defensores da “pátria antes da vida, a nossa mãe, o nosso chão” e em sua defesa são necessários “novos presídios, novos cárceres”. A exaltação do glorioso “patriota” é o contraste à “trágica ralé” dos “que afundaram a mão no cobre, arranharam a terra” que “morrem golpeados e esquecidos”. A anatomia da consciência burguesa do continente americano é poeticamente expressada na crítica, na sua estrutura e dinâmicas das diferentes formações econômico-sociais contidas no sistema.

Podereis encontrá-lo na escarpada altura de Chuquicamata. Onde cheira riqueza sobe os montes, cruza abismos, com as receitas de seu código para roubar a terra nossa. Podereis achá-lo em Puerto Limón, na Ciudad Trujillo, em Iquique, em Caracas, Maracaibo, em Antofagasta, em Honduras, encarcerando nosso irmão, acusando seu compatriota despojando peões, abrindo portas de juízes e abastados, comprando imprensa, dirigindo a polícia, o pau, o rifle contra sua família esquecida. Pavoneando-se, vestido de smoking, nas recepções, inaugurando monumentos, com esta frase: *Meus senhores, a pátria, antes da vida, é a nossa mãe, é o nosso chão, vamos defender a ordem fazendo novos presídios, novos cárceres*. E morre glorioso, “o patriota”, senador, patricio, eminente, condecorado pelo papa, ilustre, próspero, temido, enquanto a trágica ralé de nossos mortos, os que afundaram a mão no cobre, arranharam a terra profunda e severa, morrem golpeados e esquecidos, postos às pressas em seus caixões funerários: um nome, um número na cruz que o vento sacode, matando até a cifra dos heróis. NERUDA, Pablo. *Canto General I* Pp.155-157

²⁹⁰ OSORIO, Jaime. Fundamentos da superexploração. In: ALMEIDA FILHO, Niemeyer. *Desenvolvimento e Dependência: Cátedra Ruy Mauro Marini*. Brasília: Ipea, 2013. Pp.49-52. A superexploração é uma característica das dinâmicas do capitalismo dependente na América Latina, se fundamenta na violação do valor da força de trabalho por diversos mecanismos como transferência de valor da periferia para o centro do sistema, desnacionalização das economias e formas de coerção direta e indireta sobre os trabalhadores configuram o caráter da dependência e o desenvolvimento do subdesenvolvimento.

O poema *Diplomatas* (1948)²⁹¹ é introduzido com uma sátira a quem “nasce bobo” em diferentes lugares não como uma desvalorização da carreira diplomática, mas como um maldizer contra Joaquín Fernández Fernández (1919 – 1979), embaixador chileno na França no período 1946-1952, ser um bobo qualquer “é tudo o que se exige para “entabular negociações””. Nas atuações de “vaca protetora” dos embaixadores também são denunciadas possíveis colaborações repressivas dos governos autoritários americanos a oposições “com o enviado de Trujillo”. Esta breve prescrição irônica de ascensão à carreira diplomática se encerra com o mesmo tom risível do seu princípio na descrição de “um bobo condecorado e prodigioso”.

*Os bordéis*²⁹² como espaços de prostituição nasceram “da prosperidade” da “sentina respeitada do capital”, expressões da reificação da condição das mulheres nas relações sociais burguesas. Em suas várias passagens por Buenos Aires, percebeu este “infortúnio das cidades e dos campos remotos, onde espreitou o dinheiro”. A exploração sexual e o seu caráter extremamente nocivo às “moças aturdidas que caíram de venda em venda nas mãos dos magnatas” se trata também de uma acusação ao tráfico humano.

A impossibilidade de superar esta condição revela uma posição conservadora frente às prostitutas, “o mais vivo desta vida”, o amor, é negado a estas pessoas dentro

²⁹¹ **Diplomatas (1948):** Se você nasce bobo na Romênia segue a carreira de bobo, se você é bobo em Avignon sua qualidade é conhecida pelas velhas pedras de França, pelas escolas e meninada desrespeitosa das granjas. Mas se você nasce bobo no Chile não demoram a fazê-lo embaixador. Chame-se você bobo Mengano, bobo Joaquín Fernández, bobo Fulano de Tal, se for possível tenha uma barba acrisolada. É tudo o que se exige para “entabular negociações”. Informará depois, sabichão, sobre a sua espetacular apresentação de credenciais, dizendo: Etc., o carro, etc., Sua Excelência, etc. frases, etc., benévolas. Arranje uma voz cava e um tom de vaca protetora, condecorando-se mutuamente com o enviado de Trujillo, mantenha discretamente uma garçonnière (“Sabe você as conveniências destas coisas para o Tratado de Limites”), remeta disfarçado em algo o editorial do jornal doutoral que leu ao café anteontem: é um “informe”. Junte-se com o “fino” da “sociedade”, com os bobos daquele país, adquira quanta prataria puder comprar, fale nos aniversários junto aos cavalos de bronze, dizendo: Ahem, os vínculos, etc., Ahem, etc., ahem, os descendentes, etc., a raça, ahem, o puro, o sacrossanto, Ahem, etc. E fique tranquilo, tranquilo: você um bom diplomata do Chile, é você um bobo condecorado e prodigioso. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.157-158. Tradução nossa. A palavra ahem* é uma tradução livre da interjeição ejem* do espanhol.

²⁹² **Os bordéis:** Da prosperidade nasceu o bordel, acompanhando o estandarte das cédulas amontoadas: sentina respeitada do capital, adega da nave de meu tempo. Foram mecanizados bordéis na cabeleira de Buenos Aires, carne fresca exportada pelo infortúnio das cidades e dos campos remotos, onde o dinheiro espreitou os passos do cântaro e aprisionou a trepadeira. Rurais lenocínios, à noite, no inverno, com os cavalos à porta das aldeias e as moças aturdidas que caíram de venda em venda nas mãos dos magnatas. Lentos prostíbulos provincianos em que os fazendeiros do lugar- ditadores da vindima -aturdem a noite venérea com espantosos estertores. Pelos rincões, escondidas, grei de rameiras, inconstantes fantasmas, passageiras do trem mortal, já vos tomaram, já caístes na rede enodoada, já não podeis voltar ao mar, já vos estreitaram e vos caçaram, já estais mortas no vazio do mais vivo desta vida, já podeis resvalar a sombra pelas paredes: em nenhum lugar senão na morte andam estes muros pela terra. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.158-159. Tradução nossa.

desta sociabilidade, a resvalada “sombra pelas paredes” tem “na morte” o seu lugar sobre a terra. Tanto a transformação da vida em mercadoria como “liberdade” como a sua condenação moral são pontos de avaliação neste desfecho²⁹³.

*Procissão em Lima (1947)*²⁹⁴ nos apresenta uma procissão no Peru composta por uma grande multidão vestindo de “roxa fosforescência”, o rito religioso com música e dança possui diversas contradições e elementos em suas dinâmicas. Dos tamborins às cores pascais, as manchas violeta eram “como um rio de enfermidades” que se seguia em direção à catedral limenha.

Esta celebração popular possui em si tanto a “aglomeração de chagas” como o amor a Deus em “chamas afrodisíacas do apertado rio humano”. Entre a crença popular e a instituição Igreja se encontra o “obeso latifundiário” suando sobre as vestimentas religiosas. Os diversos grupos entre “o índio de rosto perdido”, “o pastor de lhamas doces”, as meninas e os professores compõem a marcha e são os “rostos azuis e famintos”.

Este rio humano de membros “narcotizados” uniu “todo o Peru” com orgulho “batia no peito mirando a estátua de uma senhora melindrada”, a Virgem Maria “navegava as cabeças”. Do ídolo sobre os ombros até a imagem de Maria sobre as cabeças, não há uma visão negativa sobre a religião, mas sobre as formas de dominação social e política que engendram a religião.

De um lado, a dominação de classe no âmbito das manifestações da espiritualidade advém de uma tradição da esquerda radical desde o século XIX, nos contextos latino-americanos não houve reformas dentro das igrejas no sentido de uma fé inclusiva até a

²⁹³ ENGELS, Friedrich. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984. Pp.70-73. As ideias críticas à prostituição no âmbito das preocupações da esquerda existem entre os socialistas utópicos e em Marx e Engels desde a década de 1840. Engels escreveu *A Origem da Família* em 1847 mas a obra foi publicada pela primeira vez em 1884. A sua análise sobre a prostituição como uma prática surgida tanto no âmbito das relações da monogamia da sociedade burguesa como no seu contraste com o escravismo e a dupla exploração da mulher.

²⁹⁴ **Procissão em Lima (1947)**: Eram muitos, levavam o ídolo sobre os ombros, era espessa a cauda da multidão como uma saída do mar de roxa fosforescência. Saltavam dançando, elevando graves murmúrios mastigados que se uniam à fritada e aos tétricos tamborins. Coletes roxos, sapatos roxos, chapéus enchiam de manchas violeta as avenidas como um rio de enfermidades pustulentas que desembocava nas vidraças inúteis da catedral. Algo infinitamente lúgubre como o incenso, a copiosa aglomeração de chagas feria os olhos unindo-se com as chamas afrodisíacas do apertado rio humano. Vi o obeso latifundiário suando nas sobrepelizes, esfregando os goteirões de sagrado esperma na nuca. Vi o andrajoso verme das montanhas estéreis, o índio de rosto perdido nas vasilhas, o pastor de lhamas doces, as meninas cortantes das sacristias, os professores de aldeia com rostos azuis e famintos. Narcotizados dançarinos em camisões purpurinos iam os negros esperneando sobre tambores invisíveis. E todo o Peru batia no peito mirando a estátua de uma senhora melindrada, azul-celeste e rosadinha, que navegava as cabeças em seu barco de confeitos inflado de aragem suarenta. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.159-160. Tradução nossa.

década de 1950, iniciando a consolidação de uma igreja de orientação popular e até revolucionária a partir da década de 1960²⁹⁵.

A empresa petrolífera estadunidense *Standard Oil Co.*²⁹⁶ em suas operações “abriu as furnas pedregosas”, o seu “intestino implacável” subiu os estratos da água e “na aduana das alturas à saída de seu mundo de profundidade tenebrosa” encontrou os seus operadores em engenharia e os monopólios da propriedade.

A Standard Oil com seus “letrados, cheques e fuzis” foi construída como um império iniciado pela família Rockefeller formou um truste de mais de 40 empresas, as suas empresas subsidiárias e subordinadas através dos capitais e “compram seda, náilon, puros tiranetes e ditadores”. Ao comprarem “países, povos, mares, polícias” e terras de pequena propriedade em gêneros básicos, “a Standard Oil os desperta, uniformiza”²⁹⁷.

²⁹⁵ LÖWY, Michael. *The war of gods: Religion and politics in Latin America*. New York: Verso, 1996. Pp.4-19. E Pp.39-42. Devemos destacar que o anticlericalismo e a negação da religião não é exclusividade do marxismo e possui uma origem na tradição moderna burguesa depois reconciliada pela dominação de classe. No âmbito do movimento comunista, as discussões sobre a inclusão de religiosos e uma virada na perspectiva sobre a religião iniciou-se nos anos 1920. A crise da oposição ao elemento religioso no pensamento marxista passou a ser uma realidade desde a década de 1950. As origens de uma “igreja dos pobres” entre a Primeira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizado no Rio de Janeiro em 1955 e o Concílio Vaticano II ou o XXI Concílio Ecumênico da Igreja Católica (1962 – 1965) e vários movimentos populares desde o início do século XX tencionaram a orientação das igrejas do mundo, principalmente ao elitismo do Vaticano e das altas cúpulas da Igreja Católica.

²⁹⁶ **A Standard Oil Co:** Quando a broca grossa abriu caminho pelas furnas pedregosas e afundou seu intestino implacável nas fazendas subterrâneas, e os anos mortos, os olhos das idades, as raízes das plantas encarceradas e os sistemas escamosos se fizeram estratos da água, subiu pelos tubos o fogo convertido em líquido frio, na aduana das alturas à saída de seu mundo de profundidade tenebrosa, encontrou um pálido engenheiro e um título de proprietário. Ainda que se enredem os caminhos do petróleo, ainda que as napas mudem seu lugar silencioso e movam sua soberania entre os ventres da terra, quando agita a fonte sua ramagem de parafina, antes chegou a Standard Oil com seus letrados e suas botas, com seus cheques e seus fuzis, com seus governos e seus presos. Seus obesos imperadores vivem em Nova York, são suaves e sorridentes assassinos, que compram seda, náilon, puros tiranetes e ditadores. Compram países, povos, mares, polícias, deputações, distantes comarcas onde os pobres guardam seu milho como os avaros o ouro: a Standard Oil os desperta, uniformiza, lhes designa qual é o irmão inimigo, e o paraguaio faz sua guerra e o boliviano se desfaz com sua metralhadora na selva. Um presidente assassinado por uma gota de petróleo, uma hipoteca de milhões de hectares, um fuzilamento rápido numa manhã mortal de luz, petrificada, um novo campo de presos subversivos, na Patagônia, uma traição, um tiroteio sob a lua apetrolada, uma troca sutil de ministros na capital, um rumor de maré de óleo, e logo o baque da garra, e verás como brilham, sobre as nuvens, sobre os mares, em tua casa, as letras da Standard Oil iluminando seus domínios. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.160-161.

²⁹⁷ PALACIOS SOLANO, Isaac Fernando. *América Latina: El estigma del Petróleo: México, Ecuador y Venezuela*. México D.F: Ediciones El Caballito/UNAM, 1996. Pp.25-35. A Standard Oil Co. Se formou como um truste nos Estados Unidos até 1911, mas também mantinha empresas subordinadas dentro do território estadunidense. Com a dissolução do truste, proibido por lei, a formação de um cartel de várias empresas controladas pela Standard em diferentes países da América (Peru, Venezuela, Bolívia, Honduras, Belize, Porto Rico, Equador, México, Colômbia, Guatemala, Chile, Trinidad e Tobago e o próprio Brasil). Em sua maioria, a exploração aconteceu pela Texaco Incorporated Co.

Afora a exploração econômica “lhes designa qual é o irmão inimigo, e o paraguaio faz a sua guerra” do Chaco contra a Bolívia (1932 – 1935) em seus interesses pelas concessões de exploração do “ouro negro”. Os conflitos políticos provocados dentre outras causas pela manutenção dos monopólios e concessões de distribuição e circulação petrolíferos gerou uma violência política sem precedentes entre estes países²⁹⁸.

Os mesmos interesses sobre a economia política do petróleo na região produziram articulações e organizações do movimento operário em greves nos acampamentos petroleiros, desde a *Patagônia rebelde* entre 1920 e 1922 com uma série contestações de origem anarcossindicalista, até a grande greve petroleira de Comodoro Rivadavia em 1932, quando a repressão estatal formou “um novo campo de presos subversivos, na Patagônia”²⁹⁹.

Entre a traição, um tiroteio, trocas de ministros e “logo o baque da garra”, surgiram os conflitos entre os “nacionalismos petroleiros” e os monopólios estadunidenses e europeus com a hegemonia dos Estados Unidos, viram “como brilham” em suas casas “as letras da Standard Oil iluminando seus domínios”.

A *Anaconda Mining Co*³⁰⁰ em seu “nome enrolado de serpente”, foi construída como outra grande truste multinacional, se inseriu “na montaria gasta” do Chile

²⁹⁸ Cf. PALACIOS SOLANO, Isaac Fernando. *América Latina: El estigma del petróleo*. Pp.42-43. E MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. A Guerra do Chaco. *Revista Brasileira de Política Internacional*. 41(1), Pp.162-197, 1998. Pp.180-182. A explicação do conflito entre diferentes interesses imperialistas das burguesias latino-americanas, anglo-holandesas e estadunidenses e suas empresas monopolistas (Standard Oil e Royal Dutch Shell) como causa da Guerra do Chaco é parte da explicação mas não leva em conta interesses de diferentes Estados-nações fronteiriços em suas políticas externas, assim como as contradições internas de Paraguai e Bolívia. O artigo de Moniz Bandeira nos atenta para esta multiplicidade de dinâmicas (políticas, econômicas, territoriais, nacionalistas) que engendraram a guerra.

²⁹⁹ Cf. BOHOSLAVSKY, Ernesto. *El complot patagónico: Nación, conspiracionismo y violencia en el Sur de Argentina y Chile (siglos XIX y XX)*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008. Pp.108-115. e ANDÚJAR, Andrea. En demanda de lo justo: conflictos por derechos en la Patagonia petrolera. Comodoro Rivadavia, 1932. *Páginas*. Año 6, n°12, Pp.41-65. 2014. Pp.41-42. As greves e a organização do movimento operário se desenvolveu com várias adesões de trabalhadores entre 1920 e 1930. Os trabalhadores organizados em torno da *Federación Juvenil Comunista*, do *Socorro Rojo Internacional* e contribuíram de maneira central para a criação da *Unión General de Obreros Petroleros*, com mais de 3500 trabalhadores associados. Estes grupos eram compostos tanto por argentinos como chilenos, porém ambos eram desconsiderados como membros de quaisquer nações, eram apenas

³⁰⁰ A **Anaconda Mining Co**. Nome enrolado de serpente, fauce insaciável, monstro verde, nas alturas agrupadas, na montaria gasta de meu país, sob a lua da dureza, escavadora, abres as crateras lunares do mineral, as galerias do cobre virgem, afundado em suas areias de granito. Já vi arder na noite eterna de Chuquicamata, nas alturas, o fogo dos sacrifícios, a crepitação desbordante do ciclope que devorava a mão, o peso, a cintura dos chilenos, enrolando-os sob suas vértebras de cobre, esvaziando lhes o sangue morno, triturando os esqueletos e cuspidos nos montes dos desertos desolados. O ar ressoa nas alturas de Chuquicamata estrelada. Os socavões aniquilam com mãos pequeninas de homem a resistência do planeta, trepida a ave sulfurosa das gargantas, amotina-se o férreo frio do metal com suas selvagens cicatrizes e quando troam as buzinas a terra engole um desfile de homens minúsculos que descem às mandíbulas da

escavando “as galerias do cobre virgem”. Na “noite eterna de Chuquicamata” – a qual os capitais norte-americanos compraram os direitos de exploração e mantiveram seu monopólio da mineração em enclaves de 1923 até 1971³⁰¹ – “devorava a mão, o peso, a cintura dos chilenos” e após esta opressão terminou “triturando os esqueletos e cuspidos nos montes dos desertos desolados”.

A força de trabalho dos mineiros é admirável como “aniquilam com mãos pequeninas de homem a resistência do planeta”, ao troar as buzinas “a terra engole um desfile de homens minúsculos” diante da imensidão da natureza de onde se extraem as riquezas dos metais e dos nitratos. Esta anaconda rebaixa os mineiros, “os devora, e diminui, os tritura, e os cobre de baba maligna”. Depois os reprime e “mata com a polícia” e os aprisiona no campo de concentração de Pisagua, “compra um presidente traidor” Gabriel González, difamador das greves e manifestações populares “e os mata de fome nas planícies da imensidade arenosa”.

A *United Fruit Co.*³⁰² compreende o processo de implantação dos monopólios das empresas multinacionais dos Estados Unidos em uma recriação teológica do espaço e das formações econômico-sociais na ironia que “Jeová repartiu o mundo entre a Coca-Cola, a Anaconda, Ford Motors, e outras entidades”. A *Compañía Frutera Inc.* estendeu as suas operações aos países da América Central e do Caribe nesta divisão imperialista das terras do continente “sobre os mortos adormecidos” e “batizou de novo suas terras como “República Bananas”.

cratera. São pequeninos capitães, sobrinhos meus, filhos meus, e quando revertem os lingotes para os mares, e limpam a cara e voltam trepidando no último calafrio, a grande serpente os devora, e diminui, e os tritura, e os cobre de baba maligna, e os atira pelos caminhos, e os mata com a polícia, e os faz apodrecer em Pisagua, e os encarcera, e os cospe, compra um presidente traidor que os insulta e persegue, e os mata de fome nas planícies da imensidade arenosa. E há uma que outra cruz torcida nas ladeiras infernais como única lenha dispersada árvore da mineração. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.161-162.

³⁰¹ O'BRIEN, Thomas F. & JOHNSON, Lyman L. *Making of Americas: The United States and Latin America from the Age of Revolutions to the Era of Globalization*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2007. P.93.

³⁰² **A United Fruit Co.** Quando soou a trombeta, ficou tudo preparado na terra, e Jeová repartiu o mundo entre a Coca-Cola, a Anaconda, Ford Motors, e outras entidades: a *Compañía Frutera Inc.* reservou para si o mais suculento, a costa central de minha terra, a doce cintura da América. Batizou de novo suas terras como “Repúblicas Bananas”, e sobre os mortos adormecidos, sobre os heróis inquietos que conquistaram a grandeza, a liberdade e as bandeiras, estabeleceu a ópera-bufa: alienou os árbitros, presenteou coroas de César, desembainhou a inveja, atraiu a ditadura das moscas, moscas Trujillo, moscas Tachos, moscas Carías, moscas Martínez, moscas Ubico, moscas úmidas de sangue humilde e marmelada, moscas bêbadas que zumbem sobre as tumbas populares, moscas de circo, sábias moscas entendidas em tirania. Entre as moscas sanguinárias a *Frutera* desembarca, arrasando o café e as frutas, em seus barcos que deslizaram como bandejas o tesouro de nossas terras submersas. Enquanto isso, pelos abismos açucarados dos portos, caíam índios sepultados no vapor da manhã: um corpo roda, uma coisa sem nome, um número caído, um ramo de fruta morta derramada na podridão. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.162-163.

Contra os projetos de “liberdade e as bandeiras” se estabeleceu e “presenteou coroas de César” financiando os governos da “ditadura das moscas” como Rafael Trujillo, Anastasio “Tacho” Somoza, Tiburcio Carías, Maximiliano Martínez, e Jorge Ubico. Estes ditadores alçados ao poder com o apoio da multinacional agroexportadora, “moscas úmidas de sangue humilde, que zumbem sobre as tumbas populares” empreenderam políticas de perseguição racista contra as suas classes trabalhadoras, seguindo também o novo ordenamento da *Good Neighbor Policy*, desde 1933³⁰³.

Enquanto o “tesouro de nossas terras submersas” das riquezas naturais agrícolas das frutas tropicais, cana e café, as populações originárias caíam sepultadas como no levante de 1932 em El Salvador, a experiência de servidão indígena imposta aos Maias Chol nos enclaves da subsidiária *Compañía Frutera* na Guatemala. Tantos foram os milhares de mortos, “um número caído, um ramo de fruta morta derramada na podridão” esquecida na construção da hegemonia hemisférica do capital-imperialismo estadunidense³⁰⁴.

*A terra e os homens*³⁰⁵ em sua herança de dominação dos “velhos latifundiários incrustados na terra, herdeiros da encomenda” colonial introduzem um processo de

³⁰³ COLBY, Jason M. *The Business of the Empire: United Fruit, Race and the U.S. Expansion in Central America*. New York: Cornell University Press, 2011. Pp.193-209. Através de intenso trabalho documental e dos conceitos de *cultura imperial* dos Estados Unidos e *colonialismo corporativo*, o autor Jason Colby demonstrou a atuação decisiva da *United Fruit* e suas subsidiárias no financiamento dos governos ditatoriais na América Central e no Caribe. A Política de Boa Vizinhança (*Good Neighbor Policy*) da 7ª Conferência Pan-americana de 1933 reduziu as possibilidades de intervenções militares estadunidenses abertas nas Américas, no entanto, as intervenções ocorreram via governos satélites. Outro fator de intervenção são as políticas racistas de exclusão de trabalhadores jamaicanos e haitianos, assim como a subordinação dos povos indígenas e de origem asiática como política deliberada do *colonialismo corporativo* da *United Fruit*. A obra demonstra um regime semelhante ao Jim Crow em países como Costa Rica e República Dominicana.

³⁰⁴ COLBY, Jason M. *The Business of the Empire*. P.196.

³⁰⁵ **A terra e os homens:** Velhos latifundiários incrustados na terra como ossos de pavorosos animais, supersticiosos herdeiros da encomenda, imperadores duma terra escura, fechada com ódio e arame farpado. Entre as cercas o estame do ser humano foi afogado, o menino foi enterrado vivo, negou-se-lhe o pão e a letra, foi marcado como inquilino e condenado aos currais. Pobre peão infortunado entre as sarças, amarrado à não-existência, à sombra das pradarias selvagens. Sem livro foste carne inerte, e em seguida insensato esqueleto, comprado de uma vida a outra, rechaçado na porta branca sem outro amor que uma guitarra despedaçadora em sua tristeza e o baile apenas aceso com rajada molhada. Não foi porém só nos campos a ferida do homem, mais longe, mais perto, mais fundo cravaram: na cidade, junto ao palácio, cresceu o cortiço leproso, pululante de porcaria, com a sua acusadora gangrena. Eu vi nos agros recantos de Talcahuano, nas encharcadas cinzas dos morros, ferver as pétalas imundas da pobreza, a maçaroca de corações degradados, a pústula aberta na sombra do entardecer submarino, a cicatriz dos farrapos, e a substância envelhecida do homem hirsuto e espancado. Eu entrei nas casas profundas, como covas de ratos, úmidas de salitre e de sal apodrecido, vi seres famintos se arrastarem, obscuridades desdentadas, que procuravam me sorrir através do ar amaldiçoado. Me atravessaram as dores de meu povo, se enredaram em mim como aramados na alma: me crispavam o coração: saí a gritar pelos caminhos, saí a chorar envolto em fumaça, toquei as portas e me feriram como facas espinhosas, chamei os rostos impassíveis que antes adorei como estrelas e me mostraram seu vazio. E então me fiz soldado: número obscuro, regimento, ordem de punhos combatentes, sistema da inteligência, fibra do tempo inumerável, árvore armada, indestrutível

acumulação primitiva ou originária com a expropriação de espaços comuns de produção e os chamados cercamentos “com ódio e arame farpado”³⁰⁶ e “entre as cercas o estame do ser humano foi afogado”. A negação da condição humana a estes grupos é constitutiva desta dominação desde a infância “o menino foi enterrado vivo”, assim foram negadas possibilidades – inclusive “pão e livro – e “foi marcado como inquilino e condenado aos currais”. O “pobre peão” foi “amarrado à não-existência” sem “pão e letra, rechaçado na porta branca”, subsistiu em seu trabalho, sua resistência e cultura popular no amor da “guitarra despedaçadora” e do aceso baile como uma “rajada molhada”.

A pobreza e a exclusão não se resumem ao ambiente rural, a segregação do espaço na formação da geografia urbana americana em zonas centrais e periferias nos cortiços (*conventillos*) e outras formas de segmentação, “junto ao palácio, cresceu o cortiço”. Pablo Neruda enquanto militante frequentou estes lugares, entrou “nas casas profundas” onde os trabalhadores “espancados” persistiam e mesmo em suas lutas “procuravam sorrir”. Estas adversidades como dores do povo comoveram o poeta, levando-o ao sofrimento e um sentimento de solidariedade.

Esta posição de fazer-se “soldado: número escuro, regimento, ordem de punhos combatentes” mais uma vez o transformou e reforçou a sua pessoa e poesia a serviço da mudança radical da realidade como “árvore armada e caminho do homem na terra”. Os múltiplos sujeitos ao lado de Neruda foram desconsiderados como seres humanos, “não eram ninguém, não tinham rosto, eram povo” e passaram a ser “metal, eram caminhos”. Este movimento, “os mesmos passos da primavera do mundo”, são o horizonte de emancipação dos povos e a superação das formas de exploração e opressão.

*Os mendigos*³⁰⁷ em diferentes cidades “junto às catedrais” compõem o espaço na “dura santidade da pedra”, são invisibilizados e normalizados como “flora da rua, flores

caminho do homem na terra. E vi quantos éramos, quantos estavam a meu lado, não eram ninguém, eram todos os homens, não tinham rosto, eram povo, eram metal, eram caminhos. E caminhei com os mesmos passos da primavera no mundo. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.164-165. Tradução nossa.

³⁰⁶ GADAFASSI, Guido. Revitalización del debate sobre la acumulación primitiva y la reproducción ampliada. Su aplicación para el análisis de la conflictividad social en América Latina. In. CUEVAS VALENZUELA, Hernán. *América Latina: Expansión Capitalista, Conflictos Sociales y Ecológicos*. Santiago: Ril Editores – Universidad de Concepción, 2018. Pp.31-40. Os processos de formação da estrutura fundiária e de concentração de terras na América Latina em suas diferentes realidades se constitui dentre outros fatores por violentas desapropriações de pequenos camponeses e extinções de terras comunais e indígenas, esse sistema de acumulação originária ou primitiva impulsionou de maneira central a reprodução ampliada (acumulação) de capital.

³⁰⁷ **Os mendigos:** Junto às catedrais, atados ao muro, carregaram seus pés, seus vultos, seus olhos negros, seus crescimentos lívidos de gárgulas, suas latas andrajosas de comida, e daí, da dura santidade da pedra,

de legais pestilências”. Estas pessoas em situação de rua estão no “parque como árvores de torturadas ramagens e raízes”, prontos “para vassoura da morte” e a estas são reservadas a caridade que o enterra. A naturalização da mendicância, os “produtos da natureza”, destes filhos “do ano de 1948, netos da catedrais” não serão justificados ou moralmente exaltados pelo autor como acontece “nos livros”.

A esperança de uma superação desta condição não passa simplesmente por uma empatia, não por uma solidariedade afetiva, menos ainda aos que “criaram a forma degradada” destes seres humanos pela miséria, mas a superação da condição extrema virá da organização na “argila apartada da terra”, da reconstituição da dignidade “construam os metais” e a estes também será a estendido um lugar no confronto “a brilhar como uma espada”.

*Os índios*³⁰⁸ como sujeitos históricos são alçados à importância de suas lutas desde a sua “antiga imensidade” da formação dos povos originários como soberanos da terra

se fizeram flora da rua, errantes flores de legais pestilências. O parque tem seus mendigos como suas árvores de torturadas ramagens e raízes: nos pés do jardim vive o escravo, como no fim do homem, feito lixo, aceita sua impura simetria, pronto para vassoura da morte. A caridade o enterra em seu buraco de terra leprosa: serve de exemplo ao homem de meus dias. Deve aprender a pisotear, a afundar a espécie nos pântanos do desprezo, a pôr os sapatos na frente do ser com uniforme de vencido, ou pelo menos deve compreendê-lo nos produtos da natureza. Mendigo americano, filho do ano de 1948, neto de catedrais, eu não te venero, eu não vou colocar marfim antigo, barbas de rei em tua escrita figura, como te justificam nos livros, eu vou te apagar com esperança: não entrarás em meu amor organizado, não entrarás em meu peito com os teus, com os que te criaram esculpindo tua forma degradada, eu apartarei tua argila da terra até que te construam os metais e saias a brilhar como uma espada. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.165-166.

³⁰⁸ **Os índios:** O índio fugiu desde sua pele ao fundo de antiga imensidade de onde um dia subiu como as ilhas: derrotado, transformou-se em atmosfera invisível, foi-se abrindo na terra, derramando sua secreta marca sobre a areia. Ele que gastou a lua, ele que penteava a misteriosa solidão do mundo, ele que não transcorreu sem erguer-se em altas pedras coroadas de aragem, ele que durou como a luz celeste sob a magnitude de seu arvoredo, gastou-se de repente até ser fio, converteu-se em rugas, esmiuçou suas torres torrenciais e recebeu seu pacote de farrapos. Eu o vi nas alturas imantadas de Amatitlán, roendo as margens da água impenetrável: andou um dia sobre a majestade esmagadora do monte boliviano, com seus restos de pássaro e raiz. Eu vi chorar meu irmão de louca poesia, Alberti, nos recintos araucanos, quando o rodearam como a Ercilla e eram, em lugar daqueles deuses rubros, uma corrente de mortos cor de cardo. Mais longe, na rede de água selvagem da Terra do Fogo, eu os vi subir, ó mestiços, desgrenhados, às pirogas rotas para mendigar o pão no oceano. Aí foram matando cada fibra de seus desérticos domínios, e o caçador de índios recebia notas sujas para trazer cabeças, dos donos do ar, dos reis da nevada solidão antártica. Os que pagaram os crimes se sentam hoje no Parlamento, matriculam seus matrimônios nas presidências, vivem com os cardeais e os gerentes, e sobre a garganta apunhalada dos donos do sul crescem as flores. Já da Araucania os penachos foram desbaratados pelo vinho, puídos pela tasca, enegrecidos pelos advogados a serviço do roubo de seu reino, e aos que fuzilaram a terra, aos que nos caminhos defendidos pelo gladiador deslumbrante de nossa própria orla entraram disparando e negociando, chamaram “Pacificadores” e lhes multiplicaram as dragonas. Assim perdeu sem ver, assim invisível foi para o índio o desmoronamento de sua herdade; não viu os estandartes, não lançou a girar a flecha ensanguentada, apenas o roeram pouco a pouco, magistrados, ratoneiros, abastados, todos tomaram sua imperial doçura, todos o enredaram na manta até que o lançaram a sangrar aos últimos pântanos da América. E das verdes lâminas, do céu inumerável e puro da folhagem, da imortal morada construída com pétalas pesadas de granito, foi conduzido à cabana rota, ao árido esgoto da miséria. Da sua fulgurante desnudez, dourados peitos, pálida cintura, ou dos ornamentos minerais que uniram à sua pele todo o orvalho, foi levado até o fio do andrajo, repartiram entre

americana até sua subjugação pela colonização sofreram um processo de negação da sua existência em “atmosfera invisível”. Ao gastar a lua, tão cara às culturas originárias do continente, “durou como a luz celeste sob a magnitude de seu arvoredo” mas “esmiuçou as suas torres torrenciais” e a sua expropriação pelo invasor europeu levou a sua pobreza em “pacote de farrapos”. Em Amatitlán – cidade da Guatemala dos *tz’utujil* e dos *kaqchiquel* de origem Maia – nos montes da Bolívia os *quéchuas* e *aymaras* estavam “com seus restos de pássaro e raiz”³⁰⁹.

A tragédia da brutal tomada das terras indígenas e o seu sofrimento traz a dor aos poetas, tanto a Neruda quanto a seu amigo espanhol Rafael Alberti (1902 – 1999) que esteve no Chile dentre outras ocasiões em 1945 durante a escrita do *Canto*³¹⁰, estes que “rodearam Ercilla” e passaram de “deuses rubros” a uma “corrente de mortos cor de cardo”. Alonso de Ercilla y Zuñiga (1533 – 1594) foi outro poeta espanhol observador do sofrimento da Araucania, mas no século XVI, com a sua obra *La Araucana*, de 1569. Na Terra do Fogo desapropriada em fins do século XIX, os fueguinos e mestiços foram submetidos à miséria e à morte pelo estado argentino, muitos partícipes e idealizadores como Julio Roca e Domingo Sarmiento foram alçados ao poder e estavam no período “no Parlamento e na presidência”.

Na Araucania, a ocupação das terras promovida pelo estado e as classes dominantes do Chile, “desbaratadas pelo vinho”, organizaram o “roubo de seu reino” araucano entre 1862 e 1883, com breves interrupções no processo apesar de haver

eles calças mortas e assim passeou sua majestade remendada pela brisa do mundo que foi seu. Assim foi cometido este tormento. O feito foi invisível como entrada de traidor, como impalpável câncer, até que foi humilhado o nosso pai, até que o ensinaram a fantasma e entrou pela única porta que lhe abriram, a porta de todos os outros pobres, a de todos os chicoteados pobres desta terra. NERUDA, *Canto General I*. Pp.166-167. Tradução nossa.

³⁰⁹ Cf. MOULIAN, Rodrigo; CATRILEO, María; HASLER, Felipe. Correlatos en las constelaciones semióticas del sol y la luna en las áreas centro y sur andinas. *Boletín del museo chileno de arte precolombino*. Vol.23. N.2, Pp.121-141. 2018. Pp.135-137. ÁNGEL ASTURIAS, Miguel. *Leyendas de Guatemala*. Bueno Aires: Editorial Losada, 1979. As relações interculturais dos cultos do sol e da lua são importantes para as populações dos Andes centrais e do sul como quéchuas, aymaras e mapuche. Sobretudo os mapuches por conta da sua lua mapuche (*Küyen*, em mapudungun), o sol *antü*, o amanhecer e o entardecer são a construção cultural da família mapuche. Nossa intenção não é generalizar o conhecimento sobre os milhares de povos originários latino-americanos e caribenhos em suas etnias, no entanto os cultos e os registros do tempo entre cíclico e linear se concentram em torno da lua como orientação cultural e construção de sentidos. A Lenda de Tatuana, narrada ancorada na tradição oral por Miguel Asturias em seu livro demonstra a importância da lua, assim como em outras lendas.

³¹⁰ NERUDA, Pablo. *Confieso que he vivido*. Buenos Aires: Editorial Losada, 2006. Pp.62-63. E Rafael Alberti: Cronologia. http://www.cervantesvirtual.com/portales/rafael_alberti/cronologia/ Último acesso em: 12/06/2020.

hostilidades durante todos os anos das atuações dos “Pacificadores”³¹¹. A usurpação das suas terras, “o desmoronamento de sua herdade” constitui a ausência de sua territorialidade, de seus direitos enquanto seres humanos. “Da sua fulgurante desnudez” até os últimos anos de luta soberana foi reduzido e “conduzido à cabana rota”, o feito “de traidor invisível como impalpável câncer” os levou à extrema pobreza, esta única porta aberta juntou os índios a “todos os chicoteados pobres desta terra”.

*Os juízes*³¹² representa de múltiplas formas os ritos jurídicos em suas acepções antigas e modernas. O “abandonado filho das Américas” de seus meios de produção e de sua dignidade humana não teve razão, “não há lei, não há juiz” para a garantia dos direitos dos mais pobres. Com a dominação burguesa em “teus senhores” e os desenvolvimentos capitalistas “veio a lei para despovoar teu céu, para arrancar-te os torrões adorados, para discutir a água dos rios”. O “reinado do arvoredado” destituído pelo poder instaurador da lei despertou “na fronteira da mais despenhada desventura” o “deram calabouço” e o mantiveram “para que não saísse da água dos pobres”.

Esta relação entre direito e a dominação de classe, “como se entreteceram o rico e a lei” ao passo do rebaixamento dos pobres em “ferro sulfuroso” (em alusão ao enxofre da mineração e demônios) expõe as práticas de justiça em sua desigualdade ao contrário da declaração juspositivista da lei. O que “assim foi e assim o deixo escrito” não é de

³¹¹ BENGÓIA, José. *Historia del pueblo Mapuche (siglos XIX y XX)*. Santiago de Chile: Ediciones Sur, 1996. Pp.322-340. O processo de colonização total do Chile, concluído apenas após a Guerra do Pacífico (1879 – 1883) contra Bolívia e Peru, desencadeou a criação das reduções indígenas até o ano de 1910. A ocupação da Araucania até janeiro de 1883 teve um saldo de milhares de mortos, principalmente entre os mapuches. Entre a constituição destes aldeamentos, a produção de minifúndios e a contestação das terras pelas lideranças indígenas através das *radicações*, houve um grave empobrecimento dos diversos grupos Mapuche. Apenas com a criação da *Sociedad Indígena Caupolicán* (1910) iniciou-se uma política indigenista moderada de não-assimilação dos nativos. Em 1929, encerraram-se as radicações pela revogação da lei, desta maneira 1/3 da população mapuche (mais de 40 mil famílias) permaneceu sem propriedade (p.359).

³¹² **Os juízes:** Pelo alto Peru, por Nicarágua, sobre a Patagônia, nas cidades, não tiveste razão, não tens nada: taça de miséria, abandonado filho das Américas, não há lei, não há juiz que te proteja a terra, a casinhola com seus milhos. Quando chegou a casta dos teus, dos senhores teus, já esquecido o sonho antigo de garras e facas, veio a lei para despovoar teu céu, para arrancar-te torrões adorados, para discutir a água dos rios, para roubar-te o reinado do arvoredado. Te testemunharam, te puseram selos na camisa, te forraram o coração de folhas e papéis, te sepultaram em éditos frios, e quando despertaste na fronteira da mais despenhada desventura, despossuído, solitário, errante, te deram calabouço, te amarraram, te manietaram para que nadando não saísse da água dos pobres, mas te afogasses esperneando. O juiz benigno te lê o inciso número Quatro Mil, parágrafo Terceiro, o mesmo usado em toda a geografia azul que libertaram outros que foram como tu e tombaram, e te institui, por seu codicilo e sem apelação, cão sarnento. Diz teu sangue, como se entreteceram o rico e a lei? Com que tecido de ferro sulfuroso, como foram caindo os pobres no julgado? Como se fez a terra tão amarga para os pobres filhos, duramente amamentados com pedras e dores? Assim foi e assim o deixo escrito. As vidas escreveram-no em minha frente. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.168-169.

maneira nenhuma neutra nesta visão poética sobre as relações jurídicas “[...] como um sistema de relações que corresponde aos interesses das classes dominantes e salvaguarda estes interesses através da violência organizada[...]”³¹³.

Na terceira parte, III. *Los muertos de la plaza 28 de enero 1946 Santiago de Chile* o poema referiu-se primeiramente à data do ano de 1946 ao *Masacre de Plaza Bulnes* ocorrido no dia 28 de janeiro onde milhares de trabalhadores e estudantes protestaram autorizados pelo governo, mais 100 pessoas são feridas e 6 mortas, antes da eleição de setembro sagrar Gabriel González Videla presidente. Mas o massacre de janeiro de 1946 não é o objeto primeiro de Neruda nestes versos.

Em Iquique, houve uma grande greve de mais de 12 mil trabalhadores mineiros do salitre em dezembro de 1907, ano de diversas mobilizações da classe trabalhadora chilena de maneira geral. No dia 21 de dezembro, a greve deflagrada no início do mês foi violentamente reprimida pelo Exército, foram mortos entre 2000 e 3000 trabalhadores e outros mais de 140 ficaram feridos pelas rajadas de metralhadoras. Este evento ficou conhecido como *Matanza* ou *Masacre de la Escuela de Santa María de Iquique*, local onde os mineiros refugiaram-se no decorrer da repressão³¹⁴.

“Em *San Gregorio*”, ocorreu em 1921 o massacre em uma oficina homônima na antiga comuna de *Aguas Blancas*, onde morreram em torno de 100 operários. “Em Lonquimay” (antiga Província de Malleco) levantou-se a Araucania, o massacre de Ranquil foi protagonizado pelo exército chileno a mando do presidente de Arturo Alessandri contra os camponeses e indígenas mapuches matando aproximadamente 500 trabalhadores³¹⁵.

³¹³ PACHUKANIS, Evgeni. Apud MASCARO, Alysson L. *Filosofia do Direito*. São Paulo: Editora Atlas, 2014. Pp.473-475. A citação de Pëtr Stutchka (1865 – 1932) na obra de Evgeni Pachukanis demonstra a compreensão geral dos juristas da União Soviética sobre o direito, concepção popularizada nos países socialistas do caráter de classe como constitutivo do direito enquanto uma relação, não uma decorrência das leis. A compreensão de Pachukanis, no entanto, vai além estabelecendo o direito enquanto advindo das relações de produção de maneira mais geral e das trocas mercantis capitalistas estabelecendo através do Estado os diferentes sujeitos jurídicos envolvidos nestas relações sociais.

³¹⁴ BARRÍA SERÓN, Jorge. *El movimiento obrero en Chile: síntesis histórico-social*. Pp.19-20.

³¹⁵ ULIANOVA, Olga. Levantamiento campesino de Lonquimay y la Internacional Comunista. *Estudios Públicos*. N.89. Santiago de Chile, verano de 2003. Pp.173-181. O massacre foi perpetrado pelo governo do Chile teve uma trama complexa entre os agentes políticos envolvidos. Os repressores foram implacáveis com os camponeses e os mapuches, enquanto os reprimidos que estavam entre o campesinato, os indígenas e os grupos políticos da esquerda chilena construíram uma narrativa de memória sobre o evento posteriormente, principalmente o Partido Comunista. A versão de espontaneidade do movimento foi analisada criticamente e descartada pela historiadora através dos documentos da Komintern sobre o Chile,

*Os massacres*³¹⁶ foram trazidos à lembrança nos versos anteriores a estes, quando a história e a memória oficial chilena foi como o “sangue escondido atrás das raízes, lavado e negado”, este esquecimento produzido operou como a chuva do sul – “limpou a terra” – a morte das populações mais pobres e oprimidas do país são reproduzidas no olvido “como se não morresse ninguém”, uma naturalização da violência. Os diversos grupos humanos desaparecidos pelas forças repressivas das classes dominantes – dentre elas o estado – “estão dispersos pelas raízes da pátria”.

Os “sorrisos dos chilenos”, “capitães do silêncio” serão lembrados “sairão da terra para cobrar o sangue” onde o povo ressurgirá soberano. Este movimento acontecerá porque os explorados não foram tragados pela “areia do pampa”, nem todos os esqueceram. Não foram escondidos os crimes no centro do país, “na praça, no meio da Pátria” porque estão rememorados, mesmo que sejam traumáticos.

*Os homens do nitrato*³¹⁷ foram conhecidos pelo poeta que “estava no salitre com os heróis obscuros” que escavavam a terra compactada pela neve e apertou “com orgulho suas mãos de terra”. Os centros salitreiros do chamado “ciclo do salitre” como Humberstone³¹⁸, Mapocho, Ricaventura, Paloma e Pan de Azúcar funcionaram em Antofagasta e Tarapacá (estes mencionados são todos de tarapaquenhos) até a década de

a sua relação com o PC chileno e as diretrizes dadas ao movimento pelo partido como parte do desenvolvimento e de sua mobilização social em torno da questão camponesa e indígena no país.

³¹⁶ **Os massacres:** Mas aí o sangue foi escondido atrás das raízes, foi lavado e negado (foi tão longe), a chuva do sul limpou a terra (tão longe foi), o salitre o devorou no pampa: e a morte do povo foi como sempre tem sido: como se não morresse ninguém, nada, como se fossem pedras que caem sobre a terra, ou água sobre água. De norte a sul, onde triturar amou queimaram os mortos, foram nas trevas sepultados, ou na noite queimados em silêncio, acumulados numa escarpa ou no mar cuspidos os seus ossos: ninguém sabe onde estão agora, não têm túmulo, estão dispersos nas raízes da pátria seus martirizados dedos: são fuzilados seus corações: o sorriso dos chilenos: os valorosos da pampa: os capitães do silêncio. Ninguém sabe onde enterraram os assassinos estes corpos, porém sairão da terra para cobrar o sangue derramado na ressurreição do povo. No meio da Praça foi o crime. Não escondeu o matagal o sangue puro do povo, nemo tragou a areia do pampa. Ninguém escondeu este crime. O crime foi no meio da Pátria. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.169-170.

³¹⁷ **Os homens do nitrato:** Eu estava no salitre, com os heróis obscuros, com o que cava neve fertilizante e fina na casca dura do planeta, e apertei com orgulho suas mãos de terra. E disseram; “Olha, irmão, como vivemos aqui em ‘Humberstone’, aqui em ‘Mapocho’, em ‘Ricaventura’, em ‘Paloma’, em ‘Pan de Azúcar’, em ‘Piojillo’ “. E me mostraram suas rações de miseráveis alimentos, seu piso de terra nas casas, o sol, o pó, os percevejos, e a solidão imensa. Vi o trabalho dos raspadores, que deixam afundada, no cabo da madeira da pá, a marca toda de suas mãos. Escutei uma voz que vinha do fundo estreito da escarpa, como de um útero infernal, e depois assomar em cima uma criatura sem rosto, uma máscara poeirenta de suor, de sangue e pó. E este me disse: “Aonde fores, fala destes tormentos, fala tu, irmão, de teu irmão que vive embaixo, no inferno”. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.170-171.

³¹⁸ Humberstone and Santa Laura Saltpeter Works <http://whc.unesco.org/en/list/1178>

1950 em sua maioria como enclaves mineradores estrangeiros. Esta atividade primário-exportadora encerrou-se em consequência do desenvolvimento do salitre sintético.

Estes mineradores em sua “solidão imensa”, na “marca toda de suas mãos” se desumanizam como “criatura sem rosto, uma máscara poeirenta de suor, de sangue e pó”, e estes clamam a Neruda enquanto escritor e militante “aonde fores, fala destes tormentos, fala tu, irmão, de teu irmão que vive embaixo, no inferno”. Este processo de alienação e sujeição então é narrado nestes versos poéticos como tarefa de um homem do povo.

*A morte*³¹⁹ do “operário do pampa, o homem, a mulher, a criança” na *Plaza Bulnes*, “no meio da pátria” em Santiago foi uma forte marca no presente do autor, há um pouco mais de um ano do massacre, esta chaga não passaria por uma amnésia social no Chile. As mortes de seis trabalhadores, militantes do PCCh e das *Juventudes Comunistas de Chile* (JCC) são colocadas em termos de uma continuidade histórica junto aos povos oprimidos, “como nascem as bandeiras” nas Américas e “como estão até hoje”. A disputa sobre a nacionalidade chilena também põe-se em diferentes projetos, nesta situação das bandeiras entre uma identidade nacional-popular a qual “o povo as bordou com sua ternura” e uma construção hegemônica nacional-burguesa da estrela, do azul e do “vermelho, gota a gota ia nascendo”.

*Eu os chamo*³²⁰ reivindica os mortos da *Plaza Bulnes* no dia 28 de janeiro de 1946, os cinco operários salitreiros Manuel Antonio Lopez, Adolfo Lisboa Calderón, Alejandro Gutiérrez, César René Tapia, Filomeno Chávez das oficinas salitreiras Mapocho e

³¹⁹ **A morte:** Povo, aqui decidiste dar a tua mão ao perseguido operário do pampa, e chamaste, chamaste o homem, a mulher, a criança, há um ano, até esta Praça. E aqui caiu teu sangue. No meio da pátria foi vertido, em frente ao palácio, no meio da rua, para que todo o mundo o visse e não pudesse limpá-lo ninguém, e ficaram suas manchas vermelhas como planetas implacáveis. Foi quando mão e mão de chileno alongaram-se dedos pelo pampa, e com o coração inteiro iria a unidade de suas palavras: foi quando ias, povo, a cantar uma velha canção com lágrimas, com esperança e com dores: veio a mão do verdugo e empapou de sangue a praça! Como nascem as bandeiras. Estão assim até hoje nossas bandeiras. O povo as bordou com sua ternura, coseu os trapos com seu sofrimento. Cravou a estrela com sua mão ardente. E cortou de camisaou firmamento, azul para a estrela da pátria. O vermelho, gota a gota, ia nascendo. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. P.171. Nesta edição do *Canto*, o poema *A morte* possui como um subtítulo **Como nascem as bandeiras**, no entanto resolvemos manter juntos os versos como uma linha única de sentido, tal como os seus manuscritos originais.

³²⁰ **Eu os chamo:** Um por um falarei com eles esta tarde. Um por um, chegais à recordação, esta tarde, nesta praça. Manuel Antonio López, camarada. Lisboa Calderón, outros te traíram, nós continuamos tua jornada. Alejandro Gutiérrez, o estandarte que caiu contigo sobre toda a terra se levanta. César Tapia, teu coração está nestas bandeiras, palpita hoje o vento da praça. Filomeno Chávez, nunca apertei a tua mão, mas aqui está a tua mão: é uma mão pura que a morte não mata. Ramona Parra, jovem estrela iluminada, Ramona Parra, frágil heroína, Ramona Parra, flor ensanguentada, amiga nossa, coração valente, menina exemplar, guerrilheira dourada: juramos em teu nome continuar esta luta para que assim floresça teu sangue derramado. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.171-172.

Humberstone e a jovem comunista Ramona Parra. Estes corações que estão nas bandeiras são lembrados, há a promessa da continuação de sua luta. A luta veio de antes, floresceu e continuou nos dias posteriores com greves de massas no dia 30 de janeiro do mesmo ano e anos que passaram depois³²¹.

*Os inimigos*³²² “trouxeram os fuzis repletos de pólvora” e cometeram os assassinatos em uma manifestação pacífica onde “encontraram um povo que cantava”, abriram fogo contra a população os mais de 200 carabineiros do dia 28 de janeiro, o “acerbo extermínio” constituiu uma unidade de diversos embates aos quais “o povo viu cair os mortos com fúria e dor”. Há um pedido de justiça aos mortos, nossos mortos, “peço castigo”. A todos os envolvidos e seus mandantes, a quem defendeu esta violêncianão darão cheia de sangue ao poeta, não os querem embaixadores, muito menos impunes,o clamor pelo julgamento na própria *Plaza Bulnes* seria o castigo.

*Estão aqui*³²³ todos aqueles mortos como se “aqui estivessem”, todos os trabalhadores, militantes ou não, comunistas ou não, para estes, em memória destes “na fábrica, no campo, na rua, na salitreira” a “nossa luta continuará na terra”. Através da organização, da mobilização, agitação e propaganda, “estará a nossa luta em todas as partes”. A nação como um espaço de litígio, “estas bandeiras que presenciaram vossa morte”, será um espaço onde as contestações se unirão e “serão multiplicadas como folhas da infinita primavera”.

³²¹ BRAVO, Viviana. Chile no va hoy a la fábrica: Protesta obrera y represión política en el verano de 1946. *Izquierdas* 35. Septiembre 2017, pp. 199-232. (Pp.203-211). Uma onda de greves e mobilizações contínuas de trabalhadores desde fins do ano de 1945 até o início do ano de 1946 marcaram o Chile do pós-guerra em reivindicações e uma organização conseqüente à vitória da União Soviética na Segunda Guerra Mundial e na Grande Guerra Patriótica da URSS (1941 – 1945).

³²² **Os inimigos:** Aqui eles trouxeram os fuzis repletos de pólvora, eles comandaram o acerbo extermínio, eles aqui encontraram um povo que cantava, um povo por dever e por amor reunido, e a delgada menina caiu com a sua bandeira, e o jovem sorridente girou a seu lado ferido, e o estupor do povo viu os mortos tombarem com fúria e dor. Então, no lugar onde tombaram os assassinados, baixaram as bandeiras para se empaparem de sangue para se erguerem de novo diante dos assassinos. Por estes mortos, nossos mortos, peço castigo. Para os que salpicaram a pátria de sangue, peço castigo. Para o verdugo que ordenou esta morte, peço castigo. Para o traidor que ascendeu sobre o crime, peço castigo. Para o que deu a ordem de agonia, peço castigo. Para os que defenderam este crime, peço castigo. Não quero que me deem a mão empapada de vosso sangue. Peço castigo. Não vos quero como embaixadores, tampouco em casa tranquilos, quero ver-vos aqui julgados, nesta praça, neste lugar. Quero castigo. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.172-173. Tradução nossa.

³²³ **Estão aqui:** Hei de chamar aqui como se aqui estivessem. Irmãos: sabeí que a nossa luta continuará na terra. Continuará na fábrica, no campo, na rua, na salitreira. Na cratera do cobre verde e vermelho, no carvão e sua terrível caverna. Estará a nossa luta em todas as partes, e em nosso coração, estas bandeiras que presenciaram vossa morte, que se empaparam em vosso sangue, serão multiplicadas como as folhas da infinita primavera. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. P.173. Tradução nossa.

*Sempre*³²⁴ estarão evocados os nomes dos oprimidos, não serão estes oprimidos ou esquecidos, a hora que tombaram não será extinguida mesmo com as vozes cruzando o silêncio do esquecimento. Mesmo com dias sombrios, em defensiva, em sofrimento, virá o dia do fim deste suplício da vida, da história e da memória. Neste “dia de justiça conquistada na luta” revolucionária estarão todos “os irmãos tombados”, nesse vasto dia da luta final”. A transformação subversiva do mundo virá da memória dos tantos que produziram e reproduziram a nossa vida e também lutaram politicamente por esta.

A *Crônica de 1948(América)*³²⁵ apresentou o presente de um momento crítico para a história da América localizado e temporalizado no ano de 1948 e que a seguir serão mencionados países onde ocorreram rupturas institucionais, questões presenciadas ou não por Pablo Neruda neste ano marcante, e de certa forma traumático para o poeta. A tempestade e a tensão são importantes e integrantes de uma América Latina pós-II Guerra Mundial, marcada por conflitos de classe acentuados por um rearranjo das relações de poder e hegemonia de um lado, e os conflitos ideológicos próprios e iniciados nesse período, a tensão do mundo bipolar da Guerra Fria.

O *Paraguai*³²⁶ governado por Higinio Morinigo entre 1940 e 1948 “sentado sobre as prisões” estava sob outra ditadura dado o longo histórico de governos militares após a independência proclamada por José Rodríguez de Francia em 1811. As condições políticas de fechamento e repressão a oposições permaneceu até a guerra civil de 1947 e a sua deposição em meados de 1948, não acompanhada por Neruda nestes versos.

³²⁴**Sempre:** Ainda que as passadas toquem mil anos este lugar, não apagarão o sangue dos que aqui tombaram. E não se extinguirá a hora em que tombastes, ainda que milhares de vozes cruzem este silêncio. A chuva há de empapar as pedras da praça, mas não apagará vossos nomes de fogo. Mil noites cairão com as suas asas escuras, sem destruir o dia que esperam estes mortos. O dia que esperamos ao longo do mundo tantos homens, o dia final do sofrimento. Um dia de justiça conquistada na luta, e vós, irmãos tombados, em silêncio, estareis conosco nesse vasto dia da luta final, nesse dia imenso. Idem. Ibid. Pp.173. Tradução nossa.

³²⁵ **Crônica de 1948 (América):** Mal ano, ano de ratazanas, ano impuro! Alta e metálica é tua linha nas margens do oceano e do ar, como um arame de tempestades e tensão. Mas, América, também és noturna, azul e pantanosa: pântano e céu, uma agonia de corações esmagados como negras laranjas estragadas em teu silêncio de adegá. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. P.174. Tradução nossa.

³²⁶ **Paraguai:** Desenfreado Paraguai! De que serviu a lua pura iluminando os papéis da geometria dourada? Para que serviu o pensamento herdado das colunas e dos números solenes? Para este buraco oprimido de sangue apodrecido, para este fígado equinocial arrebatado pela morte. Para Moríñigo reinante, sentado sobre as prisões em seu açude de parafina, enquanto as penas escarlates dos colibris elétricos voam e fulguram sobre os pobres mortos da selva. *Mau ano, ano de rosas deterioradas, ano de carabinas, mira, sob teus olhos não te cegue o alumínio do avião, a música de sua velocidade seca e sonora: mira teu pão, tua terra, tua multidão gasta, tua estirpe rota! Vês esse vale verde e cinza do alta do céu? Pálida agricultura, mineração em farrapos, silêncio e pranto corno a trigo, caindo e nascendo em uma eternidade malvada.* NERUDA, Pablo. *Canto General I*. P.174. Tradução nossa.

As consequências da guerra, o “mau ano das rosas deterioradas, ano de carabinas” tiveram um impacto de aprofundamento da crise, esta vinda desde os anos 1930 e a Guerra do Chaco. A economia primário-exportadora paraguaia pouco dinamizada, muito dependente dos enclaves mineradores estrangeiros apresentava “uma pálida agricultura, mineração em farrapos”, não era suficiente em termos de subsistência³²⁷.

O *Brasil*³²⁸ de 1948, do governo de Eurico Gaspar Dutra (1883 – 1974) é um país na construção de uma experiência democrática após a Era Vargas (1930 – 1945) e a ditadura do Estado Novo. O “Dutra pavoroso” em sua postura militar como um “pavão” foi “engordado” pelos seus acordos com as classes dominantes, este “sapo com olhos de rato cinzento”. Este Brasil “senhor de tanto sonho e resplandecentes libertadores”, de trabalhadores mineiros, camponeses e operários evidenciou um presidente das profundezas da América, “do fundo de teus répteis” e sua brutalidade em “surda profundidade e pré-história”. A alegoria comunista da pré-história humana tem seu peso e tem na modernidade capitalista a sua barbárie.

A reivindicação de revolta contra os limites do poder, ao golpear “a fronteira” e o lamento dos pescadores enquanto Eurico Dutra reprime a imprensa “de machadinha”, interfere nos sindicatos, “queima os livros na praça”, encarcera e persegue os comunistas ao colocar o Partido Comunista Brasileiro mais uma vez na ilegalidade. Esta repressão aos movimentos operários e camponeses³²⁹.

*Cuba*³³⁰ após a Segunda Guerra Mundial seguiu uma tendência das frentes amplas de vários países do mundo ao se dissolverem e as contradições entre organizações e

³²⁷ ROJAS VILLAGRA, Luis. *La metamorfosis del Paraguay*. Asunción: Fundación Rosa Luxemburgo/BASE-IS, 2014 Pp.48-52.

³²⁸ **Brasil:** Brasil, o Dutra, o pavoroso pavão das terras quentes, engordado pelo amargo ramos do ar venenoso: sapo dos negros pântanos de nossa lua americana: botões dourados, olhinhos de rato cinzento arroxeados: Ó Senhor, dos intestinos de nossa pobre mãe faminta, de tanto sonho e resplandecentes libertadores, de tanto suor sobre os buracos da mina, de tanta e tanta solidão pelas plantações, América, ergues subitamente tua claridade planetária a um Dutra arrancado ao fundo de teus répteis, de tua surda profundidade e pré-história. E assim foi! Pedreiros do Brasil golpeai a fronteira, pescadores, chorai a noite sobre as águas litorâneas, enquanto Dutra, com seus pequenos olhos de porco-do-mato, quebra a imprensa de machadinha, queima os livros na praça, encarcera, persegue e fustiga até que o silêncio se fazem nossa noite tenebrosa. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. p.175. Tradução nossa.

³²⁹ FERREIRA, Jorge. & DELGADO, Lucilia de Almeida N (org.). *O Brasil Contemporâneo vol. 3: Da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. Pp.56-62.

³³⁰ **Cuba:** Em Cuba estão assassinando! Já têm Jesús Menéndez Num caixão recém-comprado ele saiu, como um rei, do povo, e andou espiando raízes, detendo os transeuntes, batendo no peito dos adormecidos, estabelecendo as idades, compondo as almas partidas, e levantando do açúcar os sangrentos canaviais, o suor que apodrece as pedras, perguntando pelas cozinhas pobres: quem és? quanto comes? Tocando este braço, esta ferida, e acumulando estes silêncios numa única voz, a rouca voz entrecortada de Cuba. Assassinou-o um capitãozinho, um generalzinho: num trem lhe disse: vem, e pelas costas fez fogo o

partidos da burguesia e da classe trabalhadora. Esta aliança policlassista ou *pacto populista* foi rompido em 1947 com uma ofensiva anticomunista pelo estado cubano e suas instituições, principalmente após uma greve geral neste ano. As mobilizações sindicalistas da *Confederación Nacional de Obreros de Cuba* e líderes do Partido Socialista Popular (PSP) passaram a ser sucessivamente reprimidas e seus quadros assassinados como Jesús Menéndez (1911 – 1948) em janeiro de 1948³³¹.

A escalada repressiva e o fechamento dos espaços políticos na sociedade cubana impediram as manifestações e greves, assim como a instrumentalização dos sindicatos nas prisões e intervenções internas nos conselhos e agremiações proletárias. Estes silêncios acumulados culminaram no golpe de Estado protagonizado por Carlos Prío Socarrás (1903 – 1977) e o fim das alianças de classe em Cuba. Este “generalzinho” que calou os canaviais³³².

Na *América Central*³³³ o poeta percebe um “mau ano” e se questiona sobre os horizontes “além da espessa sombra de matagais a cintura” do continente. Esta visão com base nas experiências de ditaduras de mais de uma década em Honduras com Tiburcio Carías, Santo Domingo na República Dominicana com Rafael Trujillo e a Nicarágua com Anastasio Somoza, todos ainda no poder neste ano de 1948. A solidariedade internacionalista e “pela terra americana” se coloca neste contexto, tanto nas articulações entre os movimentos de trabalhadores dos países quanto de seus partidos comunistas perseguidos desde a década de 1930, ao menos. Os “povos de longa agonia” em formas diversas continuavam na “cintura de soluções”.

generalzinho, para que calasse a voz rouca dos canaviais. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.175-176. Tradução nossa.

³³¹ MCGILLIVRAY, Gillian. Ascensão e queda do pacto populista em Cuba, 1934-1959. *Tempo* [online]. 2012, vol.18, n.33, pp.105-140.

³³² ETCHEGOYEN, Miguel. El movimiento obrero en el Caribe. In: PLA, Alfredo. *Historia del movimiento obrero tomo 4*. De La Segunda Guerra a la Revolución Cubana. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1974. Pp.23-33.

³³³ **América Central:** *Mau ano, vês além da espessa sombra de matagais a cintura de nossa geografia? Uma onda estrela, como uma favo, suas abelhas azuis de encontro à cesta e voam os clarões do duplo mar sobre a terra estreita...* Delgada terra como um látego, agoitada como um tormento, teu passo em Honduras, teu sangue em Santo Domingo, à noite, teus olhos em Nicarágua, me tocam, me chamam, me exigem, e pela terra americana toco as portas para falar, toco as línguas amarradas, levanto as cortinas, afundo a mão dentro no sangue: Oh, dores de minha terra, oh, estertores do grande silêncio estabelecido, oh, povos de longa agonia, oh, cintura de soluções. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.176. Tradução nossa.

Em *Porto Rico*³³⁴ há um entrelaçamento entre as histórias de Porto Rico e da Grécia no ano de 1948, entre a dominação imperialista, as lutas por independência e a guerra revolucionária. Estes contextos periféricos são explorados e oprimidos pelos Estados Unidos, Porto Rico à época ainda como um território possuído pelos estadunidenses, os porto-riquenhos passam a uma certa autonomia apenas em fins de 1948, já a Grécia está em guerra civil desde 1946. A intervenção econômica estadunidense após o impasse da invasão britânica conhecida como Plano Truman foi determinante para os rumos da guerra civil grega.

Da situação colonial a um estado associado em uma *Commonwealth* – comunidade mas na prática uma dependência e uma dominação neocolonial – os Estados Unidos “fecham a boca castelhana”, não sobre a língua espanhola especificamente, mas sobre um projeto não concretizado de independência porto-riquenha onde houve a “morte a tua língua, Porto Rico”³³⁵.

A *Grécia*³³⁶ em seu quarto ano de guerra civil entre os exércitos monárquicos da burguesia grega e os comunistas gregos líderes da resistência antifascista se tornou um campo de disputa internacional. Esta relação entre as contradições de classe nos contextos grego e chileno “o fio delgado que desce dos montes para o mar”, do Mediterrâneo ao

³³⁴ **Porto Rico:** Mr. Truman chega à ilha de Porto Rico, vem à água azul de nossos mares puros para lavar seus dedos sangrentos. Acaba de ordenar a morte de duzentos jovens gregos, suas metralhadoras funcionam estritamente, cada dia por suas ordens as cabeças dóricas - uva e azeitona -, olhos do mar antigo, pétalas da corola corintiana, tombam no pó grego. Os assassinos erguem a taça doce de Chipre com os peritos norte-americanos, entre grandes gargalhadas, como os bigodes gotejantes de azeite frito e sangue grego. Truman a nossas águas chega para lavar as mãos vermelhas de sangue longínquo. Enquanto decreta, prega e sorri na universidade, em seu idioma, fecha à boca castelhana, cobre a luz das palavras que ali circularam como um rio de estirpe cristalina estatuí: “Morte para a tua língua, Porto Rico”. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.176-177. Tradução nossa.

³³⁵ FLORES, Lisa Pierce. *The History of Puerto Rico*. Santa Barbara: Greenwood Press/ABC CLIO LLC, 2010. Pp.85-97. As tensões entre os colonizadores norte-americanos e os porto-riquenhos se alteram com a transição a um regime de estado associado em Porto Rico a partir de 1948. As tensões entre as línguas inglesa e espanhola se resolveram em 1942 com o estabelecimento do espanhol como língua oficial da educação pública na ilha, após as tentativas de imposição da língua inglesa, depois com o ensino das duas línguas concomitantes.

³³⁶ **Grécia:** O sangue grego desce a esta hora. Amanhece nas colinas. É um simples arroio entre o pó e as pedras: os pastores pisam o sangue de outros pastores: é um simples fio delgado que desce dos montes para o mar, até o mar que ele conhece e canta.) ... *A tua terra, o teu mar volta os olhos, olha a claridade nas austrais águas e neves, constrói o sol a uva brilha o deserto, o mar do Chile surge com sua linha golpeada...* Em Lota estão as baixas minas do carvão: é um porto frio, do grave inverno austral, a chuva cai e cai sobre os tetos, asas de gaivotas cor de névoa, e sob o mar sombrio o homem cava e cava o recinto negro. A vidado homem é escura como o carvão, noite andrajosa, pão miserável, duro dia. Eu pelo mundo andei longamente, porém jamais pelos caminhos ou pelas cidades, jamais vi homens mais maltratados. Doze dormem num quarto. Os quartos têm tetos de restos sem nome: pedaços de latas, pedras, papelões, papéis molhados. Crianças e cães, no vapor úmido da estação fria, se juntam até se dar o fogo da pobre vida um dia será outra vez fome e trevas. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.177-178. Tradução nossa.

Pacífico. A exploração e as lutas por emancipação se aproximam, dos movimentos de revolta dos proletários e oprimidos do pós-guerra, a Grécia foi palco do primeiro grande conflito após este período³³⁷.

A situação degradante das classes trabalhadoras, “a vida do homem escuro como o carvão”, pelo mundo não teve o caso de pior situação que o Chile na visão do poeta, “os quartos de restos sem nome” de pessoas anônimas que trabalham, “crianças e cães novapor úmido” em suas condições precárias e em desamparo “um dia será outra vez fomee trevas”.

*Os tormentos*³³⁸ do ano de 1948 se generalizaram com o fechamento autoritário do segundo ano do governo de González Videla, após a união dos trabalhadores por melhores condições e uma onda de greves a *Ley Maldita* foi promulgada pelos poderes institucionais chilenos provocando a criminalização dos partidos comunista, socialista e uma intervenção estatal dos sindicatos de tutela e restrição.

“Desta vez vieram os soldados” e reprimiram intensivamente as greves e organizações de trabalhadores com prisões, destruição de acampamentos e oficinas mineiras chegando até a exílios. A imagem de “um êxodo de dores” que separou as famílias significou o cárcere de milhares de trabalhadores e a morte de centenas de outros nas prisões da Patagônia chilena e no campo de concentração dos “desertos de Pisagua”³³⁹.

*O traidor*³⁴⁰ Gabriel González Videla, a quem o Partido Socialista e o Partido Comunista apoiaram à presidência se mostrou “um tirano que sorri cuspiendo nas

³³⁷ Cf. JUDT, Tony. *Postwar: A History of Europe since 1945*. New York: Penguin Press, 2005. E COGGIOLA, Osvaldo. Por quem os sinos gregos dobram? *Blog da Boitempo*. Publicado em 11/08/2015. <https://blogdaboitempo.com.br/2015/08/11/por-quem-os-sinos-gregos-dobram/> Último acesso em: 17/06/2020.

³³⁸ **Os tormentos:** Uma greve mais, os salários não alcançam, as mulheres choram nas cozinhas, os mineiros juntam uma a uma suas mãos e suas dores. É a greve dos que sob o mar escavaram, estendidos na cova úmida, e extraíram com sangue e força o torrão negro das minas. Desta vez vieram soldados. Arrebutaram suas casas, à noite, e os conduziram para as minas como a um presídio e saquearam a pobre farinha que guardavam, o grão de arroz dos filhos. Depois, batendo nas paredes, os exilaram, os afogaram, os encurralaram, marcando-os como bestas, e pelos caminhos em um êxodo de dores, os capitães do carvão viram seus filhos expulsos, derrubadas suas mulheres, e centenas de mineiros trasladados, encarcerados na Patagônia, no frio antártico, ou nos desertos de Pisagua. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. P.178. Tradução nossa.

³³⁹ BARRÍA SERÓN, Jorge. *El movimiento obrero en Chile*. Pp.99-102.

³⁴⁰ **O traidor:** E por cima destas desventuras um tirano que sorria cuspiendo nas esperanças dos mineiros traídos. Cada povo com suas dores, cada luta com seus tormentos, mas vinde aqui dizer-me se entre os sanguinários, entre todos os desmandados déspotas, coroados de ódio, com cetros de látigos verdes, foi algum como o do Chile? Este traiu pisoteando suas promessas e seus sorrisos, este do asco fez o seu cetro,

esperanças dos mineiros”. Entre os governos autoritários e as dores das lutas dos povos, se perguntou um dos traídos sobre os déspotas: “foi algum como o do Chile?”. Esta frustração com as “promessas e sorrisos” na construção da *Alianza Democrática* foi de grandes dimensões para Neruda. Em vez de uma aliança, ficaram as “prisões cheias por seus decretos desleais”, estes decretos ilegítimos de cárcere destes “olhos negros” que “olham através da noite negra”. O poema se dirigindo a uma segunda pessoa lhe questiona sobre as possibilidades de contestação das políticas arbitrárias, se “não veio tua palavra para o irmão das minas profundas”, para “defender e clamar por teu povo?”. A acusação de traição de comunistas e socialistas em oposição aos radicais foi recíproca, em várias passagens de suas *Memorias* González Videla denunciou a suposta traição³⁴¹.

Em *Acuso*³⁴², Pablo Neruda sintetiza poeticamente o seu discurso de título *Eu Acuso*³⁴³ em sessão do senado do dia 6 de janeiro de 1948 onde o então senador denunciou crimes e acusou o presidente Gabriel González de outros. Além de uma síntese do longo discurso, também é notável a sua aproximação com o contexto geral da parte II de *La*

este bailou sobre as dores de seu pobre povo cuspidos. E quando nas prisões cheias por seus desleais decretos se acumularam olhos negros de agravados e ofendidos, ele dançava em Viña Del Mar, rodeado de joias e taças. Mas os olhos negros olham através da noite negra. *Que fizeste tu? Não veio tua palavra para o irmão das minas profundas, para a dor dos atraídoos, não veio a ti a sílaba de chamas para defender e clamar por teu povo?* NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.178-179. Tradução nossa.

³⁴¹ GONZÁLEZ VIDELA, Gabriel. *Memorias*. Santiago de Chile: Editora Nacional Gabriela Mistral, 1975. Pp.1270-1274. O livro de memórias de Gabriel González Videla publicado a mais de duas décadas após os acontecimentos de seu governo possui uma preocupação em denunciar a “traição comunista” e o antinacional apoio do “imperialismo soviético”. Expressando abertamente o confronto político-ideológico da Guerra Fria entre “mundo livre” Ocidental e o “totalitarismo comunista”, González Videla justificou os crimes de seu governo e negou as violações de direitos humanos, como o próprio campo de concentração de Pisagua. A supressão das oposições e as atitudes ditatoriais deste governo não seriam motivação de uma “traição comunista” se fosse apenas a cassação do partido e prisões de quem cometesse ilegalidades. O texto memorial além de demonstrar uma hipocrisia liberal-autocrática, também explicita uma enorme desonestidade atribuindo à competição e aos êxitos eleitorais do Partido Comunista um plano de conspiração, uma repetição muito em vários países da América Latina.

³⁴² **Acuso:** Acusei então o que havia estrangulado a esperança, chamei os rincões da América pus seu nome na cova das desonras. Então crimes me reprocharam, a matilha dos vendidos e alugados: os “secretários do governo”, os polícias, escreveram com piche seu espesso insulto contra mim, mas as paredes miravam quando os traidores escreviam com grandes letras meu nome, e a noite apagava, com suas mãos inumeráveis, mãos do povo e da noite, a ignomínia que em vão quiseram lançar em meu canto. Foram à noite então queimar minha casa (o fogo marca agora o nome de quem os enviara), e os juízes se uniram todos para condenar-me, buscando-me, para crucificar minhas palavras e castigar estas verdades. Fecharam as cordilheiras do Chile para que eu não partisse a contar o que aqui acontece, e quando o México abriu suas portas para receber-me e guardar-me, Torres Bodet, pobre poeta, ordenou que me entregassem aos carcereiros furiosos. Mas minha palavra está viva, e meu livre coração acusa. *Que acontecerá? Que acontecerá? Na noite de Pisagua, o cárcere, as cadeias, o silêncio, a pátria envilecida, e este mau ano, ano de ratazanas cegas, este mau ano de ira e de rancores, que acontecerá, perguntas, me perguntas?* NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.179-180. Tradução nossa.

³⁴³ Cf. NERUDA Pablo. *Para nascer nasci*. Pp.275-297. E AGUIRRE SILVA, Leonidas (Ed.). *Discursos parlamentarios de Pablo Neruda, 1945-1948*. Santiago de Chile: Editorial Antártica, 1997. Capítulo 61. Yo Acuso. Pp.235-257.

Arena Traicionada e a *Crônica de 1948 (América)*. Os crimes do estado chileno como a censura, a destruição de sedes de jornais e a difamação pública empreendidos pelos meios de comunicação e pela polícia se dirigiram a Neruda e a muitos outros militantes comunistas e alguns socialistas dissidentes frente a implementação da perseguição.

A caçada humana contra o poeta e senador comunista se iniciou com a decretação da sua prisão em fevereiro de 1948 pelos juízes que se uniram para condená-lo. O cerco policial fechou “as cordilheiras do Chile” para que não partisse e a controvérsia da denúncia do poeta mexicano Jaime Torres Bodet (1907 – 1974) contra Pablo Neruda enquanto foi da França ao México entre 1949 e 1950 tem seu lugar nestes versos³⁴⁴. O problema sobre o “que acontecerá?” deste ano de 1948 em diante é colocada na poesia. A “noite de Pisagua” onde 2 mil comunistas e outros trabalhadores sindicalizados foram presos³⁴⁵, o que acontecerá?

*O povo vitorioso*³⁴⁶ e as aspirações de Neruda de “coração nesta luta” são importantes para a emancipação do Chile, dos diferentes povos explorados e oprimidos, “todos os povos vencerão”! Entre a esperança e a mobilização popular, as organizações de massas aproximam “o tempo vitorioso”. O ódio como coragem contra as opressões tem como papel encher as ruas vazias. A politização e a consciência de classe constroem os horizontes de lutas e transformações conhecidas. A bandeira de libertação do jugo do capital tem como objetivo a reconstrução das bandeiras das nações da América.

O fechamento do primeiro volume do *Canto General* e do capítulo V com a denúncia contra *González Videla, el traidor de Chile (Epílogo 1949)*³⁴⁷ situou em

³⁴⁴CAMPOS, Marco Antonio. Neruda clandestino, de José Miguel Varas: <https://www.jornada.com.mx/2004/07/18/sem-marco.html> Último acesso em: 18/06/2020.

³⁴⁵ Cf. AGUIRRE SILVA, Leonidas. *Discursos parlamentarios de Pablo Neruda, 1945-1948*. E VARAS, José Miguel. *Neruda clandestino*. Santiago de Chile: Ediciones Alfaguara, 2003. Pp.93-96.

³⁴⁶ **O povo vitorioso:** Está meu coração nesta luta. Meu povo vencerá. Todos os povos vencerão, um por um. Estas dores se espremerão como lenços até esmagar tantas lágrimas vertida sem socavões do deserto, em túmulos, em escalões do martírio humano. Mas perto está o tempo vitorioso. Que sirva o ódio para que não trema mas mãos do castigo, que a hora chegue a seu horário no instante puro, e o povo encha as ruas vazias com suas frescas e firmes dimensões. Aqui está minha ternura para então. Vos a conheceis. Não tenho outra bandeira. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.180-181. Tradução nossa.

³⁴⁷ **González Videla, o traidor do Chile (Epílogo 1949):** Das antigas cordilheiras saíram os verdugos como ossos, como espinhas americanas no hirsuto lombo de uma genealogia de catástrofes: estabelecidos foram, enquistados na miséria de nossas populações. Cada dia o sangue manchou seus alamares. Desde as cordilheiras como bestas ossudas foram procriados por nossa argila negra. Aqueles foram os sáurios tigres, os dinastas glaciais recém saídos de nossas cavernas e de nossas derrotas. Assim desenterraram os maxilares de Gómez sob as carreteras manchadas por cinquenta anos de nosso sangue. A besta escurecia as terras com suas costelas quando depois das execuções se torcia o bigode junto ao Embaixador Norte-americano que lhe servia o chá. Os monstros envelheceram, mas não foram vis. Agora, no rincão que a luz reservou à pureza, na nevada pátria branca da Araucania, um traidor sorri sobre um trono podre. Em minha pátria

primeiro lugar as condições dos países da América em uma ‘genealogia de catástrofes’, desde os verdugos oligarcas e burgueses criadores dos Estados-nação desde a pampa desértica de Chihuahua até a Terra do Fogo ‘enquistados na miséria de nossas populações.’. Estas autoridades ‘dinastas glaciais’ sempre possuíram na narrativa uma emergência das cavernas, de buracos e não da terra, não são as mãos ou as ramas da árvore do povo.

São a dominação ocultada das nossas populações e também se mantém sobre ‘as nossas derrotas’. Das cavernas e do subsolo desenterraram os seus crimes como a morte de José Domingo Gómez Rojas (1896 – 1920), “desenterraram os maxilares de Gómez”, o poeta anarquista da casa modesta de Teatinos, Santiago que foi torturado, desaparecido por dias e morto pela oligarquia e pela polícia do governo conservador. ‘

Os monstros envelheceram’ e a repressão aos movimentos populares seguia não apenas os interesses de classe oligárquicos, mas também ‘depois das execuções torciam o bigode junto ao Embaixador Norte-americano que lhe servia o chá’. A “nevada pátria branca da Araucania” (branca onde o vazio da neve e da morte é visível), onde a vileza imperou apresentou a figura de Gabriel González Videla. Esta “ratazana que sacode sua pelagem cheia de esterco e sangue sobre” o Chile que vendeu, “ondula sua cola roedora dizendo ao *hacendado*, ao estrangeiro, dono do subsolo do Chile” para beber o sangue do povo. O poeta expõe de maneira emocional e violenta uma série de retrocessos políticos do governo de González Videla em relação a governos anteriores, principalmente em relação às políticas econômicas e reformas de autonomia e nacionalização do governo de Pedro Aguirre Cerda, do qual participou como cônsul.

preside a vileza. É González Videla a ratazana que sacode sua pelagem cheia de esterco e de sangue sobre a terra minha que vendeu. Cada dia saca de seus bolsos as moedas roubadas e pensa se amanhã venderá território e sangue. Tudo foi *traído*. Subiu como uma ratazana aos ombros do povo e desde ali, roendo a bandeira sagrada de meu país, ondula sua cola roedora dizendo ao *hacendado*, ao estrangeiro, dono do subsolo do Chile: ‘ Bebei todo o sangue deste povo, eu sou o mordomo dos suplícios.’ Triste clown, miserável mescla de macaco e ratazana, cujo rabo penteiam em Wall Street com pomada de ouro, não passarão os dias sem que caias da árvore e sejas o montão de imundície evidente que o transeunte evita pisar nas esquinas! Assim foi. A *traição* foi Governo do Chile. Um traidor deixou seu nome em nossa história, *Judas* elevando dentes de caveira vendeu meu irmão, deu veneno a minha pátria, fundou Pisagua, demoliu nossa estrela, esculpiu as cores de uma bandeira pura. *Gabriel González Videla*. Aqui deixo seu nome, para que quando o tempo houver apagado a ignominia, quando minha pátria limpe seu rosto iluminado pelo trigo e a neve, mais tarde, os que aqui busquem a herança que nestas linhas deixo como uma brasa verde achem também o nome do traidor que trouxera a copa de agonia que rechaçou meu povo. Meu povo, povo meu, levanta teu destino! Rompe o cárcere, abre os muros que te fecham! Esmaga o passoturvo da ratazana que manda desde o Palácio: sobe tuas lanças à aurora, e o mais alto deixa que tua estrela iracunda fulgure, iluminando os caminhos da América. NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Pp.181-182. Tradução nossa.

Este “triste clown” Gabriel González juntamente com os interesses dos Estados Unidos, onde ‘em Wall Street penteiam sua cola com pomada de ouro’ não terá cidadania entre nós ‘não passarão os dias sem que caias da árvore’, a árvore do povo da América. ‘A traição foi Governo do Chile’, não apenas em relação à perseguição aos comunistas, mas também aos trabalhadores e seus direitos conquistados, também ‘fundou’ o Campo de Prisioneiros de Pisagua onde promoveu a prisão, a tortura, o desaparecimento e a morte de centenas de pessoas entre trabalhadores urbanos e rurais, indígenas e militantes de esquerda. O presidente González fez uma inversão da tese nerudiana da traição em sua narrativa de memórias, em *Memorias* “a traição comunista” e as tentativas de desestabilização do governo pelo Partido Comunista e outras organizações de esquerda foram a sua tônica memorialística. As “coletividades de Governo” desprestigiadas pelos comunistas e ibañistas foram um motivo pelo qual este reprimiu seus antigos aliados.

O texto construído com um tom de inevitabilidade e obrigação (em verdade, um compromisso político explícito) exclamou um apoio ao projeto de ascensão uma classe média³⁴⁸, o que em certa medida não se verifica através do retrospecto do seu governo, mesmo tendo continuado as políticas de nacionalização e de desenvolvimentismo favoreceu a grande burguesia e iniciou a abertura ao capital estrangeiro, e não protagonizou o beneficiamento das camadas pequeno-burguesas e liberais. O clamor último nerudiano do poema é a quebra do autoritarismo, do Estado de exceção instaurado no Chile entre 1947 e 1952, não como uma ditadura militar, mas através da força da lei, do Estado como uma estrutura de classe, o direito como uma expressão do poder do Estado, romper o cárcere ilegítimo mas legitimado pelo poder. A “relação jurídica” construída através da forma jurídica como uma expressão da forma-mercadoria é uma base importante da identificação política do “espírito das leis”³⁴⁹. Desta dominação deve surgir a reação, ‘a estrela iracunda’ a fulgurar ‘iluminando os caminhos da América’.

³⁴⁸ GONZÁLEZ VIDELA, Gabriel. *Memorias*. Pp.975-979.

³⁴⁹ ‘Direito e Estado’. In: PACHUKANIS, Evgene. *Teoria geral do direito e marxismo*. Pp.90-103.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso da história da América no *Canto General* desde o início da colonização até o ano de 1949 (o poeta não conhecia a história pré-colonial do continente por questões técnicas e teóricas) foi construído em profunda inter-relação com as dinâmicas e conjunturas mundiais anteriores à vida política de Pablo Neruda e durante a sua formação. Processos importantes como a formação oligárquico-dependente do capitalismo na América Latina e Caribe, passando pela *Revolução de Outubro* de 1917, as lutas de classe no continente americano entre os anos 1920 e 1930 marcaram a nível internacional o seu contexto histórico. Na trajetória nerudiana, a Guerra Civil Espanhola o educou para a militância comunista e revolucionária. O seu espírito internacionalista impulsionou uma virada em sua poesia, visão de mundo esta produtora do *Canto*.

Este processo não ocorreu sem tensões e construções intelectuais anteriores e contemporâneas nas referências de Neruda, de tal maneira não resumimos a sua poesia um “realismo socialista”, mas uma síntese de múltiplas determinações mediada pelos seus compromissos e visão política de mundo. A América entre as lutas de emancipação e as reações contrarrevolucionárias foi a principal preocupação de Pablo Neruda, a sua militância e a luta pelo bem-estar dos povos oprimidos se expressa em seus versos, antes do poder, a sua poesia se preocupou com a *poiésis* humana, com a formação dos “proletários e povos oprimidos” americanos. A sua autocrítica após o *Canto* e as suas posições nunca foram de abandono à perspectiva revolucionária, reconstruída pelo horizonte da Revolução Cubana a partir de 1959 até o fim da sua vida quando declarou o *Nixonicídio e o Louvor da Revolução Chilena*. Este movimento de emancipação foi interrompido por uma ditadura de 17 anos, no entanto está em aberto. Como não houve o fim da história, as possibilidades para a ruptura com reprodução sócio-metabólica do capital ainda são possíveis.

PELA REVOLUÇÃO, PELA EMANCIPAÇÃO DOS POVOS E PELA
TRANSFORMAÇÃO SUBVERSIVA DO MUNDO, AQUI TERMINO!

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

a) *Fontes Primárias*

NERUDA, Pablo. *Canto General I*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1955.

_____. *Canto General II*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1975.

b) *Bibliografia*

ALTAMIRANO, Carlos. *Para un programa de historia intelectual y otros ensayos*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2005.

AGUIRRE, Margarita. *Las vidas de Pablo Neruda*. Santiago de Chile: Zig-Zag, 1967.

ARFUCH, Leonor. Autobiografía, Memoria e Historia. *Clepsidra*. Revista Interdisciplinaria de Estudios sobre Memoria, ISSN 2362-2075. Nº 1, marzo 2014. Pp. 68-81.

_____. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2010.

BENGOA, José. *Historia del pueblo Mapuche (siglos XIX y XX)*. Santiago de Chile: Ediciones Sur, 1996.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I*. Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____. *Obras escolhidas III*. Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. Pp. 9-19. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

BENJAMIN, W. *Obras escolhidas I*. Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CANDAU, Jöel. *Memória e Identidade*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

CARDOSO, Ciro F. & VAINFAS, Ronaldo. (org.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

COLBY, Jason M. *The Business of the Empire: United Fruit, Race and the U.S. Expansion in Central America*. New York: Cornell University Press, 2011.

COSÍO VILLEGAS, Daniel. Et.al. *Historia mínima de México*. México D.F. - Colegio de México, 1974.

CUEVA, Agustín. *O desenvolvimento do capitalismo na América Latina*. São Paulo: Editora Global, 1983.

CUEVA, Agustín. *Entre la ira y la esperanza: y otros ensayos de crítica latinoamericana*. Antología y presentación: Alejandro Moreano. México D.F.: Siglo XXI. Buenos Aires: CLACSO, 2015.

DE COSTA, René. *The poetry of Pablo Neruda*. Massachusetts: Harvard University Press, 1979.

DE LELLIS, Mario J. *Pablo Neruda*. Buenos Aires: Editorial Mandrágora, 1957.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *A ideologia da estética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

_____. *Marxismo e crítica literária*. Porto: Edições Afrontamento, 1978.

FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. *El pensamiento anticolonial de Nuestra América*. Buenos Aires: CLACSO, 2016.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado; RAMOS, Francisco Régis Lopes (Org.). *Futuro do pretérito: escrita da história e história do museu*. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2010.

GUNDER FRANK, André. *Capitalismo y subdesarrollo en América Latina*. Buenos Aires: Editorial Signos, 1970.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. São Paulo: 4.^a ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Civilização Brasileira, 1982.

HALPERÍN DONGHI, Tulio. *Historia contemporánea de América Latina*. Madrid: Alianza Editorial, 1985.

JAMES, C. L. R. *The Black Jacobins: Toussaint L'Ouverture and the San Domingo Revolution*. New York: Vintage Books Edition, 1989.

LEVI, Giovanni. *Los usos de la biografía*. Tomado de *Annales ESC*. n.6, nov. 1989, p.1325-1336. Traducción de Araceli Rodríguez Tomp.

LOSURDO, Domenico. *O marxismo ocidental: como nasceu, como morreu, como pode renascer*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.

_____. *Fuga da história? A Revolução Russa e a Revolução Chinesa vistas hoje*. Rio de Janeiro: Revan, 2004.

LÖWY, Michael. *The war of gods: Religion and politics in Latin America*. New York: Verso, 1996.

- LÖWY, Michael. & BESANCENOT, Olivier. *Afinidades revolucionárias: nossas estrelas vermelhas e negras. Por uma solidariedade entre marxistas e libertários*. São Paulo: Editora Unesp, 1ª ed. 2016.
- MARCUSE, Herbert. *La dimensión estética: Crítica de la ortodoxia marxista*. Madrid: Biblioteca Nueva Editorial, 2007 [1978].
- MARIÁTEGUI, José Carlos. *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 3ªed. 2007.
- MUÑOZ GONZÁLEZ, Luiz. *Diccionario de movimientos y grupos literarios chilenos*. Concepción: Ediciones Universidad de Concepción, 1993.
- NERUDA, Pablo. *Confesso que vivi*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- _____. *Para nascer nasci*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- PALACIOS SOLANO, Isaac Fernando. *América Latina: El estigma del Petróleo: México, Ecuador y Venezuela*. México D.F: Ediciones El Caballito/UNAM, 1996.
- PÉREZ RODRÍGUEZ, Gustavo. *Xavier Mina, el insurgente español. Guerrillero por la libertad de España y México*. México D.F: UNAM, 2018.
- PETERSEN, Sílvia R. F. & LOVATO, Bárbara H. *Introdução ao estudo da história: temas e textos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2013.
- RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2008.
- RAMOS, Jorge Abelardo. *Historia de la nación latinoamericana*. República Argentina: Edición digital Biblioteca Federal. Secretaría de Cultura de la Nación. 2010.
- REMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- RÜSEN, Jörn. *Reconstrução do passado: Teoria da História II*. Brasília: Editora UnB, 2007.
- _____. *História Viva. Teoria da História III*. Brasília: Editora, UnB, 2007.
- _____. Narratividade e objetividade nas ciências históricas. *Textos de história* nº.1, vol.4. PPGH – UnB, 1996.
- SAID, Edward W. *Humanismo e crítica democrática*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SÁNCHEZ VAZQUEZ, Adolfo. *Las Ideas Estéticas De Marx*. México D.F. - Ediciones Era, 8.ª ed. 1979.

_____ . *Filosofía de la praxis*. México D.F: Editorial Grijalbo, 1980.

SKINNER, Quentin. *Visões da política: sobre os métodos históricos*. Algés: Difel, 2005.

SILVA CASTRO, Raúl. *Pablo Neruda*. Santiago: Editorial Universitaria, 1964.

TEITELBOIM, Volodia. *Neruda*. Santiago de Chile: Editorial Sudamericana, 1996.

VALLEJO, César. *Obra poética completa*. Lima: Francisco Moncloa Editores, 1968.

VITALE, Luis. *Recuperando la memoria histórica: La larga marcha por la unidad y la identidad latinoamericana. De Bolívar al Che Guevara*. Buenos Aires: Ediciones Nuestra América, 2002

WASSERMAN, Claudia (coord.). *História da América Latina: cinco séculos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

ANEXOS

ANEXO 1 – Poemas originales em espanhol do *Canto General*, capítulo IV. *Los libertadores*

IV

Los libertadores

*Aquí viene el árbol, el árbol
de la tormenta, el árbol del pueblo.
De la tierra suben sus héroes
como las hojas por la savia,
y el viento estrella los follajes 5
de muchedumbre rumorosa,
hasta que cae la semilla
del pan otra vez a la tierra.*

*Aquí viene el árbol, el árbol
nutrido por muertos desnudos, 10
muertos azotados y heridos,
muertos de rostros imposibles,
empalados sobre una lanza,
desmenuzados en la hoguera,
decapitados por el hacha, 15
descuartizados a caballo,
crucificados en la iglesia.*

*Aquí viene el árbol, el árbol
cuyas raíces están vivas,
sacó salitre del martirio, 20
sus raíces comieron sangre,
y extrajo lágrimas del suelo:
las elevó por sus ramajes,
las repartió en su arquitectura.
Fueron flores invisibles, 25
a veces, flores enterradas,
otras veces iluminaron
sus pétalos, como planetas.*

*Y el hombre recogió en las ramas
las corolas endurecidas, 30
las entregó de mano en mano
como magnolias o granadas
y de pronto, abrieron la tierra,
crecieron hasta las estrellas.*

*Éste es el árbol de los libres. 35
El árbol tierra, el árbol nube.
El árbol pan, el árbol flecha,
el árbol puño, el árbol fuego.
Lo ahoga el agua tormentosa
de nuestra época nocturna, 40
pero su mástil balancea
el ruedo de su poderío.*

*Otras veces, de nuevo caen
las ramas rotas por la cólera,
y una ceniza amenazante 45*

*cubre su antigua majestad:
 así pasó desde otros tiempos,
 así salió de la agonía,
 hasta que una mano secreta,
 unos brazos innumerables, 50
 el pueblo, guardó los fragmentos,
 escondió troncos invariables,
 y sus labios eran las hojas
 del inmenso árbol repartido,
 diseminado en todas partes, 55
 caminando con sus raíces.
 Este es el árbol, el árbol
 del pueblo, de todos los pueblos
 de la libertad, de la lucha.
 Asómate a su cabellera: 60
 toca sus rayos renovados:
 hunde la mano en las usinas
 donde su fruto palpitante
 propaga su luz cada día.
 Levanta esta tierra en tus manos, 65
 participa de este esplendor,
 toma tu pan y tu manzana,
 tu corazón y tu caballo
 y monta guardia en la frontera,
 en el límite de sus hojas. 70
 Defiende el fin de sus corolas,
 comparte las noches hostiles,
 vigila el ciclo de la aurora,
 respira la altura estrellada,
 sosteniendo el árbol, el árbol 75
 que crece en medio de la tierra.*

Cuauhtémoc (1520)

Joven hermano hace ya tiempo y tiempo
 nunca dormido, nunca consolado,
 joven estremecido en las tinieblas
 metálicas de México, en tu mano
 recibo el don de tu patria desnuda. 5
 En ella nace y crece tu sonrisa
 como una línea entre la luz y el oro.
 Son tus labios unidos por la muerte
 el más puro silencio sepultado.
 El manantial hundido 10
 bajo todas las bocas de la tierra.
 Oíste, oíste, acaso,
 hacia Anáhuac lejano,
 un rumbo de agua, un viento
 de primavera destrozada? 15
 Era tal vez la palabra del cedro.
 Era una ola blanca de Acapulco.
 Pero en la noche huía
 tu corazón como un venado
 hacia los límites, confuso, 20
 entre los monumentos sanguinarios,
 bajo la luna zozobrante.
 Toda la sombra preparaba sombra.
 Era la tierra una oscura cocina,
 piedra y caldera, vapor negro, 25
 muro sin nombre, pesadumbre
 que te llamaba desde los nocturnos

metales de tu patria.
 Pero no hay sombra en tu estandarte.
 Ha llegado la hora señalada, 30
 y en medio de tu pueblo
 eres pan y raíz, lanza y estrella.
 El invasor ha detenido el paso.
 No es Moctezuma extinto
 como una copa muerta, 35
 es el relámpago y su armadura,
 la pluma de Quetzal, la flor del pueblo,
 la cimera encendida entre las naves.
 Pero una mano dura como siglos de piedra
 apretó tu garganta. No cerraron 40
 tu sonrisa, no hicieron
 caer los granos del secreto
 maíz, y te arrastraron,
 vencedor cautivo,
 por las distancias de tu reino, 45
 entre cascadas y cadenas,
 sobre arenales y aguijones
 como una columna incesante,
 como un testigo doloroso,
 hasta que una soga enredó 50
 la columna de la pureza
 y colgó el cuerpo suspendido
 sobre la tierra desdichada.

II

Fray Bartolomé de las Casas

Piensa uno, al llegar a su casa, de noche, fatigado,
 entre la niebla fría de mayo, a la salida
 del sindicato (en la desmenuzada
 lucha de cada día, la estación
 lluviosa que gotea del alero, el sordo 5
 latido del constante sufrimiento)
 esta resurrección enmascarada,
 astuta, envilecida,
 del encadenador, de la cadena,
 y cuando sube la congoja 10
 hasta la cerradura a entrar contigo,
 surge una luz antigua, suave y dura
 como un metal, como un astro enterrado.
 Padre Bartolomé, gracias por este
 regalo de la cruda medianoche, 15

gracias porque tu hilo fue invencible:
 pudo morir aplastado, comido
 por el perro de fauces iracundas,
 pudo quedar en la ceniza
 de la casa incendiada, 20
 pudo cortarlo el filo frío
 del asesino innumerable
 o el odio administrado con sonrisas
 (la traición del próximo cruzado),
 la mentira arrojada en la ventana. 25
 Pudo morir el hilo cristalino,
 la irreductible transparencia
 convertida en acción, en combatiente
 y despeñado acero de cascada.
 Pocas vidas da el hombre como la tuya, pocas 30
 sombras hay en el árbol como tu sombra, en ella

todas las ascuas vivas del continente acuden,
 todas las arrasadas condiciones, la herida
 del mutilado, las aldeas
 exterminadas, todo bajo tu sombra 35
 renace, desde el límite
 de la agonía fundas la esperanza.
 Padre, fue afortunado para el hombre y su especie
 que tú llegaras a la plantación,
 que mordieras los negros cereales 40
 del crimen, que bebieras
 cada día la copa de la cólera.
 Quién te puso, mortal desnudo,
 entre los dientes de la furia?
 Cómo asomaron otros ojos, 45
 de otro metal, cuando nacías?
 Cómo se cruzan los fermentos
 en la escondida harina humana
 para que tu grano inmutable
 se amasara en el pan del mundo? 50
 Eras realidad entre fantasmas
 encarnizados, eras
 la eternidad de la ternura
 sobre la ráfaga del castigo.
 De combate en combate tu esperanza 55
 se convirtió en precisas herramientas:
 la solitaria lucha se hizo rama,
 el llanto inútil se agrupó en partido.
 No sirvió la piedad. Cuando mostrabas
 tus columnas, tu nave amparadora, 60
 tu mano para bendecir, tu manto,
 el enemigo pisoteó las lágrimas
 y quebrantó el color de la azucena.
 No sirvió la piedra alta y vacía
 como una catedral abandonada. 65
 Fue tu invencible decisión, la activa
 resistencia, el corazón armado.
 Fue la razón tu material titánico.
 Fue flor organizada tu estructura.
 Desde arriba quisieron contemplarte 70
 (desde su altura) los conquistadores,
 apoyándose como sombras de piedra
 sobre sus espadones, abrumando
 con sus sarcásticos escupos
 las tierras de tu iniciativa, 75
 diciendo: «Ahí va el agitador»,
 mintiendo: «Lo pagaron
 los extranjeros»,
 «No tiene patria», «Traiciona»,
 pero tu prédica no era 80
 frágil minuto, peregrina
 pauta, reloj del pasajero.
 Tu madera era bosque combatido,
 hierro en su cepa natural, oculto
 a toda luz por la tierra florida, 85
 y más aún, era más hondo:
 en la unidad del tiempo, en el transcurso
 de la vida, era tu mano adelantada
 estrella zodiacal, signo del pueblo.
 Hoy a esta casa, Padre, entra conmigo. 90
 Te mostraré las cartas, el tormento

de mi pueblo, del hombre perseguido.
 Te mostraré los antiguos dolores.
 Y para no caer, para afirmarme
 sobre la tierra, continuar luchando, 95
 deja en mi corazón el vino errante
 y el implacable pan de tu dulzura.

III

Avanzando en las tierras de Chile

España entró hasta el Sur del Mundo. Agobiados
 exploraron la nieve los altos españoles.
 El Bío-Bío, grave río,
 le dijo a España: «Detente»,
 el bosque de maitenes cuyos hilos 5
 verdes cuelgan como temblor de lluvia
 dijo a España: «No sigas». El alerce,
 titán de las fronteras silenciosas,
 dijo en un trueno su palabra.
 Pero hasta el fondo de la patria mía, 10
 puño y puñal, el invasor llegaba.
 Hacia el río Imperial, en cuya orilla
 mi corazón amaneció en el trébol,
 entraba el huracán en la mañana.
 El ancho cauce de las garzas iba 15
 desde las islas hacia el mar furioso,
 lleno como una copa interminable,
 entre las márgenes de cristal sombrío.
 En sus orillas erizaba el polen
 una alfombra de estambres turbulentos 20
 y desde el mar el aire conmovía
 todas las sílabas de la primavera.
 El avellano de la Araucanía
 enarbolaba hogueras y racimos
 hacia donde la lluvia resbalaba 25
 sobre la agrupación de la pureza.
 Todo estaba enredado de fragancias,
 empapado de luz verde y lluviosa
 y cada matorral de olor amargo
 era un ramo profundo del invierno 30
 o una extraviada formación marina
 aún llena de oceánico rocío.
 De los barrancos se elevaban
 torres de pájaros y plumas
 y un ventarrón de soledad sonora, 35
 mientras en la mojada intimidad,
 entre las cabelleras encrespadas
 del helecho gigante, era la topa-topa florecida
 un rosario de besos amarillos.

IV

Surgen hombres

Allí germinaban los toquis.
 De aquellas negras humedades,
 de aquella lluvia fermentada
 en la copa de los volcanes
 salieron los pechos augustos, 5
 las claras flechas vegetales,
 los dientes de piedra salvaje,
 los pies de estaca inapelable,
 la glacial unidad del agua.
 Arauco fue un útero frío, 10
 hecho de heridas, machacado

por el ultraje, concebido
entre las ásperas espinas,
arañado en los ventisqueros,
protegido por las serpientes. 15
Así la tierra extrajo al hombre.
Creció como una fortaleza.
Nació de la sangre agredida.
Amontonó su cabellera
como un pequeño puma rojo 20
y los ojos de piedra dura
brillaban desde la materia
como fulgores implacables
salidos de la cacería.

V

Toqui Caupolicán

En la cepa secreta del raulí
creció Caupolicán, torso y tormenta
y cuando hacia las armas invasoras
su pueblo dirigió,
anduvo el árbol, 5
anduvo el árbol duro de la patria.
Los invasores vieron el follaje
moverse en medio de la bruma verde,
las gruesas ramas y la vestidura
de innumerables hojas y amenazas, 10 [81]
el tronco terrenal hacerse pueblo,
las raíces salir del territorio.
Supieron que la hora había acudido
al reloj de la vida y de la muerte.
Otros árboles con él vinieron. 15
Toda la raza de ramajes rojos,
todas las trenzas del dolor silvestre,
todo el nudo del odio en la madera.
Caupolicán, su máscara de lianas
levanta frente al invasor perdido: 20
no es la pintada pluma emperadora,
no es el trono de plantas olorosas,
no es el resplandeciente collar del sacerdote,
no es el guante ni el príncipe dorado:
es un rostro del bosque, 25
un mascarón de acacias arrasadas,
una figura rota por la lluvia,
una cabeza con enredaderas.
De Caupolicán el Toqui es la mirada
hundida, de universo montañoso, 30
los ojos implacables de la tierra,
y las mejillas del titán son muros
escalados por rayos y raíces.

VI

La guerra patria

La Araucanía estranguló el cantar
de la rosa en el cántaro, cortó
los hilos
en el telar de la novia de plata.
Bajó la ilustre Machi de su escala, 5
y en los dispersos ríos, en la arcilla,
bajo la copa hirsuta
de las araucarias guerreras,
fue naciendo el clamor de las campanas
enterradas. La madre de la guerra 10

saltó las piedras dulces del arroyo,
 recogió a la familia pescadora,
 y el novio labrador besó las piedras
 antes de que volaran a la herida. [82]
 Detrás del rostro forestal del Toqui 15
 Arauco amontonaba su defensa:
 eran ojos y lanzas, multitudes
 espesas de silencio y amenaza,
 cinturas imborrables, altaneras
 manos oscuras, puños congregados. 20
 Detrás del alto Toqui, la montaña,
 y en la montaña, innumerable Arauco.
 Arauco era el rumor del agua errante.
 Arauco era el silencio tenebroso.
 El mensajero en su mano cortada 25
 iba juntando las gotas de Arauco.
 Arauco fue la ola de la guerra.
 Arauco los incendios de la noche.
 Todo hervía detrás del Toqui agosto,
 y cuando él avanzó, fueron tinieblas, 30
 arenas, bosques, tierras,
 unánimes hogueras, huracanes,
 aparición fosfórica de pumas.

VII

El empalado
 Pero Caupolicán llegó al tormento.
 Ensartado en la lanza del suplicio,
 entró en la muerte lenta de los árboles.
 Arauco replegó su ataque verde,
 sintió en las sombras el escalofrío, 5
 clavó en la tierra la cabeza,
 se agazapó con sus dolores.
 El Toqui dormía en la muerte.
 Un ruido de hierro llegaba
 del campamento, una corona 10
 de carcajadas extranjeras,
 y hacia los bosques enlutados
 sólo la noche palpitaba.
 No era el dolor, la mordedura
 del volcán abierto en las vísceras, 15
 era sólo un sueño del bosque,
 el árbol que se desangraba.
 En las entrañas de mi patria
 entraba la punta asesina
 hiriendo las tierras sagradas. 20
 La sangre quemante caía
 de silencio en silencio, abajo,
 hacia donde está la semilla
 esperando la primavera.
 Más hondo caía esta sangre. 25
 Hacia las raíces caía.
 Hacia los muertos caía.
 Hacia los que iban a nacer.

VIII

Lautaro (1550)

La sangre toca un corredor de cuarzo.
 La piedra crece donde cae la gota.
 Así nace Lautaro de la tierra.

IX

Educación del cacique

Lautaro era una flecha delgada.
 Elástico y azul fue nuestro padre.
 Fue su primera edad sólo silencio.
 Su adolescencia fue dominio.
 Su juventud fue un viento dirigido. 5
 Se preparó como una larga lanza.
 Acostumbró los pies en las cascadas.
 Educó la cabeza en las espinas.
 Ejecutó las pruebas del guanaco.
 Vivió en las madrigueras de la nieve. 10
 Acechó la comida de las águilas. [84]
 Arañó los secretos del peñasco.
 Entretuvo los pétalos del fuego.
 Se amamantó de primavera fría.
 Se quemó en las gargantas infernales. 15
 Fue cazador entre las aves crueles.
 Se tiñeron sus manos de victorias.
 Leyó las agresiones de la noche.
 Sostuvo los derrumbes del azufre.
 Se hizo velocidad, luz repentina. 20
 Tomó las lentitudes del Otoño.
 Trabajó en las guaridas invisibles.
 Durmió en las sábanas del ventisquero.
 Igualó la conducta de las flechas.
 Bebió la sangre agreste en los caminos. 25
 Arrebató el tesoro de las olas.
 Se hizo amenaza como un dios sombrío.
 Comió en cada cocina de su pueblo.
 Aprendió el alfabeto del relámpago.
 Olfateó las cenizas esparcidas. 30
 Envolvió el corazón con pieles negras.
 Descifró el espiral hilo del humo.
 Se construyó de fibras taciturnas.
 Se aceitó como el alma de la oliva.
 Se hizo cristal de transparencia dura. 35
 Estudió para viento huracanado.
 Se combatió hasta apagar la sangre.
 Sólo entonces fue digno de su pueblo.

X

Lautaro entre los invasores

Entró en la casa de Valdivia.
 Lo acompañó como la luz.
 Durmió cubierto de puñales.
 Vio su propia sangre vertida,
 sus propios ojos aplastados, 5
 y dormido en las pesebreras
 acumuló su poderío.
 No se movían sus cabellos
 examinando los tormentos:
 miraba más allá del aire 10
 hacia su raza desgranada.
 Veló a los pies de Valdivia.
 Oyó su sueño carnicero
 crecer en la noche sombría
 como una columna implacable. 15
 Adivinó aquellos sueños.
 Pudo levantar la dorada
 barba del capitán dormido,
 cortar el sueño en la garganta,
 pero aprendió -velando sombras- 20

la ley nocturna del horario.
 Marchó de día acariciando
 los caballos de piel mojada
 que iban hundiéndose en su patria.
 Adivinó aquellos caballos. 25
 Marchó con los dioses cerrados.
 Adivinó las armaduras.
 Fue testigo de las batallas,
 mientras entraba paso a paso
 al fuego de la Araucanía. 30

XI

Lautaro contra el centauro (1554)

Atacó entonces Lautaro de ola en ola.
 Disciplinó las sombras araucanas:
 antes entró el cuchillo castellano
 en pleno pecho de la masa roja.
 Hoy estuvo sembrada la guerrilla 5
 bajo todas las alas forestales,
 de piedra en piedra y vado en vado,
 mirando desde los copihues,
 acechando bajo las rocas.
 Valdivia quiso regresar.
 Fue tarde. 10
 Llegó Lautaro en traje de relámpago.
 Siguió el Conquistador acongojado.
 Se abrió paso en las húmedas marañas
 del crepúsculo austral.
 Llegó Lautaro,
 en un galope negro de caballos. 15
 La fatiga y la muerte conducían
 la tropa de Valdivia en el follaje.
 Se acercaban las lanzas de Lautaro.
 Entre los muertos y las hojas iba
 como en un túnel Pedro de Valdivia. 20
 En las tinieblas llegaba Lautaro.
 Pensó en Extremadura pedregosa,
 en el dorado aceite, en la cocina,
 en el jazmín dejado en ultramar.
 Reconoció el aullido de Lautaro. 25
 Las ovejas, las duras alquerías,
 los muros blancos, la tarde extremeña.
 Sobrevino la noche de Lautaro.
 Sus capitanes tambaleaban ebrios
 de sangre, noche y lluvia hacia el regreso. 30
 Palpitaban las flechas de Lautaro.
 De tumbo en tumbo la capitanía
 iba retrocediendo desangrada.
 Ya se toca el pecho de Lautaro.
 Valdivia vio venir la luz, la aurora, 35
 tal vez la vida, el mar.
 Era Lautaro.

XII

El corazón de Pedro de Valdivia

Llevamos a Valdivia bajo el árbol.
 Era un azul de lluvia, la mañana con fríos
 filamentos de sol deshilachado.
 Toda la gloria, el trueno,
 turbulentos yacían 5
 en un montón de acero herido.
 El capelo elevaba su lenguaje

y un fulgor de luciérnaga mojada
 en toda su pomposa monarquía.
 Trajimos tela y cántaro, tejidos 10
 gruesos como las trenzas conyugales,
 alhajas como almendras de la luna,
 y los tambores que llenaron
 la Araucanía con su luz de cuero.
 Colmamos las vasijas de dulzura 15
 y bailamos golpeando los terrones
 hechos de nuestra propia estirpe oscura.
 Luego golpeamos el rostro enemigo.
 Luego cortamos el valiente cuello.
 Qué hermosa fue la sangre del verdugo 20
 que repartimos como una granada,
 mientras ardía viva todavía.
 Luego, en el pecho entramos una lanza
 y el corazón alado como un ave
 entregamos al árbol araucano. 25
 Subió un rumor de sangre hasta su copa.
 Entonces, de la tierra
 hecha de nuestros cuerpos, nació el canto
 de la guerra, del sol, de las cosechas,
 hacia la magnitud de los volcanes. 30
 Entonces repartimos el corazón sangrante.
 Yo hundí los dientes en aquella corola
 cumpliendo el rito de la tierra:
 «Dame tu frío, extranjero malvado.
 Dame tu valor de gran tigre. 35
 Dame en tu sangre tu cólera.
 Dame tu muerte para que me siga
 y lleve el espanto a los tuyos.
 Dame la guerra que trajiste.
 Dame tu caballo y tus ojos. 40
 Dame la tiniebla torcida.
 Dame la madre del maíz
 Dame la lengua del caballo.
 Dame la patria sin espinas.
 Dame la paz vencedora. 45
 Dame el aire donde respira
 el canelo, señor florido.»

XIII

La dilatada guerra

Luego tierra y océanos, ciudades,
 naves y libros, conocéis la historia
 que desde el territorio huraño
 como una piedra sacudida
 llenó de pétalos azules 5
 las profundidades del tiempo.
 Tres siglos estuvo luchando
 la raza guerrera del roble,
 trescientos años la centella
 de Arauco pobló de cenizas 10
 las cavidades imperiales.
 Tres siglos cayeron heridas
 las camisas del capitán,
 trescientos años despoblaron
 los arados y las colmenas, 15
 trescientos años azotaron
 cada nombre del invasor,
 tres siglos rompieron

la piel de las águilas agresoras,
 trescientos años enterraron 20
 como la boca del océano
 techos y huesos, armaduras,
 torres y títulos dorados.
 A las espuelas iracundas,
 de las guitarras adornadas 25
 llegó un galope de caballos
 y una tormenta de ceniza.
 Las naves volvieron al duro
 territorio, nacieron espigas,
 crecieron ojos españoles 30
 en el reinado de la lluvia,
 pero Arauco bajó las tejas,
 molió las piedras, abatió
 los paredones y las vides,
 las voluntades y los trajes. 35
 Ved cómo caen en la tierra
 los hijos ásperos del odio.
 Villagras, Mendozas, Reinosos,
 Reyes, Morales, Alderetes,
 rodaron hacia el fondo blanco 40
 de las Américas glaciales.
 Y en la noche del tiempo agosto
 cayó Imperial, cayó Santiago,
 cayó Villarrica en la nieve,
 rodó Valdivia sobre el río, 45
 hasta qué el reinado fluvial
 del Bío-Bío se detuvo
 sobre los siglos de la sangre
 y estableció la libertad
 en las arenas desangradas. 50

XIV

(Intermedio)

La colonia cobre nuestras tierras (1)

*Cuando la espada descansó y los hijos
 de España dura, como espectros,
 desde reinos y selvas, hacia el trono,
 montañas de papel con aullidos
 enviaron al monarca ensimismado: 5
 después que en la calleja de Toledo
 o del Guadalquivir en el recodo,
 toda la historia pasó de mano en mano,
 y por la boca de los puertos anduvo
 el ramal harapiento 10
 de los conquistadores espectrales,
 y los últimos muertos fueron puestos
 dentro del ataúd, con procesiones,
 en las iglesias construidas a sangre,
 llegó la ley al mundo de los ríos 15
 y vino el mercader con su bolsita.
 Se oscureció la extensión matutina,
 trajes y telarañas propagaron
 la oscuridad, la tentación, el fuego
 del diablo en las habitaciones. 20
 Una vela alumbró la vasta América
 llena de ventisqueros y panales,
 y por siglos al hombre habló en voz baja,
 tosió trotando por las callejuelas,
 se persignó persiguiendo centavos. 25*

*Llegó el criollo a las calles del mundo,
 esmirriado, lavando las acequias,
 suspirando de amor entre las cruces,
 buscando el escondido
 sendero de la vida 30
 bajo la mesa de la sacristía.
 La ciudad ere la esperma del cerote
 fermentó, bajo los paños negros,
 y de las raspaduras de la cera
 elaboró manzanas infernales. 35
 América, la copa de caoba,
 entonces fue un crepúsculo de llagas,
 un lazareto anegado de sombras
 y en la antigua extensión de la frescura
 creció la reverencia del gusano. 40
 El oro levantó sobre las pústulas
 macizas flores, hiedras silenciosas,
 edificios de sombra sumergida.
 Una mujer recolectaba pus,
 y el vaso de substancia 45
 bebió en honor del cielo cada día,
 mientras el hambre bailaba en las minas
 de México dorado,
 y el corazón andino del Perú
 lloraba dulcemente 50
 de frío bajo los harapos.
 En las sombras del día tenebroso
 el mercader hizo su reino
 apenas alumbrado por la hoguera
 en que el hereje, retorcido, 55
 hecho pavesas, recibía
 su cucharadita de Cristo.
 Al día siguiente las señoras,
 arreglando las crinolinas,
 recordaban el cuerpo enloquecido. 60
 golpeado y devorado por el fuego,
 mientras el alguacil examinaba
 la minúscula mancha del quemado,
 grasa, ceniza, sangre,
 que lamían los perros. 65*

XV

Las haciendas (2)

*La tierra andaba entre los mayorazgos
 de doblón en doblón, desconocida,
 pasta de apariciones y conventos,
 hasta que toda la azul geografía
 se dividió en haciendas y encomiendas. 5
 Por el espacio muerto iba la llaga
 del mestizo y el látigo
 del chapetón y del negrero.
 El criollo era un espectro desangrado
 que recogía las migajas, 10
 hasta que con ellas reunidas
 adquiriría un pequeño título
 pintado con letras doradas.
 Y en el carnaval tenebroso
 salía vestido de conde, 15
 orgulloso entre otros mendigos,
 con un bastoncito de plata.*

XVI

Los nuevos propietarios (3)

*Así se estancó el tiempo en la cisterna.
 El hombre dominado en las vacías
 encrucijadas, piedra del castillo,
 tinta del tribunal, pobló de bocas
 la cerrada ciudad americana. 5
 Cuando ya todo fue paz y concordia,
 hospital y virrey, cuando Avellano,
 Rojas, Tapia, Castillo, Núñez, Pérez,
 Rosales, López, Jorquera, Bermúdez,
 los últimos soldados de Castilla, 10
 envejecieron detrás de la Audiencia,
 cayeron muertos bajo el mamotreto,
 se fueron con sus piojos a la tumba
 donde hilaron el sueño
 de las bodegas imperiales, cuando 15
 era la rata el único peligro
 de las tierras encarnizadas,
 se asomó el vizcaíno con un saco,
 el Errázuriz con sus alpargatas,
 el Fernández Larraín a vender velas, 20
 el Aldunate de la bayeta,
 el Eyzaguirre, rey del calcetín.
 Entraron todos como pueblo hambriento,
 huyendo de los golpes, del gendarme.
 Pronto, de camiseta en camiseta, 25
 expulsaron al conquistador
 y establecieron la conquista
 del almacén de ultramarinos.
 Entonces adquirieron orgullo
 comprado en el mercado negro. 30
 Se adjudicaron
 haciendas, látigos, esclavos,
 catecismos, comisarías,
 cepos, conventillos, burdeles,
 y a todo esto denominaron 35
 santa cultura occidental.*

XVII**Comuneros del Socorro (1781)**

Fue Manuela Beltrán (cuando rompió los bandos
 del opresor, y gritó «Mueran los déspotas»)

la que los nuevos cereales
 desparramó por nuestra tierra.

Fue en Nueva Granada, en la villa 5
 del Socorro. Los comuneros
 sacudieron el virreinato
 en un eclipse precursor.

Se unieron contra los estancos,
 contra el manchado privilegio, 10
 y levantaron la cartilla
 de las peticiones forales.

Se unieron con armas y piedras,
 milicia y mujeres, el pueblo,
 orden y furia, encaminados 15
 hacia Bogotá y su linaje.

Entonces bajó el Arzobispo.
 «Tendréis todos vuestros derechos,
 en nombre de Dios lo prometo.»

El pueblo se juntó en la plaza. 20
 Y el Arzobispo celebró

una misa y un juramento.
 Él era la paz justiciera.
 «Guardad las armas. Cada uno
 a vuestra casa», sentenció. 25
 Los comuneros entregaron
 las armas. En Bogotá
 festejaron al Arzobispo,
 celebraron su traición,
 su perjurio, en la misa pérfida, 30
 y negaron pan y derecho.
 Fusilaron a los caudillos,
 repartieron entre los pueblos
 sus cabezas recién cortadas,
 con bendiciones del Prelado 35
 y bailes en el Virreinato.
 Primeras, pesadas semillas
 arrojadas a las regiones,
 permanecéis, ciegas estatuas,
 incubando en la noche hostil 40
 la insurrección de las espigas.

XVIII

Tupac Amaru (1781)

Condorcanqui Tupac Amaru,
 sabio señor, padre justo,
 viste subir a Tungasuca
 la primavera desolada
 de los escalones andinos, 5
 y con ella sal y desdicha,
 iniquidades y tormentos.
 Señor Inca, padre cacique,
 todo en tus ojos se guardaba
 como en un cofre calcinado 10
 por el amor y la tristeza.
 El indio te mostró la espalda
 en que las nuevas mordeduras
 brillaban en las cicatrices
 de otros castigos apagados, 15
 y era una espalda y otra espalda,
 toda la altura sacudida
 por las cascadas del sollozo.
 Era un sollozo y otro sollozo.
 Hasta que armaste la jornada 20
 de los pueblos color de tierra,
 recogiste el llanto en tu copa
 y endureciste los senderos.
 Llegó el padre de las montañas,
 la pólvora levantó caminos, 25
 y hacia los pueblos humillados
 llegó el padre de la batalla.
 Tiraron la manta en el polvo,
 se unieron los viejos cuchillos,
 y la caracola marina 30
 llamó los vínculos dispersos.
 Contra la piedra sanguinaria,
 contra la inercia desdichada,
 contra el metal de las cadenas.
 Pero dividieron tu pueblo 35
 y al hermano contra el hermano
 enviaron, hasta que cayeron
 las piedras de tu fortaleza.

Ataron tus miembros cansados
 a cuatro caballos rabiosos 40
 y descuartizaron la luz
 del amanecer implacable.
 Tupac Amaru, sol vencido,
 desde tu gloria desgarrada
 sube como el sol en el mar 45
 una luz desaparecida.

Los hondos pueblos de la arcilla,
 los telares sacrificados,
 las húmedas casas de arena
 dicen en silencio: «Tupac», 50
 y Tupac se guarda en el surco,
 dicen en silencio: «Tupac»,
 y Tupac germina en la tierra.

XIX

América insurrecta (1800)

Nuestra tierra, ancha tierra, soledades,
 se pobló de rumores, brazos, bocas.
 Una callada sílaba iba ardiendo,
 congregando la rosa clandestina,
 hasta que las praderas trepidaron 5
 cubiertas de metales y galopes.
 Fue dura la verdad como un arado.
 Rompió la tierra, estableció el deseo,
 hundió sus propagandas germinales
 y nació en la secreta primavera. 10
 Fue callada su flor, fue rechazada
 su reunión de luz, fue combatida
 la levadura colectiva, el beso
 de las banderas escondidas,
 pero surgió rompiendo las paredes, 15
 apartando las cárceles del suelo.
 El pueblo oscuro fue su copa,
 recibió la substancia rechazada,
 la propagó en los límites marítimos,
 la machacó en morteros indomables. 20
 Y salió con las páginas golpeadas
 y con la primavera en el camino.
 Hora de ayer, hora de mediodía,
 hora de hoy otra vez, hora esperada
 entre el minuto muerto y el que nace. 25
 en la erizada edad de la mentira.
 Patria, naciste de los leñadores,
 de hijos sin bautizar, de carpinteros,
 de los que dieron como un ave entraña
 una gota de sangre voladora, 30
 y hoy nacerás de nuevo duramente,
 desde donde el traidor y el carcelero
 te creen para siempre sumergida.
 Hoy nacerás del pueblo como entonces.
 Hoy saldrás del carbón y del rocío. 35
 Hoy llegarás a sacudir las puertas
 con manos maltratadas, con pedazos
 de alma sobreviviente, con racimos
 de miradas que no extinguió la muerte,
 con herramientas hurañas 40
 armadas bajo los harapos.

XX

Bernardo O'Higgins Riquelme

O'Higgins, para celebrarte
 a media luz hay que alumbrar la sala.
 A media luz del sur en Otoño
 con temblor infinito de álamos.
 Eres Chile, entre patriarca y huaso, 5
 eres un poncho de provincia, un niño
 que no sabe su nombre todavía,
 un niño férreo y tímido en la escuela,
 un jovencito triste de provincia.
 En Santiago te sientes mal, te miran 10
 el traje negro que te queda largo,
 y al cruzarte la banda, la bandera
 de la patria que nos hiciste,
 tenía olor de yuyo matutino,
 para tu pecho de estatua campestre. 15
 Joven, tu profesor Invierno
 te acostumbró a la lluvia
 y en la Universidad de las calles de Londres
 la niebla y la pobreza te otorgaron sus títulos
 y un elegante pobre, errante incendio 20
 de nuestra libertad,
 te dio consejos de águila prudente
 y te embarcó en la Historia.
 «Cómo se llama Ud.», reían
 los «caballeros» de Santiago: 25
 hijo de amor, de una noche de invierno,
 tu condición de abandonado
 te construyó con argamasa agreste,
 con seriedad de casa o de madera
 trabajada en el Sur, definitiva. 30
 Todo lo cambia el tiempo, todo menos tu rostro.
 Eres, O'Higgins, reloj invariable
 con una sola hora en tu cándida esfera:
 la hora de Chile, el único minuto
 que permanece en el horario rojo 35
 de la dignidad combatiente.
 Así estarás igual entre los muebles
 de palisandro y las hijas de Santiago,
 que rodeado en Rancagua por la muerte y la pólvora.
 Eres el mismo sólido retrato 40
 de quien no tiene padre sino patria,
 de quien no tiene novia sino aquella
 tierra con azahares
 que le conquistará la artillería.
 Te veo en el Perú escribiendo cartas. 45
 No hay desterrado igual, mayor exilio.
 Es toda la provincia desterrada.
 Chile se iluminó como un salón
 cuando no estabas. En derroche,
 un rigodón de ricos substituye 50
 tu disciplina de soldado ascético,
 y la patria ganada por tu sangre
 sin ti fue gobernada como un baile
 que mira el pueblo hambriento desde fuera.
 Ya no podías entrar en la fiesta 55
 con sudor, sangre y polvo de Rancagua.
 Hubiera sido de mal tono
 para los caballeros capitales.
 Hubiera entrado contigo el camino,
 un olor de sudor y de caballos, 60

el olor de la patria en Primavera.
 No podías estar en este baile.
 Tu fiesta fue un castillo de explosiones.
 Tu baile desgreñado es la contienda.
 Tu fin de fiesta fue la sacudida 65
 de la derrota, el porvenir aciago
 hacia Mendoza, con la patria en brazos.
 Ahora mira en el mapa hacia abajo,
 hacia el delgado cinturón de Chile
 y coloca en la nieve soldaditos, 70
 jóvenes pensativos en la arena,
 zapadores que brillan y se apagan.
 Cierra los ojos, duerme, sueña un poco,
 tu único sueño, el único que vuelve
 hacia tu corazón: una bandera 75
 de tres colores en el Sur, cayendo
 la lluvia, el sol rural sobre tu tierra,
 los disparos del pueblo en rebeldía
 y dos o tres palabras tuyas cuando
 fueran estrictamente necesarias. 80
 Si sueñas, hoy tu sueño está cumplido.
 Suéñalo, por lo menos, en la tumba.
 No sepas nada más porque, como antes,
 después de las batallas victoriosas,
 bailan los señoritos en Palacio 85
 y el mismo rostro hambriento
 mira desde la sombra de las calles.
 Pero hemos heredado tu firmeza,
 tu inalterable corazón callado,
 tu indestructible posición paterna, 90
 y tú, entre la avalancha cegadora
 de húsares del pasado, entre los ágiles
 uniformes azules y dorados,
 estás hoy con nosotros, eres nuestro,
 padre del pueblo, inmutable soldado. 95

XXI

San Martín (1810)

Anduve, San Martín, tanto y de sitio en sitio,
 que descarté tu traje, tus espuelas, sabía
 que alguna vez, andando en los caminos
 hechos para volver, en los finales
 de cordillera, en la pureza 5
 de la intemperie que de ti heredamos,
 nos íbamos a ver de un día a otro.
 Cuesta diferenciar entre los nudos
 de ceibo, entre raíces,
 entre senderos señalar tu rostro, 10
 entre los pájaros distinguir tu mirada,
 encontrar en el aire tu existencia.
 Eres la tierra que nos diste, un ramo
 de cedrón que golpea con su aroma,
 que no sabemos dónde está, de dónde 15
 llega su olor de patria a las praderas.
 Te galopamos, San Martín, salimos
 amaneciendo a recorrer tu cuerpo,
 respiramos hectáreas de tu sombra,
 hacemos fuego sobre tu estatura. 20
 Eres extenso entre todos los héroes.
 Otros fueron de mesa en mesa,
 de encrucijada en torbellino,

tú fuiste construido de confines,
y empezamos a ver tu geografía, 25
tu planicie final, tu territorio.
Mientras mayor el tiempo disemina
como agua eterna los terrones
del rencor, los afilados
hallazgos de la hoguera, 30
más terreno comprendes, más semillas
de tu tranquilidad pueblan los cerros,
más extensión das a la primavera.
El hombre que construye es luego el humo
de lo que construyó, nadie renace 35
de su propio brasero consumido:
de su disminución hizo existencia,
cayó cuando no tuvo más que polvo.
Tú abarcaste en la muerte más espacio.
Tu muerte fue un silencio de granero. 40
Pasó la vida tuya, y otras vidas,
se abrieron puertas, se elevaron muros
y la espiga salió a ser derramada.
San Martín, otros capitanes
fulguran más que tú, llevan bordados 45
sus pámpanos de sal fosforescente,
otros hablan aún como cascadas,
pero no hay uno como tú, vestido
de tierra y soledad, de nieve y trébol.
Te encontramos al retornar del río, 50
te saludamos en la forma agraria
de la Tucumania florida,
y en los caminos, a caballo
te cruzamos corriendo y levantando
tu vestidura, padre polvoriento. 55
Hoy el sol y la luna, el viento grande
maduran tu linaje, tu sencilla
composición: tu verdad era
verdad de tierra, arenoso amasijo,
estable como el pan, lámina fresca 60
de greda y cereales, pampa pura.
Y así eres hasta hoy, luna y galope,
estación de soldados, intemperie,
por donde vamos otra vez guerreando,
caminando entre pueblos y llanuras, 65
estableciendo tu verdad terrestre,
esparciendo tu germen espacioso,
aventando las páginas del trigo.
Así sea, y que no nos acompañe
la paz hasta que entremos 70
después de los combates, a tu cuerpo
y duerma la medida que tuvimos
en tu extensión de paz germinadora.

XXII

Mina (1817)

Mina, de las vertientes montañosas
llegaste como un hilo de agua dura.
España clara, España transparente
te parió entre dolores, indomable,
y tienes la dureza luminosa
del agua torrencial de las montañas. 5
Largamente, en los siglos y las tierras,
sombra y fulgor en tu cuna lucharon,

uñas rampantes degollaban
 la claridad del pueblo,
 y los antiguos halconeros, 10
 en sus almenas eclesiásticas,
 acechaban el pan, negaban
 entrada al río de los pobres.
 Pero siempre en la torre despiadada,
 España, hiciste un hueco 15
 al diamante rebelde y a su stirpe
 de luz agonizante y renaciente.
 No en vano el estandarte de Castilla
 tiene el color del viento comunero,
 no en vano por tus cuencas de granito 20
 corre la luz azul de Garcilaso,
 no en vano en Córdoba, entre arañas
 sacerdotales, deja Góngora
 sus bandejas de pedrería
 aljofaradas por el hielo. 25
 España, entre tus garras
 de cruel antigüedad, tu pueblo puro
 sacudió las raíces del tormento,
 sufragó las acémilas feudales
 con invencible sangre derramada, 30
 y en ti la luz, como la sombra, es vieja,
 gastada en devorantes cicatrices.
 Junto a la paz del albañil cruzada
 por la respiración de las encinas,
 junto a los manantiales estrellados 35
 en que cintas y sílabas relucen,
 sobre tu edad, como un temblor sombrío,
 vive en su escalinata el gerifalte.
 Hambre y dolor fueron la sílice
 de tus arenas ancestrales 40
 y un tumulto sordo, enredado
 a las raíces de tus pueblos,
 dio a la libertad del mundo
 una eternidad de relámpagos,
 de cantos y de guerrilleros. 45
 Las hondonadas de Navarra
 guardaron el rayo reciente.
 Mina sacó del precipicio
 el collar de sus guerrilleros:
 de las aldeas invadidas, 50
 de las poblaciones nocturnas
 extrajo el fuego, alimentó
 la abrasadora resistencia,
 atravesó fuentes nevadas,
 atacó en rápidos recodos, 55
 surgió de los desfiladeros,
 brotó de las panaderías.
 Lo sepultaron en prisiones,
 y al alto viento de la sierra
 retornó, revuelto y sonoro, 60
 su manantial intransigente.
 A América lo lleva el viento
 de la libertad española,
 y de nuevo atraviesa bosques
 y fertiliza las praderas 65
 su corazón inagotable.
 En nuestra lucha, en nuestra tierra

se desangraron sus cristales,
 luchando por la libertad
 indivisible y desterrada. 70
 En México ataron el agua
 de las vertientes españolas.
 Y quedó inmóvil y callada
 su transparencia caudalosa.
 XXIII

Miranda muere en la niebla (1816)

Si entráis a Europa tarde con sombrero
 de copa en el jardín condecorado
 por más de un Otoño junto al mármol
 de la fuente mientras caen hojas
 de oro harapiento en el Imperio 5
 si la puerta recorta una figura
 sobre la noche de San Petersburgo
 tiemblan los cascabeles del trineo
 y alguien en la soledad blanca alguien
 el mismo paso la misma pregunta 10
 si tú sales por la florida puerta
 de Europa un caballero sombra traje
 inteligencia signo cordón de oro
 Libertad Igualdad mira su frente
 entre la artillería que truena 15
 si en las Islas la alfombra lo conoce
 la que recibe océanos Pase Ud Ya lo creo
 Cuántas embarcaciones Y la niebla
 siguiendo paso a paso su jornada
 si en las cavidades de logias librerías 20
 hay alguien guante espada con un mapa
 con la carpeta pululante llena
 de poblaciones de navíos de aire
 si en Trinidad hacia la costa el humo
 de un combate y de otro el mar de nuevo 25
 y otra vez la escalera de Bay Street la atmósfera
 que lo recibe impenetrable
 como un compacto interior de manzana
 y otra vez esta mano patricia este azulado
 guante guerrero en la antesala 30
 largos caminos guerras y jardines
 la derrota en sus labios otra sal
 otra sal otro vinagre ardiente
 si en Cádiz amarrado al muro
 por la gruesa cadena su pensamiento el frío 35
 horror de espada el tiempo el cautiverio
 si bajáis subterráneos entre ratas
 y la mampostería leprosa otro cerrojo
 en un cajón de ahorcado el viejo rostro
 en donde ha muerto ahogada una palabra 40
 una palabra nuestro nombre la tierra
 hacia donde querían ir sus pasos
 la libertad para su fuego errante
 lo bajan can cordeles a la mojada
 tierra enemiga nadie saluda hace frío 45
 hace frío de tumba en Europa
 XXIV

José Miguel Carrera (1810)

Episodio

Dijiste Libertad antes que nadie,
 cuando el susurro iba de piedra en piedra,
 escondido en los patios, humillado.
 Dijiste Libertad antes que nadie.
 Liberaste al hijo del esclavo. 5
 Iban como las sombras mercaderes
 vendiendo sangre de mares extraños.
 Liberaste al hijo del esclavo.
 Estableciste la primera imprenta.
 Llegó la letra al pueblo oscurecido, 10
 la noticia secreta abrió los labios.
 Estableciste la primera imprenta.
 Implantaste la escuela en el convento.
 Retrocedió la gorda telaraña
 y el rincón de los diezmos sofocantes. 15
 Implantaste la escuela en el convento.

Coro

Conózcase tu condición altiva,
 Señor centelleante y aguerrido.
 Conózcase lo que cayó brillando
 de tu velocidad sobre la patria. 20
 Vuelo bravío, corazón de púrpura.
 Conózcense tus llaves desbocadas
 abriendo los cerrojos de la noche.
 Jinete verde, rayo tempestuoso.
 Conózcase tu amor a manos llenas, 25
 tu lámpara de luz vertiginosa.
 Racimo de una cepa desbordante.
 Conózcase tu esplendor instantáneo,
 tu errante corazón, tu fuego diurno.
 Hierro iracundo, pétalo patricio. 30
 Conózcase tu rayo de amenaza
 destrozando las cúpulas cobardes.
 Torre de tempestad, ramo de acacia.
 Conózcase tu espada vigilante,
 tu fundación de fuerza y meteoro. 35
 Conózcase tu rápida grandeza.
 Conózcase tu indomable apostura.

Episodio

Va por los mares, entre idiomas,
 vestidos, aves extranjeras,
 trae naves libertadoras, 40
 escribe fuego, ordena nubes,
 desentraña sol y soldados,
 cruza la niebla en Baltimore
 gastándose de puerta en puerta,
 créditos y hombres lo desbordan, 45
 lo acompañan todas las olas.
 Junto al mar de Montevideo,
 en su habitación desterrada,
 abre una imprenta, imprime balas.
 Hacia Chile vive la flecha 50
 de su dirección insurgente,
 arde la furia cristalina
 que lo conduce, y endereza
 la cabalgata del rescate
 montado en las crines ciclónicas 55
 de su despeñada agonía.
 Sus hermanos aniquilados
 le gritan desde el paredón

de la venganza. Sangre suya
 tiñe como una llamarada 60
 en los adobes de Mendoza
 su trágico trono vacío.
 Sacude la paz planetaria
 de la pampa como un circuito
 de luciérnagas infernales. 65
 Azota las ciudadelas
 con el aullido de las tribus.
 Ensarta cabezas cautivas
 en el huracán de las lanzas.
 Su poncho desencadenado 70
 relampaguea en la humareda
 y en la muerte de los caballos.
 Joven Pueyrredón, no relates
 el desolado escalofrío
 de su final, no me atormentes 75
 con la noche del abandono,
 cuando lo llevan a Mendoza
 mostrando el marfil de su máscara
 la soledad de su agonía.

Coro

Patria, presévalo en tu manto, 80
 recoge este amor peregrino:
 no lo dejes rodar al fondo
 de su tenebrosa desdicha:
 sube a tu frente este fulgor,
 esta lámpara inolvidable, 85
 repliega esta rienda frenética,
 llama a este párpado estrellado,
 guarda el ovillo de esta sangre
 para tus telas orgullosas.
 Patria, recoge esta carrera, 90
 la luz, la gota mal herida,
 este cristal agonizante,
 esta volcánica sortija.
 Patria, galopa y defiéndelo,
 galopa, corre, corre, corre. 95

Éxodo

Lo llevan a los muros de Mendoza,
 al árbol cruel, a la vertiente
 de sangre inaugurada, al solitario
 tormento, al final frío de la estrella.
 Va por las carreteras inconclusas, 100
 zarza y tapiales desdentados,
 álamos que le arrojan oro muerto,
 rodeado por su orgullo inútil
 como por una túnica harapienta
 a la que el polvo de la muerte llega. 105
 Piensa en su desangrada dinastía,
 en la luna inicial sobre los robles
 desgarradores de la infancia,
 la escuela castellana y el escudo
 rojo y viril de la milicia hispana, 110
 su tribu asesinada, la dulzura
 del matrimonio, entre los azahares
 el destierro, las luchas por el mundo,
 O'Higgins el enigma abanderado,
 Javiera sin saber en los remotos 115
 jardines de Santiago.

Mendoza insulta su linaje negro,
golpea su vencida investidura,
y entre las piedras arrojadas sube
hacia la muerte.

Nunca un hombre tuvo 120
un final más exacto. De las ásperas
embestidas, entre viento y bestias,
hasta este callejón donde sangraron
todos los de su sangre.

Cada grada
del cadalso lo ajusta a su destino. 125
Ya nadie puede continuar la cólera.
La venganza, el amor cierran sus puertas.
Los caminos ataron al errante.
Y cuando le disparan, y a través
de su paño de príncipe del pueblo 130
asoma sangre, es sangre que conoce
la tierra infame, sangre que ha llegado
donde tenía que llegar, al suelo
de lagares sedientos que esperaban
las uvas derrotadas de su muerte. 135
Indagó hacia la nieve de la patria.
Todo era niebla en la erizada altura.
Vio los fusiles cuyo hierro
hizo nacer su amor desmoronado,
se sintió sin raíces, pasajero 140
del humo, en la batalla solitaria,
y cayó envuelto en polvo y sangre
como en dos brazos de bandera.

Coro

Húsar infortunado, alhaja ardiente,
zarza encendida en la patria nevada. 145
Llorad por él, llorad hasta que mojen,
mujeres, vuestras lágrimas la tierra,
la tierra que él amó, su idolatría.
Llorad, guerreros ásperos de Chile,
acostumbrados a montaña y ola, 150
este vacío es como un ventisquero,
esta muerte es el mar que nos golpea.
No preguntéis por qué, nadie diría
la verdad destrozada por la pólvora.
No preguntéis quien fue, nadie arrebató 155
el crecimiento de la primavera,
nadie mató la rosa del hermano.
Guardemos cólera, dolor y lágrimas,
llenemos el vacío desolado
y que la hoguera en la noche recuerde 160
la luz de las estrellas fallecidas.
Hermana, guarda tu rencor sagrado.
La victoria del pueblo necesita
la voz de tu ternura triturada.
Extended mantos en su ausencia 165
para que pueda -frío y enterrado con
su silencio sostener la patria.
Más de una vida fue su vida.
Buscó su integridad como una llama.
La muerte fue con él hasta dejarlo 170
para siempre completo y consumido.

Antístrofa

Guarde el laurel doloroso su extrema substancia de invierno.

A su corona de espinas llevemos arena radiante,
 hilos de stirpe araucana resguarden la luna mortuoria,
 hojas de boldo fragante resuelvan la paz de su tumba, 175
 nieve nutrida en las aguas inmensas y oscuras de Chile,
 plantas que amó, toronjiles en tazas de greda silvestre,
 ásperas plantas amadas por el amarillo centauro,
 negros racimos colmados de eléctrico otoño en la tierra,
 ojos sombríos que ardieron bajo sus besos terrestres. 180
 levante la patria sus aves, sus alas injustas, sus párpados rojos,
 vuele hacia el húsar herido la voz del queltehue en el agua,
 sangre la loica su mancha de aroma escarlata rindiendo tributo
 a aquél cuyo vuelo extendiera la noche nupcial de la patria
 y el cóndor colgado en la altura inmutable corone con plumas
 sangrientas
 el pecho dormido, la hoguera que yace en las gradas de la
 cordillera,
 rompa el soldado la rosa iracunda aplastada en el muro
 abrumado,
 salte el paisano al caballo de negra montura y hocico de
 espuma,
 vuelva al esclavo del campo su paz de raíces, su escudo
 enlutado,
 levante el mecánico su pálida torre tejida de estaño nocturno: 190
 el pueblo que nace en la cuna torcida por mimbres y manos
 del héroe,
 el pueblo que sube de negros adobes de minas y bocas
 sulfúricas,
 el pueblo levante el martirio y la urna y envuelva el recuerdo
 desnudo
 con su ferroviaria grandeza y su eterna balanza de piedras y
 heridas
 hasta que la tierra fragante decreta copihues mojados y libros
 abiertos, 195
 al niño invencible, a la ráfaga insigne, al tierno temible y
 acerbo soldado.
 Y guarde su nombre en el duro dominio del pueblo en su
 lucha,
 como el nombre en la nave resiste el combate marino:
 la patria en su proa lo inscriba y lo bese el relámpago
 porque así fue su libre y delgada y ardiente materia. 200

XXV

Manuel Rodríguez

Cueca

Señora, dicen que donde,
 mi madre dicen, dijeron,
 el agua y el viento dicen
 que vieron al guerrillero.

Vida

Puede ser un obispo, 5
 puede y no puede,
 puede ser sólo el viento
 sobre la nieve:
 sobre la nieve, sí,
 madre, no mires, 10
 que viene galopando
 Manuel Rodríguez.

Ya viene el guerrillero
por el estero.

Cueca

Saliendo de Melipilla, 15
corriendo por Talagante,
cruzando por San Fernando,
amaneciendo en Pomaire.

Pasión

Pasando por Rancagua,
por San Rosendo, 20
por Cauquenes, por Chena,
por Nacimiento:
por Nacimiento, sí,
desde Chiñigüe,
por todas partes viene 25

Manuel Rodríguez.

Pásale este clavel.
Vamos con él.

Cueca

Que se apague la guitarra,
que la patria está de duelo. 30
Nuestra tierra se oscurece.
Mataron al guerrillero.

Y muerte

En Til-Til lo mataron
los asesinos,
su espalda está sangrando 35
sobre el camino:
sobre el camino, sí.
Quién lo diría,
el que era nuestra sangre,
nuestra alegría. 40
La tierra está llorando.
Vamos callando.

XXVI

Guayaquil (1822)

Cuando entró San Martín, algo nocturno
de camino impalpable, sombra, cuero,
entró en la sala.
Bolívar esperaba.
Bolívar olfateó lo que llegaba.
Él era aéreo, rápido, metálico, 5
todo anticipación, ciencia de vuelo,
su contenido ser temblaba
allí, en el cuarto detenido
en la oscuridad de la historia.
Venía de la altura indecible, 10
de la atmósfera constelada,
iba su ejército adelante
quebrantando noche y distancia,
capitán de un cuerpo invisible,
de la nieve que lo seguía. 15
La lámpara tembló, la puerta

detrás de San Martín mantuvo
 la noche, sus ladridos, un rumor
 tibio de desembocadura.
 Las palabras abrieron un sendero 20
 que iba y volvía en ellos mismos.
 Aquellos dos cuerpos se hablaban,
 se rechazaban, se escondían,
 se comunicaban, se huían.
 San Martín traía del Sur 25
 un saco de números grises,
 la soledad de las monturas
 infatigables, los caballos
 batiendo tierras, agregándose
 a su fortaleza arenaria. 30
 Entraron con él los ásperos
 arrieros de Chile, un lento
 ejército ferruginoso,
 el espacio preparatorio,
 las banderas con apellidos 35
 envejecidos en la pampa.
 Cuanto hablaron cayó de cuerpo a cuerpo
 en el silencio, en el hondo intersticio.
 No eran palabras, era la profunda
 emanación de las tierras adversas, 40
 de la piedra humana que toca
 otro metal inaccesible.
 Las palabras volvieron a su sitio.
 Cada uno, delante de sus ojos
 veía sus banderas. 45
 Uno, el tiempo con flores deslumbrantes,
 otro, el roído pasado,
 los desgarrones de la tropa.
 Junto a Bolívar una mano blanca
 lo esperaba, lo despedía, 50
 acumulaba su acicate ardiente,
 extendía el lino en el tálamo.
 San Martín era fiel a su pradera.
 Su sueño era un galope,
 una red de correas y peligros. 55
 Su libertad era una pampa unánime.
 Un orden cereal fue su victoria.
 Bolívar construía un sueño,
 una ignorada dimensión, un fuego
 de velocidad duradera, 60
 tan comunicable, que lo hacía
 prisionero, entregado a su substancia.
 Cayeron las palabras y el silencio.
 Se abrió otra vez la puerca, otra vez toda
 la noche americana, el ancho río 65
 de muchos labios palpité un segundo.
 San Martín regresó de aquella noche
 hacia las soledades, hacia el trigo.
 Bolívar siguió solo.

XXVIII

Sucre

Sucre en las altas tierras, desbordando
 el amarillo perfil de los montes,
 Hidalgo cae, Morelos recoge

el sonido, el temblor de una campana
 propagado en la tierra y en la sangre. 5
 Páez recorre los caminos
 repartiendo aire conquistado,
 cae el rocío en Cundinamarca
 sobre la fraternidad de las heridas,
 el pueblo insurge inquieto 10
 desde la latitud a la secreta
 célula, emerge un mundo
 de despedidas y galopes,
 nace a cada minuto una bandera
 como una flor anticipada: 15
 banderas hechas de pañuelos
 sangrientos y de libros libres,
 banderas arrastradas al polvo
 de los caminos, destrozadas
 por la caballería, abiertas 20
 por estampidos y relámpagos.

Las banderas

Nuestras banderas de aquel tiempo
 fragante, bordadas apenas,
 nacidas apenas, secretas
 como un profundo amor, de pronto
 encarnizadas en el viento 5
 azul de la pólvora amada.
 América, extensa cuna, espacio
 de estrella, granada madura,
 de pronto se llenó de abejas
 tu geografía, de susurros 10
 conducidos por los adobes
 y las piedras, de mano en mano,
 se llenó de trajes la calle
 como un panal atolondrado.
 En la noche de los disparos 15
 el baile brillaba en los ojos,
 sabía como una naranja
 el azahar a las camisas,
 besos de adiós, besos de harina,
 el amor amarraba besos, 20
 y la guerra cantaba con
 su guitarra por los caminos.

Toussaint l'Ouverture

Haití, de su dulzura enmarañada,
 extrae pétalos patéticos,
 rectitud de jardines, edificios
 de la grandeza, arrulla
 el mar como un abuelo oscuro 5
 su antigua dignidad de piel y espacio.
 Toussaint L'Ouverture anuda
 la vegetal soberanía,
 la majestad encadenada,
 la sorda voz de los tambores 10
 y ataca, cierra el paso, sube,
 ordena, expulsa, desafía
 como un monarca natural,
 hasta que en la red tenebrosa
 cae y lo llevan por los mares 15
 arrastrado y atropellado
 como el regreso de su raza,

tirado a la muerte secreta
de las sentinas y los sótanos.
Pero en la Isla arden las peñas, 20
hablan las ramas escondidas,
se transmiten las esperanzas,
surgen los muros del baluarte.
La libertad es bosque tuyo,
oscuro hermano, preserva 25
tu memoria de sufrimientos
y que los héroes pasados
custodien tu mágica espuma.

XXXI

Morazán (1842)

Alta es la noche y Morazán vigila.
Es hoy, ayer, mañana? Tú lo sabes.
Cinta central, América angostura
que los golpes azules de dos mares
fueron haciendo, levantando en vilo 5
cordilleras y plumas de esmeralda:
territorio, unidad, delgada diosa
nacida en el combate de la espuma.
Te desmoronan hijos y gusanos,
se extienden sobre ti las alimañas 10
y una tenaza te arrebató el sueño
y un puñal con tu sangre te salpica
mientras se despedaza tu estandarte.
Alta es la noche y Morazán vigila.
Ya viene el tigre enarbolando un hacha. 15
Vienen a devorarte las entrañas.
Vienen a dividir la estrella.
Vienen,
pequeña América olorosa,
a clavarte en la cruz, a desollarte,
a tumbar el metal de tu bandera. 20
Alta es la noche y Morazán vigila.
Invasores llenaron tu morada.
Y te partieron como fruta muerta,
y otros sellaron sobre tus espaldas
los dientes de una estirpe sanguinaria, 25
y otros te saquearon en los puertos
cargando sangre sobre tus dolores.
Es hoy, ayer, mañana? Tú lo sabes.
Hermanos, amanece. (Y Morazán vigila.)

XXXII

Viaje por la noche de Juárez

Juárez, si recogiéramos
la íntima estrata, la materia
de la profundidad, si cavando tocáramos
el profundo metal de las repúblicas,
esta unidad sería tu estructura, 5
tu impasible bondad, tu terca mano.
Quien mira tu levita,
tu parca ceremonia, tu silencio,
tu rostro hecho de tierra americana,
si no es de aquí, si no ha nacido en estas 10
llanuras, en la greda montañosa

de nuestras soledades, no comprende.
 Te hablarán divisando una cantera.
 Te pasarán como se pasa un río.
 Darán la mano a un árbol, a un sarmiento, 15
 a un sombrío camino de la tierra.
 Para nosotros eres pan y piedra,
 horno y producto de la estirpe oscura.
 Tu rostro fue nacido en nuestro barro.
 Tu majestad es mi región nevada, 20
 tus ojos la enterrada alfarería.
 Otras tendrán el átomo y la gota
 de eléctrico fulgor, de brasa inquieta:
 tú eres el muro hecho de nuestra sangre,
 tu rectitud impenetrable 25
 sale de nuestra dura geología.
 No tienes nada que decir al aire,
 al viento de oro que viene de lejos,
 que lo diga la tierra ensimismada,
 la cal, el mineral, la levadura. 30
 Yo visité los muros de Querétaro,
 toqué cada peñasco en la colina,
 la lejanía, cicatriz y cráter,
 los cactus de ramales espinosos:
 nadie persiste allí, se fue el fantasma, 35
 nadie quedó dormido en la dureza:
 sólo existen la luz, los aguijones
 del matorral, y una presencia pura:
 Juárez, tu paz de noche justiciera,
 definitiva, férrea y estrellada. 40

XXXIII

El viento sobre Lincoln

A veces el viento del Sur resbala
 sobre la sepultura de Lincoln trayendo
 voces y briznas de ciudades y árboles
 nada pasa en su tumba las letras no se mueven
 el mármol se suaviza con lentitud de siglos 5
 el viejo caballero ya no vive
 no existe el agujero de su antigua camisa
 se han mezclado las fibras de tiempo y polvo humano
 qué vida tan cumplida dice una temblorosa
 señora de Virginia una escuela que canta 10
 más de una escuela canta pensando en otras cosas
 pero el viento del Sur la emanación de tierras
 de caminos a veces se detiene en la tumba
 su transparencia es un periódico moderno
 vienen sordos rencores lamentos como aquéllos 15
 el sueño inmóvil vencedor yacía
 bajo los pies llenos de lodo que pasaron
 cantando y arrastrando tanta fatiga y sangre
 pues bien esta mañana vuelve al mármol el odio
 el odio del Sur blanco hacia el viejo dormido 20
 en las iglesias los negros están solos con Dios
 con Dios según lo creen en las plazas
 en los trenes el mundo tiene ciertos letreros
 que dividen el cielo el agua el aire
 qué vida tan perfecta dice la delicada 25
 señorita y en Georgia matan a palos
 cada semana a un joven negro

mientras Paul Robeson canta como la tierra
 como el comienzo del mar y de la vida
 canta sobre la crueldad y los avisos 30
 de coca-cola canta para hermanos
 de mundo a mundo entre los castigos
 canta para los nuevos hijos para
 que el hombre oiga y detenga su látigo
 la mano cruel la mano que Lincoln abatiera 35
 la mano que resurge como una blanca víbora
 el viento pasa el viento sobre la tumba trae
 conversaciones restos de juramentos algo
 que llora sobre el mármol como una lluvia fina
 de antiguos de olvidados dolores insepultos 40
 el Klan mató a un bárbaro persiguiéndolo
 colgando al pobre negro que aullaba quemándolo
 vivo y agujereado por los tiros
 bajo sus capuchones los prósperos rotarios
 no saben así creen que sólo son verdugos 45
 cobardes carniceros detritus del dinero
 con la cruz de Caín regresan
 a lavarse las manos a rezar el domingo
 telefonean al Senado contando sus hazañas
 de esto no sabe nada el muerto de Illinois 50
 porque el viento de hoy habla un lenguaje
 de esclavitud de furia de cadena
 y a través de las losas el hombre ya no existe
 es un desmenuzado polvillo de victoria
 de victoria arrasada después de triunfo muerto 55
 no sólo la camisa del hombre se ha gastado
 no sólo el agujero de la muerte nos mata
 sino la primavera repetida el transcurso
 que roe al vencedor con su canto cobarde
 muere el valor de ayer se derraman de nuevo 60
 las furiosas banderas del malvado
 alguien canta junto al monumento es un coro
 de niñas escolares voces ácidas
 que suben sin tocar el polvo externo
 que pasan sin bajar al leñador dormido 65
 a la victoria muerta bajo las reverencias
 mientras el burlón y viajero viento del Sur sonrío.

XXXIV

Martí (1890)

Cuba, flor espumosa, efervescente
 azucena escarlata, jazminero,
 cuesta encontrar bajo la red florida
 tu sombrío carbón martirizado,
 la antigua arruga que dejó la muerte, 5
 la cicatriz cubierta por la espuma.
 Pero dentro de ti como una clara
 geometría de nieve germinada,
 donde se abren tus últimas cortezas,
 yace Martí como una almendra pura. 10
 Está en el fondo circular del aire,
 está en el centro azul del territorio,
 y reluce como una gota de agua
 su dormida pureza de semilla.
 Es de cristal la noche que lo cubre. 15
 Llanto y dolor, de pronto, crueles gotas

atraviesan la tierra hasta el recinto
 de la infinita claridad dormida.
 El pueblo a veces baja sus raíces
 a través de la noche hasta tocar 20
 el agua quieta en su escondido manto.
 A veces cruza el rencor iracundo
 pisoteando sembradas superficies
 y un muerto cae en la copa del pueblo.
 A veces vuelve el látigo enterrado 25
 a silbar en el aire de la cúpula
 y una gota de sangre como un pétalo
 cae a la tierra y desciende al silencio.
 Todo llega al fulgor immaculado.
 Los temblores minúsculos golpean 30
 las puertas de cristal del escondido.
 Toda lágrima toca su corriente.
 Todo fuego estremece su estructura.
 Y así de la yacente fortaleza,
 del escondido germen caudaloso 35
 salen los combatientes de la isla.
 Vienen de un manantial determinado.
 Nacen de una vertiente cristalina.

XXXV

Balmaceda de Chile (1891)

Mr. North ha llegado de Londres.
 Es un magnate del nitrato.
 Antes trabajó en la pampa,
 de jornalero, algún tiempo,
 pero se dio cuenta y se fue. 5
 Ahora vuelve, envuelto en libras.
 Trae dos caballitos árabes
 y una pequeña locomotora
 toda de oro. Son regalos
 para el Presidente, un tal 10
 José Manuel Balmaceda.
 «You are very clever, Mr. North.»
 Rubén Darío entra por esta casa,
 por esta Presidencia como quiere.
 Una botella de coñac le aguarda. 15
 El joven Minotauro envuelto en niebla
 de ríos, traspasado de sonidos
 sube la gran escala que será
 tan difícil subir a Mr. North.
 El Presidente regresó hace poco 20
 del desolado Norte salitroso,
 allí dijo: «Esta tierra, esta riqueza
 será de Chile, esta materia blanca
 convertiré en escuelas, en caminos,
 en pan para mi pueblo.» 25
 Ahora entre papeles, en palacio,
 su fina forma, su intensa mirada
 mira hacia los desiertos del salitre.
 Su noble rostro no sonrío.
 La cabeza, de pálida apostura, 30
 tiene la antigua calidad de un muerto,
 de un viejo antepasado de la patria.
 Todo su ser es examen solemne.
 Algo inquieta como una racha fría,

su paz, su movimiento pensativo. 35
 Rechazó los caballos, la maquineta de oro
 de Mr. North. Los alejó sin verlos
 hacia su dueño, el poderoso gringo.
 Movi6 apenas la desdeñosa mano.
 «Ahora, Mr. North, no puedo 40
 entregarle estas concesiones,
 no puedo amarrar a mi patria
 a los misterios de la City.»
 Mr. North se instala en el Club.
 Cien whiskies van para su mesa, 45
 cien comidas para abogados,
 para el Parlamento, champañia
 para los tradicionalistas.
 Corren agentes hacia el Norte,
 las hebras van, vienen y vuelven. 50
 Las suaves libras esterlinas
 tejen como arañias doradas
 una tela inglesa, legítima,
 para mi pueblo, un traje sastre
 de sangre, pólvora y miseria. 55
 «You are very clever, Mr. North.»
 Sitia la sombra a Balmaceda.
 Cuando llega el día lo insultan,
 lo escarnecen los aristócratas,
 le ladran en el Parlamento, 60
 lo fustigan y lo calumnian.
 Dan la batalla, y han ganado.
 Pero no basta: hay que torcer
 la historia. Las buenas viñas
 se «sacrifican» y el alcohol 65
 llena la noche miserable.
 Los elegantes jovencitos
 marcan las puertas y una horda
 asalta las casas, arroja
 los pianos desde los balcones. 70
 Aristocrático picnic
 con cadáveres en la acequia
 y champagne francés en el Club.
 «You are very clever, Mr. North.»
 La Embajada argentina abri6 75
 sus puertas al Presidente.
 Esa tarde escribe con la misma
 seguridad de mano fina,
 la sombra entra en sus grandes ojos
 como una oscura mariposa, 80
 de profundidad fatigada.
 Y la magnitud de su frente
 sale del mundo solitario,
 de la pequeña habitaci6n,
 ilumina la noche oscura. 85
 Escribe su nítido nombre,
 las letras de largo perfil
 de su doctrina traicionada.
 Tiene el revólver en su mano.
 Mira a través de la ventana 90
 un trozo postrero de patria,
 pensando en todo el largo cuerpo
 de Chile, oscurecido
 como una página nocturna.

Viaja, y sin ver cruzan sus ojos, 95
 como en los vidrios de un tren,
 rápidos campos, caseríos,
 torres, riberas anegadas,
 pobreza, dolores, harapos.
 Él soñó un sueño preciso, 100
 quiso cambiar el desgarrado
 paisaje, el cuerpo consumido
 del pueblo, quiso defenderlo.
 Es tarde ya, escucha disparos
 aislados, los gritos vencedores, 105
 el salvaje malón, los aullidos
 de la «aristocracia», escucha
 el último rumor, el gran silencio,
 y entra con él, recostado, a la muerte.

XXXVI

Emiliano Zapata con música de Tata Nacho

Cuando arreciaron los dolores
 en la tierra, y los espinares desolados
 fueron la herencia de los campesinos,
 y como antaño, las rapaces
 barbas ceremoniales, y los látigos, 5
 entonces, flor y fuego galopado...
Borrachita me voy
hacia la capital
 se encabritó en el alba transitoria
 la tierra sacudida de cuchillos, 10
 el peón de sus amargas madrigueras
 cayó como un elote desgranado
 sobre la soledad vertiginosa.
a pedirle al patrón
que me mandó llamar 15
 Zapata entonces fue tierra y aurora.
 En todo el horizonte aparecía
 la multitud de su semilla armada.
 En un ataque de aguas y fronteras
 el férreo manantial de Coahuila, 20
 las estelares piedras de Sonora:
 todo vino a su paso adelantado,
 a su agraria tormenta de herraduras.
que si se va del rancho
muy pronto volverá 25
 Reparte el pan, la tierra:
 te acompaño.
 Yo renuncio a mis párpados celestes.
 Yo, Zapata, me voy con el rocío
 de las caballerías matutinas,
 en un disparo desde los nopales 30
 hasta las casas de pared rosada.
...cinitas pa tu pelo
no llores por tu Pancho...
 La luna duerme sobre las monturas.
 La muerte amontonada y repartida 35
 yace con los soldados de Zapata.
 El sueño esconde bajo los baluartes
 de la pesada noche su destino,
 su incubadora sábana sombría.
 La hoguera agrupa el aire desvelado: 40

grasa, sudor y pólvora nocturna.
*...Borrachita me voy
 para olvidarte...*

Pedimos patria para el humillado.
 Tu cuchillo divide el patrimonio 45
 y tiros y corceles amedrentan
 los castigos, la barba del verdugo.
 La tierra se reparte con un rifle.
 No esperes, campesino polvoriento,
 después de tu sudor la luz completa 50
 y el cielo parcelado en tus rodillas.
 Levántate y galopa con Zapata.
*...Ya la quise traer
 dijo que no...*

México, huraña agricultura, amada 55
 tierra entre los oscuros repartida:
 de las espadas del maíz salieron
 al sol tus centuriones sudorosos.
 De la nieve del Sur vengo a cantarte.
 Déjame galopar en tu destino 60
 y llenarme de pólvora y arados.
*...Que si habrá de llorar
 pa qué volver...*
 XXXVII

Sandino (1926)

Fue cuando en tierra nuestra
 se enterraron
 las cruces, se gastaron
 inválidas, profesionales.
 Llegó el dólar de dientes agresivos 5
 a morder territorio,
 en la garganta pastoril de América.
 Agarró Panamá con fauces duras,
 hundió en la tierra fresca sus colmillos,
 chapoteó en barro, whisky, sangre, 10
 y juró un Presidente con levita:
 «Sea con nosotros el soborno
 de cada día.»
 Luego, llegó el acero,
 y el canal dividió las residencias,
 aquí los amos, allí la servidumbre. 15
 Corrieron hacia Nicaragua.
 Bajaron, vestidos de blanco,
 tirando dólares y tiros.
 Pero allí surgió un capitán
 que dijo: «No, aquí no pones 20
 tus concesiones, tu botella.»
 Le prometieron un retrato
 de Presidente, con guantes,
 banda terciada y zapatitos
 de charol recién adquiridos. 25
 Sandino se quitó las botas,
 se hundió en los trémulos pantanos,
 se terció la banda mojada
 de la libertad en la selva,
 y, tiro a tiro, respondió 30

a los «civilizadores.»
 La furia norteamericana
 fue indecible: documentados
 embajadores convencieron
 al mundo que su amor era 35
 Nicaragua, que alguna vez
 el orden debía llegar
 a sus entrañas soñolientas.
 Sandino colgó a los intrusos.
 Los héroes de Wall Street 40
 fueron comidos por la ciénaga,
 un relámpago los mataba,
 más de un machete los seguía,
 una sogá los despertaba
 como una serpiente en la noche, 45
 y colgando de un árbol eran
 acarreados lentamente
 por coleópteros azules
 enredaderas devorantes.
 Sandino estaba en el silencio, 50
 en la Plaza del Pueblo, en todas
 partes estaba Sandino,
 matando norteamericanos,
 ajusticiando invasores.
 Y cuando vino la aviación, 55
 la ofensiva de los ejércitos
 acorazados, la incisión
 de aplastadores poderíos,
 Sandino, con sus guerrilleros,
 como un espectro de la selva, 60
 era un árbol que se enroscaba
 o una tortuga que dormía
 o un río que se deslizaba.
 Pero árbol, tortuga, corriente
 fueron la muerte vengadora, 65
 fueron sistemas de la selva,
 mortales síntomas de araña.
 (En 1948
 un guerrillero
 de Grecia, columna de Esparta, 70
 fue la urna de luz atacada
 por los mercenarios del dólar.
 Desde los montes echó fuego
 sobre los pulpos de Chicago,
 y como Sandino, el valiente 75
 de Nicaragua, fue llamado
 «bandolero de las montañas.»)
 Pero cuando fuego, sangre
 y dólar no destruyeron
 la torre altiva de Sandino, 80
 los guerreros de Wall Street
 hicieron la paz, invitaron
 a celebrarla al guerrillero,
 y un traidor recién alquilado
 le disparó su carabina. 85
 Se llama Somoza. Hasta hoy
 está reinando en Nicaragua:
 los treinta dólares crecieron
 y aumentaron en su barriga.
 Ésta es la historia de Sandino, 90

capitán de Nicaragua,
 encarnación desgarradora
 de nuestra arena traicionada,
 dividida y acometida,
 martirizada y saqueada. 95
 XXXVIII

(1)

Hacia Recabarren

La tierra, el metal de la tierra, la compacta
 hermosura, la paz ferruginosa
 que será lanza, lámpara o anillo,
 materia pura, acción
 del tiempo, salud 5
 de la tierra desnuda.
 El mineral fue como estrella
 hundida y enterrada.
 A golpes de planeta, gramo a gramo,
 fue escondida la luz. 10
 Áspera capa, arcilla, arena
 cubrieron tu hemisferio.

Pero yo amé tu sal, tu superficie.
 Tu goterón, tu párpado, tu estatua.
 En el quilate de pureza dura 15
 cantó mi mano: en la égloga
 nupcial de la esmeralda fui citado,
 y en el hueco del hierro puse mi rostro un día
 hasta emanar abismo, resistencia y aumento.
 Pero yo no sabía nada. 20
 El hierro, el cobre, las sales lo sabían.
 Cada pétalo de oro fue arrancada con sangre.
 Cada metal llene un soldado.

(2)

El cobre

Yo llegué al cobre, a Chuquicamata,
 Era tarde en las cordilleras.
 El aire era como una copa
 fría, de seca transparencia.
 Antes viví en muchos navíos, 5
 pero en la noche del desierto
 la inmensa mina resplandecía
 como un navío cegador
 con el rocío deslumbrante
 de aquellas alturas nocturnas. 10
 Cerré los ojos: sueña y sombra
 extendían sus gruesas plumas
 sobre mí como aves gigantes.
 Apenas y de tumbo en tumbo,
 mientras bailaba el automóvil, 15
 la oblicua estrella, el penetrante
 planeta, como una lanza,
 me arrojaban un rayo helado
 de fuego frío, de amenaza.

(3)

La noche en Chuquicamata

Era alta noche ya, noche profunda,
 como interior vacío de campana.

y tete mis ojos vi los muros implacables,
 el cobre derribado en la pirámide.
 Era verde la sangre de esas tierras. 5
 Alta hasta los planetas empapados
 era la magnitud nocturna y verde.
 Gota a gota una leche de turquesa,
 una aurora de piedra,
 fue construida por el hombre 10
 y ardía en la inmensidad,
 en la estrellada tierra abierta
 de toda la noche arenosa.
 Paso a paso, entonces, la sombra
 me llegó
 de la mano hacia el Sindicato.
 Era el mes de julio 15
 en Chile, en la estación fría.
 Junto a mis pasos, muchos días
 (o siglos) (o simplemente meses
 de cobre, piedra y piedra y piedra,
 es decir, de infierno en el tiempo: 20
 del infinito sostenido
 por una mano sulfurosa),
 iban otros pasos y pies
 que sólo el cobre conocía.
 Era una multitud grasienta, 25
 hambre y harapo, soledades,
 la que cavaba el socavón.
 Aquella noche no vi
 desfilar su herida sin número
 en la costa cruel de la mina. 30
 Pero yo fui de esos tormentos.
 Las vértebras del cobre estaban húmedas,
 descubiertas a golpes de sudar
 en la infinita luz del aire andino.
 Para excavar los huesos minerales 35
 de la estatua enterrada por los siglos,
 el hombre construyó las galerías
 de un teatro vacío.
 Pero la esencia dura,
 la piedra en su estatura, la victoria 40
 del cobre huyó dejando un cráter
 de ordenado volcán, como si aquella
 estatua, estrella verde,
 fuera arrancada al pecho de un dios ferruginoso
 dejando un hueco pálido socavado en la altura. 45
 (4)

Los chilenos

Todo eso fue tu mano.
 Tu mano fue la uña
 del compatriota mineral, del «roto»
 combatido, del pisoteado
 material humano, del hombrecito con harapos. 5
 Tu mano fue como la geografía:
 cavó este cráter de tiniebla verde,
 fundó un planeta de piedra oceánica.
 Anduvo por las maestranzas
 manejando las palas rotas 10
 y poniendo pólvora en todas
 partes, como huevos

de gallina ensordecedora.
 Se trata de un cráter remoto:
 aun desde la luna llena 15
 se vería su profundidad
 hecha mano a mano por
 un tal Rodríguez, un tal Carrasco,
 un tal Díaz Iturrieta,
 un tal Abarca, un tal Gumersindo, 20
 un tal chileno llamado Mil.
 Esta inmensidad, uña a uña,
 el desgarrado chileno, un día
 y otro día, otro invierno, a pulso,
 a velocidad, en la lenta 25
 atmósfera de las alturas,
 la recogió de la argamasa,
 la estableció entre las regiones.
 (5)

El héroe

No fue sólo firmeza tumultuosa
 de muchos dedos, no sólo fue la pala,
 no sólo el brazo, la cadera, el peso
 de todo el hombre y su energía:
 fueron dolor, incertidumbre y furia 5
 los que cavaron el centímetro
 de altura calcárea, buscando
 las venas verdes de la estrella,
 los finales fosforescentes
 de los cometas enterrados. 10
 Del hombre gastado en su abismo
 nacieron las sales sangrientas.
 Porque es el Reinaldo agresivo,
 busca piedras, el infinito
 Sepúlveda, tu hijo, sobrino de 15
 tu tía Eduviges Rojas,
 el héroe ardiendo, el que desvencija
 la cordillera mineral.
 Así fue como conociendo,
 entrando como a la uterina 20
 originalidad de la entraña,
 en tierra y vida, fui venciéndome:
 hasta sumirme en hombre, en agua
 de lágrimas como estalactitas,
 de pobre sangre despeñada, 25
 de sudor caldo en el polvo.
 (6)

Oficios

Otras vetes con Laferte, más lejos,
 entramos en Tarapacá,
 desde Iquique azul y ascético,
 por los límites de la arena.
 Me mostró Elías las palas 5
 de los derripiadores, hundido
 en las maderas cada dedo
 del hombre: estaban gastadas
 por el roce de cada yema.
 Las presiones de aquellas manos derritieron 10
 los pedernales de la pala,
 y así abrieron los corredores

de tierra y piedra, metal y ácido,
 estas uñas amargas, estos
 ennegrecidos cinturones 15
 de manos que rompen planetas,
 y elevan las sales al cielo,
 diciendo como en el cuento,
 en la historia celeste: «Éste
 es el primer día de la tierra.» 20
 Así aquel que nadie vio antes
 (antes de aquel día de origen),
 el prototipo de la pala,
 se levantó sobre las cáscaras
 del infierno; las dominó 25
 con sus rudas manos ardiente,
 abrió las hojas de la tierra,
 y apareció en camisa azul
 el capitán de dientes blancos,
 el conquistador de salitre. 30
 (7)

El desierto

El duro mediodía de las grandes arenas
 ha llegado:
 el mundo está desnudo,
 ancho, estéril y limpio hasta las últimas
 fronteras arenales: 5
 escuchad el sonido quebradizo
 de la sal viva, sola en los salares:
 el sol rompe sus vidrios en la extensión vacía
 y agoniza la tierra con un seco
 y ahogado ruido de la sal que gime. 10
 (8)

(Nocturno)

Ven al circuito del desierto,
 a la alta aérea noche de la pampa,
 al círculo nocturno, espacio y astro,
 donde la zona del Tamarugal recoge
 todo el silencio perdido en el tiempo. 5
 Mil años de silencio en una copa
 de azul calcáreo, de distancia y luna,
 labran la geografía desnuda de la noche.
 Yo te amo, pura tierra, como tantas
 cosas amé contrarias: 10
 la flor, la calle, la abundancia, el rito.
 Yo te amo, hermana pura del océano.
 Para mí fue difícil esta escuela vacía
 en que no estaba el hombre, ni el muro, ni la planta
 para apoyarme en algo. 15
 Estaba solo.
 Era llanura y soledad la vida.
 Era éste el pecho varonil del mundo.
 Y amé el sistema de tu forma recta,
 la extensa precisión de tu vacío. 20
 (9)

El páramo

En el páramo el hombre vivía
 mordiendo tierra, aniquilado.
 Me fui derecho a la madriguera,
 metí la mano entre los piojos,

anduve por los rieles hasta 5
 el amanecer desolado,
 dormí sobre las tablas duras,
 bajé de la faena en la tarde,
 me quemaron el vapor y el yodo,
 estreché la mano del hombre, 10
 conversé con la mujercita,
 puertas adentro entre gallinas,
 entre harapos, en el olor
 de la pobreza abrasadora.
 Y cuando tantos dolores 15
 reuní, cuando tanta sangre
 recogí en el cuenco del alma,
 vi venir del espacio puro
 de las pampas inabarcables
 un hombre hecho de su misma arena, 20
 un rostro inmóvil y extendido,
 un traje con un ancho cuerpo,
 unos ojos entrecerrados
 como lámparas indomables.
 Recabarren era su nombre. 25
 XXXIX

Recabarren (1921)

Su nombre era Recabarren.
 Bonachón, corpulento, espacioso,
 clara mirada, frente firme,
 su ancha compostura cubría,
 como la arena numerosa, 5
 los yacimientos de la fuerza.
 Mirad en la pampa de América
 (ríos ramales, clara nieve,
 cortaduras ferruginosas)
 a Chile con su destrozada 10
 biología, como un ramaje
 arrancado, como un brazo
 cuyas falanges dispersó
 el tráfico de las tormentas.
 Sobre las áreas musculares 15
 de los metales y el nitrato,
 sobre la atlética grandeza
 del cobre recién excavado,
 el pequeño habitante vive,
 acumulado en el desorden, 20
 con un contrato apresurado,
 lleno de niños andrajosos,
 extendidos por los desiertos
 de la superficie salada.
 Ea el chileno interrumpido 25
 por la cesantía o la muerte.
 Es el durísimo chileno
 sobreviviente de las obras
 o amortajado por la sal.
 Allí llegó con sus panfletos 30
 este capitán del pueblo.
 Tomó al solitario ofendido
 que, envolviendo sus mantas rotas
 sobre sus hijos hambrientos,
 aceptaba las injusticias 35
 encarnizadas, y le dijo:

«Junta tu voz a otra voz»,
 «Junta tu mano a otra mano.»
 Fue por los rincones aciagos
 del salitre, llenó la pampa 40
 con su investidura paterna
 y en el escondite invisible
 lo vio toda la minería.
 Llegó cada «gallo» golpeado,
 vino cada uno de los lamentos: 45
 entraron como fantasmas
 de pálida voz triturada
 y salieron de sus manos
 con una nueva dignidad.
 En toda la pampa se supo. 50
 Y fue por la patria entera
 fundando pueblo, levantando
 los corazones quebrantados.
 Sus periódicos recién impresos
 entraron en las galerías 55
 del carbón, subieron al cobre,
 y el pueblo besó las columnas
 que por primera vez llevaban
 la voz de los atropellados.
 Organizó las soledades. 60
 Llevó los libros y los cantos
 basta los muros del terror,
 juntó una queja y otra queja,
 y el esclavo sin voz ni boca,
 el extendido sufrimiento, 65
 se hizo nombre, se llamó Pueblo,
 Proletariado, Sindicato,
 tuvo persona y apostura.
 Y este habitante transformado
 que se construyó en el combate, 70
 este organismo valeroso,
 esta implacable tentativa,
 este metal inalterable,
 esta unidad de los dolores,
 esta fortaleza del hombre, 75
 este camino hacia mañana,
 esta cordillera infinita,
 esta germinal primavera,
 este armamento de los pobres,
 salió de aquellos sufrimientos, 80
 de lo más hondo de la patria,
 de lo más duro y más golpeado,
 de lo más alto y más eterno
 y se llamó Partido.

Partido

Comunista.

Ése fue su nombre. 85
 Fue grande la lucha. Cayeron
 como buitres los dueños del oro.
 Combatieron con la calumnia.
 «Este Partido Comunista
 está pagado por el Perú, 90
 por Bolivia, por extranjeros.»
 Cayeron sobre las imprentas,
 adquiridas gota por gota
 con sudor de los combatientes,

y las atacaran quebrándolas, 95
 quemándolas, desparramando
 la tipografía del pueblo.
 Persiguieron a Recabarren.
 Le negaron entrada y paso.
 Pero él congregó su semilla 100
 en los socavones desiertos
 y fue defendido el baluarte.
 Entonces, los empresarios
 norteamericanos e ingleses,
 sus ahogados, senadores, 105
 sus diputadas, presidentes,
 vertieron la sangre en la arena,
 acorralaron, amarraron,
 asesinaron nuestra estirpe,
 la fuerza profunda de Chile, 110
 dejaron junto a los senderos
 de la inmensa pampa amarilla
 cruces de obreros fusilados,
 cadáveres amontonados
 en los repliegues de la arena. 115
 Una vez a Iquique, en la costa,
 hicieron venir a los hombres
 que pedían escuela y pan.
 Allí confundidos, cercados
 en un patio, los dispusieron 120
 para la muerte.
 Dispararon
 con silbante ametralladora,
 coa fusiles tácticamente
 dispuestos, sobre el hacinado
 montón de dormidos obreros. 125
 La sangre llenó como un río
 la arena pálida de Iquique,
 y allí está la sangre caída,
 ardiendo aún sobre los años
 como una corola implacable. 130
 Pero sobrevivió la resistencia.
 La luz organizada por las manos
 de Recabarren, las banderas rojas
 fueron desde las minas a los pueblos,
 fueros a las ciudades y a los surcos, 135
 rodaron con las ruedas ferroviarias,
 asumieron las bases del cemento,
 ganaron calles, plazas, alquerías,
 fábricas abrumadas por el polvo,
 llagas cubiertas por la primavera: 140
 toda cantó y luchó para vencer
 en la unidad del tiempo que amanece.
 Cuánto ha pasado desde entonces.
 Cuánta sangre sobre la sangre,
 cuántas luchas sobre la tierra. 145
 Horas de espléndida conquista,
 triunfos ganados gota a gota,
 calles amargas, derrotadas,
 ornas oscuras como túneles,
 traiciones que parecían 150
 cortar la vida con su filo,
 represiones armadas de odio,
 coronadas militarmente.

Parecía hundirse la tierra.
Pero la lucha permanece. 155

Envío (1949)

Recabarren, en estos días
de persecución, en la angustia
de mis hermanos relegados,
combatidos por un traidor,
y con la patria envuelta en odio, 5
herida por la tiranía,
recuerdo la lucha terrible
de tus prisiones, de tus pasos
primeros, tu soledad
de torreón irreductible, 10
y cuando, saliendo del páramo,
un hombre y otro a ti vinieron
a congregarse el amasijo
del pan humilde defendido
por la unidad del pueblo agosto. 15

Padre de Chile

Recabarren, hijo de Chile,
padre de Chile, padre nuestro,
en tu construcción, en tu línea
fraguada en tierras y tormentos
nace la fuerza de los días 5
venideros y vencedores.
Tú eres la patria, pampa y pueblo,
arena, arcilla, escuela, casa,
resurrección, puño, ofensiva,
orden, desfile, ataque, trigo, 10
lucha, grandeza, resistencia.

Recabarren, bajo tu mirada
juramos limpiar las heridas
mutilaciones de la patria.
Juramos que la libertad 15
levantará su flor desnuda
sobre la arena deshonorada.
Juramos continuar tu camino
hasta la victoria del pueblo.

XL

Prestes del Brasil (1949)

Brasil agosto, cuánto amor quisiera
para entenderme en tu regazo,
para envolverme en tus hojas gigantes,
en desarrollo vegetal, en vivo
detritus de esmeraldas: acecharte, 5
Brasil, desde los ríos
sacerdotales que te nutren,
bailar en los terrados a la luz
de la luna fluvial, y repartirme
por tus inhabitados territorios 10
viendo salir del barro el nacimiento
de gruesas bestias rodeadas
por metálicas aves blancas.
Cuánto recodo me darías.
Entrar de nuevo en la alfandega, 15

salir a los barrios, oler
 tu extraño rito, descender
 a tus centros circulatorios,
 a tu corazón generoso.
 Pero no puedo. 20
 Una vez, en Bahía, las mujeres
 del barrio dolorido,
 del antiguo mercado de esclavos
 (donde hoy la nueva esclavitud, el hambre,
 el harapo, la condición doliente, 25
 viven como antes en la misma tierra),
 me dieron unas flores y una carta,
 unas palabras tiernas y unas flores.
 No puedo apartar mi voz de cuanto sufre.
 Sé cuánto me darían 30
 de invisible verdad tus espaciosas
 riberas naturales.
 Sé que la flor secreta, la agitada
 muchedumbre de mariposas,
 todos los fértiles fermentos 35
 de las vidas y de los bosques
 me esperan con su teoría
 de inagotables humedades,
 pero no puedo, no puedo
 sino arrancar de tu silencio 40
 una vez más la voz del pueblo,
 elevarla como la pluma
 más fulgurante de la selva,
 dejarla a mi lado y amarla
 hasta que cante por mis labios. 45
 Por eso veo a Prestes caminando
 hacia la libertad, hacia las puertas
 que parecen en ti, Brasil, cerradas,
 clavadas al dolor, impenetrables.
 Veo a Prestes, a su columna vencedora 50
 del hambre, cruzando la selva,
 hacia Bolivia, perseguida
 por el tirano de ojos pálidos.
 Cuando vuelve a su pueblo y toca
 su campanario combatiente 55
 lo encierran, y su compañera
 entregan al pardo verdugo
 de Alemania.
 (Poeta, buscas en tu libro
 los antiguos dolores griegos,
 los orbes encadenados 60
 por las antiguas maldiciones,
 corren tus párpados torcidos
 por los tormentos inventados,
 y no ves en tu propia puerta
 los océanos que golpean 65
 el oscuro pecho del pueblo.)
 En el martirio nace su hija.
 Pero ella desaparece
 bajo el hacha, en el gas, tragada
 por las ciénagas asesinas 70
 de la Gestapo.
 Oh, tormento
 del prisionero! Oh, indecibles
 padecimientos separados

de nuestro herido capitán!
(Poeta, borra de tu libro 75
a Prometeo y su cadena.
La vieja fábula no tiene
tanta grandeza calcinada,
tanta tragedia aterradora.)
Once años guardan a Prestes 80
detrás de las barras de hierro,
en el silencio de la muerte,
sin atreverse a asesinarlo.
No hay noticias para su pueblo.
La tiranía borra el nombre 85
de Prestes en su mundo negro.
Y once años su nombre fue mudo.
Vivió su nombre como un árbol
en medio de todo su pueblo,
reverenciado y esperado. 90
Hasta que la Libertad
llegó a buscarlo a su presidio,
y salió de nuevo a la luz,
amado, vencedor y bondadoso,
despojado de todo el odio 95
que echaron sobre su cabeza.
Recuerdo que en 1945
estuve con él en Sao Paulo.
(Frágil y firme su estructura,
pálido como el marfil 100
desenterrado en la cisterna,
fiero como la pureza
del aire en las soledades,
puro como la grandeza
custodiada por el dolor.) 105
Por primera vez a su pueblo
hablaba, en Pacaembú.
El gran estadio pululaba
con cien mil corazones rojos
que esperaban verlo y tocarlo. 110
Llegó en una indecible
ola de canto y de ternura,
cien mil pañuelos saludaban
como un bosque su bienvenida.
Él miró con ojos profundos 115
a mi lado, mientras hablé.
XLI

Dicho en Pacaembú (Brasil, 1945)

Cuántas cosas quisiera decir hoy, brasileños,
cuántas historias, luchas, desengaños, victorias
que he llevado por años en el corazón para decirlos,
pensamientos
y saludos. Saludos de las nieves andinas,
saludos del Océano Pacífico, palabras que me han dicho 5
al pasar los obreros, los mineros, los albañiles, todos
los pobladores de mi patria lejana.
Qué me dijo la nieve, la sube, la bandera?
Qué secreto me dijo el marinero?
Qué me dijo la niña pequeñita dándome unas espigas? 10
Un mensaje tenían: Era: Saluda a Prestes.
Búscalos, me decían, en la selva o el río.
Aparta sus prisiones, busca su celda, llama.

Y si no te permiten hablarle, míralo hasta cansarte
 y cuéntanos mañana lo que has visto. 15
 Hoy estoy orgulloso ere verlo rodeado
 de un mar de corazones victoriosos. [144]
 Voy a decirle a Chile: Lo saludé en el aire
 de las banderas libres de su pueblo.
 Yo recuerdo en París, hace años, una noche 20
 hablé a la multitud, vine a pedir ayuda,
 para España Republicana, para el pueblo en su lucha.
 España estaba llena de ruinas y de gloria.
 Los franceses oían mi llamado en silencio.
 Les pedí ayuda en nombre de todo lo que existe 25
 y les dije: Los nuevos héroes, los que en España luchan,
 mueren.
 Modesto, Líster, Pasionaria, Lorca,
 son hijos de los héroes de América, son hermanos
 de Bolívar, de O'Higgins, de San Martín, de Prestes.
 Y cuando dije el nombre de Prestes fue como un rumor
 inmenso
 en el aire de Francia: París lo saludaba.
 Viejos obreros con los ojos húmedos
 miraban hacia el fondo del Brasil y hacia España.
 Os voy a contar aún otra pequeña historia.
 Junto a las grandes minas del carbón, que avanzan
 bajo el mar
 en Chile, en el frío puerto de Talcahuano,
 llegó una vez, hace tiempo, un carguero soviético.
 (Chile no establecía aún relaciones
 con la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas.
 Por eso la policía estúpida 40
 prohibió bajar a los marinos rusos,
 subir a los chilenos.)
 Cuando llegó la noche
 vinieron por millares los mineros, desde las grandes minas,
 hombres, mujeres, niños, y desde las colinas 45
 con sus pequeñas lámparas mineras,
 toda la noche hicieron señales encendiendo y apagando
 hacia el barco que venía de los puertos soviéticos.
 Aquella noche oscura tuvo estrellas:
 las estrellas humanas, las lámparas del pueblo. 50
 Hoy también desde todos los rincones
 de nuestra América, desde México libre, desde el Perú
 sediento,
 desde Cuba, desde Argentina populosa,
 desde Uruguay, refugio de hermanos asilados,
 el pueblo te saluda, Prestes, con sus pequeñas lámparas 55
 en que brillan las altas esperanzas del hombre.
 Por eso me mandaron por el aire de América,
 para que te mirara y les contara luego
 cómo eras, qué decía su capitán callado
 por tantos años duros de soledad y sombra. 60
 Voy a decirles que no guardas odio.
 Que sólo quieres que tu patria viva.
 Y que la libertad crezca en el fondo
 del Brasil como un árbol eterno.
 Yo quisiera contarte, Brasil, muchas cosas calladas, 65
 llevadas estos años entre la piel y el alma,
 sangre, dolores, triunfos, lo que deben decirse
 los poetas y el pueblo: será otra vez, un día.
 Hoy pido un gran silencio de volcanes y ríos.

Un gran silencio pido de tierras y varones. 70
 Pido silencio a América de la nieve a la pampa.
 Silencio: La palabra al Capitán del Pueblo.
 Silencio: Que el Brasil hablará por su boca.
 XLII

De nuevo los tiranos

Hoy de nuevo la cacería
 se extiende por el Brasil,
 lo busca la fría codicia
 de los mercaderes de esclavos:
 en Wall Street decretaron 5
 a sus satélites porcinos
 que enterraran sus colmillos
 en las heridas del pueblo,
 y comenzó la cacería
 en Chile, en Brasil, en todas 10
 nuestras Américas arrasadas
 por mercaderes y verdugos.
 Mi pueblo escondió mi camino,
 cubrió mis versos con sus manos,
 me preservó de la muerte, 15
 y en Brasil la puerta infinita
 del pueblo cierra los caminos
 en donde Prestes otra vez
 rechaza de nuevo al malvado.
 Brasil, que te sea salvado 20
 tu capitán doloroso,
 Brasil, que no tengas mañana
 que recoger de su recuerdo
 brizna por brizna su efigie
 para elevarla en piedra austera, 25
 sin haberlo dejado en medio
 de tu corazón disfrutar
 la libertad que aún, aún
 puede conquistarte, Brasil.
 XLIII

Llegará el día

Libertadores, en este crepúsculo
 de América, en la despoblada
 oscuridad de la mañana,
 os entrego la hoja infinita
 de mis pueblos, el regocijo 5
 de cada hora de la lucha.
 Húsares azules, caídos
 en la profundidad del tiempo,
 soldados en cuyas banderas
 recién bordadas amanece, 10
 soldados de hoy, comunistas,
 combatientes herederos
 de los torrentes metalúrgicos,
 escuchad mi voz nacida
 en los glaciares, elevada 15
 a la hoguera de cada día
 por simple deber amoroso:
 somos la misma tierra, el mismo
 pueblo perseguido,
 la misma lucha ciñe la cintura 20
 de nuestra América:

Habéis visto
por las tardes la cueva sombría
del hermano?
Habéis traspasado
su tenebrosa vida?
El corazón disperso
del pueblo abandonado y sumergido! 25
Alguien que recibió la paz del héroe
la guardó en su bodega, alguien robó los frutos
de la cosecha ensangrentada
y dividió la geografía
estableciendo márgenes hostiles, 30
runas de desolada sombra ciega.
Recoged de las tierras el confuso
latido del dolor, las soledades,
el trigo de los suelos desgranados:
algo germina bajo las banderas: 35
la voz antigua nos llama de nuevo.
Bajad a las raíces minerales,
y a las alturas del metal desierto,
tocad la lucha del hombre en la tierra,
a través del martirio que maltrata 40
las manos destinadas a la luz.
No renunciéis al día que os entregan
los muertos que lucharon. Cada espiga
nace de un grano entregado a la tierra,
y como el trigo, el pueblo innumerable 45
junta raíces, acumula espigas,
en la tormenta desencadenada
sube a la claridad del universo.

ANEXO 2 – POEMAS ORIGINAIS EM ESPANHOL DO CAPÍTULO V. *La arena traicionada*

V. *La arena traicionada*

*Tal vez, tal vez el olvido sobre la tierra como una capa
puede desarrollar el crecimiento y alimentar la vida
(puede ser), como el humus sombrío en el bosque.
Tal vez, tal vez el hombre como un herrero acude
a la brasa, a los golpes del hierro sobre el hierro, 5
sin entrar en las ciegas ciudades del carbón,
sin cerrar la mirada, precipitarse abajo
en hundimientos, aguas, minerales, catástrofes.
Tal vez, pero mi plato es otro, mi alimento es distinto:
mis ojos no vinieron para morder olvido: 10
mis labios se abren sobre todo el tiempo, y todo el tiempo,
no sólo una parte del tiempo ha gastado mis manos.
Por eso te hablaré de estos dolores que quisiera apartar,
te obligaré a vivir una vez más entre sus quemaduras,
no para detenernos como en una estación, al partir, 15
ni tampoco para golpear con la frente la tierra,
ni para llenarnos el corazón con agua salada,
sino para caminar conociendo, para tocar la rectitud
con decisiones infinitamente cargadas de sentido,
para que la severidad sea una condición de la alegría, para 20
que así seamos invencibles.*

Los verdugos

Sauria, escamosa América enrollada
al crecimiento vegetal, al mástil
erigido en la ciénaga:
amamantaste hijos terribles
con venenosa leche de serpiente, 5
tórridas cunas incubaron
y cubrieron con barro amarillo
una progenie encarnizada.
El gato y la escorpiona fornicaron
en la patria selvática. 10
Huyó la luz de rama en rama,
pero no despertó el dormido.
Oía a caña la frazada,
habían rodado los machetes
al más huraño sitio de la siesta, 15
y en el penacho enrarecido
de las cantinas escupía
su independencia jactanciosa
el jornalero sin zapatos.

El doctor Francia

El Paraná en las zonas marañosas, 20
húmedas, palpitanes de otros ríos
donde la red del agua, Yabebiri,
Acaray, Iguerey, joyas gemelas
teñidas de quebracho, rodeadas
por las espesas copas del copal, 25
transcurre hacia las sábanas atlánticas
arrastrando el delirio
del nazaret morado, las raíces
del curupay en su sueño arenoso.
Del légamo caliente, de los tronos 30

del yacaré devorador, en medio
 de la pestilencia silvestre
 cruzó el doctor Rodríguez de Francia
 hacia el sillón del Paraguay.
 Y vivió entre los rosetones 35
 de rosada mampostería
 coma una estatua sórdida y cesárea
 cubierta por los velos de la araña sombría.
 Solitaria grandeza en el salón
 lleno de espejos, espantajo 40
 negro sobre felpa roja
 y ratas asustadas en la noche.
 Falsa columna, perversa
 academia, agnosticismo
 de rey leproso, rodeado 45
 por la extensión de los yerbales
 bebiendo números platónicos
 en la horca del ajusticiado,
 contando triángulos de estrellas,
 midiendo claves estelares, 50
 acechando el anaranjado
 atardecer del Paraguay
 con un reloj en la agonía
 del fusilado en su ventana,
 con una mano en el cerrojo 55
 del crepúsculo maniatado.
 Los estudios sobre la mesa,
 los ojos en el acicate
 del firmamento, en las volcados
 cristales de la geometría, 60
 mientras la sangre intestinal
 del hombre muerto a culatazos
 bajaba por los escalones
 chupada por verdes enjambres
 de moscas que centelleaban. 65
 Cerró el Paraguay como un nido
 de su majestad, amarró
 tortura y barro a las fronteras.
 Cuando en las calles su silueta
 pasa, los indios se colocan 70
 con la mirada hacia los muros:
 su sombra resbala dejando
 dos paredes de escalofríos.
 Cuando la muerte llega a ver
 al doctor Francia, está mudo, 75
 inmóvil, atado en sí mismo,
 solo en su cueva, detenido
 por las sogas de la parálisis,
 y muere sola, sin que nadie
 entre en la cámara: nadie se atreve 80
 a tocar la puerta del amo.
 Y amarrado por sus serpientes,
 deslenguado, hervido en su médula,
 agoniza y muere perdido
 en la soledad del palacio, 85
 mientras la noche establecida
 como una cátedra, devora
 los capiteles miserables
 salpicados por el martirio.

Rosas (1829-1849)

Es tan difícil ver a través de la tierra 90
 (no del tiempo, que eleva su copa transparente
 iluminando el alto resumen del rocío),
 pero la tierra espesa de harinas y rencores,
 bodega endurecida con muertos y metales,
 no me deja mirar hacia abajo, en el fondo 95
 donde la entrecruzada soledad me rechaza.
 Pero hablaré con ellos, los míos, los que un día
 a mi bandera huyeron, cuando era la pureza
 estrella de cristal en su tejido.
 Sarmiento, Alberdi, Ora, del Carril: 100
 mi patria pura, después mancillada,
 guardó para vosotros
 la luz de su metálica angostura
 y entre pobres y agrícolas adobes
 los desterrados pensamientos 105
 fueron hilándose con dura minería,
 y agujones de azúcar viñatera.
 Chile los repartió en su fortaleza,
 les dio la sal de su ruedo marino,
 y esparció las simientes desterradas. 110
 Mientras tanto el galope en la llanura.
 La argolla se partió sobre las hebras
 de la cabellera celeste,
 y la pampa mordió las herraduras
 de las bestias mojadas y frenéticas. 115 [156]
 Puñales, carcajadas de mazorca
 sobre el martirio. Luna coronada
 de río a río sobre la blancura
 con un penacho de sombra indecible!
 Argentina robada a culatazos 120
 en el vapor del alba, castigada
 hasta sangrar y enloquecer, vacía,
 cabalgada por agrios capataces!
 Te hiciste procesión de viñas rojas,
 fuiste una máscara, un temblor sellado, 125
 y te substituyeron en el aire
 por una mano trágica de cera.
 Salió de ti una noche, corredores,
 losas de piedra ennegrecida, escaleras
 donde se hundió el sonido, encrucijadas 130
 de carnaval, con muertos y bufones,
 y un silencio de párpado que cae
 sobre todos los ojos de la noche.
 Dónde huyeron tus trigos espumosos?
 Tu apostura frutal, tu extensa boca, 135
 todo lo que se mueve por tus cuerdas
 para cantar, tu cuero trepidante
 de gran tambor, de estrella sin medida,
 enmudecieron bajo la implacable
 soledad de la cúpula encerrada. 140
 Planeta, latitud, claridad poderosa,
 en tu borde, en la cinta de nieve compartida
 se recogió el silencio nocturno que llegaba
 montado sobre un mar vertiginoso,
 y ola tras ola el agua desnuda, relataba, 145
 el viento gris temblando desataba su arena,
 la noche nos hería con su llanto estepario.
 Pero el pueblo y el trigo se amasaron: entonces

se alisó la cabeza terrenal, se peinaron
 las hebras enterradas de la luz, la agonía 150
 probó las puertas libres, destrozadas del viento,
 y de las polvaredas en el camino, una
 a una, dignidades sumergidas, escuelas,
 inteligencias, rostros en el polvo ascendieron
 hasta hacerse unidades estrelladas, 155
 estatuas de la luz, puras praderas. [157]

Ecuador

Dispara Tunguragua aceite rojo,
 Sangay sobre la nieve
 derrama miel ardiendo,
 Imbabura de tus cimeras 160
 iglesias nevadas arroja
 peces y plantas, ramas duras
 del infinito inaccesible,
 y hacia los páramos, cobriza
 luna, edificación crepitante, 165
 deja caer tus cicatrices
 como venas sobre Antisana,
 en la arrugada soledad
 de Pumachaca, en la sulfúrica
 solemnidad de Pambamarca, 170
 volcán y luna, frío y cuarzo,
 llamas glaciales, movimiento
 de catástrofes, vaporoso
 y huracanado patrimonio.
 Ecuador, Ecuador, cola violeta 175
 de un astro ausente, en la irisada
 muchedumbre de pueblos que te cubren
 con infinita piel de frutería,
 ronda la muerte con su embudo,
 arde la fiebre en los poblados pobres, 180
 el hambre es un arado
 de ásperas púas en la tierra,
 y la misericordia te golpea
 el pecho con sayales y conventos,
 como una enfermedad humedecida 185
 en las fermentaciones de las lágrimas.

García Moreno

De allí salió el tirano.
 García Moreno es su nombre.
 Chacal enguantado, paciente
 murciélago de sacristía, 190
 recoge ceniza y tormento
 en su sombrero de seda
 y hunde las uñas en la sangre
 de los ríos ecuatoriales.
 Con los pequeños pies metidos 195
 en escarpines charolados,
 santiguándose y encerándose
 en las alfombras del altar,
 con los faldones sumergidos
 en las aguas procesionales, 200
 baila en el crimen arrastrando
 cadáveres recién fusilados,
 desgarrar el pecho de los muertos,
 pasea sus huesos volando

sobre los féretros, vestido 205
 con plumas de paño agorero.
 En los pueblos indios, la sangre
 cae sin dirección, hay miedo
 en todas las calles y sombras
 (bajo las campanas hay miedo 210
 que suena y sale hacia la noche),
 y pesan sobre Quito las gruesas
 paredes de los monasterios,
 rectas, inmóviles, selladas.
 Todo duerme con los florones 215
 de oro oxidado en las cornisas,
 los ángeles duermen colgados
 en sus perchas sacramentales,
 todo duerme como una tela
 de sacerdocio, todo sufre 220
 bajo la noche membranosa.
 Pero no duerme la crueldad.
 La crueldad de bigotes blancos
 pasea con guantes y garras
 y clava oscuros corazones 225
 sobre la verja del dominio,
 Hasta que un día entra la luz
 como un puñal en el palacio
 y abre el chaleco hundiendo un rayo
 en la pechera inmaculada. 230
 Así salió García Moreno
 del palacio una vez más, volando
 a inspeccionar las sepulturas,
 empeñosamente mortuorio,
 pero esta vez rodó hasta el fondo 235
 de las masacres, retenido,
 entre las víctimas sin nombre,
 a la humedad del pudridero.

Los brujos de América

Centro América hollada por los búhos,
 engrasada por ácidos sudores, 240
 antes de entrar en tu jazmín quemado
 considérame fibra de tu nave,
 ala de tu madera combatida
 por la espuma gemela,
 y lléname de arrobador aroma 245
 polen y pluma de tu copa,
 márgenes germinales de tus aguas,
 líneas rizadas de tu nido.
 Pero los brujos matan los metales
 de la resurrección, cierran las puertas 250
 y entenebrece la morada
 de las aves deslumbradoras.

Ubico

O es Ubico por los senderos,
 atravesando los presidios 260
 en motocicleta, frío
 como una piedra, mascarón
 de la jerarquía del miedo.

Gómez

Gómez, tembladeral de Venezuela,

sumerge lentamente rostros, 265
 inteligencias, en su cráter.
 El hombre cae de noche en él
 moviendo los brazos, tapándose
 el rostro de los golpes crueles,
 y se lo tragan cenagales, 270
 se hunde en bodegas subterráneas,
 aparece en las carreteras
 cavando cargado de hierro,
 hasta morir despedazado,
 desaparecido, perdido. 275

Machado

Machado en Cuba arreó su Isla
 con máquinas, importó tormentos
 hechos en Estados Unidos,
 silbaron las ametralladoras
 derribando la florescencia, 280
 el néctar marino de Cuba,
 y el estudiante apenas herido
 era tirado al agua donde
 los tiburones terminaban
 la obra del benemérito. 285
 Hasta México llegó la mano
 del asesino, y rodó Mella
 como un discóbolo sangrante
 sobre la calle criminal
 mientras la Isla ardía, azul, 290
 empapelada en lotería,
 hipotecada con azúcar.

Melgarejo

Bolivia muere en sus paredes
 como una flor enrarecida:
 se encaraman en sus monturas 295
 los generales derrotados
 y rompen cielos a pistolazos.

Máscara de Melgarejo,
 bestia borracha, espumarajo
 de minerales traicionados, 300
 barba de infamia, barba horrenda
 sobre los montes rencorosos,
 barba arrastrada en el delirio,
 barba cargada de coágulos,
 barba hallada en las pesadillas 305
 de la gangrena, barba errante
 galopada por los potreros,
 amancebada en los salones,
 mientras el indio y su carga cruzan
 la última sábana de oxígeno 310
 trotando por los corredores
 desangrados de la pobreza.

Bolivia (22 de marzo de 1865)

Belzu ha triunfado. Es de noche. La Paz arde
 con los últimos tiros. Polvo seco
 y baile triste hacia la altura 315
 suben trenzados con alcohol lunario

y horrenda púrpura recién mojada.
 Melgarejo ha caído, su cabeza
 golpea contra el filo mineral
 de la cima sangrienta, los cordones 320
 de oro, la casaca
 tejida de oro, la camisa
 rota empapada de sudor maligno,
 yacen junto al detritus del caballo
 y a los sesos del nuevo fusilado. 325

Belzu en Palacio, entre los guantes
 y las levitas, recibe sonrisas,
 se reparte el dominio del oscuro
 pueblo en la altura alcoholizada,
 los nuevos favoritos se deslizan 330
 por los salones encerados
 y las luces de lágrimas y lámparas
 caen al terciopelo despeinado
 por unos cuantos fognazos.

Entre la muchedumbre 335
 va Melgarejo, tempestuoso espectro
 apenas sostenido por la furia.
 Escucha el ámbito que fuera suyo,
 la masa ensordecida, el grito
 despedazado, el fuego de la hoguera 340
 alto sobre los montes, la ventana
 del nuevo vencedor.

Su vida (trozo
 de fuerza ciega y ópera desatada
 sobre los cráteres y las mesetas,
 sueño de regimiento, en que los trajes 345
 se vierten sobre tierras indefensas
 con sables de cartón, pero hay heridas
 que mancillan, con muerte verdadera
 y degollados, las plazas rurales,
 dejando tras el coro enmascarado 350
 y los discursos del Eminentísimo,
 estiércol de caballos, seda, sangre
 y los muertos de turno, rotos, rígidos
 atravesados por el atronante
 disparo de los rápidos rifleros) 355
 ha caído en lo más hondo del polvo,
 de lo desestimado y lo vacío,
 de una tal vez muerte inundada
 de humillación, pero de la derrota
 como un toro imperial saca las fauces, 360
 escarba las metálicas arenas
 y empuja el bestial paso vacilante
 el minotauro boliviano andando
 hacia las salas de oro clamoroso.
 Entre la multitud cruza cortando 365
 masa sin nombre, escala
 pesadamente el trono enajenado,
 y al vencedor caudillo asalta. Rueda
 Belzu, manchado el almidón, roto el cristal
 que cae derramando su luz líquida 370
 agujereado el pecho para siempre,
 mientras el asaltante solitario

búfalo ensangrentado del incendio
 sobre el balcón apoya su estatura,
 gritando: «Ha muerto Belzu», «Quién vive», 375
 «Responded». Y de la plaza,
 ronco un grito de tierra, un grito negro
 de pánico y horror, responde: «Viva,
 sí, Melgarejo, viva Melgarejo»,
 la misma multitud del muerto, aquella 380
 que festejó el cadáver desangrándose
 en la escalera del palacio: «Viva»,
 grita el fantoche colosal, que cubre
 todo el balcón con traje desgarrado,
 barro de campamento y sangre sucia. 385

Martínez (1932)

Martínez el curandero
 de El Salvador reparte frascos
 de remedios multicolores,
 que los ministros agradecen
 con prosternación y zalemas, 390
 El brujito vegetariano
 vive recelando en palacio
 mientras el hambre tormentosa
 aúlla en los cañaverales.
 Martínez entonces decreta: 395
 y en unos días veinte mil
 campesinos asesinados
 se pudren en las aldeas
 que Martínez manda incendiar
 con ordenanzas de higiene. 400
 De nuevo en Palacio retorna
 a sus jarabes, y recibe
 las rápidas felicitaciones
 del Embajador norteamericano.
 «Está asegurada -le dice- 405
 la cultura occidental,
 el cristianismo de occidente
 y además los buenos negocios, [163]
 las concesiones de bananas
 y los controles aduaneros.» 410
 Y beben juntos una larga
 copa de champagne, mientras cae
 la lluvia caliente en las pútridas
 agrupaciones del osario.

Las satrapías

Trujillo, Somoza, Carías, 415
 hasta hoy, hasta este amargo
 mes de septiembre
 del año 1948,
 con Moriñigo (o Natalicio)
 en Paraguay, hienas voraces 420
 de nuestra historia, roedores
 de las banderas conquistadas
 con tanta sangre y tanto fuego,
 encharcados en sus haciendas,
 depredadores infernales, 425
 sátrapas mil veces vendidos
 y vendedores, azuzados
 por los lobos de Nueva York.

Máquinas hambrientas de dólares,
 manchadas en el sacrificio 430
 de sus pueblos martirizados,
 prostituidos mercaderes
 del pan y el aire americanos,
 cenagales verdugos, piara
 de prostibularios caciques, 435
 sin otra ley que la tortura
 y el hambre azotada del pueblo.
 Doctores «honoris causa»
 de Columbia University,
 con la toga sobre las fauces 440
 y sobre el cuchillo, feroces
 trashumantes de Waldorf Astoria
 y de las cámaras malditas
 donde se pudren las edades
 eternas del encarcelado. 445
 Pequeños buitres recibidos
 por Mr. Truman, recargados
 de relojes, condecorados
 por «Loyalty», desangradores
 de patrias, sólo hay uno 450
 peor que vosotros, sólo hay uno
 y ése lo dio mi patria un día
 para desdicha de mi pueblo.

II

Las oligarquías

No, aún no secaban las banderas,
 aún no dormían los soldados
 cuando la libertad cambió de traje,
 se transformó en hacienda:
 de las tierras recién sembradas 5
 salió una casta, una cuadrilla
 de nuevos ricos con escudo,
 con policía y con prisiones.
 Hicieron una línea negra:
 «Aquí nosotros, porfiristas 10
 de México, “caballeros”
 de Chile, pitucos
 del Jockey Club de Buenos Aires,
 engomados filibusteros
 del Uruguay, pisaverdes 15
 ecuatorianos, clericales
 señoritos de todas partes.»
 «Allá vosotros, rotos, cholos,
 pelados de México, gauchos,
 amontonados en pocilgas, 20
 desamparados, andrajosos,
 piojentos, pililos, canalla,
 desbaratados, miserables,
 sucios, perezosos, pueblo.»
 Todo se edificó sobre la línea. 25
 El Arzobispo bautizó este muro
 y estableció anatemas incendiarios
 sobre el rebelde que desconociera
 la pared de la casta.
 Quemaron por la mano del verdugo 30
 los libros de Bilbao.
 El policía
 custodió la muralla, y al hambriento

que se acercó a los mármoles sagrados
 le dieron con un palo en la cabeza
 o lo enchufaron en un cepo agrícola 35
 o a puntapiés lo nombraron soldado.
 Se sintieron tranquilos y seguros.
 El pueblo fue por calles y campiñas
 a vivir hacinado, sin ventanas,
 sin suelo, sin camisa, 40
 sin escuela, sin pan.
 Anda por nuestra América un fantasma
 nutrido de detritus, iletrado,
 errante, igual en nuestras latitudes,
 saliendo de las cárceles fangosas, 45
 arrabalero y prófugo, marcado
 por el temible compatriota lleno
 de trajes, órdenes y corbatines.
 En México produjeron pulque
 para él, en Chile 50
 vino litriado de color violeta,
 lo envenenaron, le rasparon
 el alma pedacito a pedacito,
 le negaron el libro y la luz,
 hasta que fue cayendo en polvo, 55
 hundido en el desván tuberculoso,
 y entonces no tuvo entierro
 litúrgico: su ceremonia
 fue meterlo desnudo entre otras
 carroñas que no tienen nombre. 60

Promulgación de la ley del embudo

Ellos se declararon patriotas.
 En los clubs se condecoraron
 y fueron escribiendo la historia.
 Los Parlamentos se llenaron
 de pompa, se repartieron 65
 después la tierra, la ley,
 las mejores calles, el aire, la
 Universidad, los zapatos.
 Su extraordinaria iniciativa
 fue el Estado erigido en esa 70
 forma, la rígida impostura.
 Lo debatieron, como siempre,
 con solemnidad y banquetes,
 primero en círculos agrícolas,
 con militares y abogados. 75
 Y al fin llevaron al Congreso
 la Ley suprema, la famosa,
 la respetada, la intocable
 Ley del Embudo.
 Fue aprobada.
 Para el rico la buena mesa. 80
 La basura para los pobres.
 El dinero para los ricos.
 Para los pobres el trabajo.
 Para los ricos la casa grande.
 El tugurio para los pobres. 85
 El fuero para el gran ladrón.
 La cárcel al que roba un pan.
 París, París para los señoritos.
 El pobre a la mina, al desierto.

El señor Rodríguez de la Crota 90
habló en el Senado con voz
meliflua y elegante.

«Esta ley, al fin, establece
la jerarquía obligatoria
y sobre todo los principios
de la cristiandad.

Era 95
fan necesaria como el agua.
Sólo los comunistas, venidos
del infierno, como se sabe,
pueden discutir este código
del Embudo, sabio y severo. 100
Pero esta oposición asiática,
venida del sub-hombre, es sencillo
refrenarla: a la cárcel todos,
al campo de concentración,
así quedaremos sólo 105
los caballeros distinguidos
y los amables yanaconas
del Partido Radical.»

Estallaron los aplausos
de los bancos aristocráticos: 110
qué elocuencia, qué espiritual,
qué filósofo, qué lumbrera!
Y corrió cada uno a llenarse
los bolsillos en su negocio,
uno acaparando la leche, 115
otro estafando en el alambre,
otro robando en el azúcar
y todos llamándose a voces
patriotas, con el monopolio
del patriotismo, consultado 120
también en la Ley del Embudo.

Elección en Chimbarongo (1947)

En Chimbarongo, en Chile, hace tiempo
fui a una elección senatorial.

Vi cómo eran elegidos
los pedestales de la patria. 125
A las once de la mañana
llegaron del campo las carretas
atiborradas de inquilinos.
Era en invierno, mojados,
sucios, hambrientos, descalzos, 130
los siervos de Chimbarongo
descienden de las carretas.

Torvos, tostados, harapientos,
son apiñados, conducidos
con una boleta en la mano, 135
vigilados y apretujados
vuelven a cobrar la paga,
y otra vez hacia las carretas
enfilados como caballos
los han conducido.

Más tarde 140
les han tirado carne y vino
hasta dejarlos bestialmente
envilecidos y olvidados.

Escuché más tarde el discurso,

del senador así elegido: 145
 «Nosotros, patriotas cristianos,
 nosotros, defensores del orden,
 nosotros, hijos del espíritu.»
 Y estremecía su barriga
 su voz de vaca aguardentosa 150
 que parecía tropezar
 como una trompa de mamuth
 en las bóvedas tenebrosas
 de la silbante prehistoria.

La crema

Grotescos, falsos aristócratas 155
 de nuestra América, mamíferos
 recién estucados, jóvenes
 estériles, pollinos sesudos,
 hacendados malignos, héroes
 de la borrachera en el Club, 160
 salteadores de banca y bolsa,
 pijes, granfinos, pitucos,
 apuestos tigres de Embajada,
 pálidas niñas principales,
 flores carnívoras, cultivos 165
 de las cavernas perfumadas,
 enredaderas chupadoras
 de sangre, estiércol y sudor,
 lianas estranguladoras,
 cadenas de boas feudales. 170
 Mientras temblaban las praderas
 con el galope de Bolívar,
 o de O'Higgins (soldados pobres,
 pueblo azotado, héroes descalzos),
 vosotros formasteis las filas 175
 del rey, del pozo clerical,
 de la traición a las banderas,
 pero cuando el viento arrogante
 del pueblo, agitando sus lanzas,
 nos dejó la patria en los brazos, 180
 surgisteis alambrando tierras,
 midiendo cercas, hacinando
 áreas y seres, repartiendo
 la policía y los estancos.
 El pueblo volvió de las guerras, 185
 se hundió en las minas, en la oscura
 profundidad de los corrales,
 cayó en los surcos pedregosos,
 movió las fábricas grasientas,
 procreando en los conventillos, 190
 en las habitaciones repletas
 con otros seres desdichados.
 Naufragó en vino hasta perderse,
 abandonado, invadido
 por un ejército de piojos 195
 y de vampiros, rodeado
 de muros y comisaría,
 sin pan, sin música, cayendo
 en la soledad desquiciada
 donde Orfeo le deja apenas 200
 una guitarra para su alma,
 una guitarra que se cubre

de cintas y desgarraduras
y canta encima de los pueblos
como el ave de la pobreza. 205

Los poetas celestes

Qué hicisteis vosotros gidistas,
intelectualistas, rilkistas,
misterizantes, falsos brujos
existenciales, amapolas
surrealistas encendidas 210
en una tumba, europeizados
cadáveres de la moda,
pálidas lombrices del queso
capitalista, qué hicisteis
ante el reinado de la angustia, 215
frente a este oscuro ser humano,
a esta pateada compostura,
a esta cabeza sumergida
en el estiércol, a esta esencia
de ásperas vidas pisoteadas? 220
No hicisteis nada sino la fuga:
vendisteis hacinado detritus,
buscasteis cabellos celestes,
plantas cobardes, uñas rotas,
«Belleza pura», «sortilegio», 225
obra de pobres asustados
para evadir los ojos, para
enmarañar las delicadas
pupilas, para subsistir
con el plato de restos sucios 230
que os arrojaron los señores,
sin ver la piedra en agonía,
sin defender, sin conquistar,
más ciegos que las coronas
del cementerio, cuando cae 235
la lluvia sobre las inmóviles
flores podridas de las tumbas.

Los explotadores

Así fue devorada,
negada, sometida, arañada, robada,
joven América, tu vida. 240
De los despeñaderos de la cólera
donde el caudillo pisoteó cenizas
y sonrisas recién tumbadas,
hasta las máscaras patriarcales
de los bigotudos señores 245
que presidieron la mesa dando
la bendición a los presentes,
y ocultando los verdaderos
rostros de oscura saciedad,
de concupiscencia sombría 250
y cavidades codiciosas:
fauna de fríos mordedores
de la ciudad, tigres terribles,
comedores de carne humana,
expertos en la cacería 255
del pueblo hundido en las tinieblas,
desamparado en los rincones,
en los sótanos de la tierra.

Los siúticos

Entre la miasma ganadera
o papelera, o cocktelera 260
vivió el producto azul, el pétalo
de la podredumbre altanera.

Fue el «siútico» de Chile, el Raúl
Aldunatillo (conquistador
de revistas con manos ajenas, 265
con manos que mataron indios),
el Teniente cursi, el Mayor
Negocio, el que compra letras
y se estima letrado, compra
sable y se cree soldado, 270
pero no puede comprar pureza
y escupe entonces como víbora.

Pobre América revendida
en los mercados de la sangre,
por los mugrones enterrados 275
que resurgen en el salón
de Santiago, de Minas Geraes
haciendo «elegancia», caninos
caballeretes de «boudoir»,
pecheras inútiles, palos 280
del golf de la sepultura.
Pobre América, enmascarada
por elegantes transitorios,
falsificadores de rostros,
mientras, abajo, el viento negro 285
hiere el corazón derribado
y rueda el héroe del carbón
hacia el osario de los pobres,
barrido por la pestilencia,
cubierto por la oscuridad, 290
dejando siete hijos hambrientos
que arrojarán a los caminos.

Los validos

En el espeso queso cárdeno
de la tiranía amanece
otro gusano: el favorito. 295
Es el cobardón arrendado
para alabar las manos sucias.
Es orador o periodista.
Despierta de pronto en palacio,
y mastica con entusiasmo 300
las deyecciones del soberano,
elucubrando largamente
sobre sus gestos, enturbiando
el agua y pescando sus peces
en la laguna purulenta. 305

Llamémoslo Darío Poblete,
o Jorge Delano «Coke».
(Es igual, podría llamarse
de otra manera, existió cuando
Machado calumniaba a Mella, 310
después de haberlo asesinado.)

Allí Poblete hubiera escrito
sobre las «Viles enemigos»
del «Pericles de La Habana.»
Más tarde Poblete besaba 315
las herraduras de Trujillo,
la montura de Moríñigo,
el ano de Gabriel González.

Fue ayer igual, recién salido
de la montonera, alquilado 320
para mentir, para ocultar
ejecuciones y saqueos,
que hoy, levantando su cobarde
pluma sobre los tormentos
de Pisagua, sobre el dolor 325
de miles de hombres y mujeres.

Siempre el tirano en nuestra negra
geografía martirizada
halló un bachiller cenagoso
que repartiera la mentira 330
y que dijera: *El Serenísimo,*
el Constructor, el Gran Republico
que nos gobierna, y deslizará
entre la tinta emputecida
sus garras negras de ladrón. 335

Cuando el queso está consumido
y el tirano cae al infierno,
el Poblete desaparece,
el Delano «Coke» se esfuma,
el gusano vuelve al estiércol, 340
esperando la rueda infame
que aleja y trae tiranías,
para aparecer sonriente
con un nuevo discurso escrito
para el déspota que despunta. 345

Por eso, pueblo, antes que a nadie,
busca al gusano, rompe su alma
y que su líquido aplastado,
su oscura materia viscosa
sea la última escritura, 350
la despedida de una tinta
que borraremos de la tierra.

Los abogados del dólar

Infierno americano, pan nuestro
empapado en veneno, hay otra
lengua en tu pérfida fogata: 355
es el abogado criollo
de la compañía extranjera.

Es el que remacha los grillos
de la esclavitud en su patria,
y desdeñoso se pasea 360
con la casta de los gerentes
mirando con aire supremo
nuestras banderas harapientas.

Cuando llegan de Nueva York
 las avanzadas imperiales, 365
 ingenieros, calculadores,
 agrimensores, expertos,
 y miden tierra conquistada,
 estaño, petróleo, bananas,
 nitrato, cobre, manganeso, 370
 azúcar, hierro, caucho, tierra,
 se adelanta un enano oscuro,
 con una sonrisa amarilla,
 y aconseja, con suavidad,
 a los invasores recientes: 375

*No es necesario pagar tanto
 a estos nativos, sería
 torpe, señores, elevar
 estos salarios. No conviene.
 Estos rotos, estos cholitos 380
 no sabrían sino embriagarse
 con tanta plata. No, por Dios.
 Son primitivos, poco más
 que bestias, los conozco mucho.
 No varan a pagarles tanto. 385*

Es adoptado. Le ponen
 librea. Viste de gringo,
 escupe como gringo. Baila
 como gringo, y sube.
 Tiene automóvil, whisky, prensa, 390
 lo eligen juez y diputado,
 lo condecoran, es Ministro,
 y es escuchado en el Gobierno. [174]
 Él sabe quién es sobornable.
 Él sabe quién es sobornado. 395
 Él lame, unta, condecora,
 halaga, sonrío, amenaza.
 Y así vacían por los puertos
 las repúblicas desangradas.
 Dónde habita, preguntaréis, 400
 este virus, este abogado,
 este fermento del detritus,
 este duro piojo sanguíneo,
 engordado con nuestra sangre?
 Habita las bajas regiones 405
 ecuatoriales, el Brasil,
 pero también es su morada
 el cinturón central de América.
 Lo encontraréis en la escarpada
 altura de Chuquicamata. 410
 Donde huele riqueza sube
 los montes, cruza los abismos,
 con las recetas de su código
 para robar la tierra nuestra.
 Lo hallaréis en Puerto Limón, 415
 en Ciudad Trujillo, en Iquique,
 en Caracas, en Maracaibo,
 en Antofagasta, en Honduras,
 encarcelando a nuestro hermano,
 acusando a su compatriota, 420
 despojando peones, abriendo

puertas de jueces y hacendados,
comprando prensa, dirigiendo
la policía, el palo, el rifle
contra su familia olvidada. 425

Pavoneándose, vestido
de smoking, en las recepciones,
inaugurando monumentos
con esta frase: *Señores,*
la Patria antes que la vida, 430
es nuestra madre, es nuestro suelo,
defendamos el orden, hagamos
nuevos presidios, otras cárceles.
Y muere glorioso, «el patriota
senador, patricio, eminente, 435
condecorado por el Papa,
ilustre, próspero, temido,
mientras la trágica ralea
de nuestros muertos, los que hundieron
la mano en el cobre, arañaron 440
la tierra profunda y severa,
mueren golpeadas y olvidados,
apresuradamente puestos
en sus cajones funerales:
un nombre, un número en la cruz 445
que el viento sacude, matando
hasta la cifra de los héroes.

Diplomáticos (1948)

Si usted nace tonto en Rumania
sigue la carrera de tonto,
si usted es tonto en Avignon 450
su calidad es conocida
por las viejas piedras de Francia,
por las escuelas y los chicos
irrespetuosos de las granjas.
Pero si usted nace tonto en Chile 455
pronto lo harán Embajador.
Llámesse usted tonto Mengano,
tonto Joaquín Fernández, tonto
Fulano de Tal, si es posible
tenga una barba acrisolada. 460
Es todo cuanta se le exige
para «entablar negociaciones».
Informará después, sabihondo,
sobre su espectacular
presentación de credenciales, 465
diciendo: *Etc., la carroza,*
etc., Su Excelencia, etc.,
frases, etc., benévolas.
Tome una voz ahuecada
tono de vaca protectora, 470
mutuamente con el enviado de Trujillo,
mantenga discretamente
una «garçonnière» «Usted sabe, [176]
las conveniencias de estas cosas
para los Tratados de Límites»), 475
remita en algo disfrazado
el editorial del periódico
doctoral, que desayunando

leyó anteayer: es un «informe».
 Júntese con lo «granado» 480
 de la «sociedad», con los tontos
 de aquel país, adquiera cuanta
 platería pueda comprar,
 hable en los aniversarios
 junto a los caballos de bronce, 485
 diciendo: *Ejem, los vínculos,*
etc., ejem, etc.,
ejem, los descendientes,
etc., la raza, ejem, el puro,
el sacrosanto, ejem, etc. 490
 Y quédese tranquilo, tranquilo:
 es usted un buen diplomático
 de Chile, es usted un tonto
 condecorado y prodigioso.

Los burdeles

De la prosperidad nació el burdel, 495
 acompañando el estandarte
 de los billetes hacinados:
 sentina respetada
 del capital, bodega de la nave
 de mi tiempo.

Fueron mecanizados 500
 burdeles en la cabellera
 de Buenos Aires, carne fresca
 exportada por el infortunio
 de las ciudades y los campos
 remotos, en donde el dinero 505
 acechó los pasos del cántaro
 y aprisionó la enredadera.

Rurales lenocinios, de noche,
 en invierno, con los caballos
 a la puerta de las aldeas 510
 y las muchachas atolondradas
 que cayeron de venta en venta
 en la mano de los magnates.
 Lentos prostíbulos provinciales
 en que los hacendados del pueblo 520
 -dictadores de la vendimia-
 aturden la noche venérea
 con espantosos estertores

Por los rincones, escondidas,
 grey de ramerar, inconstantes 525
 fantasmas, pasajeras
 del tren mortal, ya os tomaron,
 ya estáis en la red mancillada,
 ya no podéis volver al mar,
 ya os acecharon y cazaron, 530
 ya estáis muertas en el vacío
 de lo más vivo de la vida,
 ya podéis deslizar la sombra
 por las paredes: a ninguna
 otra parte sino a la muerte 535
 van estos muros por la tierra.

Procesión en Lima (1947)

Eran muchos, llevaban el ídolo
sobre los hombros, era espesa
la cola de la muchedumbre
como una salida del mar 540
con morada fosforescencia.
Saltaban bailando, elevando
graves murmullos masticados
que se unían a la fritanga
y a los tétricos tamboriles. 545

Chalecos morados, zapatos
morados, sombreros
llenaban de manchas violetas
las avenidas como un río
de enfermedades pustulosas 550
que desembocaba en los vidrios
inútiles de la catedral.
Algo infinitamente lúgubre
como el incienso, la copiosa
aglomeración de las llagas 555
hería los ojos uniéndose
con las llamas afrodisíacas
del apretado río humano.
Vi al obeso terrateniente
sudando en los sobrepellices, 560
rascándose los goterones
de sagrada esperma en la nuca.

Vi al zaparrastroso gusano
de las estériles montañas,
al indio de rostro perdido 565
en las vasijas, al pastor
de llamas dulces, a las niñas
cortantes de las sacristías,
a los profesores de aldea
con rostros azules y hambrientos. 570
Narcotizados bailadores
con camisones purpurinos
iban los negros pataleando
sobre tambores invisibles.

Y todo Perú se golpeaba 575
el pecho mirando la estatua
de una señora remilgada,
azul-celeste y rosadilla
que navegaba las cabezas
en su hamo de confitura 580
hinchado de aire sudoroso.

La Standard Oil Co.

Cuando el barreno se abrió paso
hacia las simas pedregales
y hundió su intestino implacable
en las haciendas subterráneas, 585
y los años muertos, los ojos
de las edades, las raíces
de las plantas encarceladas
y los sistemas escamosos
se hicieran estratas del agua, 590

subió por los tubos el fuego
 convertido en líquido frío,
 en la aduana de las alturas
 a la salida de su mundo
 de profundidad tenebrosa, 595
 encontró un pálido ingeniero
 y un título de propietario.

Aunque «te enreden los caminos
 del petróleo, aunque las napas
 cambien su sitio silencioso 600
 y muevan su soberanía
 entre los vientres de la tierra,
 cuando sacude el surtidor
 su ramaje de parafina,
 antes llegó la Standard Oil 605
 con sus letrados y sus botas.
 con sus cheques y sus fusiles,
 con sus gobiernos y sus presos.

Sus obesos emperadores
 viven en New York, son suaves 610
 y sonrientes asesinos,
 que compran seda, nylon, puros,
 tiranuelos y dictadores.
 Compran países, pueblos, mares,
 policías, diputaciones, 615
 lejanas comarcas en donde
 los pobres guardan su maíz
 como los avaros el aro:
 la Standard Oil los despierta,
 los uniforma, les designa 620
 cuál es el hermano enemigo,
 y el paraguayo hace su guerra
 y el boliviano se deshace
 con su ametralladora en la selva.

Un presidente asesinado 625
 por una gota de petróleo,
 una hipoteca de millones
 de hectáreas, un fusilamiento
 rápido en una mañana
 mortal de luz, petrificada, 630
 un nuevo campo de presos
 subversivos en Patagonia,
 una traición, un tiroteo
 bajo la luna petrolada,
 un cambio sutil de ministros 635
 en la capital, un rumor
 como una marea de aceite,
 y luego el zarpazo, y verás
 cómo brillan, sobre las nubes,
 sobre los mares, en tu casa, 640
 las letras de la Standard Oil
 iluminando sus dominios.

La Anaconda Copper Mining Co.

Nombre enrollado de serpiente,
 fauce insaciable, monstruo verde,
 en las alturas agrupadas, 645
 en la montura enrarecida
 de mi país, bajo la luna
 de la dureza, excavadora,
 abres los cráteres lunarios
 del mineral, las galerías 650
 del cobre virgen, enfundado
 en sus arenas de granito.

Yo he visto arder en la noche eterna
 de Chuquicamata, en la altura,
 el fuego de los sacrificios, 655
 la crepitación desbordante
 del cíclope que devoraba
 la mano, el peso, la cintura
 de los chilenos, enrollándolos
 bajo sus vértebras de cobre, 660
 vaciándoles la sangre tibia,
 triturando los esqueletos
 y escupiéndolos en los montes
 de los desiertos desolados. 665

El aire suena en las alturas
 de Chuquicamata estrellada.
 Los socavones aniquilan
 con manos pequeñas de hombre
 la resistencia del planeta,
 trepida el ave sulfurosa 670
 de las gargantas, se amotina
 el férreo frío del metal
 con sus hurañas cicatrices,
 y cuando aturden las bocinas
 la tierra se traga un desfile 675
 de hombres minúsculos que bajan
 a las mandíbulas del cráter.

Son pequeños capitanes,
 sobrinos míos, hijos míos,
 y cuando vierten los lingotes 680
 hacia los mares, y se limpian
 la frente y vuelven trepidando
 en el último escalofrío,
 la gran serpiente se los come,
 los disminuye, los tritura, 685
 los cubre de baba maligna,
 los arroja por los caminos,
 los mata con la policía,
 los hace pudrir en Pisagua,
 los encarcela, los escupe, 690
 compra un Presidente traidor
 que los insulta y los persigue,
 los mata de hambre en las llanuras
 de la inmensidad arenosa.
 Y hay una y otra cruz torcida 695
 en las laderas infernales
 como única leña dispersa
 del árbol de la minería.

La United Fruit Co.

Cuando sonó la trompeta, estuvo
 todo preparado en la tierra, 700
 y Jehová repartió el mundo
 a Coca-Cola Inc., Anaconda,
 Ford Motors, y otras entidades:
 la Compañía Frutera Inc.
 se reservó lo más jugoso, 705
 la costa central de mi tierra,
 la dulce cintura de América.

Bautizó de nuevo sus tierras
 corno «Repúblicas Bananas»,
 y sobre los muertos dormidos, 710
 sobre los héroes inquietos
 que conquistaron la grandeza,
 la libertad y las banderas,
 estableció la ópera bufa:
 enajenó los albedríos, 715
 regaló coronas de César,
 desenvainó la envidia, atrajo
 la dictadura de las moscas,
 moscas Trujillos, moscas Tachos,
 moscas Carías, moscas Martínez, 720
 moscas Ubico, moscas húmedas
 de sangre humilde y mermelada,
 moscas borrachas que zumban
 cubre las tumbas populares,
 moscas de circo, sabias moscas 725
 entendidas en tiranía.

Entre las moscas sanguinarias
 la Frutera desembarca,
 arrasando el café y las frutas,
 en sus barcos que deslizaron 730
 como bandejas el tesoro
 de nuestras tierras sumergidas.
 Mientras tanto, por los abismos
 azucarados de los puertos,
 caían indios sepultados 735
 en el vapor de la mañana:
 un cuerpo rueda, una cosa
 sin nombre, un número caído,
 un racimo de fruta muerta
 derramada en el pudridero. 740

Las tierras y los hombres

Viejos terratenientes incrustados
 en la tierra como huesos
 de pavorosos animales
 supersticiosos herederos
 de la encomienda, emperadores 745
 de una tierra oscura, cerrada
 con odio y cercados de púa.
 Entre los cercos el estambre
 del ser humano fue ahogado,
 el niño fue enterrado vivo, 750
 se le negó el pan y la letra,
 se le marcó como inquilino,

so le condenó a los corrales.
 Pobre peón infortunado
 entre las zarzas, amarrado 755
 a la no existencia, a la sombra
 de las praderías salvajes.
 Sin Ebro fuiste carne inerte,
 y luego insensato esqueleto,
 comprado de una vida a otra, 780
 rechazado en la puerta blanca
 sin más amar que una guitarra
 desgarradora en su tristeza
 y el baile apenas encendido
 como una ráfaga mojada. 785
 Pero no sólo fue en los campos
 la herida del hambre. Más lejos,
 más cerca, más hondo clavarón:
 en la ciudad, junto al palacio,
 creció el conventillo leproso, 790
 pululante de porquería,
 con su acusadora gangrena.
 Yo he visto en los agrios recodos
 de Talcahuano, en la encharcada
 cenicería de los cerros, 795
 hervir los pétalos inmundos
 de la pobreza, el amasijo
 de corazones degradados,
 la pústula abierta en la sombra
 del atardecer submarino, 800
 la cicatriz de los harapos,
 y la substancia envejecida
 del hombre hirsuto y apaleado.
 Yo entré en las casas profundas,
 como cuevas de ratas, húmedas 805
 de salitre y de sal podrida,
 vi arrastrarse seres hambrientos,
 oscuridades desdentadas,
 que trataban de sonreírme
 a través del aire maldito. 810
 Me atravesaron los dolores
 de mi pueblo, se me enredaron
 como alambradas en el alma:
 me crisparon el corazón:
 salí a gritar por los caminos, 815
 salí a llorar envuelto en humo,
 toqué las puertas y me hirieron
 como cuchillos espinosos,
 llamé a los rostros impasibles
 que antes adoré como estrellas 820
 y me mostraron su vacío.
 Entonces me hice soldado:
 número oscuro, regimiento,
 orden de puños combatientes,
 sistema de la inteligencia, 825
 fibra del tiempo innumerable,
 árbol armado, indestructible
 camino del hombre en la tierra.
 Y vi cuántos éramos, cuántos 830
 estaban junto a mí, no eran
 nadie, eran todos los hombres,
 no tenían rostro, eran pueblo,

eran metal, eran caminos.
Y anduve con los mismos pasos
de la primavera en el mundo. 835

Los mendigos

Junto a las catedrales, anudados
al muro. acarrearon
sus pies, sus bultos, sus miradas negras,
sus crecimientos lívidos de gárgolas,
sus latas andrajosas de comida, 840
y desde allí, desde la dura
santidad de la piedra,
se hicieron flora de la calle, errantes
flores de las legales pestilencias.
El parque tiene sus mendigos 845
como sus árboles de torturados
ramajes y raíces:
a los pies del jardín vive el esclavo,
como al final del hombre, hecho basura,
aceptada su impura simetría, 850
listo para la escoba de la muerte.
La caridad lo entierra
en su agujero de tierra leprosa:
sirve de ejemplo al hombre de mis días.
Debe aprender a pisotear, a hundir 855
la especie en los pantanos del desprecio,
a poner los zapatos en la frente
del ser con uniforme de vencido,
o por lo menos debe comprenderlo
en los productos de la naturaleza. 860
Mendigo americano, hijo del año
1948, nieto
de catedrales, yo no te venero,
yo no voy a poner marfil antiguo,
barbas de rey en tu escrita figura, 865
como te justifican en los libros,
yo te voy a borrar con esperanza:
no entrarás a mi amor organizado,
no entrarás a mi pecho con los tuyos,
con los que te crearon escupiendo 870
tu forma degradada,
yo apartaré tu arcilla de la tierra
hasta que te construyan los metales
y salgas a brillar como una espada.

Los indios

El indio huyó desde su piel al fondo 875
de antigua inmensidad de donde un día
subió como las islas: derrotado,
se transformó en atmósfera invisible,
se fue abriendo en la tierra, derramando
su secreta señal sobre la arena. 890
El que gastó la luna, el que peinaba
la misteriosa soledad del mundo,
el que no transcurrió sin levantarse
en altas piedras de aire coronadas,
el que duró como la luz celeste 895
bajo la magnitud de su arboleda,
se gastó de repente hasta ser hilo,
se convirtió en arrugas,

desmenuzó sus torres torrenciales
 y recibió su paquete de harapos. 900
 Yo lo vi en las alturas imantadas
 de Amatitlán, royendo las orillas
 del agua impenetrable: anduve un día
 sobre la majestad abrumadora
 del monte boliviano, con sus restos 905
 de pájaro y raíz.
 Yo vi llorar
 a mi hermano de loca poesía,
 Alberti, en los recintos araucanos,
 cuando lo rodearon como a Ercilla
 y eran, en vez de aquellos dioses rojos, 910
 una cadena cárdena de muertos.
 Más lejos, en la red de agua salvaje
 de la Tierra del Fuego,
 los vi subir, oh lobos, desgüeñados,
 a las piraguas rotas, 915
 a mendigar el pan en el Océano.
 Allí fueron matando cada fibra
 de sus desérticos dominios,
 y el cazador de indios recibía
 sucios billetes por traer cabezas, 920
 de los dueños del aire, de los reyes
 de la nevada soledad antártica.
 Los que pagaron crímenes se sientan
 hoy en el Parlamento, matriculan
 sus matrimonios en las Presidencias, 925
 viven con Cardenales y Gerentes,
 y sobre la garganta acuchillada
 de los dueños del Sur crecen las flores.
 Ya de la Araucanía los penachos
 fueron desbaratados por el vino, 930
 raídos por la pulpería,
 ennegrecidos por los abogados
 al servicio del robo de su reino,
 y a los que fusilaron a la tierra,
 a los que en los caminos defendidos 935
 por el gladiador deslumbrante
 de nuestra propia orilla
 entraron disparando y negociando,
 llamaron «Pacificadores»
 y les multiplicaron charreteras. 940
 Así perdió sin ver, así invisible
 fue para el indio el desmoronamiento
 de su heredad: no vio los estandartes,
 no echó a rodar la flecha ensangrentada,
 sino que lo royeron, poco a poco, 945
 magistrados, rateros, hacendados,
 todos tomaron su imperial dulzura,
 todos se le enredaron en la manta
 hasta que lo tiraron desangrándose
 a las últimas ciénagas de América. 950
 Y de las verdes láminas, del cielo
 innumerable y puro del follaje,
 de la inmortal morada construida
 con pétalos pesados de granito,
 fue conducido a la cabaña rota, 955
 al árido albañal de la miseria.
 De la fulguradora desnudez,

dorados pechos, pálida cintura,
o de los ornamentos minerales
que unieron a su piel todo el rocío, 960
lo llevaron al hilo del andrajo,
le repartieron pantalones muertos
y así paseó su majestad parchada
por el aire del mundo que fue suyo.
Así fue cometido este tormento. 965
El hecho fue invisible como entrada
de traidor, como impalpable cáncer,
hasta que fue agobiado nuestro padre,
hasta que le enseñaron a fantasma
y entró a la única puerta que le abrieron, 970
la puerta de otros pobres, la de todos
los azotados pobres de la tierra. [187]

Los jueces

Por el alto Perú, por Nicaragua,
sobre la Patagonia, en las ciudades,
no tuviste razón, no tienes nada: 975
copa de miseria, abandonado
hijo de las Américas, no hay
ley, no hay juez que te proteja
la tierra, la casita con maíces. 980
Cuando llegó la casta de los tuyos,
de los señores tuyos, ya olvidado
el sueño antiguo de garras y cuchillos,
vino la ley a despoblar tu cielo,
a arrancarte terrones adorados,
a discutir el agua de los ríos, 985
a robarte el reinado de los árboles.
Te atestiguaron, te pusieron sellos
en la camisa, te forraron
el corazón con hojas y papeles,
te sepultaron en edictos fríos, 990
y cuando despertaste en la frontera
de la más despeñada desventura,
desposeído, solitario, errante,
te dieron calabozo, te amarraron,
te maniataron para que nadando 995
no salieras del agua de los pobres,
sino que te ahogaras pataleando.
El juez benigno te lee el inciso
número Cuatro mil, Tercer acápite,
el mismo usado en toda 1000
la geografía azul que libertaron
otros que fueron como tú y cayeron,
y te instituye por su codicilo
y sin apelación, perro sarnoso.
Dice tu sangre, cómo entretejieron 1005
al rico y a la ley? Con qué tejido
de hierro sulfuroso, cómo fueron
cayendo pobres al juzgado?
Cómo se hizo la tierra tan amarga
para los pobres hijos, duramente 1010
amamantados con piedra y dolores?
Así pasó y así lo dejo escrito.
Las vidas lo escribieron en mi frente.

III

Los muertos de la plaza (28 de enero 1946 Santiago de Chile)

Yo no vengo a llorar aquí donde cayeron:
vengo a vosotros, acudo a los que viven.
Acudo a ti y a mí y en tu pecho golpeo.
Cayeron otros antes. Recuerdas? Sí, recuerdas.
Otros que el mismo nombre y apellido tuvieron. 5
En San Gregorio, en Lonquimay lluvioso,
en Ranquil, derramados por el viento,
en Iquique, enterrados en la arena,
a lo largo del mar y del desierto,
a lo largo del humo y de la lluvia, 10
desde las pampas a los archipiélagos
fueron asesinados otros hombres,
otros que como tú se llamaban Antonio
y que eran como tú pescadores o herreros:
carne de Chile, rostros 15
cicatrizados por el viento,
martirizados por la pampa,
firmados por el sufrimiento.
Yo encontré por los muros de la patria,
junto a la nieve y su cristalería, 20
detrás del río de ramaje verde,
debajo del nitrato y de la espiga,
una gota de sangre de mi pueblo y
cada gota, como el fuego, ardía.

Las masacres

Pero entonces la sangre fue escondida 25
detrás de las raíces, fue lavada
y negada
(fue tan lejos), la lluvia del Sur la borró de la tierra
(tan lejos fue), el salitre la devoró en la pampa:
y la muerte del pueblo fue como siempre ha sido:
como si no muriera nadie, nada, 30
como si fueran piedras las que caen
sobre la tierra, o agua sobre el agua.
De Norte a Sur, adonde trituraron
o quemaron los muertos,
fueron en las tinieblas sepultados, 35
o en la noche quemados en silencio,
acumulados en un pique
o escupidos al mar sus huesos:
nadie sabe dónde están ahora,
no tienen tumba, están dispersos 40
en las raíces de la patria
sus martirizados dedos:
sus fusilados corazones:
la sonrisa de los chilenos:
los valerosos de la pampa: 45
los capitanes del silencio.
Nadie sabe dónde enterraron
los asesinos estos cuerpos,
pero ellos saldrán de la tierra
a cobrar la sangre caída 50
en la resurrección del pueblo.
En medio de la Plaza fue este crimen.
No escondió el matorral la sangre pura
del pueblo, ni la tragó la arena de la pampa
Nadie escondió este crimen. 55

Este crimen fue en medio de la Patria

Los hombres del nitrato

Yo estaba en el salitre, con los héroes oscuros,
 con el que cava nieve fertilizante y fina
 en la corteza dura del planeta,
 y estreché con orgullo sus manos de tierra. 60
 Ellos me dijeron: «Mira,
 hermano, cómo vivimos,
 aquí en «Humberstone», aquí en «Mapocho»,
 en «Ricaventura», en «Paloma»,
 en «Fan de Azúcar» en «Piojillo». 65
 Y me mostraron sus raciones
 de miserables alimentos,
 su piso de tierra en las casas,
 el sol, el polvo, las vinchucas,
 y la soledad inmensa. 70
 Yo vi el trabajo de los derripiadores,
 que dejan sumida, en el mango
 de la madera de la pala,
 toda la huella de sus manos.
 Yo escuché una voz que venía 75
 desde el fondo estrecho del pique,
 como de un útero infernal,
 y después asomar arriba
 una criatura sin rostro,
 una máscara polvorienta 80
 de sudor, de sangre y de polvo.
 Y ése me dijo: «Adonde vayas,
 habla tú de estos tormentos,
 habla tú, hermano, de tu hermano
 que vive abajo, en el infierno.» 85

La muerte

Pueblo, aquí decidiste dar tu mano
 al perseguido obrero de la pampa, y llamaste,
 llamaste al hombre, a la mujer, al niño,
 hace un año, a esta Plaza.
 Y aquí cayó tu sangre.
 En medio de la patria fue vertida, 90
 frente al palacio, en medio de la calle,
 para que la mirara todo el mundo
 y no pudiera borrarla nadie,
 y quedaran sus manchas rojas
 como planetas implacables. 95
 Fue cuando mano y mano de chileno
 alargaron sus dedos a la pampa,
 y con el corazón entero
 iría la unidad de sus palabras:
 fue cuando ibas, pueblo, a cantar 100
 una vieja canción con lágrimas,
 con esperanza y con dolores:
 vino la mano del verdugo
 y empapó de sangre la plaza!

Cómo nacen las banderas

Están así hasta hoy nuestras banderas. 105
 El pueblo las bordó con su ternura,
 cosió los trapos con su sufrimiento.
 Clavó la estrella con su mano ardiente.

Y cortó, de camisa o firmamento,
azul para la estrella de la patria 110
El rojo, gota s grata, iba naciendo.

Los llamo

Uno a uno hablaré con ellos esta tarde.
Uno a uno, llegáis en el recuerdo,
esta tarde, a esta plaza.
Manuel Antonio López, 115
camarada.
Lisboa Calderón,
otros te traicionaron, nosotros continuamos tu jornada.
Alejandro Gutiérrez,
el estandarte que cayó contigo 120
sobre toda la tierra se levanta.
César Tapia,
tu corazón está en estas banderas,
palpita hoy el viento de la plaza.
Filomeno Chávez, 125
nunca estreché tu mano, pero aquí está tu mano:
es una mano pura que la muerte no mata.
Ramona Parra, joven
estrella iluminada,
Ramona Parra, frágil heroína, 130
Ramona Parra, flor ensangrentada,
amiga nuestra, corazón valiente,
niña ejemplar, guerrillera dorada:
juramos en tu nombre continuar esta lucha
para que así florezca tu sangre derramada. 135

Los enemigos

Ellos aquí trajeron los fusiles repletos
de pólvora, ellos mandaron el acerbo exterminio,
ellos aquí encontraron un pueblo que cantaba,
un pueblo por deber y por amor reunido,
y la delgada niña cayó con su bandera, 140
y el joven sonriente rodó a su lado herido,
y el estupor del pueblo vio caer a los muertos
con furia y con dolor.
Entonces, en el sitio
donde cayeron los asesinados, 145
bajaron las banderas a empaparse de sangre
para alzarse de nuevo frente a los asesinos.
Por estos muertos, nuestros muertos,
pido castigo.
Para los que de sangre salpicaron la patria, 150
pido castigo.
Para el verdugo que mandó esta muerte
pido castigo.
Para el traidor que ascendió sobre el crimen,
pido castigo. 155
Para el que dio la orden de agonía,
pido castigo.
Para los que defendieron este crimen,
pido castigo.
No quiero que me den la mano 160
empapada con nuestra sangre.
Pido castigo.
No los quiero de Embajadores,
tampoco en su casa tranquilos,

los quiero ver aquí juzgados, 165
 en esta plaza, en este sitio.
 Quiero castigo.

Están aquí

He de llamar aquí como si aquí estuvieran.
 Hermanos: sabed que nuestra lucha
 continuará en la tierra. 170
 Continuará en la fábrica, en el campo,
 en la calle, en la salitrera.
 En el cráter del cobre verde y rojo,
 en el carbón y su terrible cueva.
 Estará nuestra lucha en todas partes, 175
 y en nuestro corazón, estas banderas
 que presenciaron vuestra muerte,
 que se empaparon en la sangre vuestra,
 se multiplicarán como las hojas
 de la infinita primavera. 180

Siempre

Aunque los pasos toquen mil años este sitio,
 no borrarán la sangre de los que aquí cayeron.
 Y no se extinguirá la hora en que caísteis,
 aunque miles de voces crucen este silencio.
 La lluvia empapará las piedras de la plaza, 185
 pero no apagará vuestros nombres de fuego.
 Mil noches caerán con sus alas oscuras,
 sin destruir el día que esperan estos muertos.
 El día que esperamos a lo largo del mundo
 tantos hombres, el día final del sufrimiento. 190
 Un día de justicia conquistada en la lucha,
 y vosotros, hermanos caídos, en silencio,
 estaréis con nosotros en ese vasto día
 de la lucha final, en ese día inmenso.

IV

Crónica de 1948 (América)

Mal año, año de ratas, año impuro!

Alta y metálica es tu línea
 en las orillas del océano
 y del aire, como un alambre
 de tempestades y tensión. 5
 Pero, América, también eres
 nocturna, azul y pantanosa:
 ciénaga y cielo, una agonía
 de corazones aplastados
 como negras naranjas rotas 10
 en tu silencio de bodega.

Paraguay

Desenfrenado Paraguay!
 De qué sirvió la luna pura
 iluminando los papeles
 de la geometría dorada? 15
 Para qué sirvió el pensamiento
 heredado de las columnas
 y de los números solemnes?
 Para este agujera abrumado
 de sangre podrida, para 20

este hígado equinoccial
 arrebatada por la muerte.
 Para Moriñigo reinante,
 sentado sobre las prisiones
 en su charca de parafina, 25
 mientras las plumas escarlata
 de los colibríes eléctricos
 vuelan y fulguran sobre
 los pobres muertos de la selva.

Mal año, año de rosas desmedradas, 30
año de carabinas, mira, bajo tus ojos
no te ciegue
el aluminio del avión, la música
de su velocidad seca y sonora:
mira tu pan, tu tierra, tu multitud raída, 35
tu stirpe roca!
Miras ese valle
verde y ceniza desde el alto cielo?
Pálida agricultura, minería
harapienta, silencio y llanto
como el trigo, cayendo 40
y naciendo
en una eternidad malvada.

Brasil

Brasil, el Dutra, el pavoroso
 pavo de las tierras calientes,
 engordado por las amargas
 ramas del aire venenoso: 45
 sapo de las negras ciénagas
 de nuestra luna americana:
 botones dorados, ojillos
 de rata gris amoratada:
 Oh, Señor, de los intestinos 50
 de nuestra pobre madre hambrienta,
 de tanto sueño y resplandecientes
 libertadores, de tanto
 sudor sobre los agujeros
 de la mina, de tanta y tanta 55
 soledad en las plantaciones,
 América, elevas de pronto
 a tu claridad planetaria
 a un Dutra sacado del fondo
 de tus reptiles, de tu sorda 60
 profundidad y prehistoria.
 Y así sucedió!
 Albañiles
 del Brasil, golpead la frontera,
 pescadores, llorad de noche
 sobre las aguas litorales, 65
 mientras Dutra, con sus pequeños
 ojos de cerdo selvático,
 rompe con un hacha la imprenta,
 quema los libros en la plaza,
 encarcela, persigue y fustiga 70
 hasta que el silencio se hace
 en nuestra noche tenebrosa.

Cuba

En Cuba están asesinando!
 Ya tienen a Jesús Menéndez
 en un cajón recién comprado. 75
 Él salió, como un rey, del pueblo,
 y anduvo mirando raíces,
 deteniendo a los transeúntes,
 golpeando el pecho a los dormidos,
 estableciendo las edades, 80
 componiendo las almas rotas,
 y levantando del azúcar
 los sangrientos cañaverales,
 el sudor que pudre las piedras,
 preguntando por las cocinas 85
 pobres: quién eres?, cuánto comes?,
 tocando este brazo, esta herida,
 y acumulando estos silencios
 en una sola voz, la ronca
 voz entrecortada de Cuba. 90
 Lo asesinó un capitancito,
 un generalito: en un tren
 le dijo: ven, y por la espalda
 hizo fuego el generalito,
 para que callara la voz 95
 ronca de los cañaverales.

Centro América

Mal año, ves más allá de la espesa
 sombra de matorrales la cintura
 de nuestra geografía?
 Una ola estrella
 como un panal sus abejas azules 100
contra la costa y vuelan los destellos
del doble mar sobre la tierra angosta...
 Delgada tierra como un látigo,
 calentada como un tormento,
 tu paso en Honduras, tu sangre 105
 en Santo Domingo, de noche,
 tus ojos desde Nicaragua
 me tocan, me llaman, me exigen,
 y por la tierra americana
 toco las puertas para hablar, 110
 toco las lenguas amarradas,
 levanto las cortinas, hundo
 la mano en la sangre:
 Oh, dolores
 de tierra mía, oh, estertores
 del gran silencio establecido, 115
 oh, pueblos de larga agonía,
 oh, cintura de los sollozos.

Puerto Rico

Mr. Truman llega a la Isla
 de Puerto Rico,
 viene al agua
 azul de nuestros mares puros 120
 a lavar sus dedos sangrientos.
 Acaba de ordenar la muerte
 de doscientos jóvenes griegos,
 sus ametralladoras funcionan

estrictamente,
 cada día 125
 por sus órdenes las cabezas
 dóricas -uva y oliva-,
 ojos del mar antiguo, pétalos
 de la corola corinthiana,
 caen al polvo griego.
 Los asesinos 130
 alzan la copa
 dulce de Chipre con los
 expertos norteamericanos,
 entre grandes risotadas, con
 los bigotes chorreantes 135
 de aceite frito y sangre griega.
 Truman a nuestras aguas llega
 a lavarse las manos rojas
 de la sangre lejana. Mientras,
 decreta, predica y sonríe 140
 en la Universidad, en su idioma,
 cierta la boca castellana,
 cubre la luz de las palabras
 que allí circularon como un
 río de estirpe cristalina 145
 y estatuye: «Muerte a tu lengua,
 Puerto Rico.»

Grecia

(La sangre griega
 baja en esta hora. Amanece
 en las colinas.
 Es un simple
 arroyo entre el polvo y las piedras: 150
 los pastores pisan la sangre
 de otros pastores:
 es un simple
 hilo delgado que desciende
 desde los montes hasta el mar,
 hasta el mar que conoce y canta.) 155
*...A tu tierra, a tu mar vuelve los ojos,
 mira la claridad en las australes
 aguas y nieves, construye el sol las uvas,
 brilla el desierto, el mar de Chile surge
 coa su línea golpeada...* 160

En Lota están las bajas minas
 del carbón: es un puerto frío,
 del grave invierno austral, la lluvia
 cae y cae sobre los techos, alas
 de gaviotas color de niebla, 165
 y bajo el mar sombrío el hombre
 cava y cava el recinto negro.
 La vida del hombre es oscura
 como el carbón, noche andrajosa,
 pan miserable, duro día. 170
 Yo por el mundo anduve largo,
 pero jamás por los caminos
 o las ciudades, nunca vi
 más maltratados a los hombres.
 Doce duermen en una pieza. 175
 Las habitaciones tienen

techos de restos sin nombre:
pedazos de hojalata, piedras,
cartones, papeles mojados.
Niños y perros, en el vapor 180
húmedo de la estación fría,
se agrupan hasta darse el fuego
de la pobre vida que un día
será otra vez hambre y tinieblas.

Los tormentos

Una huelga más, los salarios 185
no alcanzan, las mujeres lloran
en las cocinas, los mineros
juntan una a una sus manos
y sus dolores.
Es la huelga
de los que bajo el mar excavaron, 190
tendidos en la cueva húmeda,
y extrajeron con sangre y fuerza
el terrón negro de las minas.
Esta vez vinieron soldados.
Rompieron sus casas, de noche. 195
Los condujeron a las minas
como a un presidio y saquearon
la pobre harina que guardaban,
el grano de arroz de los hijos.
Luego, golpeando las paredes, 200
los exilaron, los hundieron,
los acorralaron, marcándolos
como a bestias, y en los caminos,
en un éxodo de dolores,
los capitanes del carbón 205
vieron expulsados sus hijos,
atropelladas sus mujeres
y a centenares de mineros
trasladados y encarcelados,
a Patagonia, en el frío antártico, 210
o a los desiertos de Pisagua.

El traidor

Y encima de estas desventuras
un tirano que sonreía
escupiendo las esperanzas
de los mineros traicionados. 215
Cada pueblo con sus dolores,
cada lucha con sus tormentos,
pero venid aquí a decirme
si entre los sanguinarios,
entre todos los desmandados 220
déspotas, coronados de odio,
con cetros de látigos verdes,
alguno fue como el de Chile?
Éste traicionó pisoteando
sus promesas y sus sonrisas, 225
éste del asco hizo su cetro,
éste bailó sobre los dolores
de su pobre pueblo escupido.
Y cuando en las prisiones llenas
por sus desleales decretos 230
se acumularon ojos negros

de agraviados y de ofendidos,
 él bailaba en Viña del Mar,
 rodeado de alhajas y copas.
 Pero los negros ojos miran a 235
 través de la noche negra.

*Tú qué hiciste? No vino tu palabra
 para el hermano de las bajas minas,
 para el dolor de los traicionados,
 no vino a ti la sílaba de llamas 240
 para clamar y defender tu pueblo?*

Acuso

Acusé entonces al que había
 estrangulado la esperanza,
 llamé a los rincones de América
 y puse su nombre en la cueva 245
 de las deshonras.

Entonces crímenes
 me reprocharon, la jauría
 de los vendidos y alquilados:
 los «secretarios de gobierno»,
 los policías, escribieron 250
 con alquitrán su espeso insulto
 contra mí, pero las paredes
 miraban cuando los traidores
 escribían con grandes letras
 mi nombre, y la noche borraba, 255
 con sus manos innumerables,
 manos del pueblo y de la noche,
 la ignominia que vanamente
 quieren arrojar a mi canto.
 Fueron de noche a quemar entonces 260
 mi casa (el fuego marca ahora
 el nombre de quien los enviara),
 y los jueces se unieron todos
 para condenarme, buscándome,
 para crucificar mis palabras 265
 y castigar estas verdades.

Cerraron las cordilleras
 de Chile para que no partiera
 a contar lo que aquí sucede,
 y cuando México abrió sus puertas 270
 para recibirme y guardarme,
 Torres Bodet, pobre poeta,
 ordenó que se me entregara
 a los carceleros furiosos.

Pero mi palabra está viva, 275
 y mi libre corazón acusa.

*Qué pasará, qué pasará? En la noche
 de Pisagua, la cárcel, las cadenas,
 el silencio, la patria envilecida,
 y este mal año, año de ratas ciegas, 280
 este mal año de ira y de rencores,
 qué pasará, preguntas, me preguntas?*

El pueblo victorioso

Está mi corazón en esta lucha.
 Mi pueblo vencerá. Todos los pueblos
 vencerán, uno a uno.
 Estos dolores 285
 se exprimrán como pañuelos hasta
 estrujar tantas lágrimas vertidas
 en socavones del desierto, en tumbas,
 en escalones del martirio humano.
 Pero está cerca el tiempo victorioso. 290
 Que sirva el odio para que no tiemblen
 las manos del castigo,
 que la hora
 llegue a su horario en el instante puro,
 y el pueblo llene las calles vacías
 con sus frescas y firmes dimensiones. 295
 Aquí está mi ternura para entonces.
 La conocéis. No tengo otra bandera.

V

González Videla el traidor de Chile (*Epílogo*) 1949

De las antiguas cordilleras salieron los verdugos,
 como huesos, como espinas americanas en el hirsuto lomo
 de una genealogía de catástrofes: establecidos fueron,
 enquistados en la miseria de nuestras poblaciones.
 Cada día la sangre manchó sus alamares. 5
 Desde las cordilleras como bestias huesudas
 fueron procreados por nuestra arcilla negra.
 Aquéllos fueron los saurios tigres, los dinastas glaciales,
 recién salidos de nuestras cavernas y de nuestras derrotas.

Así desenterraron los maxilares de Gómez 10
 bajo las carreteras manchadas por cincuenta años de nuestra
 sangre.
 La bestia oscurecía las tierras con sus costillas
 cuando después de las ejecuciones se torcía el bigote
 junto al Embajador Norteamericano que le servía el té.

Los monstruos envilecieron, pero no fueron viles.
 Ahora 15
 en el rincón que la luz reservó a la pureza,
 en la nevada patria blanca de Araucanía,
 un *traidor* sonrío sobre un trono podrido.

En mi patria preside la vileza.

Es González Videla la rata que sacude 20
 su pelambrea llena de estiércol y de sangre
 sobre la tierra mía que vendió. Cada día
 saca de sus bolsillos las monedas robadas
 y piensa si mañana venderá territorio
 o sangre.

Todo lo ha *traicionado*. 25
 Subió como una rata a los hombros del pueblo
 y desde allí, royendo la bandera sagrada

de mi país, ondula su cola roedora
 diciendo al hacendado, al extranjero, dueño
 del subsuelo de Chile: «Bebed toda la sangre 30
 de este pueblo, yo soy el mayordomo
 de los suplicios.»
 Triste clown, miserable
 mezcla de mono y rata, cuyo rabo
 peinan en Wall Street con pomada de oro,
 no pasarán los días sin que caigas del árbol 35
 y seas el montón de inmundicia evidente
 que el transeúnte evita pisar en las esquinas!

Así ha sido. La *traición* fue Gobierno de Chile.
 Un traidor ha dejado su nombre en nuestra historia.
Judas enarbolando dientes de calavera 40
 vendió a mi hermano,
 dio veneno a mi patria,

fundó Pisagua, demolió nuestra estrella,
 escupió los colores de una bandera pura.

Gabriel González Videla. Aquí dejo su nombre,
 para que cuando el tiempo haya borrado 45
 la ignominia, cuando mi patria limpie
 su rostro iluminado por el trigo y la nieve,
 más tarde, los que aquí busquen la herencia
 que en estas líneas dejo como una brasa verde
 hallen también el nombre del traidor que trajera 50
 la copa de agonía que rechazó mi pueblo.

Mi pueblo, pueblo mío, levanta tu destino!
 Rompe la cárcel, abre los muros que te cierran!
 Aplasta el paso torvo de la rata que manda
 desde el Palacio: sube tus lanzas a la aurora, 55
 y en lo más alto deja que tu estrella iracunda
 fulgure, iluminando los caminos de América.